AUTOR BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

TIMOTHY KELLER

A FÉ NA ERA DO CETICISMO

COMO A RAZÃO EXPLICA DEUS

VIDA NOVA

o ministério de Tim Keller na cidade de Nova York tem conduzido à fé em Deus

uma geraçao inteira de céticos e de pessoas em busca de espiritualidade. Sou grato a Deus **pela vida dele.**

— Billy Graham

Se daqui a cinqüenta anos os evangélicos forem conhecidos pelo amor por suas cidades, pelo compromisso com a misericórdia e a justiça e pelo amor ao próximo, Tim Keller será lembrado como pioneiro dessa nova categoria de cristãos que vivem em centros urbanos.

— Revista *Christianity Today*

Ao contrário da maioria das megaigrejas dos bairros residenciais americanos, muita coisa na igreja Redeemer é incrivelmente tradicional. O que não é tradicional é a capacidade que o dr. Keller tem para falar a linguagem do público que vive nas grandes cidades. [...] E fácil entender a atração que ele exerce.

— The New York Times

O evangelista de maior sucesso em [Nova York] [...]. Com sermões intelectualizados e sem cheiro de naftalina que lhe permitem citar Woody Allen ao lado de Mateus, Marcos, Lucas e João, Tim Keller atrai cerca de cinco mil seguidores todos os domingos. Líderes de igreja consideram-no uma referência para a evangelização de grandes centros urbanos por todo o país; cie ajudou a plantar cinqüenta igrejas fundamentadas no evangelho na região de Nova York e outras cinqüenta que se espalham de São Francisco a Londres.

— Revista *New York*

0 reverendo Tim Keller [é] uma instituição de Manhattan, um daqueles "segredos da cidade, a exemplo de seu restaurante favorito, arregimentando seguidores tão fervorosos e que aumentam com tanta rapidez, que ele nunca precisou pensar em

fazer propaganda. *,T* **,**

r ◦ ***—Newsweek***

Tim Keller garimpa informações dos clássicos da literatura, da filosofia da

logia e de um sem-número de outras disciplinas para defender a ideia de

forma intelectualmente cativante. Escrito para céticos e para cristãos m.P „ ^ ^, „ .a . j 4 os amam

o livro tem como ancora as expenencias do autor como pastor-fúndador da '

Redeemer Presbyterian Church de Nova York. Bebendo de fontes tão diversified^

quanto Robert Louis Stevenson, escritor do século dezenove, e N. T. Wright teólo^

da atualidade especialista em Novo Testamento, Tim Keller *procura* **desconstruir to**

dos os que cruzam seu caminho, desde o psicólogo evolucionista Richard Dawkins até

o famoso escritor Dan Brown [...]. O livro serve como testemunho do conhecimento

enciclopédico do autor e como um atraente panorama das discussões atuais sobre a fé

para os que têm dúvidas e para os que desejam reavaliar o que creem e por que creem

- Ptj/iJicAprç Wpsblv

Como fundador da igreja Redeemer Presbyterian Church na cidade de Nova York, Tim Keller já ouviu muita gente contestar crenças religiosas e fazer perguntas do tipo “Como é possível existir somente uma religião verdadeira?" ou “Como um Deus que ama pode permitir sofrimento?”. Em

seu novo livro [...] Tim Keller trata dessas e de outras questões e apresenta suas razões para crer em Deus de modo incondicional. Lançando mão da literatura, da filosofia e da cultura pop, o autor oferece motivos

X

para uma profunda fé em Deus. E animador ler um livro que apresenta uma visão religiosa sem ser exageradamente crítico em relação à postura secular exposta em outros escritos. Este livro propõe argumentos válidos, bem redigidos e bem pesquisados, provando ser um excelente meio de começar uma conversa

— Library Journal

Famoso por atrair moradores de centros urbanos à sua ' • D ,

Church em Manhattan, o autor parte de uma premissa ^ P>res^ytenan

dada, leva-o a desafiar os que não creem, desde biólo o St,^ante C]ue› Para ser val L onda de autores ateus. ^ ev°l Uc ionistas até à recente

~~ ^Boston Globe

A FÉ NA ERA DO

CETICISMO

COMO A RAZÃO EXPLICA DEUS

®2008, de Timothy Keller

Título do original: ***lhe reason for God: belief in an age of skepticism,*** edição publicada pela **Riverhead Book** (Nova **York,** Nova **York, EUA).**

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por **Sociedade Religiosa Edições Vida Nova** Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.* edição: 2015 Reimpressão: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / ***Printed in Brazil***

Todas as citações bíblicas foram extraídas da ***Almeida Século 21*** (A21), salvo indicação em contrário.

GERÊNCIA EDITORIAL Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO Robinson Malkomes

REVISÃO DE PROVAS Mauro Nogueira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO Sandra Reis Oliveira

CAPA

Souto Crescimento da Marca

I

Sumário

Agradecimentos.....

Introdução.....

PRIMEIRA PARTE - O SALTO DA DÚVIDA

Segunda parte - Os fundamentos da fé

mm Ac rúctoc *r\p* Dptiq	**.....159**

NOVE **0 conhecimento de Deus.....**	**.....175** **.....191**
	205
	217
	231

Epílogo: E agora, para onde vamos?

*índice onomástico**.....***

*índice temático**.....***

257

271

275

Agradecimentos

Desejo agradecer aos membros e líderes da igreja Redeemer Presbyterian Church, principalmente aos muitos que gostam de fazer perguntas, aos que lutam com suas

dúvidas e aos críticos que encontrei ao longo dos anos. Este livro é o registro do que aprendi com eles. Meu obrigado a Jill Lamar pelo constante estímulo e apoio durante o processo de escrita. Agradeço também a David McCormick, um grande agente, a Brian Tart, magnífico editor, Nathaniel Calhoun, Jennifer Samuels, David Negrin, Lynn Land, Jim e Susie Lane, Janice Worth e Nicole Diamond-Austin e a meus três filhos — David, Michael e Jonathan — pelo enorme apoio e por tantas ótimas sugestões ao longo dos quatro últimos anos.

Também sou profundamente grato às três pessoas a quem mais devo a configuração básica da minha fé cristã. Pela ordem: minha esposa Kathy, o escritor britânico C. S. Lewis e o teólogo americano Jonathan Edwards.

As palavras de Lewis estão presentes em quase todos os capítulos. Eu estaria mentindo se não admitisse o quanto da minha noção de fé veio dele. As palavras de Edwards aparecem com menos frequência, pois ele contribuiu mais para a estrutura subjacente do que poderia ser chamado de minha "teologia". Ainda assim, as visões de Lewis e Edwards combinam e convergem neste livro de maneira surpreendente. Por exemplo, o capítulo 14, sobre a Dança de Deus, fica devendo igualmente a um e a outro.

Minha esposa, Kathy, não recebeu uma nota de rodapé sequer, mas é a principal autora da fé e do pensamento *deste* autor. Ela me apresentou a Lewis, Edwards e à teologia reformada, bem como à importância da oração, da justiça social e da cidade. Quando se é o pilar da visão de mundo e de

vida de alguém, seu nome é mencionado nos agradecimentos, não em notas de rodapé. O principal motivo que me levou a publicar este livro é Kathy ter gostado dele. “O louvor dos dignos de louvor supera qualquer recompensa.”

Introdução

Acho sua falta de fé — preocupante.

— Darth Vader

Os dois inimigos têm razão

Existe hoje um grande abismo entre o que convencionamos chamar liberalismo e conservadorismo. Cada corrente exige não apenas que você discorde da outra, mas também que a renegue por ser (na melhor das hipóteses) louca ou (na pior das hipóteses) nociva. Isso é especialmente válido quando religião é o tema em discussão. Os progressistas alardeiam que o fundamenta-lismo cresce rapidamente e que a incredulidade é estigmatizada. Afirmam que a política deu uma guinada para a direita, apoiada pelas megaigrejas, e mobilizou os crentes ortodoxos. Os conservadores denunciam incansavelmente o que veem, ou seja, uma sociedade cada vez mais cética e relativista. As principais universidades, veículos da mídia e instituições de elite estão altamente secula-rizadas, dizem eles, e controlam a cultura.

Quem tem razão? Fé e ceticismo encontram-se em ascensão no mundo de hoje? A resposta é sim. Ambos os inimigos têm razão. O ceticismo, o medo e o ódio em relação à religião tradicional adquirem cada vez mais poder e influência. No entanto, ao mesmo tempo, a fé robusta e ortodoxa nas religiões tradicionais também tem aumentado.

As populações americana e europeia que não freqüentam igrejas vêm crescendo de forma bastante regular.[1] Disparou o número de americanos que

’Veja relatório “One in three adults is unchurched" [Um em cada três adultos não freqüenta a igreja] (March 28,2005), do George Barna Group. Na Europa, o número de não praticantes caiu de forma mais acentuada ainda, ficando, no caso

da Grã-Bretanha, no meio-termo. Veja Grace Davie, Europe, the exception that proves the rule?"in: Peter L. Berger, org., ***The desecularization of the world: resurgent religion and*** *world* ***politics*** (Eerdmans, 1999), e Peter Brierly, ***The tide is running out*** (Christian Research, 2000).

responde “nenhuma preferência religiosa” nos questionários, tendo esse número dobrado ou triplicado na última década.[2] Um século atrás, a ma.orta das universidades americanas trocou uma orientação formalmente cnstã por outra, ostensivamente secular.[1] Em conseqüência, os indivíduos com crenças religiosas tradicionais detêm pouca influência em qualquer das instituições culturalmente poderosas. Ainda assim, enquanto cada vez mais gente declara não ter “nenhuma preferência religiosa”, algumas igrejas que pregam .deias supostamente obsoletas como crer em uma Bíblia infalível e em milagres vêm crescendo nos Estados Unidos e explodindo na África, na América Latina e na Asia. Mesmo em boa parte da Europa verifica-se certo aumento no número dos que freqüentam alguma igreja[2] c, a despeito da sccularidade vigente na maioria das universidades, a fé religiosa cresce em alguns nichos acadêmicos. Estima-se que entre 10% e 25% de todos os professores de filosofia nos Estados Unidos sejam cristãos ortodoxos, ao passo que essa porcentagem ficava abaixo de 1% apenas trinta anos atrás.[3] O famoso acadêmico Stanley Fish talvez tenha se baseado nessa tendência ao dizer: “Quando Jacques Derrida morreu [em novembro de 2004], fui entrevistado por um repórter desejoso de saber o que substituiria a alta teoria e o triunvirato raça-gênero-classe como centro da energia intelectual no meio acadêmico. Respondi de pronto: a religião”.[4]

Resumindo, o mundo está polarizado no que diz respeito à religião, tornando-se, ao mesmo tempo, mais e menos religioso. No passado já se acreditou piamente que os países europeus secularizados atuassem como precursores para o restante do mundo. A religião, supunha-se, veria suas formas mais robustas e sobrenaturalistas declinarem ou desaparecem por completo. No entanto, a teoria de que o avanço tecnológico acarreta inevitavelmente a secularização está agora sendo questionada ou radicalmente revista.[7] Até mesmo a Europa talvez não venha a encarar um futuro secular, em face do modesto crescimento do cristianismo e do *boom* **do islamismo.**

Os dois lados

Falo a partir de uma perspectiva especialmente privilegiada a respeito desse fenômeno bilateral. Fui criado na fé luterana, dominante no leste da Pensilvânia. Quando entrei na adolescência, chegou a hora do curso preparatório para a confirmação, que durava dois anos e abordava as crenças, as práticas e a história do cristianismo. O objetivo era dotar os jovens de uma compreensão plena da fé para que pudessem se comprometer com ela publicamente. Meu professor no primeiro ano foi um pastor aposentado. Bastante tradicional e conservador, ele vivia falando do perigo do inferno e da necessidade de termos muita fé. No segundo ano, porém, o orientador foi um jovem pastor, recém saído do seminário. Ativista social, ele nutria profundas dúvidas a respeito das doutrinas tradicionais do cristianismo. A sensação foi quase de aprender duas religiões distintas.
No primeiro ano, tínhamos visto um Deus santo e justo, cuja ira poderia ser evitada só com muito custo e grande esforço. No segundo ano, ouvimos falar de um espírito de amor no Universo, que basicamente exigia que batalhássemos pelos direitos humanos e pela libertação dos oprimidos. A principal pergunta que eu tinha vontade de fazer aos orientadores era: "Qual de vocês dois está mentindo?", mas meninos de catorze anos não são tão destemidos, e por isso fiquei calado.

[7]Para uma boa visão geral, leia a transcrição integral (em inglês) do Pew Forum, dirigido por Peter Berger e mencionado na nota 4.

Tempos depois, minha família acabou indo parar em uma igreja mais conservadora de uma pequena denominação metodista. Durante vários anos isso

fortaleceu o que eu chamaria de "Fase do Fogo do Inferno" de minha formação religiosa, embora o pastor e os fiéis fossem as pessoas mais gentis do mundo. Em seguida entrei em uma boa universidade, uma dessas instituições menores e liberais no nordeste dos Estados Unidos, que logo começou a jogar água no

fogo do inferno de minha imaginação.

Os departamentos de História e Filosofia eram socialmente radicais e muito influenciados pela teoria crítica neomarxista da Escola de Frankfurt. Em

1968, isso era coisa séria. O ativismo social exercia uma atração especial, e a crítica à sociedade burguesa americana era sedutora, mas seus pilares filosóficos me confundiam. Eu tinha a impressão de estar diante de dois campos distintos, e havia algo fundamentalmente errado em ambos. Os indivíduos mais entusiasmados com a justiça social eram relativistas morais, e os moralmente rígidos aparentemente não davam a mínima para a opressão reinante no mundo todo. Emocionalmente, o primeiro caminho me atraía — qual jovem não sentiria atração por ele? Libertar os oprimidos e dormir com quem bem entendesse! Mas uma pergunta não me saía da cabeça: "Se a moralidade sexual é relativa, por que a justiça social também não é?". Parecia haver uma incoerência evidente em meus professores e seus seguidores. Agora, porém, eu conseguia enxergar a clara contradição nas igrejas tradicionais. Como eu poderia voltar para um cristianismo ortodoxo que apoiava a segregação racial no sul dos Estados Unidos e o apartheid na África do Sul? O cristianismo começava a soar muito irreal para mim, embora eu fosse incapaz de vislumbrar um estilo de vida e uma linha de pensamento alternativos que me parecessem viáveis.

Na época eu não sabia, mas essa "irrealidade" espiritual advinha de três barreiras existentes em meu caminho. Durante os anos de faculdade, essas três barreiras ruíram e minha fé tornou-se vital e transformadora. A primeira barreira era intelectual. Uma série de perguntas difíceis a respeito do cristianismo me perseguia: E as outras religiões? Como ficam o mal e o sofrimento? Como um Deus de amor pode julgar e punir? Por que acreditar em alguma coisa? . Comecei a ler livros e argumentos das duas correntes que abordavam essas questões; então, aos poucos, mas com clareza, o cristianismo foi ganhando cada vez mais sentido. O restante deste livro explica por que

ainda Denso aecirn

A segunda barreira era interior, pessoal. Na infância, a credibilidade da fé pode se apoiar na autoridade de terceiros, mas quando atingimos a idade adulta $_{sur}$ge tam em a necessidade de uma experiência em primeira mão. Embora eu "fizesse nu as oraçoes ha anos e algumas vezes vivenciasse aquela sensação ins-piradora, estetica, de admiração diante da bela visão do mar ou de uma montanha, jamais experimentei pessoalmente a presença de Deus. Isso demandava não tanto um conhecimento das técnicas de oração, mas um processo pelo qual admitisse minhas próprias necessidades, falhas e

dificuldades. Esse processo foi doloroso e, como costuma acontecer, foi desencadeado por decepções e fracassos. Seria necessário escrever outro livro, diferente deste, para abordar essa questão. No entanto, é preciso que se diga que as jornadas de fé não são meros exercícios intelectuais.

A terceira barreira era social. Eu precisava desesperadamente encontrar um "terceiro lado um grupo de cristãos que se preocupasse com a justiça no mundo, mas que a fundamentasse na natureza de Deus em lugar de baseá-la em sentimentos subjetivos. Quando encontrei esse "grupo de irmãos"— e de irmãs (igualmente importantes!) —, as coisas começaram a mudar para mim. Essas três barreiras não ruíram rapidamente nem em uma ordem predeterminada. O fato é que elas estavam interligadas e dependiam uma da outra. Não as trabalhei de forma metódica. Somente fazendo uma retrospectiva sou capaz de ver como os três aspectos atuavam juntos. Como estava sempre à procura desse terceiro lado, passei a me interessar pela formação e orientação de novas comunidades cristãs, o que me levou ao ministério pastoral, que abracei poucos anos depois de

terminar a faculdade.

0 enfoque a partir de Manhattan

No final da década de 1980, minha esposa, Kathy, e eu nos mudamos para Manhatttan com nossos três filhos para iniciar uma igreja voltada a uma

população que, em grande parte, não freqüentava igrejas. Durante a &se de

1 J _ NUP EMOREENDER TÂL MISS&O CRS UMÂ TO—

pesquisas, ouvi de quase todo mundo q p

; j • ou moderado, e Nova York era

lice. Igreja **significava** conservadorismo . ,

liberal e **inovadora. Igreja significava família, e Nova** York **esta che.a** de **gente**

solteira e de lares "não tradicionais». Igreja sigmficava, aama de tudo, crença,

mas Manhattan é a tetra dos céticos, dos críticos e dos crmcos. A classe medra,

mercado convencional para uma igreja, estava fugindo da cidade em razão da criminalidade e do aumento do custo de vida, deixando ali os sofisticados, gente interessada nas últimas tendências, os ricos e os pobres. A maior parte desse público ria diante da ideia de uma igreja — foi o que me disseram. As congregações na cidade estavam encolhendo, a maioria lutando até para manter os prédios que ocupavam.

Muitos de meus primeiros contatos afirmaram que as poucas congregações capazes de conservar seus fiéis haviam conseguido isso adaptando os ensinamentos cristãos tradicionais ao espírito mais pluralista local. Não lhes diga que *precisam* **crer em Jesus aqui isso é visto como mentalidade estreita.**

A incredulidade era geral quando eu explicava que as doutrinas da nova igreja eram os pilares ortodoxos e históricos do cristianismo a infalibilidade da Bíblia, a divindade de Cristo, a necessidade de regeneração espiritual (o novo nascimento) — doutrinas consideradas decididamente ultrapassadas pela / maioria dos nova-iorquinos. Ninguém jamais disse "esqueça isso" com todas as letras, mas o conselho pairava no ar.

Assim mesmo iniciamos a igreja Redeemer Presbyterian Church, e no fim de 2007 já tínhamos mais de cinco mil freqüentadores, além de termos criado mais de uma dezena de congregações na região metropolitana imediata. Nossa igreja é bem multiétnica e jovem (idade média de trinta anos) e mais de dois terços dos membros são solteiros. Enquanto isso, dezenas de congregações igualmente ortodoxas em suas crenças nasceram em Manhattan e centenas de outras surgiram nos outros quatro distritos de Nova York. Uma pesquisa mostrou que nos últimos anos mais de cem igrejas foram fundadas na cidade de Nova York só por cristãos da África. Ficamos surpresos diante desses números, assim como qualquer um ficaria.

Nova York não é um caso isolado. Em 2006, a revista *The Economist* **publicou uma matéria com o subtítulo "O cristianismo está ruindo em toda parte, menos em Londres . O ponto crucial da matéria era que a frequência à igreja e a profissão da fé cristã estavam despencando na Grã-Bretanha e no resto da Europa, mas vários profissionais jovens (e imigrantes recentes)**

em Londres acorriam às igrejas evangélicas.[5] É exatamente isso que tenho visto em Nova York.

Isso leva a uma estranha conclusão. Chegamos a um momento cultural em que tanto os céticos quanto os crentes sentem que sua existência se encontra ameaçada, porque tanto o ceticismo secular quanto a fé religiosa estão passando por um crescimento importante e poderoso. Hoje não vemos nem o cristianismo ocidental do passado nem a sociedade secular sem religião que havia sido prevista para o futuro. Vemos algo totalmente diverso.

Uma cultura dividida

Três gerações atrás, para a maioria dos indivíduos, a fé religiosa era uma questão de herança, não de escolha. A grande maioria pertencia a uma das igrejas protestantes clássicas, históricas, ou à igreja católica romana. Hoje, porém, as igrejas protestantes rotuladas como "da velha escola", aquelas de uma fé culturalmente herdada, estão envelhecendo e rapidamente perdendo fiéis. As pessoas vêm optando por uma vida não religiosa, por uma espiritualidade não institucional, construída individualmente ou por grupos religiosos ortodoxos que exigem compromisso e esperam que seus membros passem por uma experiência de conversão. Assim, paradoxalmente, a população vai ficando ao mesmo tempo mais religiosa e menos religiosa.

Como tanto a dúvida quanto a fé estão em alta, o nosso discurso político e público sobre questões de fé e moral transformou-se em um impasse e ficou profundamente dividido. As guerras culturais estão cobrando seu preço. As emoções e a retórica são intensas, até mesmo histéricas. Os que creem em Deus e no cristianismo pretendem "impor suas crenças sobre o restante de nós" e atrasar o relógio para uma época menos esclarecida. Os que não creem são "inimigos da verdade" e "agentes do relativismo e da permissividade". Não argumentamos com o outro lado usando a lógica, apenas acusamos.

Existe um impasse entre as forças conflitantes da dúvida e da fé, e ele não será solucionado com um mero apelo por mais civilidade e diálogo. As discussões dependem da existência de pontos de referência em comum

aos quais ambos os lados possam se apegar. Quando as maneiras de encarar a realidade entram em conflito, é difícil descobrir alguma coisa a que apelar.

O título do livro de Alasdair MacIntyre, *Whose justice? Which rationality??* **já diz tudo. Nossos problemas não desaparecerão tão cedo.**

Como encontrar um caminho?

Primeiramente, cada lado deveria admitir que *tanto* **a fé religiosa** *quanto* **o ceticismo estão em alta. O autor ateu Sam Harris e o líder religioso de direita Pat Robertson deveriam ambos admitir que o grupo de adeptos de cada um é forte e vem ganhando influência. Isso eliminaria a conversa interna que grassa nos dois lados, ou seja, de que a extinção do outro se avizinha, provocada pela oposição. Nada do gênero é possível no curto prazo. Se pararmos de dizer a nós mesmos esse tipo de coisa, talvez seja possível fazer com que todos sejam mais civilizados e generosos com as opiniões contrárias.**

Tal admissão não é só tranquilizadora, mas também infunde humildade. Ainda existe muita gente com uma visão secular do mundo que afirma que a fé ortodoxa vem tentando em vão "lutar contra a maré da História", embora não haja nenhuma comprovação histórica de que a religião esteja morrendo. Os que têm fé religiosa também deveriam se mostrar menos indiferentes ao ceticismo secular. Os cristãos precisam refletir sobre o fato de que grandes setores da sociedade, antes de maioria cristã, viraram as costas à fé. Decerto isso levaria à autocrítica. O momento de se mostrar elegantemente alheio ao outro lado ficou no passado. Agora se exige algo mais. Mas, o quê?

Um segundo exame da dúvida

Quero propor uma coisa que já vi dar muitos frutos na vida de jovens nova-iorquinos ao longo dos anos. Recomendo que cada lado examine a *dúvida* **de uma maneira radicalmente nova.**

Comecemos com os crentes. Uma fé sem algumas dúvidas é como um corpo humano sem anticorpos. Indivíduos que levam a vida contentes, ocupados ou indiferentes demais para fazer perguntas incômodas a respeito do porquê de crerem acabarão se descobrindo impotentes tanto diante da experiência de uma tragédia quanto das perguntas insistentes de um cético

inteligente.

Vº em **português:** ***Justiça de quem? Qual racionalidade?*****, tradução de Marcelo Pimenta**

Marques (São Paulo: Loyola, 1991).

A *fé* **nutrida por alguém pode desmoronar praticamente da noite para o dia, caso, ao longo da vida, essa pessoa tenha deixado de ouvir com paciência as próprias dúvidas, que devem ser descartadas só depois de muita reflexão.**

Os crentes devem admitir suas dúvidas — e também as dos amigos e vizinhos e lutar com elas. Já não basta apegar-se àquilo em que você crê simplesmente porque você o recebeu como herança. Somente se lutar profunda e longamente com os argumentos contrários às suas convicções você será capaz de fornecer os fundamentos de sua fé aos céticos — e a você mesmo —, que sejam plausíveis e não ridículos ou ofensivos. Igualmente importante para nossa situação atual é que tal processo o levará, mesmo depois de chegar ao nível de uma fé robusta, a respeitar e entender os que têm dúvidas.

No entanto, assim como os crentes devem aprender a buscar os motivos de sua fé, os céticos precisam aprender a buscar um tipo de fé oculto em seu raciocínio. Todas as dúvidas, por mais céticas e cínicas que pareçam, são, na verdade, um conjunto de crenças alternativas.[10] Não é possível duvidar da crença A, a não ser a partir de uma postura de fé na crença B. Por exemplo, se você não acredita no cristianismo argumentando que "não pode haver *somente uma* **religião verdadeira", é preciso admitir que tal afirmação já representa um ato de fé. Ninguém pode comprová-la empiricamente nem se trata de uma verdade universal aceita por todos. No Oriente Médio, se você disser: "Não pode haver** *somente uma* **religião verdadeira", quase todos responderão: "Por que não?". Você duvida da crença A do cristianismo porque abraça a crença B, impossível de ser comprovada. Por isso, toda dúvida se baseia em um salto de fé.**

'i

' Alguns dizem: "Não acredito no cristianismo porque não aceito a existência de uma moral absoluta. Cada um deveria estabelecer a verdade

moral para si". Você é capaz de comprovar tal afirmação para quem dela não compartilha? Não, trata-se de um salto de fé, uma crença profunda na noção de que os direitos individuais valem não apenas na esfera política, mas também na moral.

[10]Costuma haver consenso sobre o que é "fato": a) algo evidente para praticamente todos (por exemplo: "Há uma pedra na estrada") ou b) algo que, não sendo evidente para os sentidos, possa ser cientificamente provado. Se nos apegarmos a algo impossível de ser comprovado através das duas formas citadas, trata-se de uma "crença" ou de um ato de fé.

. *s-* **r--;**

■-I-WBB . . i ■ ií **âiv*** ui'

Scanned by CamScanner

Não há como provar empiricamente essa crença. Assim, duvidar (da moral

absoluta) é dar um salto.

Alguns reagirão dizendo: [w]Minhas dúvidas não decorrem de um salto de

fé. Não acredito em Deus, seja de que forma for. Não tenho necessidade dele e não estou interessado em pensar nisso". No entanto, subjaz a esse sentimento uma crença americana bastante moderna segundo a qual a existência de Deus é um tema que não desperta interesse, salvo se vier ao encontro das necessidades emocionais de alguém. O indivíduo aposta que não existe Deus algum que o julgue responsável por suas crenças e comportamentos se não sentir necessidade dele. Isso pode ser verdade ou não, mas, repito, trata-se de um grande salto de fé.[11]

jp **A única maneira de duvidar do cristianismo com propriedade e justiça é descobrir a crença alternativa implícita em cada uma de suas dúvidas e, em seguida, indagar de si mesmo os motivos que o levam a defendê-la. Como saber se sua crença é válida? Seria incoerente exigir maior comprovação da crença cristã do que da sua, mas é isso que em geral acontece. Para ser justo, você precisa duvidar de suas dúvidas. Minha tese é que, se identificarmos as crenças nas quais se baseiam nossas dúvidas quanto ao cristianismo e buscarmos o mesmo tipo de comprovação para essas crenças**

que cobramos dos cristãos, descobriremos que nossas dúvidas não são tão sólidas quanto aparentavam ser.

Recomendo dois processos a meus leitores. Insisto para que os céticos lutem com a "fé cega" não examinada na qual se baseia o ceticismo e vejam como é difícil comprovar tais crenças para os que dela não compartilham. Também insisto para que os crentes lutem com suas objeções pessoais e culturais à fé. No fim de cada processo, ainda que continue a ser o cético ou o crente de antes, você defenderá seu ponto de vista com maior clareza e mais humildade. Surgirão assim uma compreensão, uma tolerância e um respeito pelo outro lado, inexistentes até então. Crentes e incrédulos ascenderão ao patamar da discordância em lugar da simples acusação. Isso acontece quando cada lado aprende a descrever o ponto de vista do outro da forma mais firme e

Para um bom resumo do porquê de todos sermos "crentes", veja Christian Smith, Believing animals , in: ***Moral believing animals: human personhood and culture*** (Oxford: Oxford University

Press, 2003).

positiva possível. Só então será seguro e justo discordar. Isso levará à civilidade em uma sociedade pluralista, o que não é pouca coisa.

Uma terceira via espiritual?

0 restante deste livro é uma filtragem das muitas conversas que tive ao longo dos anos com indivíduos que têm dúvidas. Tanto em minhas pregações quanto nas interações sociais, tentei respeitosamente ajudar os céticos a examinar os fundamentos das próprias crenças, ao mesmo tempo que oferecia os meus às mais veementes críticas por parte deles. Na primeira parte deste volume revisaremos as sete maiores objeções e dúvidas quanto ao cristianismo que me foram apresentadas ao longo da vida. Identificarei respeitosamente as crenças opostas por trás de cada uma. Na segunda metade do livro, examinaremos os motivos subjacentes às crenças cristãs.

O diálogo respeitoso entre os conservadores tradicionais e os liberais seculares é uma bênção, e espero que este livro venha a promovê-lo. Minha experiência como pastor em Nova York, porém, forneceu-me outro incentivo para escrevê-lo. Assim que cheguei a Nova York, descobri que a

situação de fé e dúvida não era aquilo que os especialistas imaginavam. Os americanos mais velhos que dirigiam a vida cultural da cidade eram definitivamente seculares. No entanto, entre os profissionais multiétnicos e os imigrantes da classe trabalhadora, cada vez mais numerosos, havia uma rica variedade de fortes crenças religiosas que desafiavam a rotulagem, e principalmente o cristianismo crescia rápido nesse meio.

Acredito que esses jovens cristãos representem a vanguarda de alguns dos principais grupamentos religiosos, sociais e políticos capazes de tornar obsoleta a maneira mais antiga de guerra cultural. Depois de lutar com as dúvidas e objeções ao cristianismo, muitos acabam indo parar do outro lado, com uma fé ortodoxa que não se encaixa nas atuais categorias de democratas liberais ou republicanos conservadores. Muitos acham que ambos os lados na "guerra cultural" priorizam a liberdade individual e a felicidade pessoal em lugar de Deus e do bem comum. O individualismo dos liberais vem à tona nas posturas quanto a aborto, sexo e casamento. O individualismo dos conservadores vem à tona na profunda desconfiança que nutrem em relação ao setor público e em

sua avaliação da pobreza como falta de responsabilidade individual. O novo cristianismo ortodoxo, multiétnico, disseminado nas cidades preocupa-se com os pobres e com a justiça social muito mais do que os republicanos jamais se preocuparam e, ao mesmo tempo, esta interessado em levantar a bandeira da moral e da ética sexual clássicas do cristianismo muito mais do que os democratas jamais estiveram.

Enquanto a primeira parte do livro apresenta um caminho que muitos desses cristãos escolheram por meio da dúvida, a segunda parte é uma exposição mais positiva da fé que eles vivenciam no dia a dia. A seguir apresento três membros de minha congregação atual.

June formou-se em uma universidade tradicional americana, mora e trabalha em Manhattan. Tornou-se de tal maneira obcecada pela própria aparência que desenvolveu transtornos alimentares e dependência química. Conscientizou-se de que caminhava para a autodestruição, mas também se deu conta de que não tinha nenhum motivo especial para deixar de ser irresponsável. Afinal, que sentido tinha sua vida? Por que não ser autodestrutiva? Recorreu à igreja e buscou entender a misericórdia de Deus e vivenciar essa realidade. Uma conselheira da igreja ajudou June a fazer

uma relação entre a misericórdia de Deus e sua necessidade insaciável de aceitação. Finalmente, ela adquiriu confiança para buscar um encontro com Deus. Embora não seja capaz de identificar o momento exato, June sentiu-se, pela primeira vez, incondicionalmente amada como uma verdadeira filha de Deus" e pouco a pouco se libertou do comportamento autodestrutivo.

Jeffrey era músico na cidade de Nova York, criado em um lar judeu conservador. Tanto a mãe quanto o pai sofreram horrivelmente com câncer, que acabou por matar a mãe. Por uma série de problemas de saúde na juventude, Jeffrey adotou a prática das artes terapêuticas chinesas, juntamente com a meditação taoísta e budista, tornando-se extremamente focado no bem-estar físico. Não estava em uma situação de carência espiritual" quando um amigo começou a levá-lo à igreja Redeemer. Ele gostava das pregações "até a hora em que, no final, vinha aquela conversa sobre Jesus , momento em que parava de escutar. Logo, porém, Jeffrey passou a invejar a alegria e a esperança no futuro que seus amigos cristãos demonstravam, algo que jamais encontrara. Ele então começou a ouvir a parte

final das pregações e se deu conta de que ali estava um desafio intelectual que ele não se dispunha a encarar. Finalmente, para sua surpresa, descobriu que, durante as meditações, seus "momentos de pura tranqüilidade e inação eram constantemente interrompidos por visões de Jesus na cruz". Jeffrey passou a orar ao Deus cristão e em pouco tempo descobriu que a narrativa dominante em sua vida havia sido a fuga e a absoluta rejeição ao sofrimento. Ele agora conseguia enxergar a futilidade de seu objetivo de vida. Quando entendeu que Jesus havia entregado a própria saúde física e a vida para salvar o mundo — e ele —Jeffrey ficou profundamente tocado e vislumbrou uma forma de encontrar coragem para enfrentar o sofrimento inevitável do futuro e saber que existiria um meio para superá-lo. Aceitou, então, o evangelho de Jesus Cristo.

Kelly era uma ateia diplomada por uma tradicional universidade americana. Aos doze anos, viu o avô morrer de câncer e a irmã dois anos mais velha passar por uma cirurgia, quimioterapia e radioterapia por causa de um tumor cerebral. Quando entrou na Universidade de Columbia, Kelly

já havia perdido a esperança de achar sentido para a vida. Vários colegas cristãos lhe falavam da fé que tinham, mas ela era "um solo pedregoso" para as sementes daqueles testemunhos. No entanto, quando a irmã sofreu um derrame e ficou paralítica aos catorze anos, Kelly sentiu-se instigada não a desistir de Deus, mas a iniciar uma busca mais determinada. Nessa época, morava e trabalhava em Manhattan. Conheceu o futuro marido, Kevin, também formado pela Universidade de Columbia e igualmente ateu, na época trabalhando no J. P. Morgan, em Wall Street. As dúvidas do casal acerca de Deus eram bastante renitentes, mas ambos tinham dúvidas sobre as próprias dúvidas e por isso começaram a freqüentar a igreja Redeemer. A peregrinação em busca da fé foi lenta e difícil. Um dos motivos que os fez perseverar, porém, foi o grande número de cristãos que conheceram e que eram tão sofisticados e inteligentes quanto qualquer outro membro do círculo social a que pertenciam. Finalmente, eles não apenas se convenceram da credibilidade intelectual do cristianismo, mas também se sentiram atraídos pela visão de vida nele contida. Kelly escreveu! "Como ateia, eu achava que vivia uma vida moralmente correta, voltada para a coletividade e para a justiça social, mas o cristianismo tem um padrão ainda mais alto — padrão que se aplica a nossos pensamentos e ao coração. Aceitei o perdão de Deus e o convidei a entrar em minha vida". Kevin escreveu:

"Sentado à mesa de uma cafeteria lendo ***Cristianismo puro e simples***, de C. S. Lewis, de repente parei de ler e escrevi no meu bloco de notas. ... as provas que cercam as afirmações do cristianismo são cabais. Percebi que minhas conquistas acabavam sendo insatisfatórias, que a aprovação dos homens é passageira, que uma vida centrada no ***carpe diem***, dedicada tão somente à aventura, não passa de uma forma de narcisismo e idolatria. Por isso passei a crer em Cristo .

Jesus e nossas duvidas

Em seu relato, Kelly relembra que, enquanto lutava com a dúvida e com a fé, a passagem sobre Tomé no Novo Testamento lhe trouxe grande conforto. Nela, Jesus exemplifica uma noção de dúvida mais sutil que a dos céticos e dos crentes modernos. Quando confrontou "o incrédulo Tomé", Jesus o desafiou a não se conformar com a dúvida ("não sejas incrédulo, mas crente!"), porém atendeu a seu pedido de mais provas. Em outro incidente, Jesus encontra um homem que confessa estar cheio de dúvidas (Mc 9.24). O

homem diz a Jesus: “Ajuda-me na minha incredulidade”— *ajuda-me com as minhas dúvidas!* **Em resposta a essa admissão honesta Jesus abençoa e cura seu filho. Quer você se considere crente, quer cético, eu o convido a buscar o mesmo tipo de honestidade e a se esforçar para entender a natureza de suas dúvidas. O resultado superará qualquer expectativa que você possa ter.**

de “ $T^{mtr}{}_{r}{}^{d}{}_{r}{}^{S}$ “ “* que -da um » história

de sua jornada de fé. Esta e uma coletanea da Páscoa de 2006, usada com permissão.

PRIMEIRA PARTE

O SALTO DA DÚVIDA

UM

- Não pode haver somente uma religião verdadeira
- Dois
  - O amor, a liberdade absoluta, é mais restritivo do que supomos
- Como pode um Deus de amor mandar alguém para o inferno?
- A ciência desacreditou o cristianismo
- A Bíblia não deve ser interpretada literalmente
  - r
  - O exterminador de pistas, na verdade, é uma pista
- O problema do pecado
- A religião e o evangelho
- A (verdadeira) história da cruz
- A dança de Deus
- CONHEÇA OUTRAS OBRAS DE TIM KELLER

1

Ross Douthat, “Crises of faith”, ***The Atlantic Monthly*** (July/August 2007).

2

[3]George Marsden, ***The soul of the American university:from Protestant establishment to established non-belief {***Oxford, 1999).

3

''Fonte: Peter Berger no Pew Forum Faith Angle Conference, “Religion in a globalizing

world , December 4, 2006, Key West, Florida. Transcrição disponível em: http://pewforum.

org/events/index.php?EventID=136. Veja ainda Douthat, “Crises of faith”, ***The Atlantic Monthly***

(July/August, 2007). Douthat utiliza os mesmos dados observados por Berger, demonstrando

que, ao contrário da impressão dominante, a Europa vem aos poucos se tornando mais religiosa,

enquanto os Estados Unidos se mostram cada vez mais divididos entre a religião e a secularidade.

Ambas as tendências, diz ele, significam um conflito cultural e político, bem como um extremismo de ambos os lados.

4

’Douglas Groothuis, “Defending the faith”, *Booh* ***and Culture*** (July, August, 2003): 12. Veja

Quentin Smith “The metaphilosophy of naturalism”, ***Philo,*** vol. 4, n. 2, disponível em: www.philo-online.org/libraty/smith_4_2.htm. Hoje, a Society of Christian Philosophers [Sociedade dos Filósofos Cnstaos] (fundada em 1978) abriga mais de 10% de todos os professores e mestres de aosofia do pais. Veja mais detalhes em K. Clark, ***Philmopbers who believe*** (Oxford)

‘"One university under God?”, ***The Chronicle of Higher Education:*** January

7,2005.

5

A New Jerusalem", 7***he Economist***, September 21,2006.

Não pode haver somente *uma* religião verdadeira

Como poderia haver somente uma fé verdadeira?", perguntou Blair, uma jovem de 24 anos, moradora de Manhattan. "Afirmar a superioridade da sua religião e tentar converter todo mundo é uma postura de arrogância. É claro que todas as religiões são igualmente boas e válidas para satisfazer as necessidades dos respectivos seguidores."

"A exclusividade religiosa não é apenas ignorância — é um perigo", acrescentou Geoff, um britânico de vinte e poucos anos também morador de Nova York. "A religião vem causando indizíveis confrontos, divisões e conflitos. Talvez seja a maior inimiga da paz no mundo. Se os cristãos continuarem a dizer que detêm 'a verdade'— e se outras religiões fizerem o mesmo — o mundo jamais conhecerá a paz."[1]

Ao longo de minhas quase duas décadas na cidade de Nova York, tive várias oportunidades de fazer a seguinte pergunta: "Qual é seu maior problema em relação ao cristianismo? O que mais o incomoda nas crenças cristãs ou na maneira em que elas são postas em prática?". Uma das respostas mais freqüentes que ouço pode ser resumida em uma palavra: *exclusividade.*

As citações que iniciam os capítulos de 1 a 7 foram extraídas de uma pesquisa por e-mail com jovens nova-iorquinos de cerca de vinte anos de idade, aos quais pediu-se que expressassem suas principais dúvidas e objeções ao cristianismo.

Mudei os nomes dos remetentes. Agradeço a Nicole Diamond-Austin pela ideia e pela realização da pesquisa.

Fui convidado certa vez para ser o representante cristão em um seminário numa universidade local, juntamente com um rabino e um imã (sacerdote muçulmano). Pediu-se aos palestrantes que debatessem as diferenças entre as religiões. O debate foi cortês, inteligente e respeitoso. Cada orador afirmou que havia diferenças significativas e inconciliáveis entre as principais religiões. Uma das questões centrais era a pessoa de Jesus. Todos concordamos quanto à seguinte afirmação: "Se os cristãos estão certos quando dizem que Jesus é Deus, os muçulmanos e os judeus cometem a falta grave de não amar a Deus como ele realmente é. Mas, se os muçulmanos e os judeus estão certos ao dizer que Jesus não é Deus e sim um mestre ou profeta, os cristãos cometem a falta grave de não amar a Deus como ele realmente é". Trocando em miúdos: não há como todos estarem certos quanto à natureza de Deus.

Essa conclusão incomodou bastante vários alunos. Um deles insistiu que o importante era acreditar em Deus e ser uma boa pessoa. Insistir que uma religião detém um maior conhecimento da verdade do que as demais é sinal de intolerância. Outro aluno olhou para nós, clérigos, e disse, frustrado: *"Jamais* teremos paz na terra se os líderes religiosos continuarem a reivindicar exclusividade!".

Acredita-se em larga escala que um dos principais empecilhos à paz mundial seja a religião, em especial as grandes religiões tradicionais com suas reivindicações exclusivas de superioridade. Talvez você se espante em saber que concordo com essa ideia, embora eu seja um pastor cristão. A religião, de maneira geral, costuma criar um terreno escorregadio no coração. Cada religião garante a seus seguidores que eles detêm a "verdade", o que, naturalmente, leva a uma sensação de superioridade em relação aos adeptos de outras crenças. Da mesma forma, uma religião diz a seus seguidores que estes serão salvos e desfrutarão de uma ligação com Deus se aderirem com devoção a tal verdade. Isso os incita a se afastar daqueles que levam uma vida menos pura e consa-g ada. Assim, é fácil para um grupo religioso criar estereótipos e caricaturas

emais. Uma vez criada, essa situação pode facilmente acabar conduzindo

a marginalização de outros indivíduos ou até mesmo à opressão, ao abuso ou a violência contra estes.

de a d» ! Ítid0 L CO j mo a reli g iâo é ca P*z de minar a paz na terra, o que po-

zer. res abordagens vêm sendo usadas pelos líderes civis e culturais

do mundo para lidar com o elemento desagregador da religião: torná-la ilegal, condená-la ou, no mínimo, privatizá-la radicalmente.[2] Muitos nutrem grande esperança de que tais abordagens venham a dar certo. Infelizmente, não acredito na eficácia de nenhuma. Com efeito, temo que apenas agravem a situação.

1. Tornar a religião ilegal

Uma maneira que vem sendo usada para lidar com o elemento desagregador da religião é controlá-la ou mesmo proibi-la com pulso forte. Houve, no século 20, várias tentativas nesse sentido. A Rússia soviética, a China comunista, o Kmer Vermelho e (de uma forma diversa) a Alemanha nazista se dispuseram a controlar rigidamente a prática religiosa na tentativa de impedir que ela dividisse a sociedade ou minasse o poder do Estado. O resultado, porém, não foi mais paz e harmonia e, sim, mais opressão. A ironia trágica da situação é apresentada por Alister McGrath em sua história do ateísmo:

[1] O século 20 deu ensejo a um dos maiores e mais incômodos paradoxos da história humana: os maiores atos de intolerância e violência desse século foram ? praticados pelos que acreditavam que a religião gerava intolerância e violência.[3] j

De mãos dadas com essas tentativas caminhava a crença disseminada no final do século 19 e no início do século 20 de que a religião encolheria e morreria quando a raça humana se tornasse mais avançada tecnologicamente. Essa visão considerava que a religião cumpre um papel na evolução humana. No passado, precisamos da religião para nos ajudar a enfrentar um mundo muito assustador, incompreensível. No entanto, acreditava-se que, à medida que fôssemos ficando mais sofisticados do ponto de vista científico e mais capazes

"v.

[2]***A*** onda recente de best-sellers antirreligião de Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens não recomenda que se proíba a religião, unicamente porque os autores não acreditam que tal estratégia funcione. A maior esperança deles é que a religião seja condenada com veemência, ridicularizada e formalmente particularizada, de modo que acabe se enfraquecendo e ficando marginalizada.

[3] Alister McGrath, ***The twilight of atheism: the rise and fall of disbelief in the modem world*** (Oxford, 2004), p. 230; veja ainda p. 187,235.

de entender e controlar o ambiente em que vivemos, nossa necessidade de

religião diminuiria.[1]

Mas isso não ocorreu, e essa "tese da secularização" perdeu seus adeptos.[2] Praticamente todas as grandes religiões vêm crescendo. O crescimento do cristianismo, sobretudo no mundo em desenvolvimento, foi explosivo. Hoje existem na Nigéria seis vezes mais anglicanos do que nos Estados Unidos. Existem mais presbiterianos em Gana do que nos Estados Unidos e na Escócia juntos. Na Coréia, a porcentagem de cristãos pulou de 1% para 50% em cem anos, e os especialistas acreditam que o mesmo se dará na China. Se houver meio bilhão de chineses cristãos daqui a cinqüenta anos, o curso da história humana será alterado.[3] Na maioria dos casos, o cristianismo que vem crescendo não é o das versões mais secularizadas, de crenças mais flexíveis, previsto pelos sociólogos. Ao contrário, trata-se de uma robusta fé sobrenaturalista, que crê em milagres, na autoridade das Escrituras e na conversão do indivíduo.

Dada a vitalidade da fé religiosa no mundo, as tentativas para suprimi-la ou controlá-la costumam apenas fortalecê-la. Quando expulsaram os missionários ocidentais após a Segunda Guerra Mundial, os comunistas chineses acharam que acabariam com o cristianismo na China. Em vez disso, a manobra conseguiu apenas tornar a liderança da igreja chinesa mais autóctone, fortalecendo-a.

A religião não é algo passageiro que auxiliou nossa adaptação ao meio ambiente, mas um aspecto permanente e central da condição humana. Essa

é uma pílula amarga a ser engolida por indivíduos secularizados e não religiosos. Todos querem achar que fazem parte da corrente predominante, que não são extremistas, mas as crenças religiosas robustas dominam o mundo. Não há motivos para crer que isso mudará.

2. Condenar a religião

A religião não desaparecerá, e seu poder não será reduzido por meio do controle do governo, mas será que não poderíamos -— por meio da educação e do debate — descobrir caminhos para desestimular socialmente as religiões que reivindicam deter "a verdade" e que tentam fazer convertidos? Será que não poderíamos encontrar formas para convencer todos os cidadãos, quaisquer que sejam suas crenças, a admitir que cada religião ou fé é apenas um dos muitos caminhos igualmente válidos para chegar a Deus e uma das muitas maneiras de viver neste mundo?

Essa abordagem cria um ambiente no qual a reivindicação de exclusividade religiosa, mesmo em conversas, é ofensiva e sinal de ignorância. Isso se deve ao uso reiterado de determinados axiomas que acabam adquirindo o status de senso comum. Os que se desviam de tal conduta são rotulados de tolos ou perigosos. Ao contrário da primeira estratégia, essa abordagem da desagregação causada pela religião vem surtindo efeito. Entretanto, não logrará êxito no final, pois em seu âmago existe uma incoerência fatal, talvez mesmo uma hipocrisia, que acabará levando ao colapso de todo o raciocínio. Veja a seguir uma lista desses axiomas e os problemas inerentes a cada um.

"Todas as grandes religiões são igualmente válidas e ensinam basicamente o mesmo. "

Essa afirmativa é tão comum que um jornalista escreveu recentemente que qualquer um que acredite que "existem religiões inferiores" é um extremista de direita.[7] Será que queremos realmente dizer que a seita Branch Davidians [Ramo davidiano] ou religiões que exigem sacrifícios de crianças não são inferiores a outras? A grande maioria com certeza diria sim, são inferiores.

Quase todo mundo que defende a semelhança das religiões tem em mente

as grandes, e não as seitas dissidentes. Foi assim que um aluno participante do

~ ~ '..... ' ■-•■■■ • J

7oe Klein, “Because I promised and you seemed so darn curious.no blog da revista ***Time,***

disponível em: http://time-blog.com/swampland/2007/03/04/because_i_promised_and_you_see, acesso em: 7 mar. 2007.

seminário do qual falei formulou seu argumento. Ele defendeu que as ife renças doutrinárias entre o judaísmo, o islamismo, o cristianismo, o budismo e o hinduísmo são superficiais e insignificantes, que todas creem no mesmo Deus. No entanto, quando lhe perguntei quem era esse Deus, ele o descreveu como um Espírito que é inteiramente amor no Universo. O problema com tal postura é a incoerência. Ao mesmo tempo em que ela afirma que doutrinas são irrelevantes, pressupõe crenças doutrinárias sobre a natureza de Deus que vão totalmente contra o que creem todas as grandes religiões. O budismo não crê absolutamente em Deus. O judaísmo, o cristianismo e o islamismo acreditam em um Deus que responsabiliza os seres humanos por suas crenças e práticas e cujos atributos não podem se resumir todos a amor. Ironicamente, a insistência quanto à irrelevância das doutrinas já é, em si, uma doutrina. Ela tem uma visão específica de Deus, apregoada como superior e mais esclarecida do que as crenças da maioria das grandes religiões. Assim, os defensores dessa visão fazem exatamente aquilo que proíbem os outros de fazer.

“Cada religião enxerga uma parte da verdade espiritual, mas nenhuma delas é capaz de enxergar a verdade integral. ”

Às vezes esse argumento é ilustrado com a história dos cegos e do elefante. Vários cegos seguiam seu caminho quando encontraram um elefante que os deixou tocá-lo e senti-lo. “Essa criatura é comprida e flexível como uma cobra”, disse o primeiro cego, segurando a tromba do animal. “De jeito nenhum ela é grossa e redonda como um tronco de árvore”, disse o segundo cego, apalpando a perna do elefante. “Não, ela é grande e chata”, disse o terceiro cego, tocando a barriga do bicho. Cada cego

conseguia sentir apenas uma parte do elefante nenhum deles era capaz de ver o elefante todo. Da mesma maneira, argumenta-se, cada uma das religiões do mundo têm o conhecimento de uma parte da verdade acerca da realidade espiritual, mas nenhuma delas é capaz de ver o elefante todo nem alegar uma visão abrangente da verdade.

Essa ilustração prejudica em vez de ajudar quem a utiliza. A história é

contada do ponto de vista de alguém que não é cego. Como saber que cada

cego vê apenas parte do elefante, a menos que *você* **afirme ser capaz de ver o elefante todo?**

Há uma aparência de humildade na afirmação de que a verdade é muito maior do que a capacidade que qualquer um de nós tem de apreendê-la, mas quando usada para invalidar todas as alegações de conhecimento da verdade, ela é, com efeito, uma afirmação arrogante de um conhecimento superior a [todos os outros ...]. Precisamos indagar: "Qual é a perspectiva [absoluta] a partir da qual você alega ser capaz de relativizar todas as afirmações absolutas feitas por essas diferentes escrituras?".[4]

Como saber que nenhuma religião consegue enxergar a verdade integral, a menos que você mesmo tenha o conhecimento superior, abrangente, da realidade espiritual que afirma faltar a todas as religiões?

"Cultural e historicamente, a crença religiosa está condicionada demais a ser a 'verdade"

Quando cheguei à cidade de Nova York, há quase vinte anos, o que eu mais ouvia era o argumento de que todas as religiões são igualmente verdadeiras. Agora, porém, ouço mais que todas as religiões são igualmente falsas. O argumento é o seguinte: "Todas as afirmações morais e espirituais são produto de nosso momento histórico e cultural específico e, por isso, ninguém deve afirmar conhecer a verdade, já que ninguém é capaz de julgar se uma afirmativa sobre a realidade espiritual e moral é mais verdadeira que outra". O sociólogo Peter L. Berger revela a grave incoerência dessa suposição bastante comum.

Em seu livro *A rumor of angels,* **Berger relata como o século 20 descobriu "a sociologia do conhecimento", ou seja, que os indivíduos creem no que**

creem em grande parte porque são condicionados a isso. Gostamos de pensar que pensamos por nós mesmos, mas não é tão simples assim. Pensamos como aqueles que mais admiramos e dos quais precisamos. Todos pertencem a uma comunidade que reforça a credibilidade de algumas crenças e desincentiva outras. Berger observa que muitos concluíram a partir daí que, por estarmos presos a nossos ambientes históricos e culturais, é impossível julgar a correção ou o equívoco de crenças concorrentes.

Berger, porém, segue em frente e observa que o relativismo absoluto só pode existir se os relativistas excluírem a si mesmos da própria crítica. Se inferirmos a partir do condicionamento social de toda crença que nenhuma crença pode ser encarada como verdade universal por todo mundo , só isso já será uma afirmação abrangente sobre todo mundo, produto das condições sociais; logo, não pode ser verdade, com base em seus próprios argumentos. "A relatividade relativiza a si própria", diz Berger; por isso, não é possível um relativismo "que chegue às últimas conseqüências".[5] [6] Nosso comprometimento cultural torna, sim, mais difícil pesar alegações concorrentes sobre a posse da verdade. O condicionamento social da crença é um fato, mas ele não pode ser usado como argumento de que toda verdade é completamente relativa, sob pena de o argumento refutar a si mesmo. Berger conclui que não podemos nos esquivar de pesar as afirmações espirituais e religiosas usando como fuga o clichê "não há como conhecer a verdade". Precisamos encarar a difícil tarefa de indagar: Que afirmativas a respeito de Deus, da natureza humana e da realidade espiritual são verdadeiras e quais são falsas? Precisamos basear nossa vida em *alguma* resposta a essa pergunta.

O filósofo Alvin Plantinga tem sua própria versão do argumento de Berger. E comum lhe dizerem: "Se tivesse nascido no Marrocos você não seria cristão, mas muçulmano". E ele responde:

Aceitemos a premissa de que, se eu tivesse nascido de pais muçulmanos no Marrocos, em vez de nascer de pais cristãos em Michigan, minha crença seria bastante diferente. 0 mesmo [porém] se aplica ao pluralista. [...] Se o pluralista tivesse nascido no [Marrocos], provavelmente não seria pluralista. Será que daí se conclui que [...] suas crenças pluralistas decorrem de um processo não confiável de produção de crenças?[11]

s)

i

;

I

\

Plantinga e Berger defendem o mesmo pensamento. Não se pode dizer "todas as afirmações referentes às religiões são historicamente condicionadas, salvo aquela que estou fazendo agora". Se você insistir que ninguém é capaz de identificar as crenças corretas e as equivocadas, por que acreditaríamos no que você está dizendo? Na realidade, todos alegamos ter posse da verdade, e é muito difícil pesar essas alegações de forma responsável, mas não temos alternativa a não ser tentar.

"Insistir que sua religião é a certa e tentar converter os outros é uma postura arrogante. "

O renomado especialista em religião John Hick escreveu que, quando nos cons-cientizamos de que existem no mundo várias outras pessoas igualmente boas e inteligentes com crenças diferentes das nossas e de que não seremos capazes de convencê-las do contrário, tentar convertê-las ou insistir que nossa visão é a mais verdadeira torna-se uma postura arrogante.[12]

Mais uma vez, observa-se uma contradição inerente. A maioria dos indivíduos não pensa que todas as religiões sejam igualmente válidas, como acha John Hick, e vários são capazes e inteligentes tanto quanto ele, bem como improváveis candidatos a mudar seu modo de pensar. Isso torna arrogante e equivocado o próprio argumento de que "todas as religiões são arrogantes e equivocadas em suas alegações de entender melhor as coisas".

"Alvin Plantinga, "A defense of religious exclusivism", in: ***The analytic theist,*** organização de James F. Sennett (Eerdmans, 1998), p. 205.

"John Hick, ***The myth of God incarnate*** (Westminster, 1977) [edição em português ***A metáfora do Deus encarnado***, tradução de Luís Henrique Dreher (Petropolis: Vozes, 2000)], e ***An interpretation of religion*** (New Haven: Yale

University Press, 1989). Veja uma resposta mais extensa a Hick em Peter Van Inwagen, “Non Est Hick", in: T. Senor, org., ***The rationality of belief and the plurality of faith*** (Ithaca: Cornell University Press, 1995).

—r:srr;r,"":

132 dl“as não ocidentais não encata conto ptobletnãtico defbndet fs” ioridade de sua cultura e religião. A ideia de que tsso e errado esta profundamente enraizada nas tradições ocidentais de autocr Uca e mdrvrdualrsnro. Acusar outros do “pecado” de etnocentrismo na verdade e uma maneira de dizer que “a avaliação que nossa cultura faz de outras culturas e melhor que a sua”. Em geral, isso eqüivale a fazer exatamente o que proibimos aos outros.[7] 0 historiador C. John Sommerville observou que “uma religião só pode ser julgada a partir da perspectiva de outra”. Não se pode avaliar uma religião salvo com base em algum tipo de critério ético que, no final, consiste em sua própria

perspectiva religiosa.[8]

A esta altura o erro fatal dessa abordagem da religião em geral e do cristianismo em particular deve estar óbvio. Os céticos acreditam que *quaisquer* **alegações de exclusividade em relação a um conhecimento superior da realidade espiritual são inverídicas. No entanto, tal objeção em si já é uma crença religiosa. Ela parte do princípio de que é impossível conhecer a Deus, ou de que Deus é amoroso, mas não se ira, ou de que Deus é uma força impessoal e não uma pessoa que fala nas Escrituras. Todas essas afirmações são premissas**

de fé que não se sujeitam a comprovações. Além disso, seus defensores acreditam possuir uma forma superior de ver as coisas. Acreditam que o mundo será melhor se todos abandonarem as noções de Deus e da verdade presentes nas religiões tradicionais e adotarem as suas. Se todas aquelas noções devem ser desencorajadas, o mesmo se aplica a esta. Se não considerarmos sinal de ignorância defender essa noção, nada existe de inerentemente ignorante em apegar-se às crenças religiosas tradicionais.

Mark Lilia, professor da Universidade de Chicago, dirigiu as seguintes palavras a um jovem aluno de Administração da Wharton School, que,

para espanto de Lilla, havia ido à frente em uma cruzada de Billy Graham para consagrar a vida a Cristo:

Meu desejo era lançar dúvidas sobre o passo que ele estava prestes a dar, ajudá-lo a ver que há outras maneiras de viver, outras maneiras de buscar o conhecimento, o amor [...] até mesmo a auto transform ação. Meu desejo era convencê-lo de que sua dignidade dependia da manutenção de uma postura livre e cética em relação às doutrinas. Meu desejo era [...] salvá-lo [...].

A dúvida, a exemplo da fé, precisa ser aprendida. E uma habilidade. Mas o curioso no ceticismo é que seus adeptos, antigos e modernos, em sua maioria já foram pregadores. Ao lê-los, muitas vezes tive vontade de indagar: "Por que você se importa?" O ceticismo desses indivíduos não oferece resposta alguma a essa pergunta. E eu não tenho nenhuma.[9] [10]

O sábio autoconhecimento de Lilla revela que suas dúvidas a respeito do cristianismo são uma fé alternativa adquirida. Ele acredita que sua dignidade individual como ser humano se assenta no ceticismo doutrinário — algo que constitui, é claro, um elemento de fé. Mas por que sua doutrina seria a única a não passar por nenhum escrutínio? Conforme admite, ele não pode deixar de pensar que melhor seria se os outros adotassem suas crenças quanto à realidade e à dignidade humanas em lugar das crenças de Billy Graham.

Afirmar que uma religião é a certa revela tanta ignorância quanto alegar que determinada forma de encarar todas as religiões (a saber, que todas são

iguais) está correta. Somos todos exclusivistas em nossas crenças quanto às religiões, só que de maneira diversa.

3. Manter a religião no âmbito totalmente pessoal

Outra abordagem do elemento desagregador da religião é permitir que os indivíduos creiam de forma privativa que sua fé seja a verdadeira e possam "evangelizar", mas manter fora da esfera pública as crenças religiosas. Pensadores influentes, como John Rawls e Robert Audi, sustentam que em debates públicos e políticos não devemos defender uma postura moral, a menos que ela tenha um fundamento laico, não religioso. Rawls é conhecido por insistir que as noções religiosas que ele chama de

“abrangentes” sejam excluídas do discurso público.[10] Há pouco tempo, um vasto leque de cientistas e filósofos assinou‘ A declaration in defense of science and secularism” [Declaração em defesa da ciência e do secularismo], conclamando os líderes do governo americano a “não permitir que leis ou atos do Executivo fossem influenciados por crenças religiosas”.[17] Entre os signatários figuram Peter Singer, E. O. Wilson e Daniel C. Dennett. O filósofo Richard Rorty, por exemplo, defende que a fé religiosa deve permanecer como questão pessoal e jamais ser introduzida em discussões que digam respeito a políticas públicas. Usar um argumento baseado em uma crença religiosa é apenas um “cala-boca”, algo que o não religioso não pode se permitir.[18]

Aos que se queixam de que tal abordagem discrimina a religião, Rorty e outros respondem que essa política é pragmática.[11] Eles não se opõem ideologicamente à religião em si nem tentam controlar as crenças religiosas, desde que estas nao extrapolem a esfera pessoal. No entanto, na seara pública, ficar

"^Tf°n ◦f ChUrCh and StaK lnd the ligations of citizenship”, 18 **(1989**>: 296**;J°h" Rawls .«Wih*, (Columbia UnivJty**

-Disponívei em: httpatAvw.cfidc.org/declaration.html, acesso e,„: 28 fev. 2007

Richard Rorty, Religion as a conversation-stopper”, i$_n$* ***Philosothv*** ,

1999), p. 168-9. F * ***Ph and social hope {***Penguin,

discutindo religião é correr o risco de causar cisões e perder tempo. As posturas baseadas na religião são vistas como sectárias e polêmicas, ao passo que o raciocínio laico aplicado a posturas morais é encarado como universal e acessível a todos. Assim, o discurso público precisa ser laico, jamais religioso. Sem referir-se a nenhuma revelação divina ou tradição confessional, temos de trabalhar juntos na solução dos grandes problemas de nosso tempo — como a AIDS, a pobreza, a educação etc. Devemos guardar para nós mesmos nossa visão religiosa e nos unir em torno de políticas que “funcionem” melhor para a maioria.

Stephen L. Carter, de Yale, argumenta que é impossível deixar de lado as noções religiosas quando embarcamos em qualquer raciocínio moral.

Tentativas para criar uma esfera pública da qual esteja ausente o debate religioso, independentemente dos cuidados que se tomem, sempre acabarão por dizer aos membros da religião organizada que somente eles, ao contrário dos demais, para participarem do diálogo público, precisam deixar para trás essa parte de si mesmos que talvez considerem a mais vital.[20] ...---^

Como explicar essa afirmação de Carter? Comecemos indagando o que é religião. Alguns dizem que é uma forma de crença em Deus. Mas isso não se aplicaria ao zen-budismo, que não acredita absolutamente em Deus. Outros dizem que se trata da crença no sobrenatural, mas isso não se aplica ao hinduísmo, que não crê em uma esfera sobrenatural além do mundo material, mas apenas em uma realidade espiritual dentro do conhecimento empírico. Assim, o que é religião? Um conjunto de crenças que explicam o que é a vida e quem somos, bem como as coisas mais importantes nas quais os seres humanos deveriam empregar seu tempo. Por exemplo, alguns acham que existe somente este mundo material, que estamos aqui por acidente e quando morremos apenas apodrecemos; logo, o importante é escolher aquilo que nos faz felizes sem permitir que outros nos imponham suas crenças. Observe que, embora não seja uma religião explícita, "organizada", ela contém uma narrativa-mestra, uma avaliação do sentido da vida juntamente com recomendações acerca de como levar a vida com base em tal avaliação.

"Stephen L. Carter, ***The dissent of the governed*** (Harvard University Press, 1999), p. 90.

Alguns chamam isso de "cosmovisão", enquanto para outros se trata de "identidade narrativa". Em ambos os casos, existe um conjunto de premissas sustentadas pela fé a respeito da natureza das coisas.Trata se de uma religião implícita. No sentido mais amplo, a fé em alguma visão do mundo e da natureza humana está presente na vida de todos. Todo mundo vive e age a partir de uma identidade narrativa, quer seja elaborada e objeto de reflexão, quer não. Todos os que dizem "você deve fazer isso" ou "não deve fazer aquilo" raciocinam a partir de uma postura moral e religiosa implícita. Os pragmáticos dizem que deveríamos deixar de lado nossas cosmovisoes mais profundas e entrar em consenso sobre "o que funciona" — mas nossa noção do que funciona é determinada por aquilo que acreditamos ser a finalidade das pessoas. Qualquer retrato de uma vida humana feliz que funcione resultará necessariamente de crenças

cristalizadas sobre o propósito da vida humana.[12] Mesmo os pragmáticos mais seculares chegam ao debate com compromissos profundos e avaliações narrativas do que significa ser humano.

Rorty insiste que as crenças baseadas na religião são "cala-bocas , mas todas as nossas convicções mais fundamentais sobre as coisas são crenças praticamente impossíveis de justificar para os que delas não compartilham.

Conceitos seculares como "au torre alização" e "autonomia" são impossíveis de provar e tão "cala-bocas" quanto o recurso à Bíblia.[13]

Declarações que aparentam pertencer à esfera do senso comum para quem as faz têm, mesmo assim, quase sempre uma profunda natureza religiosa. Imagine que a senhora A defenda que todos os programas de assistência aos pobres devam ser cancelados, em nome da "sobrevivência do mais apto". A senhora B poderia argumentar: "Os pobres têm direito a um padrão de vida decente — eles são tão humanos como nós!". A senhora A talvez revidasse com o fato de que muitos bioeticistas atualmente consideram o conceito de "humano" artificial e impossível de definir. Talvez prosseguisse dizendo que não há possibilidade de tratar todos os organismos como fins em vez de meios e que alguns precisam morrer para que outros vivam. E assim que a natureza funciona. Se a senhora B respondesse com um argumento pragmático — que devemos ajudar os pobres porque isso faz a sociedade funcionar melhor, a senhora A poderia contrapor vários argumentos pragmáticos semelhantes para reiterar que a morte de alguns pobres seria ainda mais eficaz. Isso começaria a irritar a senhora B, que, inflamada, revidaria dizendo que matar os pobres de fome é antiético, mas a senhora A poderia retrucar: "Quem disse que a ética tem de ser a mesma para todos?". Finalmente, a senhora B explodiria: "Não quero viver em uma sociedade como a que você está descrevendo!".

Nesse debate, a senhora B tentou seguir John Rawls e encontrar argumentos universalmente acessíveis, "neutros e objetivos", que convenceriam a todos de que não podemos matar de fome os pobres. Ela fracassou porque esses argumentos não existem. No final, a senhora B afirma a igualdade e dignidade dos indivíduos porque acredita que isso seja verídico e correto. Ela assume como elemento de fé que as pessoas valem mais do que rochas ou árvores — embora não possa provar cientificamente.

Suas propostas de políticas públicas se baseiam, no final das contas, em um ponto de vista religioso.[14]

Isso leva um jurista, Michael J. Perry, a concluir que se trata de um ato "quixotesco, sob todos os aspectos, tentar criar uma barreira inexpugnável entre o discurso moral religiosamente fundamentado [...] e o discurso [laico] no debate de políticas públicas".[24] Rorty e outros afirmam que o argumento religioso é demasiado polêmico, mas Perry rebate em *Under God? Religious faith and liberal democracy* **[Sob a égide de Deus? Fé religiosa e democracia liberal], dizendo que os fundamentos laicos para as posturas morais são tão polêmicos quanto os fimdamentos religiosos, e é possível demonstrar com ótimos argumentos que todas as posturas morais são, no mínimo, implicitamente religiosas. Por ironia, a exclusão do raciocínio religioso da esfera pública é, em si mesmo, um ponto de vista polêmico e sectário .**

Quando o indivíduo chega à esfera pública, é impossível deixar de lado

suas convicções relativas aos valores fundamentais. Examinemos as leis sobre casamento e divórcio, por exemplo. Será possível elaborar leis cujo funcionamento" convença a todos, numa relação de independência dos compromissos pessoais com determinada cosmovisão? Não acredito que isso seja possível. As opiniões pessoais sobre o que é certo se basearão naquilo que cada um encara como o propósito do casamento. Se você acha que o casamento se destina basicamente à criação de filhos para o bem da sociedade como um todo, você colocará muitos obstáculos ao divórcio. Se acredita que o propósito do casamento seja primordialmente promover a felicidade e a realização emocional do casal, você tornará o divórcio bem mais fácil. A primeira opinião se assenta em uma visão do desenvolvimento e bem-estar humanos na qual a família é mais importante que o indivíduo, como acontece nas tradições morais do confucionismo, do judaísmo e do cristianismo. A segunda abordagem é uma postura mais individualista da natureza humana baseada numa cosmovisão própria do Iluminismo. As leis de divórcio que você considere funcionais

chael J. Perry, ***Under God? Religious faith and liberal democracy*** (Cambridge University

’ , ^^ °k^{stante,Perr}y ^{a}firnaa com razão que o discurso público fundado na religião

ma emocracia liberal precisa estar “aberto à reflexão” e não ser apenas “dogmático”, ou seja, quem [0] faz precisa estar disposto a ser criticado, a responder às críticas, a contemplar, debater e, na edtdado posstveb prosar tornar seu argumento tão plausível quanto o do outro lado.

illegitimate in alberd delcr^",!T***Vf 'Tjf***™°" r'USÍ0USly

dependerão de crenças anteriores com relação àquilo que significa ser feliz e plenamente humano.[15] Não existe consenso objetivo e universal quanto a isso. Embora muitos continuem a exigir a exclusão das visões religiosas da esfera pública, um número cada vez maior de pensadores, tanto religiosos quanto laicos, admite hoje que tal exigência em si já é uma postura religiosa.[16]

O cristianismo pode salvar o mundo

Demonstrei a ineficácia de todas as principais tentativas de tratar da desagregação provocada pela religião no mundo atual. No entanto, o propósito dessas tentativas me agrada. A religião realmente pode ser uma das maiores ameaças à paz mundial. No início do capítulo, falei do “terreno escorregadio” que toda religião costuma instalar no coração humano. Esse terreno escorregadio leva todos com grande facilidade à opressão. No entanto, dentro do cristianismo — o cristianismo robusto, ortodoxo — existem fartos recursos capazes de transformar seus seguidores em agentes da paz no mundo. O cristianismo possui em si mesmo um poder notável de explicar e expurgar as tendências às divisões presentes no coração humano.

O cristianismo fornece uma base firme para o respeito aos indivíduos que professam outras religiões. Jesus parte do princípio de que os incrédulos na cultura à sua volta terão boa vontade para admitir que grande parte do comportamento cristão é “bom” (Mt 5.16; cf. lPe 2.12). Isso pressupõe algumas zonas de coincidência entre a constelação cristã de valores e os valores de qualquer cultura específica[17] e de qualquer outra religião.[18] Qual é a razão dessas zonas

*—d.,.,» o,rf,««

ÍZKÍ^KÍiS. - -»• • ~■ *

bíblica aa imag nualauer coisa que suas crenças

que os incrédulos possam ser melhores que qualquer **=4** V

quivocadas os tenham levado a ser. A doutrina bíbhca do pecado un.versal também leva os cristãos a ter consciência de que os crentes, na pratrca, podem ser piores que qualquer coisa que suas crenças ortodoxas poderiam eva os a ser. Dessa forma, existe um vasto terreno para a cooperação respeitosa

O cristianismo não só leva seus adeptos a acreditar que os indivíduos de outras religiões possuam bondade e sabedoria para oferecer, como também a esperar que muitos levem uma vida moralmente superior à vida de muitos cristãos. A maioria das pessoas em nossa cultura acredita que, se existe um Deus, podemos nos relacionar com ele e ir para o .céu desde que levemos uma vida correta. /Chamemos isso de visão do "aperfeiçoamento moral . O cristianismo ensina exa-*I* tamente o contrário. No entendimento cristão, Jesus não nos diz como viver de ■ modo que mereçamos a salvação. Em vez disso, sua vinda teve como propósito nos perdoar e nos salvar por meio de sua vida e morte em nosso lugar. A graça de Deus não é dada aos que superam moralmente seus semelhantes, mas aos que admitem o próprio fracasso e reconhecem a necessidade que têm de um Salvador.

Os cristãos, assim, devem considerar a possibilidade de encontrar incrédulos muito mais bondosos, gentis, sábios e melhores do que eles. Por quê? Os crentes não são aceitos por Deus por seu desempenho moral, sua sabedoria ou virtude, mas em virtude da obra de Cristo realizada em favor deles. A maioria das religiões e filosofias de vida supõe que a condição espiritual-da pessoa depende de suas realizações religiosas. Isso leva naturalmente seus adeptos a se sentirem superiores àqueles que não creem nem se comportam como eles. O evangelho cristão não deveria provocar tal efeito.

. " Um <∧Zer ∧ue ∘ fundamentalismo" leva à violência, mas, como já

vimos todos nós possuímos compromissos fundamentais de fé, não sujeitos a venficaçao, que mtaginamos serem superiores aos dos outros. Assim, a per-gu a VI a e. *Que fundamentos da fé levariam aqueles que a professam a ser mais*

£r: *ZT"* **""r ~ *- - »■!—.; * *ÍLp*, o***

junto de crenças inevitavelmente exclusive , . *J*

mento de humildade e de amor à paz? “ “ Comporta

Um dos paradoxos da História é a relação entre as crenças e práticas dos primeiros cristãos em comparação com as crenças e práticas da cultura que os cercava.

As posturas religiosas do mundo greco-romano eram abertas e aparentemente tolerantes — todos tinham seu próprio deus. As práticas da cultura, porém, eram bastante cruéis. No mundo greco-romano, altamente estrati-ficado do ponto de vista econômico, havia uma enorme distância entre ricos e pobres. Os cristãos, ao contrário, insistiam na existência de um único Deus verdadeiro, Jesus Cristo Salvador, morto por nós. Suas vidas e práticas, contudo, eram incrivelmente receptivas com relação aos indivíduos marginalizados pela cultura vigente. Entre os primeiros cristãos havia gente de diferentes raças e classes, o que parecia escandaloso para os que os cercavam. O mundo greco-romano costumava desprezar os pobres, mas os cristãos se mostravam generosos não apenas com seus próprios pobres, como também com aqueles de outras religiões. Na sociedade em geral, as mulheres desfrutavam de uma condição bem inferior, sujeitas a altos índices de infanticí-dio de meninas, casamentos impostos e carência de igualdade econômica. O cristianismo proveu as mulheres de uma segurança e uma igualdade muito maiores que as existentes até então no antigo mundo clássico.[30] Durante as

3í)Esta declaração pode surpreender muitos leitores que ouviram dizer que religiões mais antigas e o paganismo tinham uma visão da mulher mais positiva que a do cristianismo. Era extremamente comum no mundo greco-romano livrar-se de bebês do sexo feminino deixando-os morrer por exposição às intempéries, dada acondição inferiorizada das mulheres na sociedade. A igreja proibiu seus membros de praticar tal ação. A sociedade greco-romana não valorizava as mulheres sem marido, e era ilegal uma viúva levar mais de dois anos para casar-se novamente. O cristianismo, porém, foi a primeira religião a não obrigar as viúvas a se casarem. Elas eram sustentadas e respeitadas dentro da comunidade para que não sofressem pressão exagerada para achar outro marido. As ***0*** viúvas

pagãs perdiam todo o controle sobre o patrimônio dos maridos falecidos quando voltavam a se casar, mas a igreja permitia que as viúvas mantivessem o patrimônio do marido falecido. Finalmente, os cristãos não endossavam o concubinato. Se um homem quisesse viver com uma mulher, era obrigado a casar-se, o que provia muito mais segurança a ela. Igualmente, a dupla moral pagã de permitir aos homens casados praticarem sexo extraconjugal e ter amantes era proibido pela igreja.

Com todas essas diferenças, as mulheres cristãs desfrutavam de segurança e igualdade muito maiores que aquelas da cultura ao redor. Veja Rodney Stark, The role of women in Christian growth" (cap.

5), *The rise of Christianity* (Harper, 1996) [edição em português: O *crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história*, tradução de Jonas Pereira dos Santos (São Paulo: Paulinas, 2006)].

terríveis pestes urbanas dos dois primeiros séculos, os cristãos cuidavam de todos os doentes e moribundos das cidades, com frequência pagando com a própria vida.[31]

Por que um sistema de fé tão exclusivista levaria a um comportamento tão receptivo em relação aos demais indivíduos? Porque o sistema de fé cristã possuía em seu âmago o recurso mais forte possível para estimular a prática do sacrifício, da generosidade e da conciliação. No próprio núcleo de sua visão da realidade estava um homem que havia morrido pelos inimigos, implorando que eles fossem perdoados. Refletir sobre isso só poderia levar a uma forma radicalmente diversa de lidar com a diferença. Significava que os cristãos não poderiam agir com violência e opressão sobre seus opositores.

Não há como nos esquivar do fato de que a igreja cometeu injustiças em nome de Cristo, mas quem é capaz de negar que a força das crenças mais fundamentais dos cristãos pode constituir um poderoso estímulo para a paz em nosso mundo conturbado?

I ' •

atrav:^— dC "mo o, «*»«» sob* o pensamento pagSo mais antigo

P○de “r encon,rado em Rodney s,ark'

1

Vários pensadores de renome em meados do século 20 acreditavam que, quando seus netos chegassem à sua idade, a maioria das religiões já teria enfraquecido ou desaparecido de todo. Exemplo disso é o que um antropólogo escreveu em 1966: “O futuro evolutivo da religião é a extinção. [...] A crença em poderes sobrenaturais está fadada a desaparecer, no mundo inteiro, em conseqüência da adequação e da difusão do conhecimento científico”. A. F. C. Wallace, ***Religion: an anthropological view*** (Random House, 1966), p. 265.

2

[s]Veja alguns relatos de como os sociólogos rejeitaram a tese da secularização em Peter L. Berger, org., ***The desecularization of the world: resurgent religion and world politics*** (Eerdmans, 1999).

3

Sobre o crescimento do cristianismo no mundo não ocidental, veja Philip Jenkins, ***The next Christendom*** (Oxford, 2002), e Lamin Sanneh, ***Whose religion is Christianity?*** (Eerdmans, 2003).

4

Lesslie Newbigin, ***The gospel in a pluralist society*** (Eerdmans, 1989), p. 9-10,170.

5

Peter Berger,^ ***rumor of angels: modem society and the rediscovery of the supernatural*** (Doubleday, 1969), p. 40 [edição em português: ***Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*** tradução de Waldemar Boffe Jaime Clasen (Petrópolis: Vozes, 1997)].

6

Existem várias críticas sofisticadas que demonstram a natureza autorrefiitável do relativismo. Veja um exemplo em H. Siegel, ***Relativism refuted: a critique of***

contemporary epistemological relativism (Dordrecht: D. Reidel, 1987). Uma noção muito influente é a de que a "verdade" existe apenas dentro de determinado contexto de crenças, cada uma das quais tem o mesmo valor, pois não há um critério que transcenda o contexto pelo qual seja possível avaliar todas as alegações de verdade. Uma versão mais pós-moderna disso é a declaração de que a realidade está "vinculada à língua", e cada alegação de verdade não é senão o ***insight*** de determinada comunidade lingüística. No entanto, conforme enfatiza Siegel, dizer que todos os relatos de realidade estão vinculados à língua e são relativos às próprias comunidades lingüísticas já é, em si, um relato universal da ação da língua em todas as comunidades; logo, uma alegação da condição humana como tal. A visão de mundo dos relativistas não lhes dá o direito de falar assim. Eles fazem exatamente o que proíbem que outras comunidades façam. "Portanto, [...] o relativismo não pode se autoproclamar, nem mesmo se autorreconhecer, sem derrotar a si mesmo" (p. 43).

7

Uma apresentação sofisticada deste argumento pode ser encontrada em Stanley Fish, "The trouble with tolerance", edição de 10 de novembro de 2006 de ***Chronicle of Higher Education!***Trata-se da resenha de Wendy Brown, ***Regulating aversion: tolerance in the age of identity and empire*** (Princeton University Press, 2006). Seu argumento (e de Fish) é de que a ideia ocidental de "tolerância com todas as posturas" é, em si, um conjunto muito específico de teses sobre a realidade, usado como critério para determinar quem a sociedade vai ou não tolerar. Fish diz que nossa sociedade possui seu proprio conjunto de crenças sagradas, inquestionáveis, como "a santidade da escolha". Brown e Hsh argumentam que muitas crenças tradicionais históricas só se tornaram "intolerantes" em nossa sociedade por causa da nova interpretação que nossa sociedade ocidental liberal lhes impõe. "Ela parte do princípio de que os indivíduos agem não em fimção do que creem, mas por serem judeus, muçulmanos, negros ou gays [...] eles são imunes ao apelo racional." Assim, qualquer religião que valorize sua própria verdade mais que a tolerância é considerada "apegada demais" à sua cultura e incapaz de agir racionalmente. "Quando um grupo rejeita a tolerância como princípio norteador e opta, ao contrário, pelos imperativos culturais da igreja ou do grupo, ele se torna um candidato à intolerância, que será exercida em nome da tolerância."

8

C. John Sommerville, ***The decline of the secular university*** (Oxford, 2006) p 63

9

Mark Lilla, “Getting religion: my long-lost years as a teenage evangelical”, ***New York Times***

10

Magazine (September 18,2005), p. 95.

11

Veja Richard Rorty, ***Consequences of pragmatism*** (University of Mi p. 166-7. diversity ot Minnesota Press, 1982),

12

Linda Hirshman, por exemplo, critica o fato de as mulheres ficarem de fora do mercado de trabalho para criar os filhos em casa. Ela afirma ser errado fazer isso, ainda que seja fruto de livre escolha. “A família — com seu trabalho braçal repetitivo, socialmente invisível — é uma parte necessária da vida, mas, cm comparação com os setores público e privado, oferece menos oportunidades para o pleno desenvolvimento. Essa esfera menos estimulante não é uma responsabilidade natural ou moral de competência exclusiva das mulheres. [...] O fato de as mulheres a assumirem é [...] injusto. (Homeward bound”, ***The American Prospect***, vol. 16, n. 12, December, 2005). Repare que o argumento se baseia em uma avaliação de “desenvolvimento humano” que jamais pôde ser provada empiricamente. Está enraizado em noções de dignidade e sociedade humanas que, à primeira vista, parecem seculares, mas que certamente não se sujeitam a verificação, são polêmicas e, no final das contas, estão fincadas em pressupostos de fé inerentes a uma cosmovisão. David Brooks questiona Linda Hirshman. [Ela afirma] que empregos com altos salários levam a um desenvolvimento humano maior que o desenvolvimento possibilitado pela educação de filhos. Observe sua vida e faça etrospectiva. Quais lembranças vocc guarda com mais carinho: aquelas que envolvem sua

família ou as que dizem respeito à sua vida no escritório?”. Veja “The Year of Domesticity", ***New York Times,*** January 1,2006.

13

Gary Rosen, “Narrowing the religion gap?", ***New York Times Sunday Magazine,*** February 18,

2007.

14

“Adaptado de C. John Sommerville, “The exhaustion of secularism", ***The Chronicle Review*** (July 9,2006).

15

VejaJohn Witte Jr., “God’s joust, God’s justice: an illustration from the history of marriage law”, in: M. McConnell; R. Cochran; A. Carmella, ***Christian perspectives on legal thought*** (Yale, 2001), p. 406-25.

16

Stanley Fish,“Our faith in letting it all hang out”, ***New York Times,*** February 12,2006,

17

Miroslav Volf, “Soft difference: theological reflections on the relation between Church and culture in 1 Peter***ExAuditu*** 10 (1994): 15-30.

18

Veja o apêndice de C. S. Lewis, “Illustrations of the Tao", in: ***lhe abolition of man*** (Macmillan, 1947) [edição em português: ***A abolição do homem***, tradução de Remo Mannarino Filho (São Paulo: Martins Fontes,2005)]. O argumento de Lewis é que existem zonas importantes de coincidência entre as religiões no que toca à ética — como devemos viver no mundo. As diferenças profundas entre as religiões surgem em outra área — a “soteriologia”. O que diferencia as religiões são as instruções sobre como se ligar com Deus e conseguir poder espiritual para viver da maneira recomendada.

Dois

Como um Deus bondoso pode permitir o sofrimento?

“Simplesmente não acredito na existência do Deus do cristianismo”, disse Hillary, estudante universitária de inglês. “Deus permite sofrimentos terríveis no mundo. Ou ele é todo-poderoso, mas não bondoso o bastante para pôr fim ao mal e ao sofrimento, ou ele é todo-bondoso, mas não poderoso o bastante para pôr fim ao mal e ao sofrimento. Seja como for, o Deus todo-bondoso e todo-poderoso da Bíblia não existe.”[1]

“Para mim não se trata de uma questão filosófica”, acrescentou Rob, namorado

• *

de Hillary. “E uma questão pessoal. Não creio em um Deus que permita o sofrimento, ainda que ele exista. Talvez Deus exista. Talvez não. Mas, se ele existe, não é confiável.”

Para **muita gente, o maior problema não está no exclusivismo do cristianismo, mas na presença do mal e do sofrimento no mundo. Alguns consideram o sofrimento injusto um problema filosófico que desafia a própria existência de Deus. Para outros, trata-se de uma questão profundamente pessoal. A estes não interessa a pergunta abstrata quanto à existência ou inexistência de Deus — eles se recusam a confiar ou crer em qualquer Deus que permita que a história e a vida se desenrolem do jeito que conhecemos.**

’Este argumento revestiu-se de sua forma mais clássica pela mão de David Hume em ***Dialogues concerning natural religion,*** edição de Richard Popkin (Indianapolis: Hackett Pub, 1980). “As velhas perguntas de Epicuro continuam sem resposta. Será que [Deus] gostaria de impedir o mal, mas é incapaz? Nesse caso, ele não é poderoso. Será que é capaz, mas não está disposto a impedi-lo? Então, ele é mau. Será que ele tanto gostaria quanto é capaz? Por que, então, existe o mal? ’ (p. 63).

Em dezembro de 2004, um terrível tsunami matou mais de duzentas e cinqüenta mil pessoas na costa do Oceano Índico. Durante as semanas seguintes, jornais e revistas circularam cheios de cartas e artigos perguntan o: "Onde estava Deus?" Um repórter escreveu: "Se Deus é Deus, ele nao e bom. Se Deus é bom, ele não c Deus. Não é possível acreditar nas duas coisas, principalmente após a catástrofe no Oceano Índico".[1] Apesar da afirmação segura do colunista, a tentativa de demonstrar que o mal comprova a inexistência de Deus "é hoje reconhecida em (quase) todos os segmentos como totalmente fracassada".[2] Por quê?

O mal e o sofrimento nao são provas *contra* Deus

O filósofo J. L. Mackie defende sua posição contra Deus no livro *The miracle of theism* **[O milagre do teísmo] (Oxford, 1982). Ele declara: se existisse um Deus bondoso e poderoso, ele não permitiria a existência do mal sem sentido, mas visto que no mundo** *existe* **muito mal sem sentido e injustificado, o Deus tradicional, bondoso e poderoso, não pode existir. Talvez haja outro deus ou não exista deus algum, mas o Deus tradicional não existe.[3] Vários outros filósofos identificaram uma falha grave nesse raciocínio. Juntamente com a afirmativa de que o mundo está cheio de mal sem sentido há também uma premissa oculta, a saber, o mal parece sem sentido para mim e, portanto, ele deve** *ser* **sem sentido.**

Esse raciocínio logicamente é uma falácia. O fato de alguém não conseguir enxergar ou imaginar um motivo para Deus permitir que algo aconteça

não significa que esse motivo inexista. Novamente detectamos no ceticismo supostamente objetivo uma enorme fé nas faculdades cognitivas de quem fala. Se nossa mente não é capaz de explorar as profundezas do universo atrás de boas respostas para o sofrimento, então, ora, elas não existem! Trata-se de uma fé cega de primeira linha.

A falácia no núcleo de tal argumento foi ilustrada pelos "maruins" de Alvin Plantinga. Se você procurar um São Bernardo dentro de sua barraca de camping e não encontrar um, é válido supor que não exista um São Bernardo lá. Mas, se você procurar um "maruim" (inseto extremamente pequeno com uma picada desproporcional a seu tamanho) e não vir

nenhum, não é válido supor que ele não esteja dentro da barraca de camping, porque, afinal, ninguém é capaz de vê-lo. Muita gente supõe que, se houvesse bons motivos para a existência do mal, eles seriam acessíveis à mente humana, mais como São Bernardos do que como maruins; mas por que isso deveria ser assim?[4]

Esse argumento contra Deus não se sustenta, não apenas do ponto de vista lógico, mas também do ponto de vista da experiência. Como pastor, várias vezes preguei sobre a história de José em Gênesis. José era um jovem arrogante odiado pelos irmãos. Furiosos com ele, os irmãos o prenderam em um buraco e depois o venderam como escravo. José foi para o Egito e sofreu horrivelmente. Sem dúvida, pediu a Deus que o ajudasse a fugir, mas não obteve ajuda alguma e permaneceu na escravidão. Apesar dos anos de sofrimento, o caráter de José se aperfeiçoou e se fortaleceu através das provações, e ele acabou alçado ao posto de primeiro ministro do Egito, salvando milhares de vidas e evitando até mesmo que sua família morresse de fome. Se Deus não houvesse permitido que José sofresse tantos anos, talvez ele não se transformasse em um agente tão poderoso de justiça social e cura espiritual.

Sempre que utilizo esse texto, muitos vêm me dizer que se identificaram com a história. Muitas pessoas são obrigadas a admitir que a maior parte do que realmente precisavam para alcançar o sucesso na vida lhes chegou por meio das

experiências mais difíceis e dolorosas. Algumas recordam uma doença e reconhecem que aquele momento marcou uma época insubstituível de crescimento pessoal e espiritual. Sobrevivi a uma luta contra o câncer, e minha mulher sofreu do mal de Crohn durante anos. Ambos somos testemunhas disso.

Conheci um homem na minha primeira paróquia que havia perdido a maior parte da visão depois de levar um tiro no rosto durante uma briga por causa de drogas. Ele me disse que havia sido uma pessoa extremamente egoísta e cruel, mas sempre culpava os outros por seus constantes problemas legais e de relacionamento. A perda da visão o deixou arrasado, mas também contribuiu profundamente para torná-lo humilde. Quando meus olhos físicos foram fechados, meus olhos espirituais se abriram. Finalmente percebi como eu vinha tratando os outros. Mudei e, agora, pela primeira vez

na vida, tenho amigos, amigos de verdade. Paguei um preço altíssimo, mas devo dizer que valeu a pena. Até que enfim tenho aquilo que dá sentido à vida."

Embora nenhuma dessas pessoas se sinta grata pelas tragédias em si, elas não trocariam as lições, o caráter e a força que extraíram delas por nada neste mundo. Com o tempo e o distanciamento, a maioria de nós é capaz de ver boas razões ao menos para *algumas* tragédias que ocorrem na vida. Por que, então, não seria possível, da perspectiva privilegiada de Deus, haver boas razões para todas elas?

Se você tem um Deus grande e transcendente do qual se ressente porque ele não impede o mal e o sofrimento no mundo, então também tem (no mesmo momento) um Deus grande e transcendente o bastante para encontrar bons motivos, que você desconhece, para permitir que o mal e o sofrimento continuem a existir. Com efeito, não dá para negar ambas as coisas.

O mal e o sofrimento podem ser (até) provas da *existência* de Deus

rimento horrendo e inexplicável, embora não prove a inexistência de eus, constitui, ainda assim, um problema para os que creem na Bíblia. No entanto, talvez isso seja um problema ainda maior para os incrédulos.

d, cr iTd , CT Ínidalmente re Jeitava a noção de Deus por causa

"i r P0ÍS› aCab∘U COndUÍnd∘ ∧ ∘ mal « ainda mais **P lemanco** sob a perspectiva de seu novo ateísmo. Finalmente, deu-se **conta**

de que o sofrimento oferecia um argumento que servia mais para confirmar a existência de Deus do que para negá-la.

')

Meu argumento contra a existência de Deus era que o universo parecia muito cruel e injusto. No entanto, de onde tirei essa ideia de "justo" e "injusto"? [...] Com o que eu comparava o universo quando o rotulava de injusto? [...] Obviamente eu podia desistir da ideia de justiça dizendo que ela não passava de uma noção pessoal. Se o fizesse, porém, meu argumento contra a existência de Deus também iria por água abaixo — pois ele

dependia da afirmação de que o mundo era realmente injusto, [7] não simplesmente de que as coisas não aconteciam para satisfazer minha imaginação. [...] Como conseqüência, o ateísmo acaba ficando simplista demais.[5]

Lewis admitiu que as objeçÕes modernas à existência de Deus se baseiam em uma noção de *fair play* **e justiça. Acreditamos que os indivíduos não** *devem* **sofrer, ser excluídos, morrer de fome ou suportar opressão. O mecanismo evolucionista da seleção natural, contudo,** *depende* **da morte, da destruição e da violência dirigida pelos fortes contra os fracos — essas coisas são perfeitamen-te naturais. Então, com base nisso, será que o ateu considera o mundo natural horrivelmente errado e injusto? Quem não crê em Deus não possui uma boa base para ficar furioso diante da injustiça, o que, conforme observa Lewis, constitui o motivo primordial para negar a existência de Deus. Se você tem** *certeza* **de que este mundo natural é injusto e tomado pelo mal, está admitindo a realidade de algum padrão extranatural (ou sobrenatural) a partir do qual elabora seu juízo. O filósofo Alvin Plantinga expressou-se assim:**

Seria realmente possível existir uma maldade aterrorizante [se Deus não existisse e apenas tivéssemos evoluído]? Não vejo como. Algo assim só é possível caso haja uma maneira segundo a qual as criaturas racionais supostamente devam viver, sejam obrigadas a viver. [...] Uma forma [secular] de enxergar o mundo não abre espaço para nenhum tipo de obrigação moral genuína [...] e assim não há como dizer que exista uma maldade genuína e estarrecedora. Por conseguinte, se você

acha que existe mesmo essa maldade aterrorizante ([••■] [e] tião meramente uma ilusão), você tem um argumento poderoso [em favor da realidade de Deus].

Trocando em miúdos, a questão das tragédias, do sofrimento e da injustiça é um problema para todos. No mínimo, trata-se de um problema tão grande para a fé quanto para a incredulidade na existência de Deus. Assim, é errado, embora compreensível, pensar que, abandonando a crença em Deus, você terá mais facilidade para lidar com o problema do mal.

UMA **senhora da minha igreja certa vez me questionou sobre os sermões em que acontecimentos ruins acabavam sempre se mostrando benéficos. Ela havia perdido o marido durante um assalto. Tinha vários filhos com**

problemas mentais e emocionais graves. Insistiu comigo que para cada história em que o mal acaba trazendo o bem, existe uma centena de outras em que não há sequer como pensar em dourar a pílula. Da mesma forma, boa parte do que temos discutido até agora neste capítulo pode parecer fria e irrelevante para alguém que sofre na vida real. Alguém nessa situação poderia perguntar: "E daí, se o sofrimento e o mal não provarem logicamente a inexistência de Deus?". "Continuo com raiva. Todo esse papo filosófico *não* livra da responsabilidade o Deus cristão por todo mal e sofrimento do mundo!" O filósofo Peter Kreeft observa em resposta que o Deus cristão veio deliberadamente à terra para *assumir* a responsabilidade pelo sofrimento humano. Em Jesus Cristo, Deus vivenciou a dor mais profunda. Assim, embora não forneça o motivo para cada experiência dolorosa, o cristianismo fornece recursos profundos para enfrentar o sofrimento com esperança e coragem em lugar de amargura e desespero.

Comparando Jesus aos mártires

Todas as histórias do evangelho mostram que Jesus não encarou a morte iminente com nada que se compare à frieza e ao destemor que seria de esperar de um herói espiritual. Os conhecidos mártires macabeus, que sofreram sob o domínio sírio de Antíoco Epifânio, foram os paradigmas de coragem [6]

espiritual diante das perseguições. Ficaram famosos por falar desafiadora e confiantemente de Deus mesmo ao ter os membros amputados. Comparemos isso com o comportamento de Jesus, retratado como alguém profiindamente abalado por seu iminente destino adverso: "... então começou a afligir-se e a angustiar-se. E disse-lhes: "A minha alma está tão triste que estou a ponto de morrer (Mc 14.33-34). Lucas descreve Jesus antes da morte em um estado de agonia , um homem com todos os sintomas de estar fisicamente em choque (Lc 22.44). Marcos e Lucas mostram Jesus tentando evitar a morte, perguntando ao Pai se havia alguma forma de evitá-la ("Afasta de mim este cálice; todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres"; Mc 14.36; Lc 22.42). Finalmente, na cruz, ao contrário dos mártires macabeus, Jesus não surge confiante, conclamando os espectadores a serem fiéis a Deus. Em vez disso, ele grita que Deus o havia abandonado (Mt 27.46).

Na cruz, Jesus enfrentou um processo de três horas que o levou à morte por

asfixia e hemorragia. Por mais terrível que tenha sido, houve mortes bem mais dolorosas e terríveis enfrentadas pelos mártires com confiança e calma bem maiores. Dois exemplos famosos são os de Hugh Latimer e Nicholas Ridley, queimados na fogueira em Oxford em 1555 em virtude de suas convicções protestantes. À medida que era devorado pelas chamas, ouviu-se Latimer calmamente dizer: "Console-se, Mr. Ridley, e seja forte! Neste dia, pela graça de Deus, acenderemos na Inglaterra uma vela que, garanto, jamais será apagada".

O sofrimento de Deus

Para entender o sofrimento de Jesus no final dos Evangelhos, precisamos nos

' como ele é apresentado no início. O Evangelista João, em seu primeiro

.. nrti-pm rriirinl. de Deus como

lembrar

Por que Jesus se mostrou tão mais afetado pela morte do que outros, mais afetado que seus próprios seguidores?

«anDrar como ele e apresentado no íniciu. w *J*

título, nos apresenta ao conceito misterioso, porém crucial, de Deus eo.no Trindade. O Filho de Deus não foi criado, mas participou da criação e vtve por 'oda a eternidade "ao lado do Pai" (Jo 1.18). ou seja, em uma relação de total intimidade e amor. No entanto, no final da vida, ele foi separado do Pa.

Provavelmente **não existe** maior **agonia interior** do **que** a **perda de um relacto-**namento que **desejamos manter** com todas as **força,**Talvez seja poss.vel **vtslumbrar**

--

o grau de seu sofnmento, abandono e rejeição. Se um mero conhecido se volta contra você com reprovação e críticas, dizendo que jamais quer vê-lo novamente, isso causa dor. Se um namorado ou namorada faz o mesmo, a dor e qualitativamente maior. Mas se seu cônjuge age assim com você, ou se

seu pai ou sua mae o trata assim ainda durante a infância, o dano psicológico é infinitamente superior.

Não podemos, contudo, imaginar o que seria perder não apenas o amor conjugal ou paternal que durou vários anos, mas o amor infinito de Pai do qual Jesus desfrutou durante toda a eternidade. O sofrimento de Jesus teria sido eternamente insuportável. A teologia cristã sempre admitiu que Jesus suportou, em nosso nome e lugar, a exclusão infinda de Deus que a raça humana fez por merecer. No jardim do Getsêmani, até mesmo o início e a antevisão dessa experiência começaram a deixar Jesus em estado de choque. Bill Lane, especialista em Novo Testamento, escreve: "Jesus esteve com o Pai durante um intervalo antes de sua traição, mas descobriu que o inferno, e não o céu, se abriu diante dele, e titubeou".[8] Na cruz, o grito de abandono de Jesus, "Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste?", é uma profunda declaração relacionai. Lane diz: "O grito tem uma autenticidade cruel. [...] Jesus não morreu negando a Deus. Mesmo no inferno do abandono, ele não abriu mão de sua fé em Deus, mas expressou sua oração angustiada em um grito de afirmação, 'Deus meu! Deus meu!'".[9] Jesus utiliza a linguagem da intimidade, "Deus meu!", até mesmo ao passar pela experiência da absoluta separação do Pai.

A redenção e o sofrimento

A morte de Jesus foi qualitativamente diversa de qualquer outra morte. A dor física não foi nada comparada à experiência espiritual de abandono cósmico.[10]

William Lane, ***The Gospel according to Mark*** (Eerdmans, 1974), p. 516 [9]Ibid, p. 573.

[1] "Jonathan Edwards conclui: O sofnmento físico enfrentado por Cristo na cruz [ ] foi ainda assim, a parte menos árdua de seus últimos sofrimentos. [...] Caso esse sofrimento tivesse sido o único enfrentado por ele, não poderíamos conceber que a mera antevisão deles, embota terrível provocasse tal efeito em Cristo. Muitos mártires sofreram torturas físicas tão sérias quanto as de Cristo [...] contudo, a alma desses mártires não foi tão afetada."'Christ's agony", i„: JJ, ***mrh ofJomthan Edwards***, edição de E. Hickman (Banner of Truth, 1972), vol. 2.

in: Kelly James Clark, org., ***Philosophers who***

Somente o cristianismo entre todas as religiões do mundo afirma que Deus se tornou plenamente humano em Jesus Cristo e, dessa forma, conheceu em primeira mão o desespero, a rejeição, a solidão, a pobreza, a perda, a tortura e a prisão. Na cruz, seu sofrimento foi maior que o pior sofrimento humano, e ele vivenciou a rejeição cósmica e uma dor que supera a nossa de forma tão absoluta quanto seu conhecimento e poder extrapolam os nossos. Na morte de Jesus, Deus sofre por amor, identificando-se com os abandonados e excluídos.[11] Por que ele fez isso? A Bíblia diz que Jesus veio ao mundo em uma missão de resgate da criação. Teve de pagar por nossos pecados para um dia eliminar o mal e o sofrimento sem precisar nos eliminar.

Vejamos o que isso nos trouxe. Se fizermos novamente a pergunta: "Por que Deus permite que o mal e o sofrimento continuem a existir?" e olharmos para a cruz de Jesus, ainda assim não obteremos resposta. No entanto, agora sabemos qual não é a resposta. A resposta não pode ser que Jesus não nos ama.

Não pode ser que ele é indiferente à nossa condição. Deus leva *tão* **a sério nossa dor e sofrimento que se dispôs a levá-los sobre si. Albert Camus entendeu essa mensagem quando escreveu:**

[Cristo] o deus-homem também sofre, com paciência. O mal e a morte não mais podem lhe ser inteiramente imputados, já que ele sofre e morre. A noite no Gólgota tem tamanha importância na história do homem tão somente porque, em suas sombras, a divindade abandonou visivelmente seu privilégio tradicional e viveu até o fim, inclusive em seu desespero, a agonia da morte. Assim se explica o "lamá sabactani" e a dúvida assustadora do Cristo agonizante.[12]

[n]Na história da teologia já houve muita discussão sobre a possibilidade de um Deus infinito e eterno ter "fortes emoções" e vivenciar alegria, dor e tristeza. Uma corrente defende a "impassibi-lidade" de Deus e insiste que toda a linguagem bíblica desse tipo é meramente metafórica. Outros, como Jürgen Moltmann (O ***Deus crucificado***), argumentam com veemência em favor da passividade de Deus. Uma visão equilibrada é apresentada por Don Carson, em ***lhe difficult doctrine of the love of God*** (IVP, 2000) [edição em português: ***A***

difícil doutrina do amor de Deus, tradução de Degmar Ribas (Rio de Janeiro: CPAD, 2007)], p. 66-73. Carson defende que Deus de fato sente tristeza e dor, mas mantém tal postura com cautela nas qualificações e afirmações equilibradas.

[n]Essais (Paris: Gallimard, 1965), p. 444. Traduzido e citado por Bruce Ward em "Prometheus or Cain? Albert Camus's account of the Western quest for justice", ***Faith and Philosophy*** (April, 1991),

P- 213.

reu na cruz, haveremos de nos sentir con o $_{\text{rea}}\mathbf{l}_{\text{me}}$**nte** *Emanuel*

A ressurreição e o sofrimento

seus

Acho que é preciso algo mais do que saber que Deus está conosco em nossas dificuldades. Também precisamos da esperança de que nosso sofnmen o nao seja em vão". Você já reparou como as famílias que perderam entes quen os necessitam afirmar isso? Elas batalham para alterar leis ou fazer mudanças nas condições sociais que levaram à morte. Elas precisam acreditar que a morte de entes queridos conduziu a uma nova vida, que a injustiça conduziu a uma

justiça maior.

Para aquele que sofre, a fé cristã provê como recurso não apenas seu ensinamento sobre a cruz, mas também o fato da ressurreição. A Bíblia ensina que o futuro não é um "paraíso" imaterial, mas um novo céu e uma nova terra. Em Apocalipse 21, não vemos seres humanos serem levados deste mundo para o céu, mas, sim, o céu se instalando na Terra para purificar, renovar e aperfeiçoar o mundo material. A visão secular, é claro, não admite nenhuma restauração futura após a morte ou após a história. E as religiões orientais acreditam que perdemos nossa individualidade e retornamos à Grande Alma, de modo que nossa vida material neste mundo termina por completo. Mesmo as religiões que creem em um paraíso celeste consideram-no uma compensação pelas perdas e dores desta vida e por todas as alegrias que deixamos de ter.

A visão da Bíblia é a ressurreição - não um firturo que seja apenas uma

compensação **pela vida que jamais tivemos, mas uma** *restauração* **da vida que**

3 7T°S ter' T SignifiCa qUC ,0da e -alidade terrível não

o se a desfeita e reparada, como também, de alguma forma, fará a glória e a felicidade fiitura serem ainda maiores. S

Alguns anos atrás, tive um pesadelo tenebroso „„ , , . , „

mília havia morrido. Quando acordei, meu alívio foi enorme 3 3 h • muito mais que mero alívio. Meu apreço **nor** cH ~ **mas havlíl**

imensamente. Eu olhava para

d conta ao quanto era grato

por tê-lo, o quanto amava todos eles. Por quê? Minha felicidade havia sido incrivelmente aumentada pelo pesadelo. Minha alegria ao acordar absorveu o terror, de modo que, no final, meu amor por eles cresceu por tê-los perdido e recuperado. A mesma dinâmica entra em ação quando perdemos algo que nos parecia eterno. Quando o recuperamos (depois de considerá-lo perdido para sempre), nós o valorizamos de uma forma muito mais profunda.

Na filosofia grega (especificamente na estoica), havia uma crença de que a história era um ciclo sem fim. Acreditava-se que, de tempos em tempos, o universo se retraía e era totalmente queimado pelo fogo em uma enorme conflagração chamada *palingenesia,* **depois da qual a história, então purificada, começava de novo. No entanto, em Mateus 19.28, Jesus falou de sua volta à terra como** *a palingenesia.* **"Em verdade digo a vós que me seguistes que, na regeneração (gr.,** *palingenesia),* **quando o Filho do homem se assentar em seu trono glorioso..." Esse conceito era radicalmente novo. Jesus insiste que sua volta se dará com tamanho poder que o próprio mundo material e o universo serão purificados de toda decadência. Tudo será curado e tudo que poderia ter sido** *será.*

Logo após o clímax da trilogia *O Senhor dos anéis,* **Sam Gamgi descobre que seu amigo Gandalf não está morto (como ele supunha), mas vivo. Ele grita:**

“Achei que você estava morto! Depois pensei que eu mesmo estava morto! *Será que toda tristeza será desfeita***?”.**[13] **A resposta do cristianismo a essa pergunta é: “Sim, será”. Toda tristeza será desfeita e, de alguma forma, será** *melhor* **justamente porque um dia houve destruição e perda.**

A profissão das doutrinas cristãs da encarnação e da cruz traz profundo conforto diante do sofrimento. A doutrina da ressurreição nos enche de esperança, pois promete que teremos a vida pela qual mais ansiamos, mas o mundo será infinitamente mais glorioso do que seria se não houvesse necessidade de coragem, persistência, sacrifício ou salvação.[14]

[13]J. R. R. Tolkien, “Tie field of Cormallen”, ***The return of the King*** (várias edições) [edição em português: “O campo de Cormallen”, ***O retorno do Rei,*** tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves; Aimiro Pisetta (São Paulo: Martins Fontes, 1994)].

[14]Talvez seja por isso que George MacDonald afirma: “Não sabemos quantos prazeres da vida Ovemos às tristezas que a permeiam. A alegria [sozinha] não é capaz de revelar as verdades mais Profundas, embora a verdade mais profunda deva ser a mais profunda alegria . ***Phantasies: a faerie ʳ°tnanee*** (Eerdmans, 1981), p. 67.

Dostoievsky escreve com brilhantismo sobre isso:

Acredito, como uma criança, que o sofrimento será curado e compensado, pois todo o absurdo humilhante das contradições humanas desaparecerá como uma lamentável miragem, como a inominável invenção da mente euclidiana impotente e infinitamente pequena do homem, que no fim do mundo, no momento de harmonia eterna, algo muito precioso surgirá e bastará a todos os corações para aplacar todo ódio, para a expiação de todos os crimes da humanidade, de todo o sangue derramado; algo que tornará possível não só perdoar, mas também justificar tudo que aconteceu.[15]

De forma mais sucinta, C. S. Lewis escreve:

Há quem diga sobre o sofrimento temporal que nenhuma bem-aventurança futura será capaz de compensá-lo, desconhecendo que o Céu, uma vez

alcançado, retroagirá e transformará em glória até mesmo essa agonia.[16]

Essa é a derrota definitiva do mal e do sofrimento. Eles não só terão fim, como também serão vencidos de forma tão radical que o que aconteceu servirá apenas para tornar nossa vida e felicidade futuras infinitamente maiores.

[ls]Fyodor Dostoievsky, ***The Brothers Karamazov***, cap. 34 [edição em português: ***Os irmãos Karamázov***, tradução, posfácio c notas de Paulo Bezerra; desenhos de Ulysses Bôscolo (São Paulo: Ed. 34,2009)]. Creio que é preciso observar que Dostoievsky não diz ser possível justificar o mal em si. O mal pode ser usado por Deus para promover um bem maior que não existiria na ausência desse mal, mas, ainda assim, ele continua sendo mal e, por isso, indesculpável e injustificável em si mesmo.

[,6]C. S. Lewis, ***The great divorce*** (Macmillan, 1946), p. 64 [edição em português: ***O grande abismo,*** tradução de Anna Schaffer (São Paulo: Vida, 2006)].

TRÊS

O cristianismo é uma camisa de força

“Os cristãos acreditam possuir a verdade absoluta na qual todo mundo precisa acreditar, senão...”, disse Keith,jovem artista morador do Brooklyn. “Essa postura ameaça a liberdade de todos.”

“Isso mesmo”, concordou Chloe, outra jovem artista. “Uma abordagem do tipo Verdade tamanho único’ é restritiva demais. Os cristãos que conheço não parecem livres para pensar por si próprios. Acho que todo indivíduo precisa estabelecer qual é a sua verdade.”

Será que a crença em uma verdade absoluta é inimiga da liberdade? A maioria das pessoas que conheci em Nova York acredita que sim. O cristianismo rotula de “heresia” certas

crenças e de “imorais” algumas práticas. Ele exclui de sua comunidade os que transgridem seus preceitos doutrinários e morais. Para os observadores contemporâneos, isso parece uma ameaça à liberdade civil, pois divide a população em vez de unir. O cristianismo também passa a impressão de ser culturalmente ignorante, não reconhecendo que culturas distintas têm perspectivas diversas sobre a realidade. Por fim, ele parece escravizar ou, no mínimo, infantilizar seus adeptos, determinando aquilo em que eles têm de crer e o modo que devem agir em todas as circunstâncias. M. Scott Peck comentou ter orientado uma mulher chamada Charlene, que assim se manifestou quanto ao cristianismo: “Não há lugar para *mim* **nisso. Eu morreria! [...] Não quero viver para Deus. Não vou viver para Deus. Quero viver para [...] mim mesma”.' Charlene acreditava**

’M. Scott Peck, ***The people of the lie: the hope for healing human evil*** (Simon and Schuster, -1983) [edição em português; ***Ó povo da mentira: a esperança humana pura a cut a do null,*** tradução

- **P ÇPN CRESCIMENTO. ASSIM TAMBÉM**

nue o cristianismo sufocaria sua criatividade e seu crescime

l„r. ,«« — do «do do «tolo d» Em Goldman, que chamou o

cristianismo d. «0, d. mç. hom.oa, dmnoido, da „u«de hom... de ousar e agir [...] uma cerca de ferro, uma camisa de força que nao permite que o homem se expanda e cresça *?* **. , . .**

No final do filme £«, *Robô* **(2004), o robô Sonny cumpriu os objetivos para os quais havia sido criado. Mas então ele se dá conta de não ter outros propósitos para cumprir. O filme termina com um diálogo entre Sonny e o outro protagonista, o detetive Spooner.**

Sonny: Agora que cumpri meu propósito, não sei o que fazer.

Detetive Spooner: Acho que você vai ter de descobrir seu caminho como todos nós, Sonny... Isso é o que significa ser livre.

Segunda essa visão, "liberdade" significa a inexistência de um propósito supremo para o qual fomos criados. Se ele existisse, seriamos obrigados a adotá-lo e cumpri-lo, o que seria equivalente a uma limitação. A genuína liberdade é a liberdade de criar seu próprio sentido e propósito. A Suprema Corte americana cristalizou juridicamente essa noção ao dar o parecer de que o núcleo da liberdade está em cada um "definir o próprio conceito de existência, de sentido do universo".[3] Stephen Jay Gould concorda:

de Maria Regina Nogueira [Rio de Janeiro: Imago, 1992], cap. 4, p. 168. Peck utiliza Charlene como exemplo da falta de saúde mental que domina uma pessoa que não tem na vida nada mais importante que a realização dc suas necessidades e desejos individuais. "A saúde mental exige que a vontade humana se sujeite a algo que lhe seja superior. Para funcionar de forma razoável neste mundo, temos de nos sujeitar a algum princípio que tenha precedência sobre o que desejamos, seja em que momento for"{p. 162).

[2]Emma Goldman, "The failure of Christianity", publicado pela primeira vez em 1913 em ***Mother Earth,*** periódico de Goldman. Disponível em: **http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_** Archives/goldman/failureofchristianity

acesso em: 26 dez. 2005

[3]Extraído da declaração conhecida como “Sweet mystery of life” [O doce mistério da vida], presente na famosa sentença da Suprema Corte dos Estados Unidos em ***Planned Parenth l v Casey:*** “No núcleo da liberdade reside o direito de definir o próprio conceito de existência do i ni ficado do universo e do mistério da vida humana." Repare que não se diz que somos simplesmente livres para “descobrir” a verdade por nós mesmos, mas, sim, para “definir” e criá-la

Estamos aqui porque um grupo estranho de peixes tinha determinada anatomia que tornou possível a transformação de guelras em patas de criaturas terrestres, porque cometas atingiram a Terra e exterminaram os dinossauros, dando assim aos mamíferos uma oportunidade até então inexistente. [...] Podemos ansiar por uma resposta “mais nobre”, mas ela não existe. Essa explicação, embora levemente perturbadora, ou até mesmo aterrorizante, acaba sendo libertadora e estimulante. Não é possível ler o sentido da vida passivamente nos fatos da natureza. Temos de elaborar sozinhos tais respostas...[4]

O cristianismo parece inimigo da coesão social, da adaptabilidade cultural e até mesmo da personalidade humana autêntica. No entanto, essa objeção se baseia em equívocos sobre a natureza da verdade, da comunidade, do cristianismo e da própria liberdade.

A verdade é inevitável

O filósofo francês Foucault escreve: “A verdade é algo deste mundo. Só se produz por múltiplas formas de restrição, aí incluídos os efeitos habituais do poder”.[5] Inspirados em Foucault, muitos afirmam que todas as alegações de verdade são exercícios de poder. Quando afirma ser dono da verdade, você está tentando exercer poder e controle sobre terceiros. Foucault foi discípulo de Nietzsche, e ambos usavam essa análise tanto em relação à esquerda quanto à direita. Se você afirmasse diante de Nietzsche: “Todos devem tratar com justiça os pobres”, ele indagaria se essa afirmativa se baseava no fato de você realmente amar a justiça e os pobres ou se sua intenção era promover uma revolução que lhe desse poder e controle.

No entanto, o argumento de que toda verdade é um exercício de poder padece do mesmo problema presente no argumento de que toda verdade

é culturalmente condicionada. Se alguém tentar justificar todas as definições de verdade como uma coisa ou outra, chegará a uma posição insustentável. C. S. Lewis escreve em *The abolition of man:*

[4]Extraído de David Friend e dos organizadores de ***Life, the meaning of life: refections in words and pictures on why we are here*** (Little, Brown, 1991), p. 33.

[s]Extraido de "Truth and power", in: Michel Foucault, ***Power/knowledge: selected interviews and other writing 1972-1977,*** edição de Colin Gordon (Pantheon, 1980), p. 131.

j

Mas você não pode sair por aí "justificando" para sempre, pois vai acabar justificando a própria justificativa. Não é possível sair por aí vendo através de tudo para sempre. O sentido de ver através de algo está em enxergar para além desse algo. É bom que a janela seja transparente, pois a rua ou o jardim por trás dela não é. Como é possível ver também através do jardim? [...] Um mundo totalmente transparente é um mundo invisível. "Ver através" de tudo é o mesmo que não ver.[7]

Se você afirmar que toda alegação de posse da verdade é um exercício de poder, então sua afirmação também é um exercício de poder. Se você afirmar (como Freud) que toda alegação de posse da verdade sobre religião e Deus não passa de uma projeção psicológica para lidar com a culpa e a insegurança, então sua afirmação também não passa disso. Ver através de tudo não é ver.

Foucault impunha a terceiros a verdade de sua própria análise mesmo negando a própria verdade como categoria. Assim, alguns tipos de alegações de posse da verdade parecem inevitáveis. A incoerência de lutar contra a opressão quando nos recusamos a admitir que a verdade existe é o motivo pelo qual a "teoria" pós-moderna e a "desconstrução" talvez estejam em declínio.[8] G. K. Chersterton defendeu essa postura há quase cem anos:

O novo rebelde é um cético e em nada confia [... mas] dessa forma jamais poderá ser realmente um revolucionário, pois toda denúncia implica algum tipo de doutrina moral. [...] Assim, o homem moderno rebelado tornou-se praticamente

inútil para todos os fins de uma rebelião. Ao rebelar-se contra tudo, ele perdeu o direito de rebelar-se contra o que quer que seja. [...] Existe um pensamento que interdita o pensamento. Esse é o único pensamento que deve ser interditado.[9]

A comunidade não pode ser totalmente inclusiva

0 cristianismo exige crenças específicas para que um indivíduo faça parte da comunidade. Não está aberto a todos. Segundo os críticos, isso é socialmente desagregador. As comunidades humanas, em vez disso, deveriam ser totalmente inclusivas, abertas a todos com base em nossa humanidade compartilhada. Os defensores de tal visão observam que vários bairros urbanos abrigam moradores de raças e crenças religiosas diversas que, apesar disso, vivem e trabalham juntos como comunidade. Tudo o que se exige para essa vida comunitária é que cada um respeite a privacidade e os direitos dos outros e trabalhe para que todos tenham o mesmo acesso à educação, ao emprego e à tomada de decisões políticas. Em uma "democracia liberal" não é necessário partilhar princípios morais, dizem eles.

Infelizmente, esse pensamento é extremamente simplista. A democracia liberal se baseia em uma abrangente Üsta de pressupostos — a primazia dos direitos individuais sobre os coletivos, a separação entre a moralidade pública e a privada e a escolha individual como direito sagrado. Todas essas crenças são estranhas a várias outras culturas.[10] Assim, uma democracia liberal se baseia (como acontece em qualquer comunidade) no compartilhamento de um conjunto de crenças bastante específicas. A sociedade ocidental se baseia na comunhão de compromissos com a razão, com os direitos e com a justiça, embora não exista nenhuma definição universalmente reconhecida para esses princípios.[11] Toda noção de justiça e razão está entranhada em um conjunto de crenças específicas acerca do significado da vida, crenças das quais nem todos compartilham.[12] A ideia de uma comunidade totalmente inclusiva é, portanto,

-*A A.* **humana tem em comum algumas crenças**

uma ilusão.'[2] Qualquer comU" $_{inc}$luindo em seu círculo alguns indiví-

que obrigatoriamente criam barreiras, inciu

duos e excluindo outros. imagine que um dos membros do conse-

Consideremos alguns exemplos. Imagine que um ^ .

lho local da comunidade LGBT proclame: “Tive uma experience re giosa e a,ora acredito que a homossexualidade é pecado”. Passadas semanas, ele continua insistindo nisso. Imagine que um membro da Aliança contra o Casamento de Pessoas do Mesmo Sexo proclame: “Descobri que meu filho e gay c acho que ele tem o direito de se casar com o companheiro . Por mais educados e flexíveis que sejam os membros de cada um dos grupos, chegará o dia em que ambos terão de dizer: “Você vai ter de pedir demissão do conselho porque já não compartilha de nosso compromisso”. A primeira das comunidades citadas tem a fama de ser inclusiva e a segunda de ser excludente, mas, na prática, ambas funcionam praticamente da mesma maneira. Cada uma delas se baseia em crenças compartilhadas que atuam como barreiras, incluindo alguns e excluindo outros. Nenhuma das duas está sendo “ignorante”, mas apenas se comportando como comunidade.

Qualquer comunidade que não cobrasse dos membros a adoção de crenças e práticas específicas deixaria de ter identidade coletiva e não seria, de fato, uma comunidade.[13] Não podemos considerar excludente um grupo apenas por

reiigion and democracy in America, 2. ed. (Eerdmans, 1986), e Wilfred McClay, “Two kinds of secularism”, *The Wilson Quarterly* (Summer, 2000). Veja um diálogo sofisticado sobre o tema em R. Audi e N. Wolterstorff, *Religion in the public square: the place of religious convictions in political debate* (Lanham: Rowman and Littlefield, 1997). Veja no capítulo 8 mais detalhes sobre o solo de cosmovisão necessário ao desenvolvimento dos direitos humanos.

[12]Michel Foucault observou que a ênfase da sociedade ocidental sobre os direitos **individuais** e, consequentemente, de “inclusão” de minorias, mulheres etc. é acompanhado por uma “narrativa--sombra” de exclusão. Como encaramos aqueles que não aceitam os conceitos de direitos individuais e de privacidade? Foucault observa que os que hoje questionam as visões da modernidade quanto aos direitos e à razão são estigmatizados não como “imorais” ou “hereges” (como no período medieval), mas como “irracionais” e “não civilizados”. Veja um bom resumo da crítica de Foucault à chamada “inclusividade” ocidental em Miroslav Volf, *Exclusion **and** embrace: a theological exploration of*

identity otherness, and reconciliation (Abingdon, 1996), p. 58-64.

[13]A "indeterminação radical [...] é correlato de um impulso constante de inclusão que elimina todas as fronteiras que desunem. [Mas será que isso...] não desgasta de dentro para fora a ideia de

im por padrões a seus membros. Será, então, que não existe uma forma de julgar se uma comunidade é aberta e solidária em vez de ignorante e opressora? Existe, sim. Consideremos um conjunto bem melhor de testes: Que comunidade defende crenças que levam seus membros a tratar os indivíduos de outras comunidades com amor e respeito, a lhes ser úteis e atender suas necessidades? Que comunidade, em razão de suas crenças, costuma demonizar e atacar aqueles que desrespeitam suas fronteiras em lugar de tratá-los com carinho, humildade e gentileza? Devemos criticar os cristãos quando eles são censores e descorteses com os incrédulos,[14] mas não devemos criticar as igrejas por manterem padrões para a admissão de membros em conformidade com suas crenças. Qualquer comunidade precisa fazer o mesmo.

O cristianismo nao é culturalmente rígido

0 cristianismo também tem fama de ser uma camisa de força cultural. Supostamente força indivíduos de culturas diversas a se adaptarem a um único molde de ferro e é visto como inimigo do pluralismo e do multiculturalismo. Na verdade, o cristianismo mostrou-se mais adaptável (e talvez menos destrutivo) em relação a culturas diversas do que o secularismo e várias outras cosmovisões.

O padrão de expansão do cristianismo difere daquele de qualquer outra religião. O núcleo e a maioria da população islâmica continua a habitar seu

inclusão? Sem fronteiras, seremos capazes de saber apenas contra o que lutamos, mas não pelo que lutamos. A luta inteligente contra a exclusão exige categorias e critérios normativos que nos per[mitam] distinguir entre práticas repressivas [...] e não repressivas [...] 'Fronteira nenhuma significa 1-1 a impossibilidade de identificar tanto a felicidade e o prazer quanto liberdade e justiça .
Volf, ***Exclusion and embrace,*** p. 61.

"Um exemplo óbvio foi a observação de jerry Falwell em ***The 700 club,*** de Pat

Robertson, esteira dos ataques de 11 de setembro. “Acredito realmente que os pagãos, os aborciomstas, as feminis tas e os gays e lésbicas que tentam fazer de suas práticas um estilo alternativo de vida, a Americana pelas Liberdades Civis (sigla em inglês, ACLU), . organização People For the Way, rodos vêm tentando secularizar os Estados Unidos. Eu os acuso e lhes d,go que **'*'** ’Haram** isso tudo a acontecer'." A indignação e as queixas disseminadas dentro da .greja obrfe>ram Falwell a se retratar, horas depois, com relação a essa declaração. (Veja hrrp://arch.ve, c"»'Com/2001/US/09/14/Falwell.apology acesso em: 5 mar. 2007.)

local de origem — o Oriente Médio. Os territórios que originalmente foram os centros demográficos do hinduísmo, do budismo e do confucionismo continuam a sê-lo. Ao contrário, o cristianismo foi primeiramente dominado pelos judeus e concentrado em Jerusalém. Depois, passou a ser dominado pelos he-lenistas e concentrou-se no Mediterrâneo. Mais tarde, os bárbaros do norte da

Europa foram convertidos e o cristianismo veio a ser dominado pelos povos da Europa ocidental e, em seguida, pelos da América do Norte. Hoje, a maioria dos cristãos do mundo vive na África, na América Latina e na Ásia. Em breve, o cristianismo se concentrará nos hemisférios sul e leste.

Há dois exemplos esclarecedores: em 1900, os cristãos representavam 9% da população africana e eram superados pelos muçulmanos na proporção de quatro para um. Hoje, os cristãos representam 44% da população,[13] e na década de 1960 ultrapassaram em número os muçulmanos.[14] Essa explosão de crescimento está agora começando na China.[15] O cristianismo vem crescendo não só entre os camponeses, mas também dentro do *establishment* **social e cultural, incluindo o Partido Comunista. No ritmo atual de crescimento, em trinta anos os cristãos representarão 30% da população chinesa de um bilhão e meio de habitantes.[16]**

Por que o cristianismo cresceu de forma tão explosiva nesses lugares? O especialista africano Lamin Sanneh fornece uma resposta deveras interessante. Os africanos, diz ele, tinham uma longa tradição de crenças no mundo sobrenatural de espíritos bons e maus. Quando começaram a ler a Bíblia em seu idioma, vários começaram a ver em Cristo a solução definitiva para seus anseios e aspirações como africanos.[17] Sanneh escreve:

o cristianismo respondeu a esse desafio histórico por meio de uma reorientação da visão de mundo. [...] As pessoas sentiram no coração que Jesus não zombava do respeito que elas tinham pelo sagrado nem do clamor por um Salvador invencível; por isso, rufaram os tambores sagrados em sua honra até fazer as estrelas dançarem no céu. Depois dessa dança, as estrelas deixaram de ser pequenas. O cristianismo ajudou os africanos a se tornarem africanos renovados, não europeus recriados.[20]

Sanneh defende que o secularismo com seu antissobrenaturalismo e individualismo é muito mais nocivo para as culturas locais e para a "africanidade" do que o cristianismo. Na Bíblia, os africanos leram que Jesus tem poder sobre o mal sobrenatural e espiritual e os venceu na cruz. Quando os africanos se convertem ao cristianismo, sua africanidade é convertida, integralizada e resolvida e não substituída por um europeísmo ou outra coisa qualquer.[21] Por meio do cristianismo, os africanos se distanciam o bastante para criticar suas próprias tradições, porém sem abandoná-las.[22]

Um exemplo interessante de adaptação cultural é minha própria igreja, a Redeemer Presbyterian Church, em Manhattan. Seu crescimento nesse ambiente surpreendeu e até mesmo chocou os observadores. Eles vivem me perguntando: "Como você consegue atingir milhares de jovens em um lugar tão secularizado?". A resposta é que o cristianismo faz em Nova York o mesmo que fez em todos os outros lugares onde cresceu. Adaptou-se significativa e positivamente à cultura local sem comprometer seus principais pilares.

todos puderam ouvir o evangelho, cada um em sua língua nativa. Assim, nenhuma língua ou cultura tom precedência sobre outra. A Bíblia é traduzida para todas as culturas e línguas. Veja Lamin Sanneh, "Translatability in Islam and Christianity, with special reference to Africa", in: ***Translating he message: the missionary impact on culture*** (Orbis, 1987), p. 21 lss.

Lamin Sanneh, ***Whose religion is Christianity?*** (Eerdmans, 2003), p. 43.

‘ ***Whose religion is Christianity?,*** p. 43-44,69-70.

[23]Sanneh e Andrew F. Walls não negam que os missionários dc uma cultura (por exemplo, a [euro]Peia) costumam impor aos novos convertidos a forma de cristianismo de sua própria cultura. No [enta]nto, quando leem a Bíblia em sua língua nativa, os convertidos percebem elementos na Palavra [CUj∘ im]P[a]cto foi "reduzido" pelos missionários (como, por exemplo, o exorcismo), bem como outras [COlSas] cujo impacto foi "amplificado", de acordo com suas perspectivas culturais c seus preconceitos. [SS0 ta]lvez leve a um período de reação exacerbada contra a forma de fé dos missionários. No final, os Retidos se reconciliam com suas culturas e tradições - rejeitando algumas partes, confirmando [∘Utras e] codificando outras ainda, tudo à luz da leitura que fazem das Escrituras.

As doutrinas básicas da Redeemer — a divindade de Cristo, a infalibilidade da Bíblia, a necessidade de um novo nascimento espiritual por meio da fé na morte expiatória de Cristo — estão em sintonia com as crenças ortodoxas, sobre naturalistas, das igrejas evangélicas e pentecostais da África, da Ásia, da América Latina e do Sul e Meio-Oeste dos Estados Unidos. Essas crenças às vezes nos põem em conflito com as idéias e práticas de muita gen

te na cidade. Ao mesmo tempo, temos uma enorme satisfação em absorver vários outros aspectos da cultura urbana e pluralista. Enfatizamos as artes, valorizamos a diversidade racial, sublinhamos a importância de lutar pela justiça para *todos* **os moradores da cidade e nos comunicamos na língua e com a**

sensibilidade de nossa cultura urbana. Acima de tudo, sublinhamos a bênção de um Salvador que se sentava à mesa com pessoas que o sistema rotulava de "pecadoras" e amava os que se opunham a ele. Tudo isso é muito importante para o povo de Manhattan.

O resultado é que a igreja Redeemer atrai e atinge um público muito diverso e urbano. Em um culto dominical, minha esposa Kathy foi apresentada a um homem sentado à sua frente, levado à igreja por John DeLorean. Era o redator de discursos de um candidato à presidência pelo Partido Republicano (conservador). Pouco depois, uma senhora sentada atrás dela bateu em seu ombro, querendo lhe apresentar outro visitante. Ela havia levado à igreja alguém que, na época, era o principal compositor da cantora Madonna. Kathy ficou encantada por estarem ambos ali, mas torceu para que os dois não se encontrassem antes do fim do sermão.

Alguns anos atrás, um homem de um estado americano do Sul visitou nossa igreja. Ele ouvira dizer que embora professássemos a doutrina cristã ortodoxa, havíamos crescido em meio a uma cidade cética e secularizada. Imaginava descobrir que vínhamos atraindo público com música moderna, monitores de televisão e videoclipes, dramatizações retumbantes, um ambiente altamente *fashion* e outros tipos de espetáculo chamativo. Para sua surpresa, encontrou um culto simples e tradicional que, à primeira vista, parecia idêntico aos de sua cidade, mais conservadora. No entanto, também percebeu que a platéia abrigava muita gente que jamais compareceria às igrejas que ele conhecia. Após o culto, ele me procurou e disse: "Isso é um mistério para mim. Cadê os ursos bailarinos? Cadê o truque? Por que essa gente vem aqui?".

Encaminhei-o a alguns "artistas urbanos" que freqüentavam a igreja há algum tempo. Estes sugeriram que ele procurasse além das aparências. Um deles disse que a diferença entre a igreja Redeemer e outras igrejas era profunda e consistia em "ironia, caridade e humildade". Afirmaram que a nossa não utilizava a linguagem pomposa e altamente sentimental de outras igrejas, algo que lhes parecia manipulador. Em vez disso, o pessoal da Redeemer se dirigia aos fiéis com uma ironia fina e disposto a fazer piadas sobre si mesmos. Além disso, ali se professavam as crenças com amor e humildade, fazendo o nova-iorquino de Manhattan sentir-se incluído e bem-vindo, mesmo quando discordava de algumas idéias. Eles afirmaram que, acima de tudo, a pregação e a comunicação na Redeemer mostravam inteligência e respeito, sendo sensíveis às suscetibilidades dos ouvintes.

Todos esses aspectos ressaltados foram bem recebidos em Manhattan, mas cada um deles se baseia na doutrina cristã histórica. Por exemplo, a ênfase na diversidade étnica salta aos olhos na epístola de Paulo aos efésios, capítulo 2, onde ele afirma que a diversidade étnica da igreja é um importante testemunho da veracidade da mensagem cristã. Outro exemplo disso é dado por Reinhold Niebuhr, que observa que a ironia, ou seja, achar engraçado ver como os seres humanos fracassam ao tentar ser como Deus, é uma forma muito cristã de enxergar as coisas.[23] Visto que essa ênfase na flexibilidade tem profundas raízes na pregação cristã histórica, não se trata meramente de uma técnica de marketing.

Por que o cristianismo, mais que qualquer outra religião no mundo, foi capaz de se infiltrar em tantas culturas radicalmente distintas? Existe, é

claro, um núcleo de ensinamentos (O Credo Apostólico, o Pai-Nosso, os Dez Mandamentos) com o qual todas as formas de cristianismo têm compromisso. Ainda [a]ssim, há uma boa parcela de liberdade na maneira como esses fundamentos se expressam dentro de determinada cultura. Por exemplo, a Bíblia instrui os cristãos a se unirem em atos de louvor musical, mas não determina a métrica, [0] ritmo, o nível de expressão emocional nem os instrumentos que devem ser utilizados. Tudo isso pode assumir diversas formas de expressão cultural. O historiador Andrew Walls escreve:

”R. Niebuhr, “Humour and faith”, in: R. M. Brown, org., ***The essential Reinhold Niebuhr*** (Yale, [1986]), p. 49ss., apud Sommerville, ***The decline of the secular university,*** p. 129.

A diversidade cultural foi incorporada à fé cristã [...] em Atos 15, que declara que os novos cristãos gentios não precisavam adotar a cultura judaica. [...] Os convertidos tinham de desenvolver [...] uma forma helenística de ser cristão. [Assim] ninguém é dono da fé cristã. Não existe uma “cultura cristã” nos moldes da “cultura islâmica”, que pode ser reconhecida desde o Paquistão até o Marrocos, passando pela Tunísia...[18]

Textos como Isaias 60 e Apocalipse 21 22 retratam um mundo futuro

renovado, perfeito, no qual mantemos nossas diferenças culturais (toda tribo, língua, povo e nação”).Isso significa que cada cultura humana possui qualidades e pontos fortes (dados por Deus) capazes de enriquecer a raça humana. Como sugere Walls, embora toda cultura tenha distorções e elementos que serão criticados e revistos pela mensagem cristã, toda cultura também possui elementos bons e ímpares compatíveis com o cristianismo e aos quais ele se adapta.

Assim é que, ao contrário do que supõe o imaginário popular, o cristianismo não é uma religião ocidental que destrói culturas locais. Pelo contrário, o cristianismo assumiu formas mais culturalmente diversas do que qualquer

1 **outra religião[19] e possui profundos estratos de noções herdadas das culturas**

,

hebraica, grega e europeia, e ao longo do próximo século será ainda mais transformado pela África, pela América Latina e pela Ásia. O cristianismo talvez se torne a mais genuína "visão católica do mundo",[20] tendo tornado ! sua liderança acessível ao longo dos séculos a indivíduos de todas as línguas, í tribos, povos e nações.

A liberdade não é simples

0 **cristianismo supostamente representa uma limitação ao crescimento e ao potencial dos indivíduos porque restringe nossa liberdade de escolher a própria crença e as próprias práticas. Immanuel Kant definiu um ser humano refinado como aquele que confia em seu poder de raciocinar, em vez de confiar na autoridade ou na tradição**.[27] **Essa resistência à autoridade em questões morais é hoje uma corrente profunda em nossa cultura. A liberdade para estabelecer nossos próprios padrões morais é vista como indispensável à plenitude humana.**

Nisso, porém, há um excesso de simplificação. A liberdade não pode ser definida estritamente em termos negativos, como a ausência de restrição e limitação. Com efeito, em muitos casos, restrição e limitação acabam sendo um caminho para a libertação.

Se você tem talento musical, deve se dedicar aos estudos de piano durante vários anos. Essa é uma restrição, uma limitação à sua liberdade. Você terá de se abster de fazer várias outras coisas no espaço de tempo que estiver investindo nesses estudos. Se, porém, houver talento, a disciplina e a limitação libertarão uma habilidade que, de outra forma, permaneceria inacessível. O que fazer? Abrir mão voluntariamente da liberdade para dedicar-se a alguma coisa que viabilize um tipo mais rico de liberdade para outras realizações.

Isso não significa que restrições, disciplina e limitação sejam intrínseca e automaticamente forças libertadoras. Por exemplo, um jovem de l,65m de altura e 56kg não deve decidir tornar-se um jogador de futebol americano. Mesmo toda disciplina e esforço do mundo não conseguirão senão frustrá-lo e esmagá-lo (literalmente). Ele estará dando murro em ponta de faca, pois não tem potencial para isso. Em nossa sociedade, muita

gente se sacrifica para [se]guir algumas profissões com altos salários, em vez de buscar alternativas adequadas ao talento e interesses próprios. Essas profissões tornam-se camisas de força que, no longo prazo, sufocam e desumanizam.

Disciplina e restrições, assim, nos libertam apenas quando se encaixam na realidade de nossa natureza e capacidade. Um peixe, porque absorve oxigênio

"Kevin Vanhoozer, “Pilgrim’s digress: Christian thinking on and about the post/modern way”, [ln:] Myron B. Penner, org., ***Christianity and the postmodern turn*** (Brazos, 2005), p. 74.

À

da água e não do ar, só é livre quando limitado e restrito à água. Se o pusermos num gramado, sua liberdade para movimentar-se e até para viver não aumentará, mas, ao contrário, será destruída. O peixe morrerá se não respeitarmos a

realidade de sua natureza.

Em muitas áreas da vida, a liberdade está mais relacionada com a descoberta das restrições libertadoras do que com a ausência de restrições. As que se encaixam na realidade de nossa natureza e do mundo geram maior poder e abrem o leque de nossas capacidades, resultando em felicidade e realização mais profundas. Experiências, riscos e erros produzem crescimento tão somente se ao longo do tempo nos mostrarem nossos limites, bem como nossas capacidades. Se crescemos intelectual, vocacional e fisicamente apenas sob restrições criteriosas, por que o mesmo não seria válido para o crescimento espiritual e moral? Em lugar de insistir na liberdade para gerar a realidade espiritual, não deveríamos tentar descobri-la e usar de disciplina para viver de acordo com ela?

O conceito vigente de que cada um deve estabelecer sua própria moral baseia-se na crença de que a esfera espiritual nada tem que ver com o restante do mundo. Será que alguém acredita realmente nisso? Durante muitos anos, depois do culto no domingo pela manhã, eu permanecia no

auditório por mais uma hora a fim de responder às perguntas que me eram dirigidas. Centenas de fiéis participavam desses debates. Uma das afirmações que eu mais ouvia era. Todo o mundo precisa definir o que é certo e errado para si mesmo". Eu sempre respondia perguntando: "Existe alguém neste momento fazendo algo que você acha que não devia ser feito embora essa pessoa considere correto seu comportamento?". A resposta sempre era "sim". Então, eu indagava: "Será que isso significa que *você* **acredita que existe um tipo de moral que 'se impõe', que não é definida por nós, mas que precisa ser seguida, não importa o que pensemos ou sintamos?". Quase sempre a resposta vinha na forma de silêncio, em sinal de reflexão ou de irritação.**

1

R°n Rosenbaum, "Disaster ignites debate: was God in the tsunami?" ***New York Observer***, January 10,2005. Claro que Mackie estava apenas repetindo uma pergunta muito antiga, feita desde Epicuro até David Hume. Veja nota 1.

2

W. P. Alston, The inductive argument from evil and the human cognitive condition", ***Philosophical Perspectives*** 5.30-67. Veja um amplo levantamento do argumento ateológico sobre o mal em Daniel Howard-Snyder, org., ***The evidential argument from evil*** (Indiana University Press, 1996).

3

0 resumo do argumento de Mackie se baseia no de Daniel Howard-Snyder em "God, evil, and suffering", in: M. J. Murray, org., ***Reason for the hope within*** (Eerdmans, 1999), p. 84. O artigo de Howard-Snyder é um excelente resumo e mostra por que atualmente não existem afirmativas confiantes entre os filósofos de que o mal e o sofrimento provam a inexistência de Deus. Com efeito, o livro de Mackie (1982) talvez seja a última obra importante a fazê-lo.

4

0 argumento do maruim e questões relativas ao problema do mal são abordados em Alvin lantinga, ***Warranted Christian belief*** (Oxford: 2000), p. 466-7 [edição em português no prelo: ***Crem cristã avalizada*** (São Paulo: Vida Nova, s.d.)]. Veja também Alvin Plantinga, "A Christian life partly lived", in: Kelly James Clark,

org., ***Philosophers who believe*** (IVP, 1993), **p.** 72.

5

C. S. Lewis, ***Mere Christianity*** (New York: Macmillan, 1960), p. 31 [edição em português: ***Cristianismo puro e simples,*** tradução de Álvaro Oppermann; Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo:

Wmfmartinsfontes, 2009)].

6

Alvin Plantinga, "A Christian life partly lived", ***believe*** (IVP, 1993), p. 73.

7

C. S. Lewis, ***The abolition of man*** (Collins, 1978) [edição em português: ***A abolição do homem,*** tradução de Remo Mannarino Filho (São Paulo; Martins Fontes, 2005)], p. 48.

8

Emily Ealdn, "The latest theory is that theory doesn't matter***",New York Times,*** April, 9,2003, e "The theory of everything, RIP", ***New York Times***, October 17,2004. Veja também Dinitia Smith, "Cultural theorists, start your epitaphs", ***New York Times,*** January 3,2004.

9

G. K. Chesterton, cm ***Orthodoxy: the romance of faith*** (Doubleday, 1990) [edição em português: ***Ortodoxia***, tradução de Almiro Pisetta (São Paulo: Mundo Cristão, 2008)], p. 33,41-2.

10

Para um bom resumo dos compromissos de fé subjacentes a qualquer democracia liberal , veja Michael J. Perry, ***Under God?,*** p. 36. Veja também o artigo de Stanley Fish, The trouble with

tolerance", ***Chronicle of Higher Education***, November 10,2006.

11

,0Alasdair MacIntyre, ***After virtue: a study in moral theory,*** 2. ed. (Notre Dame, 1984) [edição em português: ***Depois da virtude,*** tradução de Jussara Simões (São Paulo: EDUSC, 2001)], e ***Whose justice? Which rationality ?*** (Notre Dame, 1988) [edição em português: ***Justiça de quem ? Qual racionalidade?,*** **tradução** de Marcelo Pimenta Marques (São Paulo: Loyola, 1991).

12

"Há ótimos livros sobre esse assunto, dentre os quais Stephen L. Carter, ***The dissent of the governed*** (Harvard University Press, 1999), p. 90. Veja também Msdair ***McIntyre Whose justice? Mich rationality*** * (London: Duckworth, 1987); Richard John Neuhaus, ***The naked public square:***

13

Lamin Sanneh, ***Whose religion is Christianity?*** (Eerdmans, 2003), p. 15.

14

Philip Jenkins, ***Christendom: the coming of global Christianity*** (Oxford, 2002), p. 56. ***The next Christendom: the coming of global Christianity*** (Oxford, 2002), p. 56.

15

lbid,,p. 70.

16

David Aikman,yejwj ***in Beijing: how Christianity is transforming China*** *and* ***changing the global balance of power*** (Regnery, 2003), p. 285.

17

Sanneh atribui isso a traduzibilidade”do cristianismo. Nascido em Gâmbia e ex-muçulmano, ele compara o cristianismo com o islamismo, que insiste que o verdadeiro Alcorão não é passível de traduçao. Para efetivamente ouvir a palavn, de Deus, 6 preciso aprender árabe. No entanto, pnv egiar uma língua significa

privilegiar uma cultura, pois as palavras-chave em qualquer língua

(sZr ∧ ∧ do a.raigado MS ttadlÇÔe! '

* pensar da cultura. Em contraste **com** o

islamismo, o cnstiamsmo (segundo Atos dos Apóstolos) nasceu no milagre de Pentecostes, quantl»

18

Andrew **F.** Wall, “The expansion of Christianity: an interview with **Andrew** Walls”, *Christian **Century***, August 2-9,2000, p. 792.

19

O cristianismo e a religião de mais de duas mil línguas diferentes no mundo. Mais gente ora e adora em mais línguas do que em qualquer outra religião do mundo. [...] Obviamente, esse pio-neirismo cultural e lingüístico entra cm conflito com a reputação do cristianismo de ser um colosso de intolerância cultural, o que produziu nos cristãos um profundo complexo de culpa, contra o qual todas as provas parecem vãs. É importante, porém, levar as pessoas a repensarem tudo isso, pois o cristianismo-padrão praticado hoje é um fragmento cultural desgastado de algo muito maior e mais novo.” ***Whose religion is Christianity ?,*** p. 69-70,

20

Expressão extraída de A. J. Conyers, “Can postmodernism be used as a template for Christian theology?”, ***Christian Scholar's Review,*** 33 (Spring, 2004): 3.

O amor, a liberdade absoluta, é mais restritivo do que supomos

Qual é, então, a realidade moral-espiritual que precisamos reconhecer para prosperar? Qual e o ambiente que nos liberta quando nos restringimos a elo>

à semelhança do peixe na água? O amor. O amor é a perda de liberdade mais libertadora que existe.

Um dos princípios do amor — seja ele a base de uma amizade ou de uma relação romântica é a necessidade de abrir mão da independência para alcançar uma intimidade maior. Se você deseja as "liberdades" do amor — a realização, a segurança e a sensação de dignidade que ele traz —, terá de limitar sua liberdade de várias maneiras. Não é possível desenvolver um relacionamento profundo e tomar decisões unilaterais ou impedir que o outro opine com relação à maneira como você leva a vida. Para desfrutar da felicidade e da liberdade do amor, é preciso abrir mão da autonomia individual. A escritora francesa Françoise Sagan expressou muito bem esse conceito em uma entrevista ao *Le Monde***. Ela afirmou estar satisfeita com a forma em que tinha levado a vida e disse não ter nenhum arrependimento.**

Entrevistador: Então a senhora teve a liberdade que queria?

Françoise Sagan: Sim [...] logicamente, eu tinha menos liberdade quando estava apaixonada por alguém. [...] Mas ninguém passa o tempo todo apaixonado. Afora isso, sou livre.[28]

Françoise Sagan tem razão. Um relacionamento afetivo limita nossas opções individuais. Mais uma vez, estamos diante da complexidade do conceito de "liberdade". Os seres humanos se sentem mais livres e vivos quando se encontram em um relacionamento afetivo. É só no amor que nos tornamos oós mesmos, mas os relacionamentos afetivos saudáveis implicam entrega mútua, altruísta, uma perda mútua de independência. C. S. Lewis manifestou-se com eloqüência a esse respeito:

Ame o que quer que seja — seu coração certamente vai sc apertar e poderá se desfazer pela dor. Se quiser garantir que ele permaneça intacto, não o entregue a ninguém, nem mesmo a um animal. Cubra-o cuidadosamente com *hobbies* **e Pequenos luxos; evite qualquer envolvimento; mantenha-o**

seguro no caixão de

. [28]A$_{P}$ud John Stott, *The contemporary Christian* **(IVP, 1992). A tradução em inglês da entrevista * P^{u}hiicada no** *Guardian Weekly,* **June 23,1985.**

seu egoísmo. Mas nesse cakão - seguro, escuro, imóvel e abafado - ele mudará Não se desfará pela dor, mas se tornará duro, impenetrável, irredimivel. A

alternativa para a tragédia ou, no mínimo, para o risco da tragédia, é o inferno.»

Assim, liberdade não significa ausência de limitações e restrições, mas a descoberta das limitações e restrições certas, aquelas que se encaixam em nossa

natureza e nos libertam.

Para que uma relação afetiva seja saudável, é preciso que haja perda mútua

de independência. Não pode existir mão unica. Ambos os lados tem de dizer ao outro: "Vou me adaptar a você. Vou mudar por sua causa. Vou servi-lo, mesmo que isso signifique sacrifício para mim'. Se somente um lado fizer sacrifícios e concessões e o outro apenas exigir e receber, o relacionamento será de exploração e haverá de oprimir e distorcer a vida de ambos.

À primeira vista, então, um relacionamento com Deus parece inerentemente desumanizador. Por certo terá de ser um relacionamento "de mão única", do jeito de Deus. Deus, o ser divino, detém todo o poder. Preciso me ajustar a Deus, pois não há como Deus se ajustar e se entregar a mim.

Embora isso possa ser válido para outras formas de religião e de crença em Deus, não vale para o cristianismo. Deus ajustou-se a nós — em sua encarnação e na expiação. Em Jesus Cristo, ele se tornou um ser humano limitado, vulnerável ao sofrimento e à morte. Na cruz, sujeitou-se à nossa condição — como pecadores — e morreu em nosso lugar para nos perdoar. Da forma mais profunda, Deus nos disse em Cristo: Vou me adaptar a você. Vou mudar por sua causa. Vou servi-lo, mesmo que isso signifique sacrifício para mim". Se ele fez isso por nós, podemos e devemos dizer o mesmo a

Deus e ao próximo. Paulo escreve "... o que nos *motiva* **é o amor de Cristo" (2Co 5.14).**

Perguntaram certa vez a um amigo de C. S. Lewis: "É fácil amar a Deus? > ao que ele respondeu: É fácil para aqueles que o amam".[30] O paradoxo não é tão grande quanto parece. Quando nos apaixonamos profundamente, queremos agradar o ser amado. Não esperamos que ele nos peça algo, corremos

[M]C. S. Lewis, ***The four loves*** (Harcourt, 1960), **p.** 123 [edição em português: Or ***quatro amores,*** tradução de Paulo Salles (São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2009).]

"O antigo autor anommo é citado em C. S. Lewis, *The four loves* (Harcourt, 1988), p. I[40']

O CRISTIANISMO É UMA CAMISA DE FORÇA

par a descobrir tudo o que possa lhe dar prazer e damos um jeito para oue ele o

***„ha, por mais que nos custe, seja em dinheiro, seja em trabalho «Seu detio**

e uma ordem - e o que sentimos - e nada há de opressor nisso. Q.uem vê de

fora, pode pensar que estamos sendo comandados pelo outro, mas por dent **o sentimos estar nas nuvens.** *F* **ü**

Para um cristão acontece o mesmo com relação a Jesus. O amor de Cristo

motiva. Quando nos damos conta de como Jesus mudou por nossa causa **e se**

entregou por nos, não temos medo de abrir mão de nossa liberdade, pois nele haveremos de encontrá-la.

QUATRO

A igreja é responsável por muitas injustiças

"Só posso desconfiar de qualquer religião que congregue tantos fanáticos e

hipócritas", insistiu Helen, estudante de Direito. "Tanta gente não tem religião e é bem mais bondosa e até moralmente mais correta do que muitos cristãos que conheço."

"A igreja tem um histórico de apoio à injustiça, de destruição da cultura", acrescentou Jéssica, outra estudante de Direito. "Se o cristianismo é a religião verdadeira, como isso pode acontecer?"

Mark Lilia, professor da Universidade de Chicago, escreveu um relato para a revista *New York Times* sobre sua experiência de "novo nascimento" na adolescência.

Durante a faculdade ele se "desconverteu" e abandonou a fé cristã. Como isso aconteceu? Ao se mudar de Detroit para Ann Arbor, em Michigan, Mark entrou em uma comunidade famosa em todo o país por SUa Validade espiritual, mas que acabou se revelando uma "decepção deprimente .A comunidade era autoritária e hierárquica, e seus membros,"dogmá-tlcos [...] ansiosos por me colocar doutrinariamente na linha". Desiludido com a forma agressiva e exploradora como a comunidade utilizava a Bíblia para c °ntrolar a vida de seus membros, "encasquetei a ideia de que a Bíblia pudesse ferrada [...] Foi o primeiro passo para largar o mundo da fé

Muita gente que adota uma postura intelectual contra o cristianismo o a Partir de um histórico de decepção com cristãos e igrejas. Todos nós

M ^ Lilia, "Getting religion: my long-lost years as a teenage evangelical", ***New York Times***

J

aSazine, September 18,2005, p. 94-5.

so

manifestamos predisposições intelectuais baseadas nas expenencas que

Se z «l» «**» ««««r - ,nteb f

é **esclarecidos ao longo dos anos e freqüentou igrejas ptedosas, porem de mente aberta e solidária, achará muito mais plausível a defesa inte ectual do cristianismo. Em contrapartida, se sua experiência foi principal— com cristãos nominais (os que se dizem cristãos, mas nao praticam a e) ou com fanáticos donos da verdade, os argumentos em favor do cristianismo terão de ser extremamente fortes para convencê-lo de que são irrefutáveis. A conclusão de Mark Lilia de que "a Bíblia talvez esteja errada" não foi um mero ato de reflexão filosófica. Mark se ressentia do jeito como determinada pessoa, em nome do cristianismo, vinha tentando exercer poder sobre ele.**

Assim, é preciso abordar o comportamento de indivíduos e grupos cristãos que comprometem a credibilidade do cristianismo para tanta gente. Três problemas se destacam. Primeiro, temos o problema das falhas gritantes de caráter em muitos cristãos. Se o cristianismo é a verdade, por que tantos não cristãos levam uma vida melhor que a dos cristãos? Em segundo lugar, vem o problema da guerra e da violência. Se o cristianismo é a verdade, por que a igreja institucional apoiou tantas vezes a guerra, a injustiça e a violência? Finalmente, temos o problema do fanatismo. Ainda que os ensinamentos cris

tãos tenham muito a oferecer, por que iríamos querer nos misturar com tantos fanáticos presunçosos, arrogantes e perigosos?

As falhas de caráter

Qualquer um que participe da vida de uma igreja logo descobrirá falhas de carater em boa parte dos indivíduos que professam o cristianismo. As igrejas parecem se caracterizar por desentendimentos e espírito partidário maiores que os das outras organizações voluntárias. Igualmente, os fracassos morais dos líderes cristãos são bastante conhecidos. Talvez seja verdade que a mídia tem um prazer exagerado em torná-los públicos, mas ela não os cria. As autoridades eclesiásticas são aparentemente tão corruptas (se não mais) quanto os lideres do mundo em geral.

Ao mesmo tempo, existem indivíduos formalmente não religiosos que levam uma vi a mais exemplar do ponto de vista moral. Se o cristianismo é tudo

o **que diz ser, os cristãos não deveriam se mostrar, como um todo, melhores que os demais?**

Essa suposição se baseia em uma crença equivocada relativa ao que o cristianismo de fato ensina a seu próprio respeito. A teologia cristã sempre ensinou o que se conhece como *graça comum.* **Lemos em Tiago 1.17: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto e descem do Pai das luzes". Isso significa que, não importa o agente, todo ato de bondade, sabedoria, justiça e beleza é promovido por Deus. Ele distribui os dons de sabedoria, talento, beleza e capacidade "gratuitamente", ou seja, sem questionar em absoluto o mérito. Ele os concede a** *todos* **os seres humanos, independentemente de convicções religiosas, raça, sexo ou qualquer outro atributo, a fim de enriquecer, iluminar e preservar o mundo.**

A teologia cristã também fala da grave falha de caráter de cristãos verdadeiros. Uma das idéias centrais da Bíblia é que só podemos nos relacionar com Deus por meio de graça pura. Nossas iniciativas morais são tão ineficazes e falsamente motivadas, que jamais nos farão merecer a salvação. Jesus, por meio de sua morte e ressurreição, viabilizou nossa salvação, que recebemos como uma dádiva. Todas as igrejas creem nisso de uma forma ou de outra. O aperfeiçoamento do caráter e as mudanças de comportamento ocorrem em um processo gradual depois da conversão. A crença equivocada de que é preciso "purificar" nossa vida a fim de merecer a presença de Deus não é cristianismo. Isso significa, contudo, que a igreja está cheia de gente imatura e ferida que tem pela frente um longo caminho para crescer emocional, moral e espiritualmente. E como diz o ditado: "A igreja é um hospital para pecadores, não um museu para santos".

Bom caráter é algo que a grande maioria atribui a um ambiente familiar e s °cial acolhedor, seguro e estável, condições pelas quais não somos responsáveis. Muitos, em vez disso, têm um histórico familiar instável, modelos falhos e um passado de tragédias e decepções. Em conseqüência, carregam o peso de mseguranças profundas, hipersensibilidade e falta de autoconfiança. É possível 9üe, em virtude disso, precisem lutar contra a raiva descontrolada, a timidez, vícios e outras dificuldades.

Imagine agora que alguém com um passado muito conturbado se converta a

° cristianismo e seu caráter melhore consideravelmente. Ainda assim, essa

• , mpnos seeura e autodisciplinada do que alguém

-o sbna necessidade especial dc pertencer a 2l o alguma. Suponha que você seja apresentado a ambas na mesma lemana. A menos que conheça o ponto de partida e a jornada de vtda de cada uma você poderá facilmente concluir que o cristianismo nao c la essas coisas, e aue os cristãos são incoerentes com seus próprios padrões elevados. E comum que indivíduos cuja vida foi mais dura e se encontram mais abaixo na escala de caráter" tenham maior probabilidade de reconhecer sua necessidade de Deus e de se voltar para o cristianismo. Assim, pode-se esperar que a vida de muitos cristãos não pareça melhor quando comparada à de outros sem religião[2] (exatamente como a saúde dos pacientes em um hospital é comparativamente pior que a dos visitantes de museus).

Religião e violência

Será que a religião ortodoxa não conduz inevitavelmente à violência? Christopher Hitchens, autor de *God is not great: how religion poisons everythingI* **diz que sim. No capítulo "Religião Mata", ele relata episódios de violência alimentada pela religião que testemunhou pessoalmente em Belfast, Beirute, Bombaim, Belgrado, Belém e Bagdá. Seu argumento é que a religião agrava as**

Se o que você quer é um argumento contra o cristianismo poderá facilmente encontrar algum cristão tolo e medíocre e dizer [...] Então aí está seu alardeado novo homem! Prefiro o velho . Mas se já começou a ver que o cristianismo sobre outros fundamentos é viável, no fundo você saberá que isso significa apenas fugir do assunto. O que você de fiito tem condições de saber sobre a alma das outras pessoas — suas tentações, oportunidades e lutas? Há uma alma que você conhece de verdade em toda a criação: ela é a única cujo destino está em suas mãos. Se existe um Deus, você se encontra, em certo sentido, sozinho com ele. Não pode afastá-lo com especulações a respeito de seus vizinhos nem com lembranças do que leu em livros. Que importância terão essas conversas e boatos quando a bruma anestésica que chamamos de 'natureza' ou de 'mundo real' se dissipar e a Presença Divina na qual você sempre esteve se tornar palpável, imediata e inevitável?" C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Macmillan, 1965), **p.** 168 [edição em português: *Cristianismo puro e simples,* tradução de Álvaro

Oppcrmann e Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2009)].

[3]Edição em português: *Deus não êgrande: como a religião envenena tudo*, tradução de Alexandre Martins (Rio de Janeiro: Ediouro, 2007).

diferenças raciais e culturais. "A religião não é diferente do racismo", escreve. «Unia versão dela inspira e provoca a outra. A religião tem sido um enorme multiplicador de desconfiança e ódio tribais...".[4]

j

f

n

k

k

4

ío[1]

¥t

O argumento de Hitchens é justo. A religião "transcendentaliza" as diferenças culturais comuns, fazendo as partes sentirem que travam uma

batalha cósmica entre o bem e o mal. Por isso, Hitchens defende que a

*

ia:

'jí

fi»[1]

fiii^

/

/

/

.v

‘Christopher Hitchens, ***God is not peat: hem religion poisons everything*** (Hachette, 2007), p. 35-6. [S]Hoje, alguns pensadores laicos insistem na ideia de que toda religião possui em si as sementes da opressão. Essa visão, contudo, deixa de levar em conta as enormes diferenças entre as rehgtoes e seus conceitos de conversão. O budismo e o cristianismo, por exemplo, exigem profunda transformação interior baseada na decisão individual. A obediência forçada . regras externas e consrderada espiritualmente letal. Assim, essas religiões têm uma probabilidade mu.to maior de buscar uma sociedade que valorize a liberdade religiosa, de modo que os indivíduos possam aprender a verdade e se entregar livremente a ela. Max Weber e outros demonstraram que as doutrinas enstas, prmci palmcnte em sua forma protestante, fornecem uma base para direitos e liberdades individuais, que conduz ao crescimento tanto da democracia quanto do capitalismo. Outras filosofias e tehgioes valorizam menos a liberdade de escolha individual. Exemplo disso é a diferença entre o cristianismo e o islamismo quanto ao significado da conversão. A conversão crista implica passar do es agio e

« . ***H b*** **,** **.** ***j0*** ‘Vonherer nessoalmente a Deus. A maioria dos mu-

conhecer a respeito” de Deus para o estagio de conn p ... , ^ , .

o 1 . „ . r 1 ***mnhecer*** a Deus de modo intimo e pessoal, iodavia,

Çulmanos rotularia como arrogancia falar em conne

1 , . n ***Ae,*** c„n rnnversão aos dez, aos quinze ou aos vinte anos.

, • i„fi$_{m}$ríp manter os cidadaos em harmonia com seus

™%.m na aplicação de pressão legal ou social a fim de naanter

r v i • d Dnn Carson por esse ***insight.)***

com promissos muçulmanos. (Meu agradecim

«religião envenena tudo". E o que parece. As nações cristãs institucionalizaram o imperialismo, a violência e a opressão, por meio da Inquisição e do comércio de escravos africanos. O império totalitário e militarista japonês de meados do século 20 **brotou de uma cultura profundamente influenciada pelo budismo e o xintoísmo. O islã é o terreno de boa parte do terrorismo atual, enquanto as forças israelenses quase sempre se mostram violentas em sua reação. Os nacionalistas hindus, em nome da religião, executam ataques sangrentos contra igrejas cristãs e contra mesquitas muçulmanas. Todas essas provas parecem indicar que a religião agrava as diferenças humanas até que estas explodem em guerra, violência e opressão das minorias**.[5]

Essa visão, porém, **apresenta problemas. Os regimes comunista Russia,**

da (STe d Camboja no século 20 rejeitaram toda e qualquer religião e ícrença em Deus. Precursora disso foi a Revolução Francesa que rejeitou a relivião tradicional por razões humanísticas. Essas sociedades eram racionas **e laicas mas todas produziram uma violência maciça contra a população mesmo'sem a influência da religião. Por quê? Alister McGrath observa que, uma vez eliminada a noção de Deus, a sociedade "transcendentaliza" outra coisa, algum outro conceito, a fim de parecer moral e espiritualmente superior. Os marxistas transformaram o Estado em um ente absoluto, ao passo que os nazistas fizeram o mesmo com a raça e o sangue. Mesmo os ideais de liberdade e igualdade podem ser usados dessa forma para justificar a violência contra os oponentes. Em 1793, quando foi parar na guilhotina em razão de denúncias forjadas, Madame Roland curvou-se diante da estátua que personificava a liberdade na Praça da Bastilha e disse: "Liberdade, quantos crimes são cometidos em teu nome**".[1]

A violência cometida em nome do cristianismo é uma realidade terrível e precisa ser vista e revista. Nada a desculpa. No século 20, porém, a violência se inspirou tanto no secularismo quanto no absolutismo moral. As sociedades que se despojaram de todo tipo de religião foram tão opressoras quanto as que dela se imbuíram. Só nos resta concluir que existe um impulso violento tão profundamente enraizado no coração humano, que ele se expressa independentemente das crenças manifestas em qualquer sociedade, seja ela socialista ou capitalista, religiosa ou laica, individualista

ou hierárquica. No final das contas, a presença de violência e espírito bélico em uma sociedade não refuta necessariamente as crenças que ali predominam.

O fanatismo

Talvez o maior empecilho ao cristianismo para o cidadão médio hoje seja mais a sombra do fanatismo do que a violência ou o espírito bélico.

jyluitos incrédulos têm amigos ou parentes que "nasceram de novo" e perderam as estribeiras, de imediato passando a expressar desaprovação a vários grupos e setores da sociedade, principalmente a filmes e programas de televisão, ao Partido Democrata, aos homossexuais, aos evolucionistas, ativistas, membros de outras religiões e aos valores ensinados nas escolas públicas. Quando defendem a verdade da própria fé, quase sempre esses indivíduos se mostram intolerantes e arrogantes. Isso é o que muita gente chamaria de fanatismo.

Muitos tentam entender os cristãos dentro de um espectro que vai do "nominalismo" em um extremo ao "fanatismo" no extremo oposto. Um cristão nominal é aquele que apenas se autodenomina cristão, que não pratica a religião e pouco acredita nela. Fanático é o cristão cujas fé e prática vão além do razoável. Dentro desse espectro, o melhor tipo de cristão ficaria no meio termo, ou seja, alguém que crê mas não exagera em sua devoção. O problema de tal abordagem é a suposição de que a fé cristã é basicamente uma forma de aperfeiçoamento moral. Assim, cristãos fervorosos seriam moralistas fervorosos ou, como chamados no tempo de Jesus, fariseus. Os fariseus acreditam estar em paz com Deus em resultado de sua moral e obediência doutrinária.

Isso leva, naturalmente, a uma sensação de superioridade em relação aos que não compartilham de sua religiosidade, decorrendo daí várias formas de abuso, exclusão e opressão. Essa é a essência do que consideramos fanatismo.

Mas, e se considerarmos que a essência do cristianismo é a salvação pela graça, uma salvação que não decorre do que fazemos, mas do que Cristo fez por nós? Crer que Deus nos aceita por pura graça nos deixa profundamente contritos. Por isso o fanatismo não deriva do excesso de

compromisso com o evangelho e, sim, da falta de compromisso com ele.

Pense naqueles que você considera fanáticos. São todos insolentes, do[nos] da verdade, obstinados, insensíveis e duros. Por quê? Isso não se deve a excesso de cristianismo, mas à falta dele. Eles são fanaticamente zelosos e corajosos, mas não fanaticamente humildes, sensíveis, acolhedores, solidários, tolerantes ou compreensivos como Cristo. Por encararem o cristianismo como [Um] programa de autoaperfeiçoamento, eles imitam o Jesus das repreensões aos [Ve]ndilhões do templo, mas não o Jesus que disse "Quem dentre vós estiver sem P[ec]*do seja o primeiro a atirar uma pedra..." (Jo 8.7). O que nos impressiona

Á

como claro sinal de fanatismo é, de fato, a falta de um pleno compromisso com Cristo e com seu evangelho.

A crítica bíblica da religião

O extremismo e o fanatismo, que conduzem à injustiça e à opressão, representam perigo constante dentro de qualquer comunidade religiosa. Para os cristãos, contudo, o antídoto não consiste em baixar o tom e moderar a própria fé, mas, sim, em abraçar uma fé em Cristo mais plena e verdadeira. Os profetas bíblicos entendiam muito bem isso. Com efeito, o acadêmico Merold Westphal documenta como a análise da religião elaborada por Marx como instrumento de opressão foi antecipada por profetas hebreus como Isaías, Jeremias, Amós e até mesmo pela mensagem dos Evangelhos no Novo Testamento. Marx, segundo Westphal, não mostrou originalidade em sua crítica da religião — a Bíblia se antecipou a ele![2]

Jesus faz uma crítica de peso à religião. Seu famoso Sermão da Montanha (Mt S—7) não reprova os indivíduos sem religião, mas, sim, os religiosos. Em seu famoso discurso, ele censura aqueles que oram, dão esmolas aos pobres e procuram viver conforme a Bíblia, mas fazem tudo isso para obter louvor e poder. Acreditam que terão influência sobre os outros, até mesmo sobre Deus, graças a seu desempenho espiritual ("... pensam que serão ouvidos pelo muito falar ; Mt 6.7). Isso os toma juizes e censores, sempre prontos a fazer críticas, mas não dispostos a aceitá-las. São fanáticos.

Em seus ensinamentos, Jesus muitas vezes diz aos respeitáveis e virtuosos: "Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vós no reino de Deus" (Mt 21.31). Usando uma linguagem veemente, Jesus condena o legalismo, a justiça própria, o preconceito, bem como o apego à riqueza e ao poder (... limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de cobiça e maldade [...] sobrecarregais os homens com

fardos **difíceis de carregar, mas vós nem com um dedo tocais esses fardos. [...] E** devoram **as casas das viúvas, simulando longas orações"; Lc** 11 **39-46- 20 47)** Mão **deveria nos causar surpresa** a **descoberta de que Jesus foi condenado** à morte **pelo sistema religioso vigente, que cria na Bíblia. Conforme observa o** teólogo **suíço Karl Barth, foi** a **igreja, e não o mundo, que crucificou Cristo**.[8]

Jesus seguiu o exemplo de profetas hebreus como Isaías, que diziam ao povo da época:

Ainda assim eles me procuram todo dia; têm prazer em conhecer os meus caminhos, como se fossem um povo que pratica a justiça e que não abandonou a ordenança do seu Deus. Pedem-me juízos corretos, têm prazer em se chegar a Deus! Por que jejuamos, dizem eles, e não atentas para isso? Por que nos humilhamos, e tu não o sabes? No dia em que jejuais, cuidais dos vossos negócios e exigis que se façam todos os vossos trabalhos. Jejuais para brigas e rixas, para ferirdes com punho pecador! Se quiserdes que a vossa voz se faça ouvir no alto, não jejueis como fazeis hoje. Seria esse o jejum que escolhi? Um dia para que o homem se humilhe, incline a cabeça como o junco e deite-se em pano de saco e cinza? Chamarias isso jejum **e** de dia aceitável ao **SENHOR?** Por acaso não é este o jejum que escolhi? Que soltes as cordas da maldade, que desfaças as ataduras da opressão, ponhas em liberdade os oprimidos e despedaces todo jugo? Não é também que repartas o pão com o faminto e recolhas em casa os pobres desamparados? Não é que vistas o nu, o cubras [...]? (Is 58.2-7)

o que os profetas e Jesus Cristo criticavam? Eles não se opunham à ora-Çío e ao jejum nem à obediência às orientações que a Bíblia dá para a vida. A 'endência dos indivíduos religiosos, porém, c de usar a obediência espiritual c ética como trunfo para obter poder sobre os demais c sobre Deus, agradando

«1 A /U-« íU nobt-n rtr»

a ele-- - - - * *

■r‘w»ao no âmbito social. Us qu° acreait ^ decerto sentem que,jun-qualidade de sua espiritualidade e a reti ao $_{de}f_{er}ê_{n}$cia pelos demais c tamente com seu grupo, merecem ser tratados c

^estphal, ***Suspicion andfaith,*** p. 205.

exercer poder sobre eles. O Deus de Jesus e dos profetas, contudo, salva plenamente pela graça. Ele não é manipulado pelo desempenho re gioso e moral, mas pode ser alcançado somente por meio do arrependimento e a *desistência* **do poder. Se somos salvos unicamente pela graça, só nos resta ser gratos e procurar servir espontaneamente a Deus e aos que nos cercam. Jesus censurou os discípulos: “Antes, quem entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos servirá; e quem entre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos’**

(Mc 10.43-45). _

Na crítica de Jesus e dos profetas, a religião da justiça própria vem sempre

marcada pela insensibilidade com relação a questões de justiça social, ao passo

que a fé verdadeira é marcada por uma preocupação profunda com os pobres

e marginalizados. O teólogo suíço João Calvino, em seus comentários sobre os

profetas hebreus, diz que Deus se identifica de tal forma com os pobres que o

clamor deles expressa a dor divina. A Bíblia nos ensina que a maneira como os

tratamos eqüivale à maneira como tratamos a Deus.[9]

Embora de vez em quando a igreja tenha participado da opressão aos povos e isso seja indesculpável, é importante reconhecer que a Bíblia fornece

no âmbito da fé **instrumentos para análise e para crítica inflexível à injustiça**

apoiada pela religião. O historiador C. John Sommerville afirma que até os não religiosos que fazem críticas ferrenhas ao cristianismo usam recursos do próprio cristianismo para denunciá-lo.[10] **Muitos criticam a igreja por sua sede de poder e pela falta de humildade, mas existem várias culturas em que a usca de poder e respeito e considerada uma virtude. De onde, então, m aga Sommerville, surgiu essa lista de virtudes que serve de parâmetro para identificar os pecados da igreja? Na verdade, ela surgiu dentro da fé cristã.**

realizar uma P CSSa *Pm* SCUS alunos’ Sommerville os convida a a Euro I L Pen_nC‘a rad0CÍnÍa EIe 0bseTM ** « tribos do norte

con^{tin}r^{sodedades} "r

em que era fundamental conquistar e èxigirlT ^ ^

§ **respeito de terceiros. Os monges**

’Veja Provérbios 14.31; 19.17; Mateus 25.31-46 A „h„ comentário sobre Habacuque 2.6 e é mencionada em Westnh 7T° CidVÍn0 &Í **"

[l0]C. John Sommerville, ***The decline*** *afth*, i* ■ **P** ***and faith,*** **p.200.**

. *X^cftí.csecutarnn.^Uyip***rforfUnivemiq-Fress.íOOttP^’**

cristãos que tentavam convertê-las tinham um conjunto de valores baseados na caridade, no desejo do melhor para o próximo. Para identificar a diferença, Sommerville pede aos alunos que imaginem uma velhinha caminhando pela rua à noite com uma bolsa enorme. Por que não derrubá-la e tirar-lhe a bolsa? Á resposta de uma cultura adepta do binômio honra-vergonha é que você *não* lhe tira a bolsa porque abusar do mais fraco faz de você um indivíduo ignóbil. Ninguém o respeitará e você também não se respeitará. A ética, claro, é autocentrada. Seu foco está voltado para a maneira como a ação afetará sua honra e reputação. Existe, porém, outra linha de raciocínio. Você pode imaginar como seria doloroso ser assaltado e como o prejuízo financeiro seria nefasto para quem depende da vítima. Por isso você não rouba a bolsa da velhinha porque deseja o melhor para ela e para seus dependentes. Trata-se de uma ética altruísta, segundo a qual você pensa apenas no próximo.

Ao longo dos anos, Sommerville descobriu que a maioria de seus alunos raciocinava conforme a segunda ética, a altruísta. Como historiador, ele então lhes mostrou como a postura moral que demonstravam tinha raízes cristãs. O cristianismo modificou essas culturas baseadas na honra, em que o orgulho valia mais que a humildade, em que dominar valia mais que servir, em que a coragem era preferível ao pacifismo, a glória à modéstia e a lealdade à própria tribo superava o respeito equânime por todos.[11]

As críticas que os não religiosos costumam fazer à opressão e às injustiças da igreja cristã brotam, na verdade, dos próprios recursos da autocrítica do cristianismo. As falhas da igreja podem ser historicamente entendidas como a adoção imperfeita da prática dos princípios do evangelho cristão. Sommerville afirma que, quando ouviram pela primeira vez a mensagem do evangelho cristão, os anglo-saxões se mostraram incrédulos. Não conseguiam entender c°mo uma sociedade seria capaz de sobreviver sem o medo e o respeito pela fotÇa. Quando se converteram, estavam longe de ser coerentes e tinham a tendên cia de misturar a ética altruísta cristã com seus antigos conceitos. Apoiaram as Cruzadas como forma de proteger a honra de Deus e de si PróPrios. Permitiam que monges, mulheres e servos cultivassem a virtude da Caridade, mas não consideravam essa prática apropriada aos homens honrados

69-70.

- ***. «-o condenável** na história **da**

e ativos. Não é de admirar que eqüivaleria a nos deixar sem

igreja. No entanto, abrir mão dos padrões cristãos eq

^^Qual é a resposta, então, às críticas muito justas e devastadoras ao currículo da igreja cristã? A resposta é *não* abandonar a fé cristã, pots tsso nos detxana, ao mesmo tempo, sem os padrões e sem os recursos para fazer correçoes. Em vez disso, deveríamos tentar entender de forma mais plena e profimda o que é O cristianismo. A própria Bíblia nos ensinou a esperar que a religião cometesse abusos e também nos disse o que fazer nesses casos. Por isso, a história cristã nos dá vários exemplos notáveis de autocorreção. Examinemos dois casos que

talvez sejam os principais.

A justiça em nome de Jesus

Uma profunda mácula na história cristã é o comércio de escravos africanos. Como o cristianismo prevalecia nas nações que compravam e vendiam escravos naquela época, as igrejas, juntamente com o restante da sociedade dessas nações, têm de assumir a responsabilidade pelo ocorrido. Embora a escravidão sob alguma forma fosse pratlcamente universal em todas as culturas ao longo dos séculos, coube aos cristãos, antes dos demais, concluir que a prática era errada. O historiador social Rodney Stark escreve:

mbora seja comum negá-lo, as doutrinas antiescravagistas começaram a aparecer na teologia cristã logo após o declínio de Roma, acompanhadas pelo desaparecimento da escravidão em quase toda a Europa cristã. Quando posteriormente rns irnuam a escravidão no Novo Mundo, os europeus foram de encontro à vee-

Zp ir 7 ’ fato **qUC' P○r** “sumiu” da história até **pouco**

vida7o uZd a ab0lÍÇ5○ ∧ TMUra NoTM Mundo « P— viaa e conquistada por ativistas cristãos.[3] [4]

Os cristãos começaram a atuar em prol da abolição não por uma compreensão disseminada dos direitos humanos, mas porque eles a viam como violação da vontade de Deus. As formas mais antigas de servidão dos tempos bíblicos quase sempre foram duras, mas os abolicionistas cristãos

concluíram que a escravidão baseada na raça e na propriedade vitalícia de outro ser humano, estabelecida por meio de seqüestro, não era compatível com os ensinamentos **bíblicos nem do Antigo nem do Novo Testamento**.[14] **Ativistas cristãos, como William Wilberforce, na Grã-Bretanha, e John Woolman, nos Estados Unidos, e muitos outros dedicaram toda a vida, em nome de Cristo, a abolir a escravidão. O comércio de escravos era tão lucrativo que havia grande incentivo dentro da igreja para justificá-lo. Muitos líderes eclesiásticos defendiam a instituição. A batalha em prol da autocorreção foi colossal**.[15]

Quando os abolicionistas finalmente conseguiram preparar a sociedade britânica para a abolição da escravatura no império britânico, os agricultores nas colônias previram que a emancipação custaria enormes quantias aos investidores e que os preços das mercadorias dispararia catastroficamente. Isso não deteve os abolicionistas na Câmara dos Comuns. Eles concordaram em indenizar os agricultores por todos os escravos libertos, uma soma assombrosa que chegava à metade do orçamento anual do governo britânico. A lei de emancipação foi promulgada em 1833, e os custos para o povo inglês foram de tal ordem que um historiador chamou a abolição britânica da escravatura de "econocídio voluntário".

Rodney Stark observa como os historiadores têm tentado desesperadamente entender por que os abolicionistas se dispuseram a sacrificar tanta coisa para abolir a escravidão. Ele cita o historiador Howard Temperley, que diz que a história da abolição é estranha, pois a maioria dos historiadores acredita que

Veja Deuteronômio 24.7 e lTimóteo 1.9-11, que proíbe o seqüestro. Muita gente (tanto dentro quanto fora da igreja cristã) supõe que a Bíblia apoie a escravidão. Veja mais detalhes no ^{Ca}PítuI$_0$ 6.

"Veja em *The Civil War as a theological **crisis,*** de Mark Noll (University of North Carolina, ^{2006}), urn debate amplo de como os cristãos discutiram a escravidão por meio de diferentes interP^{re}tações das Escrituras. O livro de Noll demonstra como alguns líderes da igreja utilizaram textos $^{da\ Bíb}$üa relativos à escravidão para justificar o comércio de escravos. Estavam, no entanto, cegos às ^{d*f}crenças entre a escravidão africana caracterizada pela propriedade vitalícia de outro ser humano e $^{a\ esc}$tavidão de que trata a Bíblia (para pagamento de

dívida e nao vitalícia).

todo comportamento político é interesseiro. No entanto, apesar de centenas de especiltas terem buscado ao longo dos últimos cinqüenta anos alguma explicação, Temperley dia que "... ninguém conseguiu demonstrar que os que lutaram pelo fim da escravidão [...] acabaram ganhando algo tangível [.] nem que essas medidas não foram senão onerosas para o pais . A escravidão foi abolida porque era errada, e os cristãos foram os primeiros a dizê-lo." O aparelho de autocorreção do cristianismo, sua crítica aos atos de injustiça apoiados

pela religião, havia se imposto.

Outro caso clássico é o movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos em

meados do século 20**. Em um importante histórico do movimento dos Direitos**

Civis, David L. Chappell demonstra que, em princípio, ele não foi político, mas

religioso e espiritual. Os liberais brancos do Norte, aliados aos líderes dos direitos

civis afro-americanos, não propuseram a desobediência civil nem algum ataque

direto à segregação. Dada a crença laica na bondade da natureza humana, eles

acharam que a instrução e a educação acabariam levando inevitavelmente ao

progresso social e racial. Chappell argumenta que os líderes negros se apoiavam

muito mais na compreensão bíblica da pecaminosidade do coração humano e nas

denúncias de injustiça que liam nos profetas hebreus. Chappell também mostra

que a fé vibrante dos afio americanos comuns foi o que lhes conferiu poder

para insistir na predomínio da justiça apesar da violenta oposição a tais idéias.

ssim, afirma Chappell, não há como entender o que aconteceu enquanto não

encararmos o movimento dos Direitos Civis como um avivamento religioso."

Luthier nt○U ○ raCÍSm○ ''* ÍgrCjaS dos brancos Sul_ Martin

sermões e TUp-0" as ,greías sullstas a serem mais laicas. Basta ler seus

nZi: aSr, *t*rft co«seus argumentos_

serem *mais fiéis* **às suas crenças e a se d** ' C○ndamou 08 cristãos branC○S *

Ele não disse "a verdade é rclaf U™ "nta do í116 **a Bíblia de** fat0 **ensina' é certo ou errado para si mesmo"**^ ○andlvlduo é **livre para determinar o que**

para os brancos do Sul abrirem - ^ ○ f○SSe relativo>nao **haveria incentivo**

1 nrem ma○ do **P0*r que detinham. Em vez disso,** [5] [6]

Luther King invocou o profeta Amós, que disse: "Corra porém a justiça como as **águas* e a retidão, como o ribeiro perene" (Am 5.24). O maior defensor da • tica de nossos tempos sabia que o antídoto para o racismo não era menos cristianismo, mas um cristianismo mais profundo e verdadeiro.**

Wilberforce e Luther King não foram, em absoluto, os únicos líderes que combateram a injustiça em nome de Jesus Cristo. Depois da eliminação do apartheid na África do Sul, todos esperavam um banho de sangue entre as ex-vítimas prontas a se vingar de seus perseguidores e os ex-opressores dispostos ase defender utilizando a força. Em vez disso, líderes cristãos como Desmond Tutu instalaram a notável Comissão Sul-Africana da

Verdade e Reconciliação em meados da década de 1990. O título expressa seus princípios e missão. As vítimas eram convidadas a contar publicamente suas histórias. Também os responsáveis por atos de violência e opressão foram convidados a contar a verdade e pedir anistia. Nenhum dos lados foi dispensado de comparecer perante a comissão, que ouviu relatos de violações dos direitos humanos e ponderou a concessão de anistia sob todos os ângulos, tanto da parte dos ex-defensores do apartheid quanto do Congresso Nacional africano. O comitê, embora não isento de falhas e críticas, ajudou na transição para o regime de maioria com um derramamento de sangue muito menor que o esperado.

No final do século 20, a igreja católica do Leste europeu se recusou a morrer sob o regime comunista. Por meio de "paciência, velas e cruzes", deu imcio a uma cadeia de acontecimentos que derrubou todos aqueles regimes tQtalitários. O padre polonês Jerzy Popieluszko, por meio de pregação e ati-Vlsm°> liderou o movimento em prol de um sindicato de livre comércio na Polonia comunista no início da década de 1980. Quando foi assassinado pela P°llci a secreta, 250 mil pessoas compareceram a seu enterro, incluindo Lech alosa, cujo movimento Solidariedade ajudaria a derrubar o governo comu-

movim

Muitos que compareceram ao funeral marcharam em passeata diante da SC e da polícia secreta com a faixa "Nós perdoamos".[18] Os pilares cristãos do

'tf.

n0 c . " relat0 da resistência da igreja católica ao comunismo nas décadas de 1970-80 consta (Ti. ® sob o título "Between two crosses", in: Charles Colson e Ellen Vaughn, ***The body***

G Qrhn ~ x t * . -

m

00›J!N**c,s**on>2003)

ent0 **de tesistência foram inequívocos.**

Existe uma longa lista de mártires que cerraram fileiras em favor d$_{0s}$ oprimidos em nome de Jesus Cristo, como o arcebispo Oscar Romero, de E] Salvador. Romero foi nomeado arcebispo em virtude de sua visão doutrinária conservadora e ortodoxa. No novo cargo, viu provas irrefutáveis de abuso crônico e violento dos direitos humanos por parte do governo. Começou $_{a}$ falar destemidamente contra isso e por esse motivo foi morto a tiros em 1980 enquanto celebrava uma missa.

O famoso mártir luterano Dietrich Bonhoeffer era pastor de duas igrejas de língua alemã em Londres quando Hitler assumiu o poder. Recusou-se a manter essa distância segura e voltou a seu país para presidir um seminário clandestino da Igreja Confessante, formada pelas congregações que se negaram a assinar um juramento de fidelidade aos nazistas. Bonhoeffer escreveu seu clássico *The cost of discipleshipf* **no qual critica a religião e a igreja da época. Lembrando Jesus e os profetas, Bonhoeffer revelou a apatia espiritual e a complacência que tornavam possível a tanta gente cooperar com Hitler e fingir não enxergar aqueles que os nazistas marginalizavam e destruíam de forma sistemática. Bonhoeffer acabou preso e enforcado.**

Em suas últimas cartas, escritas na prisão, Bonhoeffer revela como a fé cristã lhe fornecera recursos para abrir mão de tudo em prol do próximo. Marx defendia que se você acredita em outra vida depois desta não se importará em fazer deste mundo um lugar melhor. Também é possível defender o oposto. Se este mundo é tudo que existe, e se o amor, o conforto e a riqueza que aqm desfruto serão os únicos que jamais terei, por que sacrificá-los em prol de ter ceiros? Bonhoeffer, contudo, depositava tamanha alegria e esperança em D^{ells} que foi capaz de fazer o que fez:

O cristão não **é** produto de um ato religioso, mas da participação nos **sofrim^{en}** tos de Deus na vida secular. Isso **é** metanoia [arrependimento]; não **pensar ^{eI}** primeiro lugar nas necessidades, nos problemas, pecados e temores pessoais, m* permitir-se ser levado pelo caminho trilhado por Jesus Cristo. [...] O sofrime[11] **é** um anjo santo. [...] Por meio dele os homens têm crescido mais que por]11C de todas as alegrias do mundo. [...] A dor da ansiedade, muitas vezes send[1] [7]

fisicamente, há que estar presente, e não devemos nem precisamos afastá-la, mas superá-la sempre que necessário, e para isso existe um anjo ainda mais santo que o do sofrimento, a saber, o anjo da alegria em Deus.[20]

Por que mencionar todos esses exemplos? Eles comprovam que o p_r. Luther King estava certo. Quando alguém comete injustiças em nome de **Cristo não está sendo fiel ao espírito daquele que morreu como vítima** da injustiça **e pediu que seus inimigos fossem perdoados. Quando alguém** dá a vida **para libertar o próximo, como Jesus fez, está pondo em prática** o verdadeiro **cristianismo ao qual Martin Luther Kingjr., Dietrich Bonhoeffer** e **outras vozes cristãs conclamaram.**

■ „• **kI'íí**0 dc Eberhatd „ “DKMch Bonhoeffer, ***Letter,and pt** f**nm **?**. ***e certa, e***

!" ,6' K M71>. P. «« t^fXoWo: Sinodal, 2003)]-

Sí ***n«prisão,*** tradução de Nélio Schneider (Sao L P

CINCO

1

Alister McGrath, *The Dawkins **delusion?** Atheist fundamentalism and the denial of the divine* (InterVarsity,2007),p. 81 [edição em português: *O delírio de Dawkins: uma resposta aofundamentalist ateista de Richard Dawkins***,** tradução de Sueli Saraiva (São Paulo: Mundo Cristão 2007)]

2

Merold Westphal, ***Suspicion and faith: the religious uses of modern atheism*** (Eerdmans, 1993), caps. 32-34. Veja página 203: “Eu gostaria de [...] acusar Marx de plágio. Sua crítica do capitalismo é, basicamente, a preocupação bíblica com as viúvas e os órfãos, despida de seu fundamento teológico e aplicada às condições da modernidade”.

3

Ibid.,p. 70.

4

Rodney Stark, ***For the glory of God: how monotheism led to reformations, science, witch-hunts, and***

the end of slavery (Princeton University Press, 2003), p. 291. Vej$_a$ nas p. 338-53 uma visão geral sobre os movimentos abolicionistas.

5

Stark, ***For the glory of God*** (Princeton, 2002), p. 350ss.

6

David L. Chappell, ***A stone of hope: prophetic religion and the death of Jim Crow*** (Unive^{fSlty} North Carolina Press, 2003).

7

Ediçao em português: *Discipulado***, tradução de Ilson Kayser (São Leopoldo: Sinodal, l^9^'**

Como pode um Deus de amor mandar alguém para o inferno?

“Duvido da existência de um Deus que julga e exige sangue para aplacar sua ira”, comentou a confusa Hartmut, uma universitária alemã. “Alguém precisou morrer para que o Deus cristão nos perdoasse. Por que ele não pode simplesmente perdoar? Além disso, existem todas aquelas passagens no Antigo Testamento em que Deus ordena o massacre de seres humanos.”

“Tudo isso é desconcertante, concordo”, comentou Josie, funcionária de uma galeria de arte no Soho. “Mas meu maior problema é a doutrina do inferno. O único Deus em quem consigo crer é um Deus de amor. O Deus da Bíblia não passa de uma divindade primitiva que precisa ser aplacada com dor e sofrimento.”

Em **2005, Rick Warren, pastor de uma megaigreja e autor do best-seller** *'lhepurpose-driven life*[1] **falou a importantes jornalistas em um seminário patrocinado pela Pew Foundation. Alguns dos presentes mostraram incômodo** **dlante** **das implicações de uma doutrina cristã específica, a saber, que Deus con**^**dena** **certos indivíduos à punição eterna. Um participante disse a Rick Warren:**

Talvez o senhor possa lidar com a seguinte contradição: Wendy [uma repórter **não cristã presente] é uma cidadã americana merecedora da mesma proteção que** **0** **membro mais antigo da sua igreja merece. Mas, quando morrer, ela irá para o mferno porque não é salva. Ku lhe pergunto: o senhor acha que seus seguidores**

p 'Edição em português: ***Uma vida com propósitos***, tradução de James Monteiro dos Reis (São

À

aUlo: Vida, 2003).

— ou aqueles que freqüentam a igreja, os que leem seus livros, os que ouvem

su$_{as}$ palestras em todo o mundo — são intelectualmente sofisticados a ponto de lid$_{ar}$ com essa contradição?[2]

Warren respondeu que sua igreja não via contradição alguma nisso, mas não convenceu boa parte dos jornalistas, que alegaram que qualquer cristão que ache que existem pessoas destinadas ao inferno deve considerá-las desi**guais da perspectiva de dignidade e valor. Com essa alegação, eles refletiram as profundas dúvidas de muita gente hoje com relação ao conceito de um Deus que julga os seres humanos e os manda para o inferno. Essa crença, insistiram os jornalistas, leva à exclusão, ao abuso, à desunião e até mesmo à violência.**

Em nossa cultura, o julgamento divino é uma das doutrinas mais ofensivas do cristianismo. Como ministro e pregador, frequentemente me vejo abordando textos bíblicos que falam da ira de Deus, do juízo final e da doutrina do inferno. Durante muitos anos realizei sessões de perguntas e respostas logo após o encerramento de cada culto. Nela os nova-iorquinos costumavam me crivar de perguntas sobre esses ensinamentos. Considero perfeitamente compreensíveis as profundas dúvidas que eles demonstravam com relação a esse aspecto da religião cristã histórica. Embora essa objeção ao inferno e ao juízo final possa parecer mais uma sensação de repulsa do que uma dúvida, é possível encontrar subjacente a ela uma série de crenças bem específicas. Examinemos uma a uma.

Nao ***é*** possível que exista um Deus que julga

A obra de grande influência *Habits of the heart* **[Hábitos do** coração], ^ **Robert Bellah, fala de um "individualismo expressivo" que domina a culm*' americana. Em seu livro, Bellah observa que 80% dos americanos** concordai **com a afirmação de que "um indivíduo deve chegar** às **suas** crenças religi°^{s} **independentemente de qualquer igreja ou sinagoga**".[3] **Sua conclusão *é*** <j^{u}

Conferência bianual Faith Angle sobre religião, política e vida pública do Pew Forum ^ West, na Flórida, em 23 de maio de 2005. Transcrição disponível em: http://pewforum■ ***of***

index.php?EventID=80, acesso em: 5 set. 2005. . J.

r ft * ^

Robert Bellah et ai., ***Habits of the heart: individualism and commitment in Atneriaw*** (University of California Press, 1985), p. 228.

crença básica na cubaira americana é que a verdade moral guarda relação corn a consciência individual. Assim, a cultura americana não vê problema um Deus de amor que nos apoia, não importando a forma como vivemos, jsfo entanto, ela se opõe profundamente à ideia de um Deus que pune os indivíduos por causa de suas crenças sinceras, mesmo que equivocadas. Essa objeção, **porém, carrega um histórico cultural.**

Em seu clássico *The abolition of man,*[4] **C. S. Lewis apresenta o que considera uma diferença importante entre as visões antiga e moderna da realidade. Lewis ataca nossa crença esnobe de que os antigos acreditavam em magia e que mais tarde isso foi superado com o surgimento da ciência moderna. Como especialista em Idade Média e no processo que abriu caminho para a modernidade, Lewis sabia que houve bem pouca magia na Idade Média e que o auge da magia situou-se nos séculos 16 e 17, exatamente na época em que se desenvolvia a ciência moderna. A mesma causa, defendeu ele, deu origem a ambas.**

As ações sérias da magia e as ações igualmente sérias da ciência são gêmeas: uma estava doente e morreu, a outra era forte e vicejou. No entanto, são gêmeas. Nasceram do mesmo impulso.[5]

Lewis descreve esse impulso — uma nova abordagem da realidade moral

e espiritual.

Existe algo que une a magia e a ciência aplicada ao mesmo tempo em que as separa da "sabedoria" dos primeiros tempos. Para os sábios de antigamente, o problema crucial era como conciliar alma e realidade, e a solução foi o conhecimento, a autodisciplina e a virtude. Tanto para a magia quanto para a ciência aplicada, 0 Problema é como sujeitar a realidade aos desejos dos homens: a solução é uma técnica, e ambas, no exercício dessa técnica, estão dispostas a fazer coisas até en-tao consideradas repugnantes e ímpias.[6]

Wm>° ® português: ***A aiolifão do homem,*** tradução de Remo Mnmuuino Filho (São Paulo,

^ninsfontes, 2012).

Extuudo dc C, S. Lewis, ***The abolition of man*** (Collins, 1978), p. 46. Sobre esse assunto, veja L«*. ***English literature in the sixteenth century, excluding drama,*** da série ***Oxford History of***

1 ***Uterat"re*** (Oxford University Press, 1953), p. 13-4.

W'S'Abolition of ***man***, p. 46.

Na antiguidade, acreditava-se haver uma ordem moral transcendente ^ terna, embutida na trama do universo. Quem violasse essa ordem metafí$_{s}$}$_{Ca}$ sofreria conseqüências tão sérias como se violasse a realidade física pondo $_{a}$ mão no fogo. O caminho da sabedoria era aprender a viver em conformidade com essa realidade inflexível. Tal sabedoria dependia em grande parte do desenvolvimento das virtudes do caráter como humildade, compaixão, corag$_{eni}$ prudência e lealdade.

A modernidade reverteu esse quadro. A realidade absoluta passou a ser vista não tanto como uma ordem sobrenatural mas como o mundo natural e este era maleável. Em lugar de tentar moldar nossos desejos para ajustá-los à realidade, procuramos agora controlar e moldar a realidade para ajustá-la a nossos desejos. Os antigos olhavam para um indivíduo ansioso e prescreviam uma mudança de caráter espiritual. A modernidade, em vez disso, recomenda técnicas de controle do estresse.

Lewis sabia que os leitores poderiam achar que ele fosse contrário ao método científico como tal, mas insistia que não. No entanto, ele queria que percebêssemos que a modernidade nasceu em "sonhos de poder". Escrevendo durante a Segunda Guerra Mundial, Lewis se encontrava em meio a um dos frutos mais amargos do espírito moderno. Seu amigo J. R. R. Tolkien escreveu *O senhor dos anéis***, sobre as conseqüências da busca do poder e do controle em lugar da sabedoria e da alegre fruição da "dádiva" da criação de Deus**.[7]

O espírito de modernidade, então, nos atribuiu a responsabilidade de

determinar o certo e o errado. Nossa nova confiança de que é possível controls **o meio fisico extrapolou, de modo que agora também nos achamos** capazes **de remodelar o reino metafísico. Portanto, parece-nos injusto ter de determine que é certo ter relações sexuais fora do casamento e depois descobrir** que existe **um Deus que vai nos punir por isso. Acreditamos tão piamente em** nossos **direitos individuais nessa esfera que a simples ideia de um juízo final divino no* parece impossível. No entanto, como nos mostra Lewis, essa crença** está **lig**^'[1]

[7]Em sua biografia de Lewis, Alan Jacobs observa que ele se esforçou para deixar claro q[le] nada tinha contra o método científico ***ferse,*** Esse método, com efeito, pressupõe a uniform!^ da natureza, e vários acadêmicos observaram que foi a cosmo visão cristã que forneceu tal cofl[ce] Lewis, porém, enfatiza que a ciência moderna nasceu com sonhos de poder". Veja Jacob®' ***Narnian: the life and imagination of C. S. Lewis*** (Harper San Francisco, 2005), p. 184-7.

a uma busca de controle e poder que gerou conseqüências terríveis na história jjiundial recente. Nem toda a raça humana hoje aceita a visão moderna da realidade. Por que deveríamos agir como se ela fosse inevitável?

Em um de meus debates após o culto, uma mulher me disse que a simples ideia de um Deus que julga lhe parecia ofensiva. Respondi: "Por que você não se sente ofendida pela ideia de um Deus de perdão?". Ela se mostrou confusa, prossegui: ' Com todo respeito, peço a qualquer um que considere ofensivo o ensinamento cristão sobre o inferno que reflita sobre seu ambiente cultural". Acrescentei em seguida que os ocidentais secularizados se sentem incomodados pelas doutrinas cristãs sobre o inferno, mas apreciam o ensinamento bíblico que recomenda oferecer a outra face e perdoar os inimigos. Pedi-lhe, então, que refletisse sobre a maneira como alguém de uma cultura muito diferente encara o cristianismo. Nas sociedades tradicionais, "oferecer a outra face" não faz sentido algum, pois é um ensinamento que se choca com as noções mais profundas do que é certo. Para estes, porém, a doutrina de um Deus que julga não apresenta problema algum. Essas sociedades veem com repulsa os aspectos do cristianismo que os ocidentais apreciam, mas são atraídas pelos aspectos que os ocidentais secularizados não toleram.

E concluí: por que a suscetibilidade cultural ocidental deve ser o foro decisivo para julgar a validade do cristianismo? Perguntei com delicadeza à mulher se ela considerava sua cultura superior às culturas não ocidentais. Imediatamente ouvi um "não". "Então, por que as objeções que sua cultura faz ao cristianismo devem se impor às objeções de outras culturas?"

Imaginemos, hipoteticamente, que o cristianismo não seja o produto de qualquer cultura, mas, com efeito, a verdade transcultural de Deus. Nesse caso, [s]cria de esperar que ele contradissesse e ofendesse toda e qualquer cultura [em] ^gttm momento, pois as culturas humanas são mutáveis e imperfeitas. Se [0 Cr]lstÍanismo fosse a verdade, teria de ser ofensivo e corrigir suas idéias em [a]^[Urn] ponto. Talvez o ponto esteja aí, na doutrina cristã do juízo divino.

Um Deus que julga não pode ser um **Deus** de amor

, **[e£Ur]*do** Q CRISTIANISMO, **Deus é ao mesmo** tempo **um Deus de amor e de [jus]%a. Muita gente resiste** a **essa ideia e acredita que um Deus de amor não**

pode ser um Deus de justiça. Como a maioria dos outros minis ros o evange-Iho em nossa sociedade, já ouvi milhares de vezes a pergunta: Como e possível que um Deus de amor também seja um Deus cheio de ira e íuria? Se ele e amoroso e perfeito, deveria perdoar e aceitar todo mundo. Não deveria ficar irado'.

Sempre começo minha resposta observando que todas as pessoas amorosas às vezes ficam iradas exatamente por causa do amor e não apenas a despeito dele. Se você ama alguém e descobre que este alguém está sendo destruído — ainda que por si mesmo —, você fica com raiva. Nas palavras de Rebecca Pippert cm seu livro *Hope hãs its Tea sons* **[A esperança tem suas razões].**

Imagine como nos sentimos quando vemos alguém que amamos ser consumido por ações ou relacionamentos imprudentes. Reagimos com a mesma tolerância benigna que teríamos com um desconhecido? De jeito algum. [...] A raiva não é o oposto do amor. O ódio, sim, e a pior forma de ódio é a indiferença. [...] A ira de Deus não é uma explosão de mau humor,

mas sua oposição firme ao câncer [...] que devora as entranhas da raça humana que ele ama com todo o seu ser.[1]

A Bíblia diz que a ira de Deus flui de seu amor e deleite por sua criação. Ele se ira diante do mal e da injustiça porque estes destroem a paz e a integridade da criação.

O Senhor é justo em todos os seus caminhos e bondoso em todas as suas obras.

O Senhor preserva todos os que o amam, mas destrói todos os ímpios-

(SI 145.17,20)

(Harper

E neste ponto que muitos se queixam de que os que creem em um D^{eUS} de justiça não se aproximam dos inimigos com desejo de reconciliação. Se **você crê em um Deus que pune os malfeitores, é bem provável que considere jus tificável você mesmo puni-los um pouco. O croata Miroslav Volf, teólogo de Yale que testemunhou a violência nos Bálcãs, não encara a doutrina do** *j^* **° de Deus dessa maneira. Ele escreve:**

Se Deus não se irasse diante da injustiça e do encmrU * *

j c uo engoao e nao pusesse um ponto

final na violência, este Deus não mereceria ser louvado. [...] O único meio de

impedir que recorramos à violência é insistir que ela é legítima apenas quando emana de Deus. [...] Minha tese de que a prática da não violência exige a crença na vingança divina desagradará muita gente [...] no mundo ocidental. [...] [No entanto] é necessário um lar num bairro residencial muito tranqüilo para que nasça a tese de que a não violência humana [resulta da crença na] recusa de Deus em julgar. Em uma terra esturricada pelo sol e encharcada de sangue de inocentes, essa tese invariavelmente morrerá [...] [juntamente com] outros agradáveis grilhões da mente liberal.[9]

Nesse trecho fascinante, Volf argumenta que a *falta* de fé em um Deus que toma para si a vingança "alimenta secretamente a violência".[10] O impulso humano para fazer os que cometem violências pagarem por seus crimes é quase incontrolável, e não pode ser superado com frases de efeito do tipo "Você não está vendo que a violência não resolve?". Se você viu sua casa ser incendiada e seus parentes, mortos e estuprados, esse argumento é ridículo e não demonstra nenhuma preocupação com a justiça. No entanto, as vítimas da violência são atraídas para muito além da justiça, para a vingança que diz: "Você cegou um de meus olhos e por isso vou cegar seus dois olhos". Elas são tragadas inexoravelmente para um ciclo interminável de violência, de golpes e contragolpes Ementados e justificados pela lembrança de males terríveis.

Será que nossa paixão por justiça pode ser satisfeita, mas de uma forma 9ue não alimente nosso desejo de vingança sangrenta? Volf afirma que o único rec urso para tornar isso possível é a crença no conceito da justiça de Deus. Se nao ac reditarmos que existe um Deus que no final vai reparar tudo, havere-rr∧0s de desembainhar a espada e seremos sugados pelo redemoinho da retaliação. Apenas se tivermos certeza de que existe um Deus que reparará todos s erros e acertará com perfeição todas as contas seremos capazes de refrear

of identity, otherness, and recon-

esse impulso.

cili • ∧lr0s¡av Volf, ***Exclusion and embrace: a theological exploration atl∘**** (Abingdon, 1996), **p.** 303-4.

°lf, ***Exclusion and embrace,*** p. 303.

Czeslaw Milosz, poeta polonês ganhador do Prêmio Nobel, escreveu o notável ensaio *The discreet charms of nihilism* [Os encantamento discreto do niilismo]. Nele, o autor recorda que Marx chamou a religião de ópio do povo" porque a promessa de uma vida após a morte (segundo Marx) levava os pobres e a classe operária a suportar condições sociais injustas. No entanto, prossegue Milosz:

E agora testemunhamos uma transformação. O verdadeiro ópio do povo é a

crença no nada após a morte — o enorme consolo de imaginar que nossas traições, ganância, covardia e assassinatos não serão julgados [...] [mas] todas as religiões reconhecem que nossos feitos são imperecíveis.[11]

Muitos se queixam de que a crença em um Deus de justiça levará a uma sociedade mais cruel. Milosz comprovou pessoalmente, tanto no nazismo como no comunismo, que a perda da crença em um Deus de justiça pode levar à crueldade. Se formos livres para moldar a vida e a moral da forma como desejarmos sem ter de prestar contas no final, isso poderá levar à violência. Volf e Milosz defendem que a doutrina do juízo final de Deus é um suporte necessário aos nossos atos de amor e de promoção da paz.

Um Deus de amor não permitiria a existência do inferno

Ora , você talvez diga, combater o mal e a injustiça no mundo é uma coisa, mas mandar gente para o inferno é outra. A Bíblia fala de punição eterna. Como isso pode ser compatível com o amor de Deus? Não consigo aceitar nem sequer a *idéia* de inferno com um Deus de amor". Como lidar com essa objeção compreensível?

O indivíduo moderno acha inevitavelmente que o inferno funciona assim- Deus nos da um tempo, mas se não fizermos as escolhas corretas até o final da vida, ele condena nossa alma ao inferno por toda a eternidade Enquanto despenca no espaço, a pobre alma implora piedade, mas Deus lhe diz: "Tarde demais! Você teve sua oportunidade! Agora vai sofrer!". Essa caricatura

"Czeslaw Milosz, "The discreet charm of nihilism", in: *New York Review of Books,* Novenib[er] 19,1998.

interp[reta m0∧° equivocado ª própria natureza do mal. A imagem bíblica é que o pecado nos afasta da presença de Deus, que é a fonte de toda a alegria ₍c0₎rn efeito, de todo amor, de toda sabedoria e de todo tipo de coisas boas. ç₍orn0 no início fomos criados para estar próximos de Deus, só diante de sua face crescemos, florescemos e realizamos plenamente nosso potencial. Perder por completo sua presença é o inferno — a perda de nossa capacidade de dar ou receber amor ou alegria.

Uma imagem comum do inferno na Bíblia é o fogo.[12] **O fogo desintegra.**

Mesmo nesta vida somos capazes de ver a desintegração da alma causada pelo egocentrismo. Sabemos como o egoísmo e o narcisismo levam à amargura aguda, à inveja nauseante, à ansiedade que paralisa, aos pensamentos paranóicos e às negações e distorções mentais que acompanham tudo isso. Faça agora a si mesmo a seguinte pergunta: "E se quando morrermos não desaparecermos, se nossa vida continuar eternamente?". O inferno, assim, é a trajetória de uma alma que leva uma vida narcisista e autocentrada para todo o sempre.

A parábola de Jesus sobre o rico e Lázaro em Lucas 16 respalda a noção de inferno aqui apresentada. Lázaro é um homem pobre que mendiga no portão de um rico cruel. Ambos morrem, e Lázaro vai para o céu, ao passo que o nco va i para o inferno. De lá, o rico vê Lázaro no céu, "junto de Abraão".

E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia-me Lázaro, Par a que molhe na água a ponta do dedo e me refresque a língua, pois estou atormentado nestas chamas. Abraão, porém, disse: Filho, lembra-te de que em tua vida recebeste bens, mas Lázaro, por sua vez, recebeu males; agora ele aqui é consolado, e tu, atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós e vós, de forma que os que quisessem passar daqui para vós não P°deriam, nem os daí passar para nós. Então ele disse: Eu te imploro, ó pai,

eoi

>eçT0 ***£m SÍ*** meSmos seıam "metáforas". Eles são reais. Jesus subiu (com seu corpo físico, não ^alin 30 CéU'A BíbÜa afirma daramente que céu e inferno são realidades, mas também indica ^ êem que os descreve é alusiva, metafórica e parcial.

18 descri<ʔ0« e imagens de céu e inferno na Bíblia são simbólicas e metafóricas. Cada çà0) ao °fa mdica um aspecto da experiência do inferno (por exemplo, "fogo" subentende desintegra-PaSS0 que "trevas" nos falam de isolamento). Isso não implica de forma alguma que o céu

of

mas UA d L>iiLviiuv4 - —

que o mandes à família de meu pai, porque tenho cinco irmãos. Manda-o para os advertir, a fim de que eles também nao venham para este ugar de tormento. Abraão lhe disse: Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam. Ele respondeu: Não, pai Abraão! Se alguém dentre os mortos for falar com eles, irão se arrepender. Abraão, porém, lhe disse: Se não ouvem Moisés nem os Profetas, tampouco acreditarão, mesmo que alguém ressuscite dentre os

mortos" (Lc 16.24-31).

O impressionante é que mesmo diante da inversão de situações, o rico parece cego ao que está acontecendo. Ele ainda espera que Lázaro seja seu servo e o trata como menino de recados. Ele não pede para sair do inferno, dá a entender claramente que Deus nunca lhe deu, nem à sua família,

informações suficientes sobre a vida após a morte. Comentaristas observam

a incrível dose de negação, de transferência de culpa e de cegueira espiritual

nesta alma no inferno. Observam ainda que o rico, ao contrário de Lázaro,

jamais é citado pelo nome, mas chamado apenas de "homem rico", insinuando

nitidamente que já que sua identidade se apoiava na riqueza e não em Deus,

uma vez perdida a riqueza, perde-se toda a noção de identidade.

Em resumo, o inferno é a escolha voluntária de uma identidade separada

de Deus numa trajetória rumo à eternidade. Vemos esse processo "em pequena

escala nos viciados em drogas, álcool, jogo e pornografia. Primeiro ocorre a

desintegração, pois, conforme o tempo passa, o indivíduo precisa cada vez mais

daquilo em que se viciou para conseguir a mesma sensação, o que conduz a

uma satisfaçao cada vez menor. Depois, vem o isolamento, à **medida** que o **viciado culpa cada vez mais os outros e as circunstâncias a fim de justificar seu comportamento. Ninguém entende! Estão todos contra mim!" é a queira pronunciada com uma dose cada vez maior de** autopiedade **e egocentrismo.**

desintegração prossegue indefinidamente. Crescem TL' ∧ eternÍdade.' " ilusão e a auto-obsessão. Quando se perde nn , 'S○ amento>a negaçao, a

se o contato com a realidade. Ninguém iamai "0 ∗ humildade' perde~ própria ideia de céu passa a parecer tapeação. P'∗ ∧ ∧ d○ inferno' A

Em sua alegoria *The great divorce*,[13] C. S. Lewis descreve um ônibus cheio gente que, vindo do inferno, chega à fronteira com o céu. Os passageiros são instados a deixar para trás os pecados que os condenaram ao inferno, mas **se recusam a** fazê-lo. **As** descrições das personagens são impressionantes, pois **nelas** reconhecemos o autoengano e o narcisismo presentes em "pequena **escala"**em nossos próprios vícios.[14]

0 **inferno começa com um humor ranzinza, sempre queixoso, sempre imputando culpa aos outros [...] mas você ainda consegue se distinguir no meio disso, pode até criticar esse comportamento em si mesmo e desejar livrar-se dele. No entanto, talvez chegue o dia em que isso já não seja possível. Então, não existirá mais este** *você* **para criticar o humor ou até para desfrutá-lo, restando apenas as queixas, repetidas indefinidamente como uma máquina. Não se trata de "sermos mandados" por Deus para o inferno. Em cada um de nós existe algo que está crescendo, que virá a SER o inferno, a menos que o cortemos pela raiz**.[15]

Os seres no inferno sofrem, mas Lewis nos mostra por quê. Tão des-truidoras quanto chamas incontroláveis, vemos sua arrogância, sua paranoia, a autopiedade e a certeza de que todos os outros estão errados, todos os outros são idiotas! A humildade se perdeu por completo, assim como a sanidade. Eles estão encarcerados para sempre na prisão do egocentrismo, e seu orgulho cresce aos poucos até se tornar uma nuvem em forma de cogumelo cada vez maior.

sempre continuarão a se despedaçar, culpando qualquer um que não seja des

mesmos. Em grande escala, isso é o inferno.

Portanto, a imagem de Deus lançando seres humanos em um abismo 0n de eles imploram: “Sinto muito, me deixe sair! não passa de uma imagem

rr /cõo Paulo: Vida, 2006). v tradução de Ana Schãffer (> phnttag a.*The

“Edição **em português:** *O **grande** a ,sm '* **do coro o vicio em** (Eetdml ms, **1995).**

“Veja mais detalhes sobre a semelhança *su ppbe:* **« (Macmillan,**

Hedy of addiction” (cap. 8**), in:** *Not the ^ay* **Jc (r6s fontes:** *ere* **Oppermann e**

“Compilação de citações de Lew ^ ^ *g sitnpl es* > tl‹1 ^ *divorce* **(Macmillan,**

B M), p. 59 [edição em português: *Cnstsan* **.nsfont es,** 2009)1; **' ffH** (Si0 **Paulo: Vida,**

Marcelo Brandão Cipolla (São Paul»: ro . tradução de na (EcI dmans, 1970),

»«), P. 71-2 [edição em português: *O grani* ^ 1

**»;'‘The trouble with X\ i* *

pass.

• Hn ônibus do inferno na parábola de Lewis preferem caricata. Os passageiros orónrios definem, a obter a salvação.

to «, - Utoto-. . E * alguma to» totó.

K» • í S* •' *Z* Sí. ironia,. «olha ,». S„.

noder e liberdade, **mas em uma suprema e tragic > ,. T ,**

iou O p-«a d. gtotó q«n ° d« L»‹'

, -o ..or monumento **à liberdade** humana **. Como se le em** Romanos **1.24, Deus "os entregou [...] ao desejo [...] de seus corações No final, Deus esta apenas concedendo aos seres humanos o que eles mais desejam, incluindo a liberdade em relação a ele próprio. O que poderia ser mais justo? Lewis escreve:**

Existem apenas dois tipos de indivíduos os que dizem a Deus seja feita a vossa vontade" e aqueles a quem Deus diz no fim seja feita a *vossa* **vontade . Todos os que estão no inferno escolheram estar lá. Sem esse livre arbítrio não haveria inferno. Uma alma que, com seriedade e constância, deseje a alegria jamais deixará de tê-la**".[16]

O inferno e a igualdade humana

Voltemos aos jornalistas céticos do Pew Forum com Rick Warren. A preocupação que eles demonstravam era que qualquer cristão que acredite que algumas pessoas estão destinadas ao inferno necessariamente as considera inferiores, menos merecedoras de ter seus direitos respeitados. Essa preocupação decorre de uma interpretação equivocada do ensinamento bíblico sobre 3. natureza da salvação e da condenação.

Como observa C. S. Lewis, a jornada até o inferno é um processo que pode começar com algo aparentemente tão inofensivo quanto um humor ranzinza. Ninguém e capaz de identificar em mei o aos fi éis em ura culto dominica l,

ónir *7 Tu"* , **n○ YankeC St3dÍUm ○U apreciadores de**

convicto Í r : r etr○P an qUem n○ - - -Lo. O crente

convicto de hoje talvez seja o apóstata de amanhã, e o incrédulo convicto de

[6]Extraído de C. S. Lewis, ***The problem of pain*** **(Macmillan,** 1961**Í** n ill **r j**

O frobUma do sofrimento, tradução de Alípio Franca ÍSã„ P , P-[116] t^diçao em porrugues. (Macmillan, 1963), p. 69. 1 PaUl○: Vitk› 2«*>k

hoie. 0 **convertido de amanha_ Nao tcmos como julgar de forma decisiva o** *n* **J mi o**

destino espiritual de alguém.

e **isso o torna mais ignorante do que nós". Não concordei com elas e usei o** seguinte **argumento:**

pepois de falar sobre a fe crista a um grupo reunido em uma residência $_{er}$n Manh^{attan}> *P^ocumdo* **por duas mulheres que tinham ouvido minha** palestra. **Ambas me disseram que acreditar no juízo eterno fazia de mim uma p$_{eSS}$oa bem ignorante. Perguntei-lhes então: "Vocês acham que estou errado** sobre **essas questões religiosas e eu acho que vocês estão erradas. Por que isso não as torna tão ignorantes quanto eu? . Uma delas respondeu: "É diferente, para** você, **estamos perdidas para sempre! Não pensamos o mesmo sobre você,**

Tanto o cristão quanto o indivíduo secularizado acreditam que o egocentrismo **e a crueldade geram conseqüências bastante prejudiciais. Por acreditarem que a alma é imortal, os cristãos igualmente creem que os erros morais e espirituais afetam a alma para sempre. Indivíduos secularizados e** liberais **também acreditam na existência de graves erros morais e espirituais, como a exploração e a opressão, mas por não crerem na vida após a morte, não acreditam que as conseqüências das transgressões se estendam eternidade afora. Acreditar que as transgressões geram conseqüências com duração infinitamente mais longa torna os cristãos mais ignorantes que os não cristãos?**

Imagine dois indivíduos discutindo a natureza de um biscoito. Jack acha que o biscoito é venenoso, e Jill não concorda com ele. Jack acha que a noção equivocada de Jill sobre o biscoito acabará, na melhor das hipóteses, levando-a para o hospital, enquanto Jill acha que a visão equivocada de Jack sobre o biscoito o impedirá de saborear uma deliciosa guloseima. Será que Jack é mais 'gnorante que Jill apenas por achar que as conseqüências do equívoco dela ^{Sera}o mais graves? Creio que ninguém diria que sim. Ora, os cristãos nao sao ^ ignorantes por acharem que o raciocínio e o comportamento equivocados

t>

tio

krante

“Acredito em um **Deus de amor**

meu tempo **de faculdade, quando tinha** vinte **e poucos anos, ques-**’ ᶜ°mo muitas outras pessoas, **a religião** cristã **na** qual **fm criado, avia**

Scanned by CamScanner

ᶜ°nsequências eternas.

razões subjetivas para nreu questionamento. O cristianismo nao me pareça real do ponto de vista empírico. Eu não havia desenvolv.de o hab.to de orar e jamais tinha vivido uma experiência pessoal com Deu, Alem dtsso, eu vtnha tendo problemas intelectuais com o cristianismo, problemas estes que abordo em outros pontos deste livro. De um deles, porém, tratarei agora mesmo.

Incomodavam-me os cristãos que enfatizavam o fogo do inferno e a condenação. Como muitos de minha geração, eu acreditava que, se existe uma essência em todas as reÜgiões, essa essência é um Deus de amor. Eu queria acreditar em um Deus de amor que aceita os seres humanos independentemente de suas crenças e práticas. Comecei a estudar as outras grandes religiões do mundo — budismo, hinduísmo, islamismo, confiicionismo e judaísmo. Até hoje tiro proveito desses estudos. No entanto, minha pesquisa sobre as outras religiões provou que eu estava errado quanto a esse ponto específico da centra-lidade de um Deus de amor.

Não encontrei nenhum outro texto religioso, exceto a Bíblia, que dissesse que Deus criou o mundo inspirado por amor e aprazimento. A maioria das antigas religiões pagãs acreditava que o mundo foi criado por meio de lutas e batalhas violentas entre deuses que se opunham uns aos outros e forças sobrenaturais. Decidi examinar com mais profundidade o budismo, a religião que mais me agradava na época. Entretanto, apesar de sua grande ênfase no altruísmo e no serviço abnegado prestado aos outros, o budismo não acreditava em nenhum Deus pessoal, e o amor é um ato pessoal.

e uma mesquita. Todo mês um preletor da igreja e outro da mesquita

apresentavam as perspectivas da Bíblia e do Alcorão sobre algum tema. Quando **tratavamos do amor de Deus, a diferença entre nossas convicções revelava-so impressionante. Várias vezes ouvi de preletores muçulmanos que Deus realmente era amoroso no sentido de ser misericordioso e bondoso conosco. No entanto, quando os cristãos referiam-se ao Senhor como nosso cônjuge, faba' vam de conhecer a Deus íntima e pessoalmente e de experimentar o poder do derramamento desse amor em nosso coração por meio do Espírito Santo, nossos amigos muçulmanos fechavam a cara. Em sua opinião, era falta de respeh^{0} dizer que alguém pudesse conhecer pessoalmente a Deus.**

Mais tarde, após me tornar pastor, durante vários anos fui preletor e deba-tedor em um programa mensal de debates na Filadélfia entre uma igreja cristã

Hoje, muitos céticos com quem falo dizem, como já fiz um dia, que são incapazes **de acreditar no Deus da Bíblia, que pune e julga as pessoas, porque "acreditam em um Deus de amor . Pergunto agora: o que os faz pensar que** Deus **é amor? Será que podem olhar para a vida no mundo atual e dizer: "Tal** coisa **prova que o Deus deste mundo é um Deus de amor"? Será que podem olhar para a história e dizer: "Tudo isso demonstra que o Deus da história é um Deus de amor"? Será que podem ler os textos religiosos de todo o mundo** e **concluir que Deus é um Deus de amor? O amor não é, de modo algum, o atributo divino dominante conforme se depreende de qualquer das religiões principais. Sou forçado a concluir que a fonte da noção de que Deus é amor** seja **a própria BíbÜa. E ela nos diz que o Deus de amor é também um Deus de justiça que, no final, reparará todas as coisas neste mundo.**

Crer em um Deus de puro amor — que aceita todos e não julga ninguém — é um grande ato de fé. Não apenas nos faltam provas disso na ordem natural, como também não há apoio para essa ideia em nenhum texto histórico ou religioso fora do cristianismo. Quanto mais examinamos tal noção, menos justificada ela parece.

1

Rebecca Pippert, “What kind of God gets angry?” (cap. 4), in: *Hope has its reasons* 1990). ***F***

A ciência desacreditou o cristianismo

Minha formação científica torna difícil, se não impossível, aceitar os ensinamentos do cristianismo , disse Thomas, jovem asiático residente de medicina.

Como evolucionista, não posso aceitar os relatos pré-científicos da Bíblia sobre a origem da vida."

E a Bíblia está cheia de relatos de milagres", acrescentou Michelle, estudante de medicina. Simplesmente não é possível que tenham acontecido."

BEST-SELLERS **de Richard Dawkins, Daniel C. Dennett e Sam Harris partem do princípio de que a ciência em geral e a ciência evolucionista P^cular tornaram desnecessária e obsoleta a crença em Deus. Dawkins f**[2] **a ^amosa afirmação de que "embora, antes de Darwin, o ateísmo possa ter d° embasado pela lógica, Darwin tornou possível ser um ateu intelectualmente d° -**[1] **Em** *The God delusion* **ele vai além. Defende que c impossível ser um P [n]sador científico sério e nutrir crenças religiosas. Uma coisa exclui a outra. [a]^[a] ^H^amentar essa tese, ele observa que um estudo em 1998 mostrou que n [Cerca] do 7% dos cientistas americanos da Academia Nacional de Ciências [e] . [am em] um Deus pessoal**.[2] **Isso prova que quanto mais inteligente, racional oamente orientado alguém for, menos capaz será de crer em Deus.**

[p][0rt]^[Chard D]awkins, ***The blind watchmaker*** (New York: W. W. Norton, 1986), p. 6 [edição em M[otta] [0] ***[rel]°joeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino,*** tradução de Laura Teixeira

jp.~° ^[au]k: Companhia das Letras, 2001)].

Sê[s]. ***n*** [Dawkins,] ***God delusion*** (Boston: Houghton Mifflin, 2006), p. 100 [edição em [p]or' «« w» ***delírio,*** tradução de Fernanda Ravagnani (São Paulo: Companhia das Letras, 2007)].

Será que Dawkins tem razão? Terá a ciência basicamente desacreditado as

crenças cristãs? Somos obrigados a optar entre pensar cientificamente e crer em Deus?

Os milagres são cientificamente impossíveis?

O primeiro motivo por que muita gente pensa que a ciência desacreditou a religião tradicional é que a maioria das principais religiões crê em milagres, ou seja, na intervenção de Deus na ordem natural. O elemento miraculoso tem importância especial na fé cristã. Os cristãos celebram a cada Natal o milagre da Encarnação, o nascimento de Jesus, e a cada Páscoa, o milagre da ressurreição de Jesus. O Novo Testamento está cheio de relatos de milagres realizados por Jesus ao longo de seu ministério. A desconfiança científica em relação à Bíblia começou com a crença iluminista de que os milagres não são compatíveis com uma cosmovisão moderna e racional. Munidos dessa pressuposição, os especialistas se voltaram para a Bíblia e afirmaram: "Os relatos bíblicos não são confiáveis, pois contêm descrições de milagres". A premissa dessa afirmação é que a ciência provou que milagres não existem".[1] [2] No entanto, há um salto de fé embutido nessa declaração.

Uma coisa é dizer que a ciência se encontra equipada para verificar somem te causas naturais e não pode se manifestar a respeito das outras. Coisa bem diferente é insistir que a ciência comprova ser impossível a existência de outras causas John Macquarrie escreve: "A ciência segue com base na premissa de que todos os eventos no mundo podem ser explicados da perspectiva de outros eventos [...] igualmente imanentes e terrenos. [Por isso] [...] milagres são incompatíveis com nosso entendimento moderno tanto da ciência quanto da historia .

jylacquarrie está correto quando afirma que, ao estudar um fenômeno, o dentista tem sempre de pressupor a existência de uma causa natural, porque $_{JS}$ causas naturais sao o umco tipo de causa com o qual sua metodologia é capaz de lidar. Outra coisa é insistir que a ciência comprovou que existem causas de outro tipo. Não há modelo experimental para verificar a declaração *"é* **impossível existir uma causa sobrenatural para algum fenômeno natural". Assim, trata-se de uma pressuposição filosófica e não de uma descoberta científica. No final das contas, o argumento de Macquarrie é circular. Ele diz que, por natureza, a ciência não é capaz de identificar ou verificar a existência de causas sobrenaturais; logo, tais**

causas não existem.

0 filósofo Alvin Plantinga responde:

Macquarrie talvez queira dizer que o próprio exercício da ciência exige que se rejeite a ideia (por exemplo) de Deus ressuscitar alguém. [...] [Esse] argumento [...] pode ser comparado a um bêbado que perdeu as chaves do carro e teima em procurá-las apenas sob o poste de luz com base na afirmação de que o local é mais bem iluminado. Na verdade, o argumento supera a conduta do bêbado ao insistir que por ser difícil encontrar as chaves no escuro, elas têm de estar sob a luz.[5]

A outra premissa oculta na declaração "milagres não acontecem é que nao pode haver um Deus que faça milagres". Se existe um Deus criador, não ha na<|a de ilógico na possibilidade de ocorrerem milagres; afinal, se do nada ele criou tudo o que existe, dificilmente ele teria dificuldade para reordenar pwes da criação se e quando lhe aprouvesse. Para ter certeza de que milagres acontecem, você precisaria estar absolutamente convencido de que "ad° e!dSte›e ÍSS0 é Um element0 de fé-A existência de Deus não pode ser proª ttem desacreditada pela experiência científica.

Crtia que D lUlam AlSton› qUC defCnde SCr P T realiza. Veja "Divine action: shadow °r sUbSta CUS realÍZOU milagres e algumas vezes am a os *d* ***theological explorations***

(C " 'in: lhomas F' T™* «*. * *M Who* *f*

3ri*a State University Press, 1994), p. ***49-50.***

A ciência conflita com o cristianismo?

Hoje em dia é comum acreditar que ciência e religião vivem em guerra. Um dos motivos por que percebemos isso é que a nudra prec.sa publrcar notícias como se fossem histórias com protagonistas e antagonistas. Ela da ampla cobertura às batalhas entre indivíduos secularizados e religiosos no que diz respeito ao ensino da evolução nas escolas, quanto às pesquisas com células--tronco, à fertilização *in vitro* **e a várias outras áreas da medicina e da ciência. Essas batalhas emprestam credibilidade aos argumentos de**

Dawkins, Harris e outros que afirmam não ser possível ser inteligente e racional e, ao mesmo tempo, religioso.

Ao longo dos anos na igreja Redeemer, conversei com muitas pessoas formadas em ciências e biologia que nutriam grande desconfiança em relação à fé cristã ortodoxa. Um jovem estudante de medicina me disse que "a Bíblia rejeita o evolucionismo, algo que a maioria das pessoas instruídas aceita. Sinto-me profundamente incomodado ao ver tantos cristãos, em virtude da crença na Bíblia, adotarem uma posição tão anticientífica". Esse incômodo é bastante compreensível. Respondi-lhe o seguinte:

A ciência evolucionista parte do princípio de que as formas mais complexas de vida evoluíram de formas menos complexas por meio de um processo de seleção natural. Muitos cristãos acreditam que Deus fez surgir a vida dessa maneira. A igreja católica, por exemplo, a maior igreja do mundo, emitiu declarações oficiais afirmando que o evolucionismo e compatível com a fé cristã.[3] **No entanto, os cristãos podem acreditar na evolução como um processo, sem acreditar no "naturalismo filosófico", ou seja, a noçao de que tudo deriva de uma causa natural e que a vida orgânica e produto exclusivo de forças aleatórias sem a direção de quem quer que seja. Quando o evolucionismo se transforma em uma teoria totalmente inclusiva e explica como produto da seleção natural absolutamente tudo em que acreditamos, tudo o que sentimos e tudo o que fazemos, saímos da seara**

lógico **também precisa acreditar no naturalismo filosófico. Mas por quê? No** **mesmo ano em que foi lançado** *The God delusion,* **de sua autoria, Francis Collins** publicou *The language of God.* **Collins é um eminente pesquisador científico e chefia o Projeto Genoma Humano. Ele acredita na ciência evolucionista e critica o movimento do Desígnio Inteligente, que rejeita a transmutação das** espécies. **Collins, porém, crê que ainda assim a sintonia, a beleza e a ordem da** natureza **apontam para um criador divino e descreve sua conversão do ateísmo** para **o cristianismo. Assim, aí está o que Dawkins afirma não poder existir:** alguém **com uma crença firme na evolução como mecanismo biológico, mas** que **rejeite por completo o naturalismo filosófico. Naturalmente, Collins não é o único a pensar assim**.[7]

ciência para entrar na esfera da filosofia. O evolucionismo como teoria Irnente inclusiva apresenta dificuldades incontornáveis como visão de Examinaremos essas dificuldades no capítulo 9. pawkins defende que se

você acredita na evolução como mecanismo bio

Contrários ao esquema simplista de Dawkins, existem vários modelos distintos sobre a relação de Deus com o desenvolvimento das formas de vida que vemos hoje. Ian Barbour mostra que ciência e religião podem se relacionar de quatro maneiras diferentes: conflito, diálogo, integração e independência. No extremo do "conflito", se encaixam os defensores da "ciência da criação" c> ironicamente, pensadores como Dawkins. Cada lado está convencido de que a relação entre ciência e fé deve seguir o modelo de guerra declarada. A Vlsão que muitos criacionistas têm de Gênesis 1 inviabiliza qualquer tipo de processo evolutivo, ao passo que o naturalismo filosófico de Dawkins invalida totalmente qualquer crença religiosa. No outro extremo estão os que acreditam 9Ue a fé é basicamente algo privado e subjetivo e, como tal, não guarda nenhuma relaÇão com a esfera da experiência empírica. Sob essa visão, ciência e religião ^ têm a dizer uma à outra. O próprio Barbour acha que essa visão abre mão

[edí -^ranC∗S fkllins, ***The language of God: a scientist presents evidence for belief*** (Free Press, 2006) d$_e$ ***Q***° Cm P0rtuguês: ***A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que ele existe,*** tradução crê ÍOreÍ◦ CaPPeUi (São Paulo: Gente, 2007)]. Outro exemplo de um dentista de renome que d$_a$ p n Um UniVerso projetado por Deus, mas rejeita tanto o Desígnio Inteligente quanto a Teoria

Volução, taxando-os de filosofia materialista, é Owen Gingerich, astrônomo de Harvard que **Creveu** *r*

0 s ***universe*** (Belknap Press, 2006).

No entanto, o modelo de conflito e ° 4 ,

mídia. Felizmente, essa visão vem perdendo credibilidade junto a um numero cada vez maior de acadêmicos. A história da secularização das instituições americanas é tratada em um livro importante e influente organizado por Christian Smith.' Nele, Smith sustenta que o modelo de conflito da relação entre ciência e religião foi um exagero proposital utilizado por cientistas e líderes do ensino no final do século 19 para minar o controle da igreja sobre essas instituições e fortalecer seu próprio poder cultural.[10] O modelo de guerra declarada da ciência e da razão não foi tanto

produto de alguma necessidade intelectual, mas uma estratégia cultural específica. Muitos cientistas não veem incompatibilidade alguma entre a fé em Deus e o trabalho que desenvolvem.

Em 1916 e 1997 realizaram-se dois estudos famosos que servem de base para essa disputa. O psicólogo americano James Leuba conduziu a primeira pesquisa com cientistas, na qual indagava se eles acreditavam em um Deus que se dispõe a se comunicar com a humanidade, ao menos por meio da oração. Quarenta por cento responderam "sim", 40%, "não" e 20% disseram não ter certeza. Em 1997, Edward Larson e Larry Witham repetiram a pesquisa, fazendo a mesma pergunta aos cientistas, e publicaram o resultado na revista científica *Nature.* **Os números não haviam se alterado muito em oitenta anos**.[11]

Como fica, então, a afirmativa de Dawkins de que quase todos os cientistas importantes não acreditam em Deus? Em *The God delusion***, ele cita a** [4]

oJ·reSpondência **de avaliação complementar de Larson e Witham na** *Nature,* U07 **ano mais tarde. Nela, eles observam que quando as mesmas perguntas sobm a cren^a em ^eus f°ram feitas aos membros da Academia Nacional de Ciências, apenas 7% responderam sim** *}*[2] **Dawkins usa esse resultado para provar que o raciocínio científico inteligente quase sempre leva à conclusão** jje que **Deus não existe. Existem, porém, sérios problemas na forma como pawkins, e mesmo Larson e Witham, interpretam os dados desses estudos.**

Em primeiro lugar, lembre-se da pergunta feita inicialmente aos cientistas nas duas pesquisas. Perguntou-se se eles acreditavam em um Deus que se comunica em nível pessoal com a humanidade. Acreditar que um Deus transcendente criou o universo não basta para classificar alguém como "crente". Qualquer cientista da Academia Nacional de Ciências que acredite em um Deus que não se comunica diretamente com a humanidade vai de imediato para a categoria de "incrédulo". As pesquisas foram elaboradas somente com o intuito de detectar os cientistas com uma fé conservadora, tradicional. Os que nutrem uma crença mais geral em Deus são excluídos em virtude da maneira como a pergunta é formulada. Em segundo lugar, Dawkins interpreta os dados como se eles estabelecessem uma relação causai entre a mente científica e o ateísmo. Ele parte da premissa de que os

cientistas da Academia Nacional de Ciências são incrédulos porque pensam cientificamente. No entanto, o estudo não prova e não tem como provar qual é realmente o motivo que leva 0S cientistas da Academia a não crer em Deus. Alister McGrath, teólogo com doutorado em biofísica pela Universidade de Oxford, escreve que a maioria dos vários cientistas incrédulos que conhece são ateus por outros motivos e nao por causa da ciência que praticam. Vários fatores complexos conduzem ® Crença ou à descrença em Deus. Alguns são de ordem pessoal, outros, de rdem intelectual e até mesmo social. Sociólogos de renome como Peter er&er demonstraram que o grupo em que atuamos e os relacionamentos mais Pr0xim°s moldam nossas crenças com muito mais força do que nos dispomos 3 *dmitlr- Os cientistas, à semelhança dos não cientistas, sao profundamente ^ciados pelas crenças e posturas dos indivíduos pelos quais querem ser

Larson e Larry Witham, "Leading scientists still reject God", ***Nature*** 394, n. 6691

respeitados. Na experiência de McGrath, a maioria de seus colegas ateus levou para a ciência as idéias que eles já tinham sobre Deus, em vez de fundamentá-

las na ciência.[5]

Além disso, Dawkins dá aos leitores a impressão de que todos os cientistas ateus compartilham de seu ponto de vista de que nenhuma mente racional e científica pode crer em Deus. No entanto, não é esse o caso. Stephen Jay Gould, cientista ateu e evolucionista de Harvard já falecido, tinha pleno conhecimento de todos esses estudos, mas não compartilhava com Dawkins da conclusão de que a ciência obrigatoriamente colide com a fé cristã. Ele escreveu:

Ou metade de meus colegas é incrivelmente burra ou a ciência do darwinismo é plenamente compatível com as crenças religiosas convencionais - e igualmente compatível com o ateísmo.[6]

Quando fala de metade de seus colegas , é provável que Gould não esteja pensando estritamente nos dados da pesquisa. Ele sabia que um bom número de colegas, cientistas dos mais respeitados, nutria crenças religiosas tradicionais em relação a Deus. Um dos motivos por que Gould não concorda com Dawkins é sua disposição bem maior para admitir que a ciência talvez não seja capaz de expÜcar todas as coisas a respeito da existência humana de tal modo que

satisfaça todos os pensadores.

Outro acadêmico que defende essa postura é o filósofo Thomas Nagel, que criticou a abordagem de Dawkins em uma resenha de *The God delusion* para o penodico *The New Republic.* Nagel também é ateu, mas acha que Dawkins

esta errado ao insistir que, para ser minimamente científico, é preciso adotar o naturalismo fisicalista [...] que a explicação definitiva de tudo necessariamente resi 6 na ∧ísica ∧as Partl'culas, na teoria das cordas ou quaisquer outras leis puramente extensionais que regem os elementos que compõem o mundo materia . le indaga, por exemplo, se realmente acreditamos que nossas

iflStiuúÇ^{ões} morais, como a de que o genocídio é moralmente errado, não e, sim, resultado da neuroquimica diretamente instalada em nós. Será que

____. A---1: 1 .... [1]

reais

sao

' v-UI 11^0. *lUS^L O.*

a física é capaz de fazer justiça à realidade vivenciada pelos seres humanos?

Nagel **duvida. E escreve:**

0 **projeto reducionista tenta em geral reivindicar alguns dos aspectos originaria-mente excluídos do mundo, analisando-os em termos físicos, ou seja, comporta-mentais ou neurofísicos, mas se recusa a reconhecer como real o que não pode ser reduzido dessa forma. Acredito que o processo esteja fadado ao fracasso, que a experiência consciente, o pensamento, os princípios etc. não são ilusões, embora não se possa identificá-los como fatos da física**.[15]

É por isso que até muitos ateus acham que Dawkins está errado, que a ciência não é capaz de explicar tudo e que o pensamento científico pode ser compatível com a crença religiosa.

Ainda que o conceito de conflito entre a ciência e a religião continue a

convencer muita gente, devemos nos despojar da noção de que é preciso escolher entre as duas, ou seja, quem quer ser cristão estará sempre em conflito com a ciência. A maioria dos cientistas se considera profunda ou moderadamente religiosa e esse número vem crescendo nas últimas décadas.[16] **Não existe, obrigatoriamente, um descompasso entre a ciência e a fé religiosa.**

O evolucionismo nao desacredita a Bíblia?

^ que dizer da questão mais específica de como conciliar a ciência evolucio-nista com o relato bíblico da criação em Gênesis 1 **e 2? É claro que existe aqui**

1111 **colisão frontal. Não, não é esse o caso.**

diferentes pensadores cristãos encaixam-se em um ou outro dos modelos art%ão entre ciência e fé propostos por Barbour: conflito, dialogo, integração C ^pendência. Alguns cristãos no movimento amplamente divulgado da pncia enacionista adotam o modelo de conflito e insistem em afirmar que Cnesis 1 ensina que Deus criou todas as formas de vida em um período de

^Thomas Nagel, "The fear of religion", *The New Republic* **(October 23,2006). tarh,** ***For*** *the* ***glory of God,*** **p. 192-7.**

seis dias de 24 horas, vários milhares de anos atrás. No outro extremo da escala se situam cristãos que lançam mão do modelo de independence e afirmam que Deus foi a causa primordial do começo do mundo e, em seguida, causas naturais deram prosseguimento ao processo. Outros pensadores ocupam posições intermediárias. Alguns defendem que Deus criou a vida e depois orientou a seleção natural para desenvolver todas as formas complexas de vida a partir das mais simples. Nessa visão, Deus atua como uma causa suprema sem violar o processo evolutivo. Outros, acreditando que existem lacunas no registro fóssil e insistindo que as espécies parecem "surgir", em vez de se desenvolver a partir de formas mais simples, acreditam que Deus realizou atos criativos de ampla escala em diferentes momentos ao longo de períodos mais extensos de tempo.

A relação da ciência com a Bíblia depende não só da leitura do registro científico como também da interpretação de certas passagens-chave da

Bíblia, como Gênesis 1**. Os cristãos que aceitam a autoridade da Bíblia concordam que o objetivo primordial da interpretação bíblica é descobrir o sentido original do autor bíblico que procurava ser entendido por seu público. Isso também sempre significou interpretar os textos de acordo com o gênero literário de cada um. Por exemplo, quando leem os salmos, os cristãos os veem como poesia. Ao ler Lucas, que pretende ser um relato de testemunhas oculares (veja Lc 1.1-4), eles o entendem como história. Qualquer leitor é capaz de ver que a narrativa histórica deve ser encarada como história e as imagens poéticas, como metáforas.**

A dificuldade surge nas poucas passagens da Bíblia em que o gênero não é facilmente identificável e nos falta certeza quanto à maneira como o autor espera ser lido. Gênesis 1 **é uma passagem cuja interpretação é objeto de debate entre os cristãos, mesmo entre aqueles que creem piamente na inspiração das Escrituras**.[17] **Pessoalmente, considero que Gênesis 1 e 2 estão interligados da mesma forma que Juizes 4 e 5 e Êxodo 14 e 15. Em cada dupla de caph^{uloS}, um descreve um acontecimento histórico e o outro é um cântico ou p$^{oefll£l}$ sobre o sentido teológico do acontecimento. Quando lemos Juizes 4, fica óbvio que se trata de um relato sóbrio do que ocorreu na batalha, mas, ao ler Jufe^{eS} ,**

,[7]Veja Gordon Wenham, ***Genesis 1-15*** (Word, 1987).

, tico de D$^{ébora\ sobre\ a\ batalha}$, deparamos com uma linguagem poética e ◦C^{âí}fórie^{a} Qy^{ancÍ0} ^ébora canta cue as es$^{}$trelas no firmamento guerrearam

? ***n*** **■£** nm oanfl /-I ^ $_{m}$ — ***C**** **-** ***A*** ***** —

cios

p[1]

ten[1]

israelitas, percebemos aí um sentido metafórico. Acho que Gênesis 1 **características de poesia, sendo, por isso, um "cântico" sobre as maravilhas**

e o

sen

tido

da criação de Deus. Gênesis 2 é um relato de

como isso ocorreu.

re haverá debates a respeito de como interpretar essas passagens, in-luindo Gênesis 1, mas é uma falácia afirmar que se uma parte das Escrituras ãop °d^{e} ser levada ao pé da letra o mesmo se aplica a todas as outras. Isso não ' $_{v}$álido para nenhum tipo de comunicação humana.

Então, o que podemos concluir? Como os cristãos adotam posições diversas **quanto ao sentido de Gênesis** 1 **e quanto à natureza da evolução, os que consideram o cristianismo um todo não podem permitir que esse debate interno os distraia. O cético que busca respostas não precisa aceitar nenhuma dessas posições a fim de abraçar a fé cristã. Ele deve, sim, concentrar-se nas alegações centrais do cristianismo e ponderá-las. Somente depois de tirar conclusões sobre a pessoa de Cristo, sobre a ressurreição e sobre os pilares da mensagem cristã, é que a pessoa deveria examinar as várias opções com relação à criação e à evolução.**

Os representantes dessas correntes diversas costumam insinuar que sua visão é a única postura cristã genuína sobre a evolução.[18] **Com efeito, tenho certeza de que muitos leitores ficarão irritados porque não faço uma pausa**

Ap^{esar} da disseminada impressão em contrário, tanto dentro quanto fora da igreja, a moderna da criação não foi a resposta tradicional dos protestantes conservadores e evangélicos $_{G}$° $^{SECul∘ 19}$> quando a teoria de Darwin veio a público. Houve ampla aceitação do fato de que R ***Tí***$^{1 \text{ talvez esti}}$vesse se referindo a longas eras em lugar de dias literais. O fimdamentalista $_{t}$ "^tor de ***The fundamentais*** (publicado de 1910 a 1915, que serviu de base para o e,$_{aind}$ ^{ndam}entali$_{sta}$") disse que era possível "acreditar plenamente na infalibilidade da Bíblia Ci***risa*** $^{S∗m,Ser\ Um\ ev∘}$lucionista de determinado tipo" (apud Mark Noll, ***Evangelical Ame, ica*** 392n ***^{int}*oduction*** [Blackwells, 2001], p. 171). B. B. Warfield, de Princeton (falecido em

O <l[Ue] definiu a doutrina da inerrância da Bíblia, acreditava que Deus poderia ter se HrJ ^ê◦ C◦mo a solução para dar origem às formas de vida. O melhor relato da ascensao a : Cl^CÍa da criação é feito por Ronald L. Numbers, ***The creationists: the evolution of scientific*** ***** 1992>- [Ve]Ja também Mark Noll, "Thinking about science", in: ***The scandal of the*** SC [W(Ewdma]ns, 1994), e Mark Noll e David Livingstone, ***B. B. Warfield on evolution, ’[and]thence*** (Baker, 2000).

— *zomo* uma teoria totalmente inclusiva. **Um** comentarista de Gênesis capta com muita propriedade tal equilíbrio:

Se a "evolução" for [...] elevada ao nível de cosmovisão de como são as coisas, haverá um conflito direto com a fé bíblica. No entanto, se a "evolução" permanecer no nível de hipótese biológica da ciência, parece não haver motivo para conflito entre as implicações da crença cristã no Criador e as investigações científicas sobre a forma pela qual — no nível da biologia Deus conduziu seus processos de criação.[7]

Não quero ser duro demais com aqueles que se debatem com a ideia da intervenção de Deus na ordem natural. É difícil crer em milagres, e é assim que deve ser mesmo. Em Mateus 28 somos informados de que os apóstolos encontraram Jesus ressuscitado ao pé de um monte na Galileia. "Quando o viram, adoraram-no; mas alguns duvidaram (v. 17).Trata-se de uma admissão notável. Eis o autor de um antigo documento cristão nos dizendo que alguns fundadores do cristianismo não conseguiram acreditar no milagre da ressurreição, mesmo

Curando o mundo

olhando diretamente para Jesus e tocando-o com as próprias mãos. Não existe razão para que isso conste do relato a não ser a historicidade do fato.

O trecho nos mostra várias coisas. É um alerta para não pensarmos q[lie] apenas nós, indivíduos modernos e de raciocínio científico, nos debatemos com a ideia do elemento miraculoso, ao passo que os povos antigos e mais p[rl'] mitivos não tinham a mesma dificuldade. Os apóstolos reagiram como **qual" quer grupo de indivíduos modernos — alguns acreditaram no que viram,** *W* **outros, não. Vemos também nessa passagem um estímulo à paciência. Todos os apóstolos se tornaram grandes líderes da igreja, mas alguns tiveram n^s dificuldades para crer que outros.**

,[9]David Atkinson, ***The message of Genesis 1-11*** (Inter Varsity, 1990), p. 31.

jsj$_0$ entanto, o aspecto mais esclarecedor do texto é o que ele diz a respeito do propósito dos milagres bíblicos. Eles não apenas levam à fé cognitiva, mas mbém, principalmente, ao *louvor,* **ao espanto e à admiração. Os milagres je Jesus, em especial, nunca foram truques de mágica que serviam apenas para impressionar e coagir. Nunca vemos Jesus dizer algo assim: "Estão vendo $_a$quela árvore? Vou fazê-la se incendiar!". Em vez disso, ele utilizou o poder dos milagres para curar os doentes, alimentar os famintos e ressuscitar os mortos. Por quê? Nós, indivíduos modernos, pensamos em milagres como a suspensão da ordem natural, mas Jesus queria que eles fossem a restauração da ordem natural. A Bíblia nos diz que no início Deus não pretendia criar o mundo para que houvesse doença, fome e morte. Jesus veio para redimir onde houvesse erro e curar o mundo onde houvesse tristeza. Seus milagres não são apenas provas de que ele detém poder, mas também uma maravilhosa amostra do que ele fará com esse poder. Os milagres de Jesus não são um simples desafio para nossa mente, mas também uma promessa para nosso coração de que o mundo que desejamos está a caminho.**

SETE

1

Van Harvey, por exemplo, diz que as defesas de acontecimentos miraculosos jamais **podem** ser levadas a sério pelo historiador crítico, pois esse tipo de raciocínio é uma violação **"do** que ago* chamamos de cosmovisão do senso comum". Van Harvey, *The historian and believer* **(MaanilUm** 1966), p. 68. Veja também seu ensaio "New Testament scholarship and Christian belief", in: R-Joseph Hoffman; Gerald A. Larue, orgs. *Jesus in history and myth* (Prometheus, 1986).

2

John Macquarrie, *Principles of Christian theology* (Scribner, 1977,) $_p$. 248, **apud Planting*** *Warranted Christian belief* p. 394 [edição em português no prelo: *Crença 'cristã avalizada* **(São** Pad* Vida Nova, s.d.)].

3

Veja a Message to the Pontifical Academv nf de

Ciências], de João PauloII,October22 1996 “M • eS lMensaSem à Academia Ponuâ ■ for it involves conception rf man" is concerned with question of

4

Ian Barbour, ***When science meets religion: enemies, strangers, or partners?*** (Harper, 2000) [edição em português; ***Quando a ciência encontra a religião: inimigas, estranhas ou parceiras?*** (São Paulo: u true, 2004). Barbour afirma que embora os cristãos adotem um ou outro desses modelos, o que e e c ama de m.egraçao” c o melhor. Veja capítulo 4: “Evolution and continuing creation”.

j . TiTrTL ’ Tf’ ***V›e Um>ar rcTM,uti∘n:FTMtr> interest!, and conflict in the secularization of Anuruanpubhchfe*** (Berkeley: University of California Press, 2003).

and their2;? ”^7 ° de Mister McGr«h, “Warfare: the natural **sciences**

111 de Mnev ^ ° c dT ’ 4 ***MHght ∘fa>hei,m*** (∘XfOTd University Press, 2002), e o capi-

^rdi8iOUS ∘rigins ∘f sden«»in:

1997). SrtU k«Ping the faith”, ***Nature*** (April 3,

5

Alister McGrath, ***The Dawkins delusion?*** (InterVarsity, 2007), p. 44 [edição em português: ***0 delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateísta de Richard Dawkins***, tradução de Sueli Saraiva (São Paulo: Mundo Cristão, 2007)].

6

Extraído de Stephen Jay Gould, “Impeaching a self-appointed judge”, *Scientific* ***American*** 267, n. 1 (1992), apud Alister McGrath, ***The Dawkins delusion***?, **p.** 34.

7

.....- I..... ^

Scanned by CamScanner

A Bíblia não deve ser interpretada literalmente

“Considero boa parte dos ensinamentos bíblicos historicamente imprecisos”, disse Charles, um banqueiro de investimentos. “Não sabemos com certeza se a Bíblia realmente relata o que de fato aconteceu.”

“Você tem razão, Charles”, respondeu Jaclyn, uma moça que trabalha na área financeira. “Meu maior problema com a Bíblia, porém, é o fato de ela ser culturalmente obsoleta. Grande parte de seus ensinamentos sociais (sobre as mulheres, por exemplo) é socialmente retrógrada. Por isso é impossível aceitar a Bíblia como autoridade absoluta, a exemplo do que fazem os cristãos.”

i 1960, fiz alguns

iversidade no *6sA* **da ^ diante da sabe-**

*r***UANDO eu cursava . ***** * *, literária e mCJ^^hos eram**

vjcursos sobre a Bíblia com ensinavam q^ue **nas redon-**

iâfe* » 1“ •*r*

derivados das tradições orais de ^ jesuS fora **espe**cíficas de

deras do Mediterrâneo. As ^st0 questões e n^eC^ **fon**damentas-

eemunidades de modo qne abor a JesUS> nessas ' £S otais foram

eada igreja. Os líderes cuidavam P^a q idades. Assim.^aS ‘ vo^l^umoso matem
«*• políticas e crenças de suas *com* **de ^ os Evang**elhos

^ansmitidas ao longo dos anos, so o0teciment° e imp°ss>^ve

Wlrio. Wmente,bem depoisjo ^ era a0i aconte-

0ram registrados por escrito ^ se é que

s^r até que ponto eles correspon cWntos históricos.

A

Quem foi, então, o Jesus original? Os acadêmicos cujas obras li sustentavam que o verdadeiro Jesus, o [1] Jesus histórico , havia sido um carismático mestre de justiça e sabedoria que despertou oposição e acabou executado. Após sua morte, diziam eles, surgiram entre seus seguidores várias correntes e pontos de vista sobre quem, afinal, havia sido Jesus. Alguns afirmavam que ele era divino e havia ressuscitado dos mortos; outros diziam que ele não passava de um mestre humano que continuava espiritualmente vivo no coração de seus discípulos. Depois de uma luta de poder, a corrente "do Jesus divino" venceu e produziu textos que promoviam seus pontos de vista. Seus adeptos supostamente suprimiram e destruíram todos os textos alternativos que mostravam um Jesus diferente. Nos últimos tempos, alguns desses pontos de vista alternativos e suprimidos sobre Jesus vieram a lume — como os evangelhos "gnósticos" de Tomé e de Judas. Isso mostra, segundo dizem, que o cristianismo primitivo era muito diversificado em suas crenças doutrinárias.

Se essa visão das origens e do desenvolvimento do Novo Testamento fosse verídica, nossa compreensão do conteúdo e do significado do próprio cristianismo sofreria uma mudança radical. Significaria que ninguém é capaz de saber realmente o que Jesus disse e fez e que a Bíblia não pode ser a autoridade normativa a reger nossa vida e nossas crenças. Significaria ainda que a maior parte dos ensinamentos cristãos clássicos — a divindade de Jesus, a expiação e a ressurreição — está equivocada e se baseia em lendas.

Como aluno, no início fiquei abalado. Como achar que todos aqueles famosos especialistas estavam errados? Ao longo dos anos, à medida que realizava minhas próprias pesquisas, fiquei surpreso ao descobrir que as evidências usadas para essas reconstituições históricas eram escassas. Para meu alívio, as evidências dessa visão mais antiga e mais cética da Bíblia vêm

desmoronando sistematicamente nos últimos trinta anos, apesar de receber promoção da mídia popular por meio de livros e filmes como O *código Da Vinci.*

é frágil o argumento em favor de um "Jesus histórico" meramente humano. Anne Rice ficou famosa como autora de *Entrevista com o vampiro* **e outras obras que podem ser rotuladas de "terror erótico". Criada no catolicismo, ela perdeu a fé em uma universidade secular, casou-se com um ateu e enriqueceu escrevendo romances sobre Lestat, que é, ao mesmo tempo, vampiro e astro de**

Anne Rice foi uma das pessoas que ficaram perplexas ao descobrir como

r0Ck. A *tnídii* **e 0 mun<^° Ü^te^rário se mostraram chocados quando Anne Rice ■**_*inU* **cna volta ao cristianismo.**

ajiuflCiou

Que motivo a fez voltar? No posfácio de seu último romance, *Christ the lord: out °f Egypt* **[Cristo, o Senhor: a saída do Egito], ela explica que havia** começado **sua ampla pesquisa sobre o Jesus histórico lendo o trabalho de especialistas em Jesus das mais respeitadas instituições acadêmicas. A principal tese** defendida **por eles era que os documentos bíblicos que temos não são histori**camente **confiáveis. Anne espantou-se com a fragilidade de tais argumentos.**

Alguns livros não passam de pressuposições em cima de pressuposições. [...] As conclusões baseiam-se em pouquíssimos dados e às vezes em dado algum. [...] Todo o argumento em favor de um Jesus não divino, que apareceu em Jerusalém e por algum motivo foi crucificado [...] toda essa imagem que pairava sobre os círculos liberais que freqüentei como ateia durante trinta anos não convencia. Não só não convencia, como também descobri nesse campo alguns dos piores e mais preconceituosos trabalhos acadêmicos que já li na vida".[1]

A fé cristã exige que se creia na Bíblia.[2] **Essa é uma grande pedra no sapato de muita gente. Conheci vários nova-iorquinos por ocasião da primeira visita 9^ue^ faziam à igreja Redeemer para participar do culto. O ato central de cada**

’Citado em uma resenha de ***Christ the Lord: out of Egypt,*** de George Sim Johnston, ***The Wall StTMJournal***, November 12-13,2005.

I ^or exemplo, o conhecido argumento em defesa da divindade de Cristo Mentiroso, nm-°u ^enhor?”— não funciona a menos que se possa demonstrar que Jesus realmente afiimou jj$_o$ VÍno‘ C- S. Lewis deu ao argumento sua forma clássica. “Um homem que fosse meramente um bco C ^SSesse 0 «pó de coisas que Jesus dizia não seria um grande mestre de moral. Seria um ma f °"equiparáveI àquele que declara ser um ovo cozido — ou o demônio do inferno. Voce precisa ito$_0$ rSÜ, aeSCOlha_0u e*e era (e é) o Filho de Deus, ou era um maluco ou algo ainda pior. Voce pode ° por considerá-lo um tolo ou prostrar-se a seus pés e chamá-lo Senhor e Deus. Mas nao rJm∘SCOm boba^ condescendentes dizendo que ele é um grande mestre humano. Ele não SMT CSSa °PÇâ0” ***CMrimtí»*** hvro 2, cap. 3 [edição cm português: ***Cristianisrnopuro e***

Pali, ° pr°blema desse argumento é que ele parte do princípio de que os relatos bíblicos das C ^ JCSUS Sã0 Ptedsos. Isso exige que se demonstre que a Bíblia é historicamente confiável, nJ0S de modo geral. O argumento estaria mais bem expresso assim: de duas uma: Jesus e um

r, J 0s°.Um]Uoi r , . „c w Até nue se demonstre que o retrato de Cristo

Bíblj **m uco» uma** Lenda, **ou ele e Senhor . Ate q**

'J "lo « totalmente lendário, o famoso argumento não tem força.

culto é um sermão baseado em um texto bíblico. O visitante médio se surpreende, e até mesmo fica chocado, ao nos ver atentar para a Bíblia com tamanha diligência. A maioria diria estar ciente de que existem ótimas histórias na Bíblia mas que hoje “não se pode interpretá-la *literalmentê*\ **O que querem dizer é que a Bíblia não é inteiramente confiável, pois algumas partes — talvez muitas ou a maioria — são cientificamente impossíveis, historicamente duvidosas e culturalmente retrógradas. Examinamos no capítulo anterior a primeira dessas questões, sobre a ciência e a Bíblia. Examinaremos agora as outras duas.**

“Nao se pode confiar na Bíblia de uma perspectiva ***histórica”***

Muitos são os que creem que a Bíblia é uma coletânea de lendas, historicamente não confiável. Um fórum bastante divulgado de especialistas conhecido como Seminário Jesus (The Jesus Seminar) afirma que não mais que 20% das palavras e atos de Jesus presentes na Bíblia podem ser historicamente validados.[3] Como respondemos a isso? O exame da precisão histórica de cada parte da Bíblia está fora do escopo deste livro. Assim, perguntaremos se é possível ter certeza de que os Evangelhos, os relatos do Novo Testamento sobre a vida de Jesus, são historicamente confiáveis.[4] Falo dos Evangelhos "canônicos" —

[3]0 Seminário Jesus utiliza o "crit" a j

t **" - -X segundo der^e™** a f dÍfere"Ça' "" "* * «*« a **validade** histories

" » ensinado * * «*** histérica dc uma pass*»

domi Pnmi^Va' E precis0, assim> que ela não se h ^ no->udaísmo do primeiro século nem na

d ~ d0judafemo do criaiCoT "» ° a respeito das

e que a passagem não foi criada para sus tt nt 3 ** (d
° ■*> poderemos **tercei**

t't|UeJ«"S nSo !c™ influenciado por ***XU T"^ d«"UmnK*** >- No entanto, esse critério pane *

doSe ■ S' TÇaSaÍmpr0babaidade disso cad, CgK∘Judai" «f* não teria deixado mares cio seos

"■« desnccessariam^nt1 vêm **criticando** o ri*

que ela ***7 7***a comoW ^reC∘ncdta"» **®m** relação **aos Evangelhos**-condus-22 ***1*** " 3 ' d ∘S **ensinam entos** de J esu . i*,™" abUidade da Bíblia, mas **apenas que o** rena» » d **soes** sobre quem éjesus , pai& ^ ^**lamente preciso.** Se„do asL, pL- **

Jesus e es ^ ^ * ^ma forma -p " T ^^ente, encare toda a ***BW***

Jesus, e essa era sua visão da Bíblia. ^ 1“Wo seja verídico. Accito-a porque^»’

jVÍateus,

Marcos, Lucas e João , que a igreja muito cedo reconheceu

como

itênticos

autorizados.

[3] A£riua-se com frequência que os Evangelhos do Novo Testamento foram - critos tantos anos após os acontecimentos, que os relatos sobre a vida de [csus Por seus autores não são confiáveis, foram profundamente alterados quando não totalmente inventados. IVIuitos acreditam que os Evangelhos canônicos representam apenas quatro de uma série de outros textos e foram escritos para fundamentar o poder hierárquico da igreja, enquanto os demais (incluindo os chamados evangelhos gnósticos”) acabaram omitidos. £ssa crença adquiriu nova credibilidade no imaginário popular a partir da publicação do *bestseller O código Da Vinci.* Nesse romance, o Jesus original é retratado como um mestre extraordinário, porém claramente humano, que muitos anos após a própria morte foi transformado em um Deus ressuscitado pelos líderes eclesiásticos que assim agiram para ganhar prestígio no Império Romano.[5] No entanto, existem vários bons motivos para considerar os relatos dos Evangelhos historicamente confiáveis e não meras lendas.[6]

[5]Uma resposta acadêmica porém acessível aO ***código Da Vinci*** é apresentada por Ben Witherington, ***The Gospel code*** (IVP, 2004) [edição em português: O ***fim do conflito***, tradução de Vinícius Medeiros Caldevilla (São Paulo: Landscape, 2005)]. A refutação que ele faz das premissas históricas dO ***código Da Vinci é*** arrasadora.

Existe um amplo e crescente grupo de acadêmicos de primeira linha que

defendem a credibilidade r*ca dos Evangelhos. Para uma visão mais detalhada do que a que seria possível fornecer aqui, JJ4* os seguintes livros importantes: Richard Bauckham, ***Jesus and the eyewitnesses*** (Eerdmans,) [edição em português: ***Jesus e as testemunhas oculares: os Evangelhos como testemunhos de testemunhas*** «.tradução de Paulo Ferreira Valério (São Paulo: Paulus,2011)]; N.T. ***Weight Jesus and the victory*** ^(Fortress, 1998) e ***The resurrection of the Son of God*** (Fortress, 2003) [edição em português: ***A %eh.y°do Fi/bo de Deus*** [Santo André/São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2013); C. Blomberg, bem ***5t0rUal Ability of the Gospels*** (IVP, 1987) e ***The historical reliability ofJohn's Gospel*** (IVP, 2002) (Eerd °mo ° mais Poplar e mais antigo F. F. Bruce, ***The New Testament documents: are they reliable.*** ed.e^ relançado em 2003 com prefácio de N. T. Wright) [edição em português baseada na 5. &oa mgles de 1965: ***Merece confiança o Novo Testamento?,*** 3. ed. rev. (São Paulo: Vida Nova, 2010)]. C* dlS «ticas raais céticas da Bíblia alega apoiar-se em pesquisa histórica ngorosa, mas esta ***Kill-*** influenciada P« pressuposições filosóficas (isto é, crenças alternativas) Para uma andrse 'Cr^os, veja C.StephenEvans,

< ^"Two (or More) IGnds of Scripture Scholarship^ >

^[edicã

Ção em português no prelo: ***Crença cristã***

;s,ã avalizada (Sào Paulo: Vida Nova, s.d.)].

As datas de composição dos Evangelhos são tão remotas que eles não poderiam ser lendas

Os Evangelhos canônicos foram escritos, no máximo, entre 40 e 60 anos após a morte de Jesus.[1] [2] [3] **As cartas de Paulo, escritas entre 15 e 25 anos apenas após a morte de Jesus, fornecem um esboço de todos os acontecimentos da vida de Cristo presentes nos Evangelhos — seus milagres, suas afirmações, cnicifi-cação e ressurreição. Isso significa que os relatos bíblicos da vida de Jesus** já **circulavam na época em que ainda estavam vivas centenas de testemunhas dos acontecimentos de seu ministério. O evangelista Lucas afirma que seu relato sobre a vida de Jesus baseia-se no que ouviu de testemunhas oculares que ainda estavam vivas (Lc**

1.1-4).

Richard Bauckham, em seu notável livro *Jesus and the eyewitnesses** **reúne um grande volume de provas históricas para demonstrar que, na época em que os Evangelhos foram escritos, muitas e importantes testemunhas oculares da vida e dos ensinamentos de Jesus ainda estavam vivas. Essas lembranças guardadas na memória permaneceram vivas no dia a dia das igrejas durante o tempo de vida dessas testemunhas, funcionando** como

. „tes permanentes e **avalistas da veracidade dos relatos. Bauckham também** *t0* **va le de pmvas dentro dos próprios Evangelhos para mostrar que seus ttores**dâ0 **nomeS “ fonteS no teXto› 3 fim de S**aran**tir aos leitores a auten-**

;ici dade da narrativa.

Marcos, por exemplo, diz que o homem que ajudou Jesus a carregar a cruz *3ti 0* **Calvário era “pai de Alexandre e de Rufo” (Mc 15.21). Não há motivo para o autor incluir esses nomes a menos que os leitores os conhecessem ou geles tivessem acesso. É como se ele estivesse dizendo: “Alexandre e Rufo avalizam a veracidade do que estou contando a vocês; perguntem a eles, se quiserem”. Paulo também esperava que seus leitores consultassem as testemunhas oculares caso desejassem confirmar a veracidade do que ele diz a respeito dos acontecimentos da vida de Jesus (ICo 15.1-6).[9] Paulo menciona um grupo de quinhentas testemunhas oculares que viram o Cristo ressurreto ao mesmo tempo. Ninguém escreve isso em um documento destinado à leitura pública a menos que realmente haja testemunhas ainda vivas, cujos depoimentos coincidam e sejam capazes de confirmar as palavras do autor. Tudo isso decididamente refuta a ideia de que os Evangelhos eram tradições orais anônimas, coletivas e que iam aos pouco se desenvolvendo. Em vez disso, eram, sim, histórias obtidas da boca de testemunhas oculares vivas que preservaram as palavras e os feitos de Jesus com riqueza de detalhes.**

Não eram apenas os seguidores de Jesus que continuavam vivos, mas também vários observadores, autoridades e opositores que efetivamente o °uviram ensinar, viram-no agir e assistiram à sua morte. Estes seriam os mais *nteressados em contestar quaisquer relatos inventados. Para que um

relato muit0 **aherado, fictício, de um acontecimento se sustente no imaginário Popular é preciso que as testemunhas oculares (bem como seus filhos e netos) te"ham morrido há muito tempo. É preciso que estejam fora de cena para que "a0Venhani a contradizer ou desmascarar as alterações e mentiras da historia.**

HicliardBauckham^/rjiijanit/Ar ryrwítnrwí,caps.2,3 e 6. **Além** disso, no capitulo 4, Bauckham

C a"*Se «—•» dos nomes ias **pessoas que aparecem nas histórias dos Evangelho** Efc

t; ;r refletem o lipo de nomes **de** judeus **na Palestina** antes **da** destruição **dc** Jeru. em m 70 dn „ F *J* iiideus da Diaspora apos 70

^es P0steriores fora da Palestina.

70, Mateus e Lucas, cerca do ano 80, e João, na última década do primeiro século. Isso bz se tendo em vista que eles teriam sido redigidos na cpoca em que os apóstolos e outrastei,tLl11 fll oculares estavam começando a morrer, mas muitos ainda se encontravam à disposição p'ir'l consultados (veja o que afirma Lucas em Lc 1.1-4).

[8]Edição em português: ***Jesus e as testemunhas oculares: os Evangelhos como testemunhos i nhas oculares***, tradução de Paulo Ferreira Valério (São Paulo: Paulus, 2011).

Os Evangelhos foram registrados por escrito cedo demais para que alterações dessa natureza pudessem se consolidar.

Assim, se Jesus nunca tivesse dito ou feito o que os relatos dos Evangelhos mencionam, seria impossível a nova fé se disseminar da forma como aconteceu. Paulo pôde confiantemente assegurar às autoridades do governo que os acontecimentos da vida de Jesus eram de conhecimento público: "... porque essas coisas não aconteceram em algum canto, às escondidas (At 26.26). 0 **povo de Jerusalém havia** *estado* **lá — nas multidões que ouviram e viram Jesus. Os documentos do Novo Testamento não poderiam dizer que Jesus foi crucificado se milhares de indivíduos ainda vivos poderiam ter**

confirmado ou não o fato. Se Jesus não tivesse feito suas aparições após a morte, se não houvesse um túmulo vazio, se ele não tivesse afirmado essas coisas, e esses documentos públicos declaravam que elas aconteceram, o cristianismo jamais decolaria. Esses relatos provocariam gargalhadas nos ouvintes.

Os quatro Evangelhos canônicos também foram escritos muito antes dos chamados evangelhos gnósticos. O Evangelho de Tomé, o mais conhecido dos documentos gnósticos, é uma tradução do siríaco, e os especialistas demonstraram que as tradições siríacas sobre Tomé podem ser rastreadas até uma data não anterior a 175 d.C., quando os Evangelhos canônicos já vinham sendo amplamente usados há mais de cem anos.[10] **Adam Gopnik escreveu em** *The New Yorker* **que os evangelhos gnósticos vieram tão depois, que "... não ameaçam a base da fé da igreja assim como a descoberta de um documento do século 19 escrito em Ohio em defesa do rei George não ameaçaria a base da democracia americana**".[11] **Os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, contudo, foram reconhecidos como relatos autorizados por testemunhas oculares quase imediatamente, e por isso Ireneu de Lião em 160 d.C. declarou que eles eram quatro e apenas quatro. A ideia disseminada, promovida em O** *código Da Vinci***, de que o imperador Constantino definiu o cânon do**

"Gopnik acrescenta: "Não existem novas crenças, nenhum argumento novo e, decerto, nenhuma prova nova em papiro que possa deixar em dúvida qualquer pessoa que antes não está falando do texto enóstim D -----*n***-- j .....- - - J" *H*^{e}**

'°N.T. Wright, *Simply Christian* **(Harper, 2006), p. 97 [edição em português:** *Simplesmente cristão* **(Viçosa: Ultimato, 2008)].**

nennuma $_{F}$iwv«

v... $_{F}$a$_{F}$nu que **possa cleixar em dúvida qualquer pessoa que** antes i

duvidasse". Ele esta falando do texto gnóstico O *Evangelho de Judas.* **Veja "Jesus laughed",** *New Yorker***, April 17,2006.**

]\j$_{0}$vo Testamento, deixando **de lado** os evangelhos gnósticos, mais antigos **e**

p0Stamente mais autênticos, não é verdadeira.[12]

S Quanto a *0 código Da Vinci,* **todos sabem que a trama do livro e do filme** é **fíctíciaj mas muitos consideram plausível o cenário histórico que o autor, Dan** Brown, **afirma ser verídico. O livro mostra Constantino em 325 d.C. decretan**do **a divindade de Jesus e suprimindo todas as provas de que ele era apenas um mestre humano. No entanto, mesmo em um documento como a Epístola de** Paulo **aos Filipenses, que todos os historiadores garantem não datar de mais de vinte anos após a morte de Cristo, vemos que os cristãos adoravam Jesus** como **Deus (Fp 2), A crença na divindade de Cristo fez parte desde o início da dinâmica do crescimento da igreja primitiva. Um historiador comenta:**

[Dan Brown diz] que o imperador Constantino impôs uma interpretação totalmente nova do cristianismo no Concilio de Niceia em 325, ou seja, decretou a crença na divindade de Jesus e omitiu todas as provas de sua humanidade. Isso significaria que o cristianismo venceu a competição religiosa no Império Romano por meio do exercício de poder e não pela atração que exercia. O fato histórico é que a igreja venceu tal competição muito antes dessa época, antes que detivesse qualquer poder, quando ainda sofria perseguições esporádicas. Um historiador cínico diria que Constantino escolheu o cristianismo porque este já havia vencido, e o imperador queria apoiar um vencedor.[13]

9 C°nteúdo é tao contraproducente que os Var*gelhos nao poderiam ser lendas \j

A teoria hoje em vigor para muita gente diz que os Evangelhos foram escritos Pelos hderes da igreja primitiva a fim de promover suas políticas, consolidar *U Poder e fortalecer seu movimento. Essa teoria em nada é compatível com ^ efctivarnente encontramos nos Evangelhos.

\ ***ca*** Cja mais detalhes sobre a formação do cânon do Novo Testamento em Bni« M. Metzger, breve *"* °***f the Hew Testament: its origin, development, and significance*** (Oxford, 1987). eja uma V, ***7***^ do aSSUnt0 em David G. Dunbar, “The biblical canon”, m: D. Carson, J. Woodbn ge,

UC ***T"** aut**h°rity, and canon*** (Zondervan, 1986).

d°hn Sommerville, ***The decline of the secular university***, p. 105-6.

Se essa visão popular estivesse correta, veríamos Jesus, em vários trechos dos Evangelhos, tomando partido nos debates que aconteciam na igreja.

Dessa maneira (argumenta-se), os Evangelhos foram moldados pelos líderes cristãos para apoiar seu partido. No entanto, não é isso que vemos. Sabemos, por exemplo, que uma das grandes controvérsias na igreja primitiva opunha os que achavam que os cristãos gentios deviam ser obrigados a passar pela circuncisão e os que achavam que a circuncisão não era necessária. Em face de um conflito dessa grandeza, é curioso que em nenhum lugar nos relatos dos Evangelhos encontramos Jesus dizendo o que quer que seja a respeito da circuncisão. A razão mais provável de seu silêncio é que a igreja primitiva *não* se sentia à vontade para inventar coisas e pôr na boca de Jesus palavras que ele jamais pronunciou.

s * ***s***

' Por que teriam os líderes do movimento cristão primitivo inventado a história da crucificação se ela não tivesse ocorrido? Quem quer que ouvisse a mensagem do Evangelho, fosse da cultura grega, fosse da judaica, desconfiaria automaticamente de que o crucificado era culpado de crime, ainda que lhe dissessem o contrário. Por que um cristão inventaria um relato em que Jesus, no jardim do Getsêmani, pede a Deus que o dispense de sua missão?

Ou por que inventaria uma estória em que, na cruz, Jesus pergunta a Deus por que este o abandonou? Essas coisas só haveriam de ofender ou confundir profundamente os candidatos à conversão no primeiro século, que concluiriam que Jesus era um fraco e infiel ao seu Deus. Por que inventar que as mulheres foram as primeiras testemunhas da ressurreição em uma sociedade em que elas eram tão inferiorizadas, que os tribunais não admitiam seus depoimentos?[4] Faria mais sentido (se você fosse inventar a história) contar com o testemunho de homens influentes da comunidade quando Jesus saísse do túmulo. O único motivo plausível para a inclusão de todos esses incidentes é eles terem de fato ocorrido.

Além disso, por que retratar constantemente os apóstolos — futuros **líderes da igreja primitiva como mesquinhos e invejosos, pouco inteligentes e no**

final, como covardes, que ativa ou passivamente faltaram ao Mestre? Richard Bauckham apresenta argumentos semelhantes referindo-se à negação

de Jesus por parte de Pedro, que chegou ao ponto de amaldiçoar o Mestre

(Mc I4,71)' Por qUC a, Suem nos Primeiros tempos da igreja haveria de querer **ressaltar os terríveis fracassos de seu líder mais importante? Ninguém inventaria uma história assim e, embora seja verdade, Bauckham deduz que ninguém além do próprio Pedro ousaria contá-la, a menos que ele mesmo fosse a fonte e tivesse autorizado a preservação e a propagação de seu relato**.[15]

Mais uma vez, uma comparação com os "evangelhos gnósticos" é esclarecedora. **O Evangelho de Tomé e documentos semelhantes expressam uma** filosofia **chamada gnosticismo , segundo a qual o mundo físico é um lugar** sombrio, **mau, do qual nosso espírito precisa ser resgatado pela iluminação se**creta ou **"gnosis". Isso se encaixa muito bem na cosmovisão de gregos e romanos, mas é absolutamente distinto da visão de mundo do judaísmo do primeiro século, do qual fazia parte Jesus**.[16] **Portanto, ao contrário de d O** *código Da Vinci* e de **relatos afins, não foram os Evangelhos canônicos que "bajularam" o "poder instituído" no mundo antigo, mas, sim, os textos gnósticos. Os Evangelhos canônicos, com uma visão positiva da criação material e ênfase nos pobres e oprimidos, é que ofendiam a visão dominante no mundo greco-romano. Os Evangelhos canônicos não só nos apresentam uma imagem do Jesus original historicamente muito mais digna de crédito, mas também encerram um corajoso desafio à cosmovisão de seus leitores gregos e romanos. 'f**

0 genero literário dos Evangelhos é tão detalhado íUe eles não poderiam ser lendas

ob

C> S* Lewis foi um crítico literário de renome mundial. Ao ler os Evangelhos,

servou:

Tenho lido poemas, romances, literatura visionária, lendas e mitos a vida Sei como são. Sei que nenhum desses gêneros é assim. E.xistcm apenas uas Vis5« possíveis com relação a este texto (do Evangelho): **ou se trata de uma repP °«age$_{m}$, ou algum escritor [antigo] desconhecido [...] sem antecessores nem 5 6**

sucessores conhecidos, de repente antecipou toda a técnica da moderna narrativa novelesca, realista...[17]

Lewis quis dizer que a ficção antiga em nada se parece com a ficção moderna. A ficção moderna é realista. Contém detalhes e diálogos e passa a sensação de um relato feito por uma testemunha ocular. Esse gênero de ficção, porém, desenvolveu-se há menos de trezentos anos. Na época antiga, romances, épicos ou lendas eram intangíveis e remotos — havia escassez de detalhes, incluídos apenas se promovessem a evolução da personagem ou conduzissem a trama. É por isso que quando lemos *Beowulf* **ou** *A iltada* **não vemos as personagens se dando conta da chuva ou adormecendo com um suspiro. Nos romances modernos, os autores acrescentam detalhes a fim de criar uma aura de realismo, mas isso jamais acontecia na ficção antiga.**

Os relatos dos Evangelhos não são ficção. Em Marcos 4, descobrimos que Jesus adormeceu sobre uma almofada na popa de um barco. Em João 21, tomamos conhecimento de que Pedro estava no mar, a 200 côvados da praia, quando viu Jesus na areia; ele então pulou do barco. A passagem ainda relata **que, juntos, os discípulos pescaram 153 peixes. Em João** 8, **enquanto escutava os homens que haviam flagrado uma mulher na prática de adultério, descobrimos que Jesus escrevia no chão com o dedo. Não sabemos o que ele estava escrevendo nem o porquê desse ato. Nenhum desses detalhes é relevante para a trama ou para o desenvolvimento das personagens. Se inventássemos hoje uma história emocionante sobre Jesus, faríamos menção desses elementos para dar ao** relato **um tom de realismo, o que pressupõe a existência de um gênero desconhecido no século primeiro. A única explicação para um escritor antigo mencionar uma almofada, 153 peixes e alguém escrevendo com o dedo no chão é que °s detalhes ficaram guardados na memória das testemunhas oculares.**

Richard Bauckham compilou muitas pesquisas realizadas por psicólog°s sobre as características da memória recordativa. Ele observa as características de relatos testemunhais de acontecimentos e como estes

diferem de relatos especulativos ou fictícios, bem como de reconstituições históricas. A «ie' mória recordativa e seletiva, concentra-se em acontecimentos individuais e

17C_S_LCWÍS, edi^ Walter Hooper (Eerdmans, 1967), p. 1*

consequences, preserva detaüies rrrelevantes (conforme observa Lewis), parte do ponto de vista privilegiado de um participante e não da perspectiva do narrador onisciente e apresenta sinais de freqüente recapitulação.'8 Bauckham effl seguida, aponta essas mesmas características nas narrativas dos Evangelhos ’ Acontecimentos vibrantes e importantes podem ficar em nossa lembrança durante décadas se forem recapitulados e/ou narrados vez após vez. Acrescente o fato de que, no mundo antigo, esperava-se que os discípulos memorizassem ensinamentos dos mestres e que muitas declarações de Jesus são apresentadas de uma forma que, de fato, destina-se a ser memorizada, e você terá todas as razões para confiar nesses relatos.

Bauckham também buscou na antropologia provas de que os autores dos Evangelhos não se sentiriam à vontade para modificar ou inventar palavras ou acontecimentos na vida de Jesus. Acadêmicos críticos do início do século 20 concluíram que os primeiros cristãos utilizaram um processo relativamente flexível para transmitir histórias populares baseadas em tradições orais e que se sentiram à vontade para modificá-las a fim de ajustá-las à realidade e situação correntes. Bauckham, contudo, cita o estudo de Jan Vansina sobre tradições orais nas culturas africanas primitivas, segundo o qual as lendas e os relatos históricos se distinguem claramente entre si e observa-se um cuidado muito maior na preservação precisa dos relatos históricos. Tal descoberta derruba Cem anos de crítica acadêmica aos Evangelhos.

Acadêmicos especializados nos Evangelhos, **com início** nos **críticos** da **forma, ['** ditavam] **que os primeiros cristãos, ao transmitir** a **tradição** de Jesus, **não** faziam **dis-«nção alguma** entre **o passado da** história de Jesus e o tempo presente deles mesmos,

Pois as sociedades orais não fazem distinções desse tipo. Isso nao e ver a t.

v N° momento em que escrevo, assistimos a uma enxurrada a»^M B-ma, da

revistaV chama de “revisionismo b^na-ema de

Brown e dO *código Da Vinci.* **Ele se refere as team e g**

de Jesus foi encontrado e de que ele ^ ^

teve filhos. Outros especialistas escreveram hvros . g

bauckham, ***Eyewitnesses,*** p. 324-46.

lbid-,p.273.

A

semelhantes com base nos evangelhos gnósticos. Muita coisa, sem dúvida ainda vem por aí. Van Biema cita a editora chefe de religião da *Publishers Weekly***, Lynn Garrett, que fala do que ela rotula de “efeito *código Da Vinci*” Ela diz: “Livros especulativos sobre o assunto já circulavam antes de Dan Brown escrever o dele, mas não chegavam às listas dos mais vendidos, e seus autores não compareciam a programas de televisão”.[20]**

Todas essas histórias revisionistas ignoram por completo o número cada vez maior de especialistas meticulosos que demonstram que muitas testemunhas oculares da vida de Jesus continuaram vivas durante muitos anos. Conforme observou o acadêmico britânico Vincent Taylor, se os céticos em relação à Bíblia estiverem certos, “os discípulos devem ter sido arrebatados

[20]David Van Biema, “Rewriting the Gospels”, *Time,* March 7,2007.

[2']Vincent Taylor, *The formation of the Gospel tradition,!,* ed. (Macmillan, 1935), p. 41. Também citado e comentado em Bauckham, p. 7.

[22]Em seu livro, Bauckham conclama os especialistas em Novo Testamento a romper de urn a vez por todas com a antiga abordagem extremamente cética da Bíblia chamada crítica da **forma,** vinculada

ao céu imediatamente após a ressurreição”.[21] Somente assim os elementos lendários poderiam ser incorporados à história de Jesus na época em que

os Evangelhos foram escritos, mas isso por certo não ocorreu. Assim, por ironia, enquanto a mídia popular promove relatos da vida de Jesus baseados numa avaliação altamente cética de especialistas em Bíblia surgida um século atrás, os verdadeiros alicerces de tal avaliação vêm sendo rapidamente solapados.[22]

sobretudo a Rudolph Bultmann. Se isso virá a acontecer logo ou não é questão de opinião, mas livros de autores como Bauckham e Wright estão abrindo as portas para muitos jovens acadêmicos mais receptivos às evidências de que a Bíblia é confiável. Para um relato interessante sobre as origens históricas da crítica cética da Bíblia, veja Hans Frei, *The eclipse of biblical narrative* (New Haven: Yale Universit) Press, 1974). Para uma introdução a respeito de como o academicismo recente vem duvidando da h's' toricidade dos Evangelhos bem menos que o academicismo mais antigo, veja Craig Blomberg, V\ here do we start studying Jesus?'', in: M J. Wilkins; J. P. Moreland, *oJesus underfire: modem* ***schohvdfi*** *reinvents the historicalJesus* (Zondervan, 1995). O melhor relato do academicismo recente sobre T[11]' se encontra em Ben Witherington, *The Jesus rpiest, 2.* cd. (InterVarsity, 1997). Um exemplo interessante de como a academia está demonstrando maior respeito pela Bíblia é John P. Meier, autor da volumosa trilogia *A marginal Jew: rethinking the historical Jesus.* Ele é um acadêmico moderado, de centro, rejeita alguns textos bíblicos por considerá-los historicamente duvidosos. No entanto, faz uma cr[1]»" arrasadora do ceticismo antigo e mostra que todas as linhas básicas da visão tradicional acerca ‘ pahvras e feitos de Jesus apresentam credibilidade com base em meticulosa pesquisa histórica.

“Não se pode confiar na Bíblia **de uma perspectiva *cultural”***

Quando **me mudei para Nova York, há quase vinte anos, o principal problema que os indivíduos viam na Bíblia residia nas áreas que acabamos de discutir - ciência e historia. Hoje, de certa maneira, isso mudou. Agora encontro mais pessoas especialmente incomodadas com aquilo que chamam de ensinamentos bíblicos retrógrados, que parecem apoiar a escravidão e a submissão das mulheres. Essas posturas soam tão infames aos cidadãos contemporâneos, que eles encontram dificuldade para aceitar qualquer outra parte da mensagem bíblica.**

Nos primeiros dias da igreja Redeemer, passei um bom tempo com gente que estava lendo a Bíblia pela primeira vez. O resultado é que eu sempre me

via respondendo às dúvidas de quem se engasgava com um versículo especialmente indigesto. Lembro-me de um jovem artista, vestido de preto, que me procurou após um culto. Ele tinha acabado de descobrir o versículo "escravos, obedecei a vossos senhores" (Ef 6.5) e estava enfurecido. Meu conselho para ele e para outros sobre como lidar com um texto das Escrituras que lhes parecesse ofensivo ou contrário às suas convicções foi o seguinte:

Muita gente foge automaticamente de qualquer ponderação sobre a Bíblia depois de encontrar uma passagem bíblica desse tipo. Aconselho-os, em vez disso, a ir com calma e examinar várias perspectivas diferentes quanto * 9uestão que os incomoda. Assim, vocês serão capazes de ler, aprende e Usufruir da BíbHa ainda que continuem a se debater com alguns de

o leitor

óculos 18 e 19 ou no tráfico de es^ ^tor pensa

^tos lugares atualmente. desejáve^

escravidão é permissível, ate mes

A

^ situe , .P _____ Llsrnrico. Tomemos como exemplo o

E,* í um «. * H» * mmhudm»» <>■ ■*«

„ *JZ* **,« .6,. o •«... l.»«~ *><“> “W”1 N" '"f™**

do primeiro século, quando o Novo Testamento foi escrito, não havia **grande diferença entre os escravos e a média dos indivíduos livres. Os escravos não se diferenciavam dos demais por raça, maneira de falar ou roupas.** Tinham a **aparência e a vida da maioria dos outros indivíduos e não eram em absoluto segregados do restante da sociedade. Sob o ponto de vista financeiro, os escravos recebiam os mesmos salários dos trabalhadores livres e, por isso, não costumavam ser pobres. Além disso, os escravos podiam juntar capital pessoal suficiente para comprar a própria liberdade.**

Mais importante ainda era o fato de que poucos escravos viviam para sempre na escravidão. A maioria podia nutrir uma esperança razoável de adquirir a liberdade depois de dez ou quinze anos ou, no máximo, próximo aos quarenta anos de idade.[23]

e sistematicamente muito mais cruel. Nela o escravo era uma "coisa" que pertencia totalmente ao senhor — podia ser estuprado (fosse homem ou mulher), **aleijado ou morto ao bel-prazer do dono. Na antiga servidão contratual, apenas a produtividade dos escravos — seu tempo e suas habilidades — pertencia temporariamente ao senhor. A escravidão africana, porém, baseava-se na raça e norm mente era perpétua. Também vale a pena recordar que o comércio e escravos a ncanos começou e prosseguiu por meio de sequestros. A Bíblia**

lncondici○TM] o seqüestro e o tráfico de escravos (lTm l.MU ct. L>t *M.7).* **Assim, embora os primeiros cristãos não levantassem bandeiras**

Em termos comparativos, a escravidão no Novo Mundo foi homogênea

nvp 19W1M aTm vlm8, *S[“Ve* *°f* ***Christ: “*** *Ne metaphor for total devotion to Chr<s‘*

416 7 “O ’ ***T*** 'amr AndrcW ^***nm\n,***Word Bible Commentary, 19» P416-7: Os let,ores modernos [da Biblia] precisam se libertar de uma série de **pressupostos** sobre .

escravidão do prtmetro século incluindo os pressupostos de que havia uma grande diferença «-*

a condtçao de escravo e de cdadão livre [...] e que todos os que se encontravam escraviaados «r tavam se libertar desse grilhão. r *]* **„ i u^meoi**

„. L J MaVIa um “"P'o espectro de condições entre escravo e 1»"“'.

üvre tanto na sociedade romana quanto na frrpan Pio , , direito[1]

. na grc6a- escravos de senhores gregos tinham dire1[ü

em pro! da completa abolição da escravatura no primeiro século, isso foi feito

pelos cristãos que vieram depois, quando depararam com o estilo de escravidão do Novo Mundo, que não podia de forma alguma ser conciliado com os

ensinamentos bíblicos.[24]

Alguns textos talvez não ensinem o que, à primeira vista, parecem ensinar. No entanto, existem pessoas que, depois de estudar com cuidado determinados textos bíblicos e conseguir entender o que eles ensinam, *continuam* **a achá-los ultrajantes c retrógrados. O que, então, elas deveriam fazer?**

Insisto para que vejam que a oposição que elas fazem a alguns textos pode decorrer de uma crença irrcfletida na superioridade do momento histórico em que vivem em relação a todos os outros. Não devemos universalizar nossa época assim como não devemos universalizar nossa cultura. Pensemos na implicação do termo "retrógrado". Rejeitar a Bíblia como retrógrada é partir do princípio de que chegamos ao momento histórico decisivo que serve de referência para detectar tudo o que é retrógrado e tudo o que é progressista. É claro que essa crença é ignorante e exclusivista, tanto quanto as idéias da Bíblia que a pessoa considera ofensivas.

Imaginemos a visão do cidadão britânico contemporâneo e como ela difere da visão de seus ancestrais, os anglo-saxões, de mil anos atrás. Suponhamos que ambos estejam lendo a Bíblia e deparem com o Evangelho de Marcos, capítulo 14. Primeiramente, os dois leem que Jesus afirma ser o Filho do homem que virá com os anjos no final dos tempos para julgar toda a humanidade conforme sua justiça (v. 62). Em seguida, leem que Pedro, o líder dos apóstolos, nega o Mestre três vezes e chega a amaldiçoá-lo para salvar a própria pele (v. 71). No entanto, Pedro depois é perdoado, e sua liderança, restaurada

24" T

"Embora seja comum negí-lo, as doutrinas antiescravagistas começaram a aparecer na teologia cristã logo após o declínio de Roma, acompanhadas pelo desaparecimento da escravidão quase toda a Europa cristã. Quando posteriormente instituíram a escravidão no Novo Mundo,

« «tropeus **foram de encontro à veemente oposição papal, fato que, por convemenaa, sumiu**

Ha u:„.. . 1 * a nKnlirãn da escravatura no Novo Mundo toi

historia até pouco tempo atrás. Finalmente, a . Ç‘ ,

n_{rnm}. .j . . _ r 1 Nn mssado, a escravidão era quase universal em

Promovida e conquistada por ativistas cristãos. L-J P$^{assaüü>d}$.

‘«bs as sociedades capazes de suste»,ã-U, e apenas no Ocidente levantou-se uma oposição moral ‘fportante que acabou levando à abolição” (Rodney Stark, *For the glory of* ***God,*****Princeton University**

$^{p}fes_{s}$,2004, p.291).

(Mc 16.7; Jo 21.l5ss.). A primeira história faria o ctdadao bntanio) contemporâneo estremecer: parece ser muito arbitrária e discriminatória. Entretanto, ele adoraria a passagem em que até mesmo Pedro pode ser perdoado e reintegrado a seu posto. A primeira história não perturbaria em nada os anglo--saxões, que sabem tudo a respeito do Juízo Final e gostariam de obter mais informações sobre ele! No entanto, a segunda situação os deixaria chocados. Em sua visão, deslealdade e traição como as praticadas por Pedro jamais podem ser perdoadas. Pedro não merece viver, muito menos tornar-se o líder dos discípulos.**Tamanho desapontamento provavelmente os levaria a deixara**

Bíblia de lado e nunca mais voltar a lê-la.

Naturalmente achamos que os anglo-saxões eram primitivos, mas um dia outros acharão o mesmo de nós e dos conceitos dominantes de nossa cultura. Como, então, podemos usar como parâmetro a referência atual sobre o que é “progressivo” para decidir quais partes da Bíblia são válidas e quais não são? Muitas crenças de nossas avós e bisavós parecem hoje tolas e chegam a nos envergonhar. Esse processo não parará agora. Nossos netos também rotularão de ultrapassadas várias noções que temos. Não seria trágico descartar a Bíblia com base em uma crença que logo parecerá frágil ou equivocada? Manter-se longe do cristianismo porque parte dos

ensinamentos bíblicos lhe parece ofensiva é uma postura que pressupõe que, se Deus existe, ele não pode ter nenhuma visão que incomode você. Será que isso faz sentido?

Tenho mais um pequeno conselho para quem resiste a alguns ensinamentos bíblicos. Devemos ter certeza de que sabemos distinguir entre os principais temas e mensagens da Bíblia e seus ensinamentos menos essenciais. A Bíblia fala da pessoa e da obra de Cristo e também ensina como as viúvas devem ser tratadas na igreja. O primeiro tema é muito mais fundamental. Em sua ausência, os ensinamentos secundários não fazem sentido. Por isso, temos de encarar os ensinamentos bíblicos na ordem correta.

Tomemos como exemplo um assunto que está na moda. Se você diz "Não

posso acenar o que . Bíblia afirma sobre os papéis masculino e feminino".

procure se lembrar de que os próprios cristãos divergem quanto ao signified de alguns textos, como também diveme™ . . **1 6** **„**

todos nrofesssns , S em em var'as outras coisas. No entanto,

todos professam com as palavras do Credo Apostólico nue Tesus ressurgidos mortos ao terceiro dia. Não deixe i **q J** *M*

q algo como o papel do homem *c*

..iulher o incomode enquanto você não decidir o que pensa sobre **men»s** centrais da fe.

m

os ensina-

Talvez voce retruque: Mas não posso aceitar a Bíblia se o que ela diz a respeito dos sexos está ultrapassado". Eu responderia com esta pergunta: "E por não gostar do que a Bíblia diz a respeito dos papéis de homem e mulher você nega que Jesus ressuscitou dos mortos?". Garanto que você não teimaria em uma conclusão tão desprovida de lógica. Se Jesus é o Filho de Deus, precisamos levar a sério seus ensinamentos, incluindo a confiança que ele depositava na Bíblia

como um todo. Se ele não é quem afirma, por que iríamos nos importar com o que a Bíblia diz a respeito do qualquer outro assunto?

Veja o seguinte raciocínio: se você mergulhar na parte rasa da piscina bíblica, onde existem muitas controvérsias em torno de questões de interpretação, talvez se machuque. Se, porém, mergulhar no centro da piscina bíblica, onde existe consenso — sobre a divindade de Cristo, sua morte e ressurreição —, voce sairá ileso. Por isso é importante levar em conta as afirmações essenciais da Bíblia sobre quem é Jesus e se ele ressuscitou ou não dos mortos, antes de rejeitá-la com base em seus ensinamentos menos essenciais e mais polêmicos.

Uma Bíblia confiável ou um Deus de Stepford?

permitirmos que nossas crenças irrefletidas sabotem nossa confiança na bíblia, o preço poderá ser mais alto do que imaginamos.

você não confia na Bíblia o bastante para deixá-la desafiar e corrigir Ua Janeira de pensar, como poderá um dia ter um relacionamento *pessoal* c°m Deus? Em qualquer relacionamento verdadeiro, um precisa ser capaz ^ pensar diferente do outro. Por exemplo, se uma esposa não puder pensar 1 ere nte do marido, a relação entre os dois nunca será de ‘n„m,dade J◦Ce

Se lembra dos (dois!) filmes “As Esposas de Stepford”? Em «ma cdadezmlu t j *transformar as esposas em

%ÔS na chamada Stepford, os homens deci ■ as dc Stepford

er am,?“?jamais contrariam a vontade dos man ^ assim como

Um ndas e ^edientes, mas ninguém descrever *

3 Q laÇão pessoal ou de intimidade. da fiíblia tudo 0 que

◦fende ra, ◦ qUC SCrá qUe aC◦nteCe qUan Intade> Se escolher aquilo em que de Süa sensibilidade ou contraria sua vont •

deseja crer e rejeitar o restante, como será possível ter um Deus que venha a

contradizer você? Não será possível! Você acabará com um Deus de Stepford, basicamente um Deus criado por você e não um Deus com quem você possa se relacionar e interagir verdadeiramente. Somente se o seu Deus puder dizer coisas que o façam se sentir ultrajado e obrigado a lutar (como em um casamento ou amizade de verdade!) você saberá que tem um Deus real e não algo que sua imaginação criou. Por isso, uma Bíblia inquestionável não é inimiga de um relacionamento pessoal com Deus, mas um pré-requisito para ele.

Intermissão

Vinde e raciocinemos.

Isaías 1.18

Intermissão significa, literalmente, encontrar-se entre jornadas ou missões. É onde nos encontramos agora. Todas as objeções ao cristianismo ocultam crenças alternativas, pressupostos inverificáveis sobre a natureza das coisas. Até agora examinei as crenças subjacentes às seis maiores objeções ou dúvidas que os indivíduos de nossa cultura nutrem quanto à fé cristã. Respeito boa parte do raciocínio que as embasa, mas, no final, creio que nenhuma delas torna a verdade do cristianismo impossível ou mesmo improvável. No entanto, temos outra jornada a empreender. Uma coisa é argumentar que não existem motivos suficientes para desacreditar o cristianismo, outra é argumentar que existem motivos suficientes para *acreditar* nele. E o que farei na última parte deste livro.

“Espere”, alguém poderia dizer. “Você vai nos dar fundamentos suficientes para acreditar no cristianismo? Qual é a sua definição de cristianismo? E como você define suficiente’?”. Examinemos essas perguntas pela ordem.

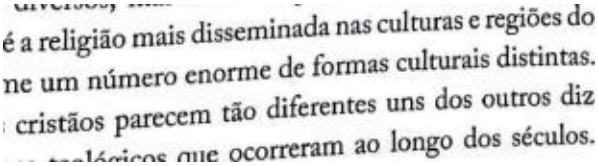
Qual cristianismo?

rristas podem p[a]

as várias igrejas e quase religiões dife:

jas e tradições cristãs podem parecer extremamente > diferentes. *Isso* ocorre, em

parte, pelo fato de *os cultos* -$_{e}$ mas também porque, como eu disse no


é a religião mais disseminada nas culturas e regiões do
ne um número enorme de formas culturais distintas.
cristãos parecem tão diferentes uns dos outros diz
tológicos que ocorreram ao longo dos séculos.

**De fora, as várias igrejas e tra iÇO^{e} ^ $_{em}$ parte, **

distintas, quase religiões diferentes, sso’^{0} $_{m\ porque;}$

públicos serem bastante '■'"'"arcn '

capítulo 3,o cristianismo

mundo. Por isso, ele assui

Dutra razão pela qual os

^{re}speito aos grandes cismas icoiug

A primeira grande divisão se deu entre a igreja grega onental e a igreja ro$_{mana}$ ocidental no século 11. Hoje, elas são conhec.das como igrejas ortodoxa oriental e católica romana. O segundo grande cisma ocorreu dentro da i$_{grejl}$ ocidental, entre o catolicismo romano e o protestantismo.

Todos os cristãos que levam a sério a verdade e a doutrina concordarão que tais diferenças entre as igrejas são altamente relevantes. Elas criam uma diferença de peso na forma como alguém adota e pratica uma religião. Não obstante, todos os cristãos ortodoxos, católicos e protestantes, professam os grandes credos dos primeiros mil anos da história eclesiástica, como o Credo Apostólico, o Credo Niceno, o Credo Calcedoniano e o Credo Atanasiano. Esses credos apresentam a visão cristã fundamental da realidade. Eles registram expressões clássicas da compreensão cristã de Deus como três em um. A crença na Trindade cria uma visão profundamente diversa do mundo se comparada à visão de politeístas, monoteístas não trinitários e ateus, como mostrarei no capítulo 13. Também

nesses credos há uma forte afirmação da divindade e da humanidade plenas de Jesus Cristo. Os cristãos, assim, não encaram Jesus como mais um mestre ou profeta, mas como salvador do mundo. Esses ensinamentos tornam os cristãos muito mais parecidos do que diferentes.

O que é cristianismo? Para nossos fins, definirei cristianismo como o corpo de crentes que professam esses grandes credos ecumênicos. Eles creem que o Deus trino criou o mundo; que a humanidade caiu em pecado e no mal, que Deus voltou para nos resgatar na pessoa de Jesus Cristo que, por sua morte e ressurreição, efetuou nossa salvação de modo que possamos ser recebid°s pela graça; que ele fundou a igreja, seu povo, como veículo por meio do qual da prosseguimento à sua missão de resgate, reconciliação e salvação; e que, n° final dos tempos Jesus voltará para renovar os céus e a terra, eliminando *do* **mundo todo mal, a injustiça, o pecado e a morte.**

Todos os cristãos acreditam em tudo isso, mas nenhum cristão acredi» apenas nisso. Basta você perguntar: "Como a igreja atua na condição de veículo da obra de Jesus no mundo?", "Como a morte de Jesus efetuou nossa salvação?"

e e ^:::rn b,dos pek graça?»,para ^ c 0S, ortodoxos

p stan es lhe deem respostas distintas. Apesar de muitos afirmarem o

contrario, nao existem cristãos "genéricos" o^n ,

g nericos genuínos, sem denominação. don°

1

Hoje praticamente todos os historiadores concordam quanto a esses dados. No século 18 e

2

começo do 19, os acadêmicos na Europa foram profundamente influenciados pelo racionalismo do Iluminismo e, portanto, encaravam os textos bíblicos a partir da premissa de que os elementos miraculosos nos Evangelhos haviam sido acrescentados muito mais tarde aos relatos origina "verídicos". Como sabiam que relatos lendários de acontecimentos históricos eram formulado»

3

*** • j**

4

No capítulo 12 daremos mais atenção a esse elemento das narrativas dos Evangelhos.

Scanned by CamScanner

5

B i

6

V\/ˡ'C∧larn' ***fy****ew'ínesses* > P-170-8. **'§ht, *Simply Christian,* p. 97.**

r

precisam **responder a essas perguntas para que vivn™ • j .**

respostas imediatamente os **encaixam em uma ou out V C -◦daS 65535**

É importante que os leitores entendam isso Def Z **en◦mmaçãa**

do cristianismo em geral, não de determinada correMe^efe'aÍIT ‘*7***-^**
presbiterianos *atentos perceberão que* **me calo snK i ’ ^JgUnS lcitores**

cristãos. No entanto, quando chegar a hora d d presentur todos os

, , , *H* egar a hora de descrever o evangelho cristão

do pecado e da graça, necessariamente o farei como cristão protestante „ão

assumirei *tons* **que um autor católico assumiria.**

Que racionalidade?

Quero mostrar que existem motivos suficientes para acreditar no cristianismo. Nos dias atuais, incrédulos de renome — Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens — insistem que não há motivos suficientes para a existência de Deus. Dawkins, por exemplo, diz que a afirmação da existência de Deus é uma hipótese científica que deveria estar aberta à comprovação racional.[1] Ele e seus colegas céticos querem um argumento lógico ou empírico em favor da existência de Deus que seja à prova de tudo e, por isso, convença quase todo mundo. Não crerão em Deus enquanto não encontrarem tal argumento.

Há algo de errado nisso? Creio que sim. Esses autores avaliam os argumentos cristãos com base no que alguns chamaram de “racionalismo forte .[2] Seus defensores estabeleceram o que se convencionou chamar de princípio de verificação”, ou seja, ninguém deve acreditar em uma proposta a menos que [ela] possa ser provada racionalmente pela lógica ou empiricamente pela expe-*icia dos sentidos.[3] Que sentido é atribuído à palavra “provada”? Prova, nesse [cont]«to, é um argumento tão forte que

ninguém cujas faculdades mentais

""“ficientes". O texto mais conhecido de A- >■

estejam funcionando direito tenha motivo para desacreditar. Ateus e agnó$_{s}$„ ticos demandam esse tipo de “prova para Deus, mas não são os únicos a se apegar ao racionalismo forte. Muitos cristãos afirmam que seus argumentos em favor da fé são tão fortes que todos aqueles que os rejeitam estão fechando

a mente à verdade por medo ou obstinação.[4]

A despeito de todos os livros conclamando os cristãos a produzirem pm-

vas para suas crenças, você não verá filósofos fazendo isso, nem os mais ateus A grande maioria considera praticamente impossível defender o racionalismo forte.[5] Para começar, ele não satisfaz suas próprias expectativas. Como provar empiricamente que ninguém deve acreditar em algo que não possa ser empiricamente comprovado? Não é possível, e isso acaba se revelando uma crença.[1] [2] [3] [4] O racionalismo forte também pressupõe que seja possível alcançar “a perspectiva neutra”, uma posição de objetividade quase completa, mas praticamente todos os filósofos hoje admitem que isso é impossível. Chegamos a nossas conclusões individuais trazendo na bagagem todo tipo de experiências e crenças que influenciam profundamente nossa forma de pensar e a maneira como se processa nosso raciocínio. Não é justo, assim, impor um argumento ao qual todos os seres racionais tenham de se render.

[4]**Veja** exemplos em Reppert. _ p$_{reSS)}$

[5]Em ***Whose justice? Which rationality?,*** de Alaisdair MacIntyre (Notre Dame University^

1988) [edição em português: ***Justiça de quem? Qual racionalidade?,*** tradução de Marcelo ^ ^

Marques (São Paulo: Loyola, 1991)], **o** autor demonstra de forma desafiadora **e convincente**

existem várias “tradições” diversas de racionalidade no Ocidente — a aristotélica, a agostiru ^

mista, o realismo do bom senso. Em cada uma delas, a lógica e a razão funcionam segun o

fundamentais distintas sobre coisas como a natureza humana, a relação da razão com >

• ***A'*** Um argt'[nie] vontade, a relação do indivíduo com o contexto social e a tradição, e assim por diante, u [5]

to “racional” é definido como coerência dentro de um conjunto de crenças de uma tradição P ^

ca. Pode haver um grande número de coincidências entre essas racionalidades, e alguns atg ^

talvez sejam considerados coerentes em mais de uma tradição, mas é improvável (impo[ss] ^

MacIntyre) haver um único argumento sobre a existência de Deus que convença a todos pl[ena] em todas as tradições racionais. ^

O filósofo **Thomas Nagel é**

5 e are u, mas em *v*

"ã0 e CaPaZ de abordar « questão de Deus d c /s" W admite ter “medo de religião” e duvida de q$_{ue}$ aW$_{m}$ ' forma is“ta. Ele confessa

fortes motivos para direcionar os anT'1®3 ““ Com 0 a^nto

SUmentos para um lado ou

sem

para

ter

outro.

Estou falando do [.. J medo da religião em si. Baseio-me em experiência própria, já que eu mesmo sofro desse medo. Quero que o ateísmo seja verdade. [ ] Não é apenas o fato de eu não crer em Deus e, naturalmente, esperar estar certo em minha crença. Trata-se da esperança de que Deus não exista! Não quero que Deus exista. Não quero que o universo seja assim. [...] Fico curioso para saber se existe alguém que seja de fato indiferente à existência ou não de Deus, alguém que, seja qual for sua crença real sobre o assunto, não deseje especificamente que uma das duas respostas esteja certa.[8]

Imagine um juiz que precise decidir sobre um caso em que uma das partes seja uma empresa na qual investiu muito dinheiro. Por desejar seriamente que o caso siga determinado curso, ele se declara incompetente para julgá-lo. Nagel está afirmando que, quando se trata de Deus, somos todos como esse juiz. Dependendo de nossa experiência com a religião, de nossas outras crenças e compromissos, e de como estamos levando nossa vida, todos temos profundo interesse em ver o julgamento da existência de Deus seguir este ou aquele curso. 0 problema é que não podemos declarar incompetência para julgar. Por rejeitar o racionalismo forte, Nagel, apesar de seu ceticismo, respeita muito a ft[e] a religião e se distingue profundamente, da perspectiva de tom e postura,

^ escritores como Dawkins e Harris.

A indefensabilidade filosófica do "racionalismo forte" é o motivo pelo qual [os] livros de Dawkins e Dennett vêm recebendo duras e surpreendentes críti *Cis* **publicações acadêmicas. Apenas como exemplo, o** acadêmico **marxista Í[er]T Eagleton fez uma dura resenha de no** *London Review of*

Kh- **Eagleton ataca ambas as idéias ingênuas de Dawkins, a saber, a de que**

[7]Ediçãc

.2001). . .„ p$_r$ess, 1997), P-[130]-

'Tkomas Nagel, *The last word* **(Oxford Universi**

em portuSuês: ∧ *última*

tradução de Carlos **Fehpe** Moisés (São Paulo:

a fé não apresenta nenhum elemento racional e a de que a razão não se baseia em grande medida na fe.

â

(Dawkins considera toda fé como fé cega e acha que as crianças cristas e muçulmanas são criadas para crer sem questionar. Nem mesmo os clérigos idiotas que me maltratavam no primeiro grau pensavam assim. Para o cristianismo, a razão, a argumentação e a dúvida honesta sempre tiveram importante papel na fé. [...] A razão, é claro, não é onipresente para os que creem, mas também não é para os tipos não religiosos mais sensíveis e civilizados. Até Richard Dawkins vive mais segundo a fé do que segundo a razão. Nutrimos várias crenças que não podem ser \ racionalmente justificadas, mas, ainda assim, elas nos parecem razoáveis...

Se rejeitarmos o racionalismo forte, será que ficaremos presos ao relativismo, sem nenhum parâmetro para separar um conjunto de crenças de outro:' De jeito algum. Nos capítulos 2 e 3, defendo que é impossível manter o rela-tivismo total.[10] A abordagem que empregarei no restante deste livro chama-se "racionalidade crítica".[11] Ela parte do princípio de que existem argumentos que muitos indivíduos racionais, se não a maioria deles, acharão convincentes, mesmo na ausência de qualquer argumento capaz de convencer a todos independentemente do ponto de vista de cada um. A racionalidade crítica parte do princípio de que alguns sistemas de crenças são mais razoáveis que outros, mas todos os argumentos são racionalmente evitáveis no final, ou seja, sempre será possível encontrai um motivo para fugir deles que não tenha por base o

Terry Eaglcton, "Lunging, flailing, mispunching", resenha de ***The God delusion***, de ***Richtfà*** Dawkins, in: ***London Review of Books,*** vol. 28, n. 20, October 19,2006.

'Tara uma defesa sofisticada, veja H. Siegel, ***Relativism refuted: a critique*** *of* ***contemporary epistemological relativism*** (Dordrecht: D. Reidel, 1987). Os **relativisms** insistem que a "verdade" ***é*** verídica somente dentro da estrutura de

crenças de alguém, e todas as estruturas têm a me*na validade. Os relativistas dizem que nao existe um critério transcendente à estrutura pelo q[l,al] escolher entre todas as alegações de verdade. No entanto, como observa Siegel, a afirmação dos relativistas de que todas as estruturas (não apenas a deles) são iguais é, em si mesma, um critério de verdade que transcende a estrutura. Com tal afirmação, eles saem de sua estrutura e avaliam outr* com base na deles — mas é exatamente isso que eles negam aos outros. “Assim [...] o relativismo não pode se autoproclamar ou mesmo se autorreconhecer sem derrotar a si mesmo” (p 43).

"De leitura acessível, veja a abordagem do racionalismo crítico em Reppert, p. 36ss.

a abandonar o darwinismo ou alterá-lo a ponto de torná-lo irreconhecível”.[12] No entanto, isso não quer dizer que a ciência não possa testar teorias e descobrir que umas são muito mais verificáveis empiricamente do que outras. Uma teoria é considerada empiricamente verificada se organizar as evidências e explicar os fenômenos melhor do que qualquer teoria alternativa concebível, ou seja, se, por meio de testes, nos levar a esperar com exatidão diversos eventos variados melhor do que a teoria que nos apresenta uma leitura concorrente dos mesmos dados. Então ela é aceita, embora não esteja “provada” (no sentido do racionalismo forte).

[n]ceito ou a teimosia. Não obstante, isso não significa que não possamos ^aliar crenças, mas apenas que não devemos esperar provas conclusivas, e ^ * las é injusto. Nem mesmo os cientistas agem assim. [e]*^0s cientistas hesitam muito para afirmar que uma teoria está “provada”.

té Richard Dawkins admite que a teoria de Darwin não pode ser provada em **definitivo,** pois “novos fatos podem vir à luz para obrigar nossos sucessores [...]

Em *Is there a God?* [Deus existe?], Richard Swinburne, filósofo de Oxford, defende com veemência que a crença em Deus pode ser testada e justificada (mas não provada) seguindo a mesma linha.[13] A noção de que existe um Deus, diz ele, leva-nos a esperar o que observamos, ou seja, a existência de um universo que sofre a ação de leis científicas e contém seres humanos com consciência e com senso moral permanente. A teoria da inexistência de Deus, defende ele, não nos leva a esperar nenhuma dessas coisas. Por isso, a crença [em] Deus oferece uma condição empírica superior e, comparada a

alguma °utra explicação para as coisas, explica e justifica melhor o que observamos.

Extraído de ***A Devil's chaplain*** (London: Weidcnfield and Nicolson, 2003), p. 81, apud A. McGrath, ***The Dawkins delusion*** (IntcrVarsity, 2007), p. 100, n. 16 [edição em português: ***O delírio de QTukins; uma resposta aofundamentalismo ateísta de Richard Dawkins,*** tradução de Sueli Saraiva (São Uulo: Mundo Cristão, 2007)].

3 A estrutura básica de meu argumento é u seguinte: cientistas, historiadores c detetives obser vam os dados e depois elaboram uma teoria sobre o que explica melhor a ocorrência desses dados.

P°demos analisar os critérios usados por eles para chegar à conclusão de que determinada teoria tem mais dados a apoiá-la do que outra, diferente. [...] Utilizando esses mesmos critérios, descobrimos que a visão que defende a existência de Deus explica ***tudo*** o que observamos, não só um estreito leque de dados." Richard Swinburne, ***Is there a God?*** (Oxford University Press, 1996), p. 2.

- *A* Dens node ser provada, mas isso não significa que nã$_0$ Nenhuma n0^°
J fandamentos de várias crenças religiosas e descobri,

" uma ünica, ^ mais razoáveis.

Deus, o teatrólogo

Não quero, **porém, que ninguém pense que estou adotando a "racionalidade crítica" como uma espécie de prêmio de consolação. Se o Deus da Bíblia** realmente **existe, a "racionalidade crítica" é o melhor caminho para abordar a**

questão de sua existência e natureza.

Quando um cosmonauta russo voltou do espaço e relatou que não havia

encontrado Deus, C. S. Lewis respondeu que isso se assemelhava a Hamlet subindo ao sótão de seu castelo em busca de Shakespeare. Se Deus existe, ele não há de ser outro objeto do universo, passível de ser levado a um

laboratório e analisado por meio de métodos empíricos. Ele se relacionará conosco da forma como um teatrólogo se relaciona com as personagens de sua peça. Nós (as personagens) talvez sejamos capazes de conhecer razoavelmente bem o teatrólogo, mas apenas na medida em que o autor decida inserir na peça informações sobre si próprio. Por isso, em nenhuma hipótese poderíamos "provar a existência de Deus como se ele fosse um objeto integralmente contido em

nosso universo, como acontece com o oxigênio e o hidrogênio ou com uma ilha no Pacífico.

CH>. **Lewis nos fornece outra metáfora para o conhecimento da** verdade **so re Deus quando escreve que crê em Deus "como creio que o sol** nasceu,

ImaXTolh^6 ∘ V∧0> maS P0rque, Por seu intermédio, vejo tudo o mais".14 Zd Ír mente Para ∘ 801 a fim de gender a seu respeito. Não é

Uma forma be^Zlr rara'Z'deStrUÍndo sua capacidade de enxergá-lo-do sol é olhar o mundo que eleZ" " S∘bre « eXÍStência- Potência e nature» que vemos e nos capacita a vê-lo S m∘Stra, reconhecer que ele sustenta tudo o

"C.S.Lewis,"Istheologypo$_{Mrv}$>" **77, .**

Collins, 1980), **p.** 140 [edição em pormJués" *°f ∧ «U,her aii™™* (New York: *»P"*

Paulo: Vida Nova, 1993)]. ' tradução de Isabel Freire Messias (S^{so}

Ass,m, temos aqu, um caminho a seguir. Não devemos tentar "olhar para o sol", exigindo provas irrefotáveis da existência de Deus. Em vez disso, devemos "olhar para o que o sol nos mostra". Que relato do mundo possui mais «poder explanatory para dar sentido ao que vemos no mundo e em nós mesmos? Temos a sensação de que o mundo não é do jeito que deveria ser. Temos $_{a}$ sensação de que somos imperfeitos, porém grandiosos. Temos uma ânsia de amor e de beleza que nada neste mundo é capaz de satisfazer. Temos uma profunda necessidade de conhecer o sentido e o propósito. Que cosmovisão dá conta disso melhor?

Os cristãos não afirmam que sua religião lhes confere onisciência ou conhecimento absoluto da realidade. Apenas Deus os possui. Acreditam,

contudo, que a explicação cristã das coisas — da Criação, da Queda, da Redenção e da Restauração — é a que faz mais sentido. Peço que você coloque o cristianismo como se fosse um par de óculos e olhe para o mundo através deles. Verifique que poder ele tem para explicar o que sabemos e vemos.

Se o Deus da Bíblia existe, ele não é um homem no sótão, mas, sim, o teatrólogo. Isso significa que não seremos capazes de encontrá-lo como se fosse um objeto passivo sujeito à investigação empírica. Em vez disso, precisamos descobrir as pistas de sua realidade que ele inscreveu no universo, e isso nos inclui. É por isso que, se Deus existe, é de esperar que descubramos seu apelo às nossas faculdades racionais. Se fomos feitos à sua imagem como seres

racionais, individuais, deve haver alguma sintonia entre sua mente e a nossa. Isso também significa que, sozinha, a razão não basta. O teatrólogo pode ser conhecido somente por meio das revelações que faz. Por isso precisamos dar uma olhada no que a Bíblia diz a respeito de Deus e da condição humamu No entanto, da perspectiva cristã, a prova definitiva da existência e eus é o próprio Jesus Cristo. Se Deus existe, nós, personagens de sua peça, devemos ter esperança de que ele inclua alguma informação a seu respeito na peça. No entanto, os cristãos acreditam que ele fez mais do que nos ornecer in or mações. *m próprio* se incluiu na peça como protagonista da historia, quando

temos de nos relacionar.

SEGUNDA PARTE

OS FUNDAMENTOS DA FÉ

OITO

As pistas de Deus

Se alguém descarta a existência de Deus e a sobrevivência após a morte como

altamente incertas [...] terá de descobrir o sentido da vida. Se a morte põe

fim a

tudo, se não me cabe esperar o melhor nem temer o mal, preciso perguntar a mim

mesmo para que estou aqui e como, nessas circunstâncias, devo me conduzir. Ora,

a resposta é clara, mas tão desagradável que a maioria de nós prefere não encará-la.

Não há sentido para a vida e [por isso] a vida não tem sentido.

Somerset Maugham, *The summing up*

Era verdade, sempre me dei conta — nunca tive "direito" algum de existir. Surgi por acaso e existo qual uma pedra, uma planta, um micróbio. Eu não podia sentir coisa alguma, salvo minha própria embriaguez inconseqüente. Fique' p ^ ^

[...] cá estamos comendo e bebendo para preservar nossa preciosa existência, e

não há nada, nada, absolutamente nenhuma razão para existir

Jean-Paul Sartre, *A nausea*

'"«lugares. regularmente com um jovem

Cje . ◦UVe uma **época** em **que eu me encon *** ^ ^ ^ ^ue **£)eus existia.**

nt^sta que vivia assombrado por uma sensaçã **g durante nossas**

tíoa i * no último aescooix ^

acreditar no cristianismo se nem sabemos se Deus existe? Embora ^cobr' ^◦SSa ^aver prova ***irrefutável*** da existência de Deus, muita gente - U C^aros indícios de sua realidade — impressões digitais divinas — em

cens*^{i}$_{v}$$^{a\cdot/}$ uri durante nossa

.....o,« ,™ «■«*<•*> P“ . ,»« *■'*

>- „ «*» c.P»*$_{0i}$ ^

Persas. Ele examinava, um ap $_{ces}$Sem cr

^stência de Deus e, embora muit°^{S}

sempre acabava tachando todos eles de rac.onalmente evitaveis. Isso o inc$_{0}$. modava bastante. “Não consigo acreditar, a menos que encontre no míni$_{mo}$ *uma* **prova absolutamente irrefctável da existência de Deus , dizia ele. Eu$_{0}$ alertava para o fato de ele estar adotando o “racionalismo forte”, e ele experimentou certo alívio quando, juntos, nos demos conta de que tal prova i$_{rre}$futável não existia. Então, voltamos atrás e revisamos as linhas de raciocínio que ele vinha chamando de “provas” e passamos a encará-las como pistas. Ao abordá-las dessa perspectiva, ele começou a perceber que, cumulativamente, as pistas da existência de Deus eram bastante fortes.**

O filósofo Alvin Plantinga acredita que não existem provas da existência de Deus capazes de convencer todos os seres racionais. Ele crê, porém, que existam, no mínimo, duas ou três dezenas de argumentos muito bons em favor da existência de Deus.[1] Entre os leitores que pararem para refletir sobre a lista de Plantinga, a maioria achará alguns argumentos cativantes e outros, não. Entretanto, o peso acumulado dos que forem considerados cativantes pode ser enorme. Esboçarei apenas alguns deles.

O misterioso Bang

Os donos de mentes mais racionais sempre sentiram fascínio pela pergunta Por que existe algo em lugar de nada?”. Essa pergunta se tornou ainda mais interessante na esteira da teoria do Big Bang. Existem indícios de que o uni' verso vem se expandindo explosivamente a partir de um único ponto. Stephen **Hawking escreveu. Quase todos agora acreditam que o universo e o p[1]^ prio tempo tiveram início no Big BangV Usando linguagem leiga, o**

cientista **maneis Collins fala sobre essa pista em seu livro** *The language of God:*

arguments", disponível em: ^ Plantin$S^{íl}$. "Two dozen (or so) th«^

plantinga_al$_V$in/two dozen or so th ' Vln-
edu/llca$de^m i^c$/phil$^o s_0$phy/virtuaUibraryAirt>^-o resumo de
« 1, dez. 2014. Veja

within (Grand Rapids: Eerdmans, **1998).**^™^ ' ^ **Mlchael_i* Murra$_y$>** or$S$- ***Reason ford* 0***

t ∘*frmeani*∧**(pri__**

Rocha Barros (Campinas: Papitus, **1997**)] ° " ***d∘ tem P°>*** tradução de Alberto Lu'z

Contamos **com a conclusão bastante** sólida **de oi,p « - •**

TV TI P, ■ I 1 O UNIVERSO TEVE UMA ORI

gem, o Big Bang. Quinze bilhões de anos atrás, o universo o o , . j
1 **, niverso começou com uma**

«P"0 de energia de brilho incalculável a partir de u$_{m\ ponto\ de\ proporções}$**

inicio,

infiriitesimais. Isso implica que antes nada havia. Não consigo imaginar como a natureza, neste caso o universo, possa ter criado a si mesma. O próprio fato de que o universo teve um começo implica que alguém foi capaz de lhe dar e parece-me que isso ocorreu necessariamente fora da natureza.[3]

Tudo o que conhecemos neste mundo é "contingente", tem uma causa fora de si mesmo. Assim, o universo, que não passa de uma enorme montanha de tais entidades contingentes, teria de ser dependente de alguma causa fora de si mesmo. Algo precisou causar o Big Bang, mas o quê? O que poderia ser,

senão algo externo à natureza, um ser sobrenatural, não contingente, que tem em si sua razão de ser?

Sam Harris, em sua resenha do livro de Francis Collins, levanta a objeção clássica a essa linha de raciocínio: "Seja como for, mesmo que aceitássemos que nosso universo teve de ser criado por um ser inteligente, isso não indica que este ser seja o Deus da Bíblia".[4] Absolutamente correto. Se encararmos esse argumento como prova da existência de um Deus pessoal, não chegaremos muito longe. No entanto, se estivermos buscando uma pista — uma pista de que existe algo além do mundo natural , esse argumento será bem desafiador para muita gente.

O tapete cósmico de boas-vindas

que exista vida orgânica, as regularidades e constantes físicas fundamentais — a velocidade da luz, a constante de gravitaçao um » tensão das forças nucleares fortes e fracas — precisam possuir ™lo^S ^e'

^ade de essa calibragem perfeita acontecer p

- 1 . n1 http://'wvw-satecn-c0m//k0°ks^

. Bm uma entrevista em Salon.com, disponívc

.language.

2006/08/07/**collinS/index2.htm 1, acesso em.** 9 **mar.**
i/200608l5_sam_harris_l:

. 'D«Ponfve,Ie,n.ht,p://www..ru,hdig.coa,/repor«/p^2

rancc A acesso em: 9 mar. 2007.

_

Scanned by CamScanner

de ser estatisticamente desprezível.' Mais uma vez, Collins descreve bem

o argumento:

' Observado da perspectiva de um cientista, parece que o universo sabia qne iríamos chegar. Existem quinze constantes a constante gravitational, várias constantes sobre as forças nucleares fortes e fracas etc. que possuem valores C exatos. Se alguma dessas constantes estivesse minimamente fora de esquadro mesmo que fosse uma parte em um milhão, ou, em alguns casos, uma parte em um bilhão, o universo não teria chegado ao ponto em que o conhecemos hoje. A matéria não teria condições de se aglutinar, não haveria galáxias, estrelas,

planetas nem gente.[6] [7]

Alguns dizem que é como se existisse um painel ou *dial* **com um grande número de indicadores de sintonia dentro de intervalos mínimos — e a sintonia se desse com perfeição. Parece bem improvável que isso tenha ocorrido por acaso. Stephen Hawking conclui: "As chances de um universo como o nosso surgir de algo como o Big Bang são ínfimas. Acho que existem implicações religiosas claras". Em outro texto, ele prossegue: "Seria muito difícil explicar por que o universo teria começado como começou, salvo pelo ato de um Deus que pretendesse criar seres como nós".**[8]

Trata-se do chamado 'argumento da sintonia fina" ou "princípio antrópi" co , ou seja, o universo foi preparado para os seres humanos. É um argumento **que precisa ser bastante forte, pois há muitas críticas pesadas sendo publicadas contra ele. Uma das mais comuns, que consta do livro de Richard Dawkins,** *The God delusion,* **é que talvez existam trilhões de universos. Dado o enorme**

número de universos existentes ao longo de enormes períodos de tempo c volumes de espaço, é inevitável que alguns deles estejam em perfeita sintonia

. . , — O o r ***LtflL ÍIP***

',raduç5o de Gior«io CW=Ui (São Paulo: Gente, 2007)].

ptf» sustentar **nosso tipo** de vida. O u$_{n}$iv$_{erso\ em}$

isso, aqui estamos nós.[8] 9ue

- ------«---- »

em que vivemos é um deles; por

^Novamente, como "prova", o argumento da sintonia fina / ^ £mbora não haja prova alguma de que existem vário: e^ta ão há como provar que eles não existem.

a fina é racionalmente vários universos, tam-

]q0 entanto, como pista, essa linha de raciocínio tem

sua força. Alvin

~ yw.. -tJLlVlil

planting[3] ilustra a questão imaginando um homem em um jogo de pôquer que recebe vint*t fours* **de ases seguidos. Quando os outros jogadores ameaçam partir para cima dele, ele exclama: "Sei que parece suspeito! Mas, e se houver uma sucessão infinita de universos, de modo que, para qualquer distribuição possível de cartas no pôquer, haja um universo em que tal possibilidade se concretize? Basta que estejamos em um deles em que eu sempre tire quatro ases sem roubar!".[9] Esse argumento não surtiria efeito sobre os outros jogadores. A rigor, é possível que o sujeito por mero acaso conseguisse vinte** *fours* **de ases consecutivos. Embora não fosse possível provar a trapaça, não seria razoável concluir que ele não trapaceou.**

0 filósofo John Leslie propõe outro exemplo. Ele imagina um condenado que recebeu a pena de fuzilamento por um pelotão composto de 50 atiradores de elite.[10] Todos atiram de uma distância de dois metros e nenhuma bala o atinge. É possível que até atiradores de elite errem o alvo a curta distância e, por isso, a rigor, é possível que todos por acaso errem ao mesmo tempo. Em bora não seja possível provar que todos combinaram errar, não seria razoavel concluir o contrário. ' .

A rigor, é **possível que, por** -aso. esteiamos **no único universo** em **que** exis

seja possível provar que a sintonia fina do uni-
desígnio, não seria razoável concluir o contrário.
simplesmente ter ocorrido sem um Criador, faz
sibilidade infinitamente remota seja verdadeira?

- -o nnssível provar que tavida orgânica. Embora não sej P ^ ^çxvà $_{raz}$oã

verso se deve a algum tipo de desígnio, na^ ^ QCorJq(

Embora a vida orgânica possa ^{s}^^{ple}^$_{infin}$i$_{t}$amente i sentido viver como se essa possibi í a

se essa pos

A^eja Richard Dawkins, ***The God a*** 0 ***delírio de Dawkins: uma resposta***

«1: n

^ès: 0 ***delírio de Dawkins: uma resposta*** ^{Sueli} Saraiva (São Paulo: Mundo Crist

]Qo^$^{Extraído\ de}$ Alvin Plantinga, “Dennetts uu»$_{B}$-----

’^{V6}):35.

lelusion (Houghton Mifflin, 2006), p. 107 [edição em portu-
ao fundamentalismo ateísta de Richard Dawkins, tradução de
ão, 2007)].
dangerous idea", *Books and Culture* (May-June,

°Eelatad$_{0\ em}$ Collins, “A scientific argument”, p. 77,

A regularidade da natureza

Existe algo sobre a natureza muito mais impressionante e inexplicável do q$_{Ue}$ seu desígnio. Todo raciocínio indutivo, científico, baseia-se no pressuposto d$_{a}$ regularidade (das “leis”) da natureza como, por exemplo, que a água ferverá amanhã sob as mesmas condições de hoje. O método de indução exige que se generalize a partir de todos os casos do mesmo tipo.

Sem o raciocínio indutivo não poderíamos aprender com a experiência, não poderíamos usar a linguagem, não poderíamos confiar na memória.

A maioria dos indivíduos acha isso normal e isento de problemas. Exceto os filósofos! David Hume e Bertrand Russell, como bons secularistas, ficaram incomodados com o fato de não fazermos a mínima ideia do porquê da regularidade da natureza agora e, principalmente, com o fato de não termos a mais ínfima justificativa racional para pressupor que ela continuará amanhã. Se alguém dissesse: "Ora, o futuro sempre foi como o passado no passado", Hume e Russel responderiam que essa pessoa está pressupondo exatamente aquilo que tenta provar. Em outras palavras, a ciência não é capaz de provar a regularidade contínua da natureza, mas apenas de aceitá-la pela fé.

Nas últimas décadas muitos acadêmicos vêm defendendo que a ciência moderna surgiu em sua forma mais sustentável a partir da civilização cristã, dada a crença em um Deus todo-poderoso, pessoal, que criou e sustenta um universo organizado.[9] Como prova da existência de Deus, a regularidade da natureza não é inevitável. Sempre se pode dizer: "Não sabemos por que as coi sas são como são . No entanto, ela é útil como pista para a existência de Deus-

A pista da beleza

Arthur C. Danto, crítico de arte da revista *The Nation*, certa vez descreveu uma obra de arte que lhe dava uma sensação de "sentido obscuro, p ᵒrénl inescapável".[10] Em outras palavras, embora boas obras de arte não deem um

certeiro" com uma mensagem simples, elas sempre nos passam a sensação , q$_U$e a vida não é uma história contada por um idiota, cheia de som e furia, JJJ $_s$entido algum . Elas nos enchem de esperança e nos dão força para seguir diante» embora não seja possível definir o que nos emociona.

*** Leonard Berstein certa vez discorreu sobre o efeito que Beethoven**

provocava sobre ele:

Beethoven [...] compôs obras de exatidão arrebatadora. Exatidão — é esta a palavra! **Quando temos a sensação de que a próxima nota, qualquer que seja ela, é a única certa para aquele instante, é bem provável, nesse contexto, que estejamos ouvindo Beethoven. Melodias, fugas, ritmos — façam deles bom proveito os Tchaikovskys, os Hindemiths e Ravels da vida. Nosso garoto possui o dom verdadeiro, o que vem do céu, o poder de nos fazer sentir completos: alguma coisa é exata no mundo, algo é adequado do início ao fim, segue sua própria lei com coerência; há algo em que podemos confiar, que jamais nos decepcionará.[13]**

Se Deus não existe e se tudo neste mundo é produto de (conforme expressou Bertrand Russell) "um aglomerado acidental de átomos", não há um propósito genuíno para o qual fomos feitos — somos acidentes. Se somos produto de forças acidentais da natureza, o que chamamos de "beleza" não P^{assa} de uma resposta neurológica a determinados dados. Achamos que certas P^{ai}sagens são belas somente porque tivemos ancestrais que sabiam que ali ^{en}c°ntrariam comida e que sobreviveram por causa desse elemento neurológico ? $^{e\ a}$S°ra também possuímos. Da mesma forma, embora a música nos pareça ^Portante, essa importância é uma ilusão. Também o amor deve ser encarado d$_{e}$ «$^{CSSa\ \wedge Uz>\ s°}$mos o resultado de forças naturais cegas, o que chamamos $^{na\circ r\ nao}$ passa de uma reação bioquímica, herdada de ancestrais que ^{lv}eram porque essa característica os ajudou a sobreviver. $_{c}$j$_{Uos}$ ^{ernste}m e Danto dão testemunho do fato de que, embora como indiví-$_{Cas}$ $^{ecu\wedge araza}$dos, acreditemos que a beleza e o amor sejam reações bioquími-^{e}*ist* $\wedge^{resen}$?^{a} de obras-primas e da beleza, inescapavelmente sentimos que ' $^{Um\ Sent}$ido real na vida, que *existem* verdade e justiça e estas jamais nos

^{El,,ra}Wo de Leonard Bernstein, "The joy **of** music" (Simon & Schuster, 2004), p. 105.

$_{omnr}$ **é tudo Observe que Bernstein, que nada tinha de decepcionarão, e ^ ° ^ "Le se'furtar até tnes.no a empregar o termo** $_{W}$

üf fctodeBeedióven. Assim, podemos ser materialistas secularizados q$_{Ue}$

acreditam **que verdade e justiça, bem e mal não passam de ilusões completa, Na presença da arte, porém, ou mesmo diante de uma grande beleza natural,**

nosso coração nos diz outra coisa.

Outro artista de renome que aparentemente nos diz o mesmo é John

Updike. Em seu conto "Pigeon feathers" [Penas de pombo], um adolescente diz à mãe: "A senhora não percebe que, se quando a gente morre tudo acaba, nada de sol, de campos, tudo é um *horror***? Só um oceano de horror . Mais tarde, diante da beleza de penas de pombo, de sua textura e cor, ele é tomado pela certeza de que existe um Deus por trás do mundo, um Deus que o deixará viver eternamente.[14] Updike parece dizer que independentemente das crenças que temos em nossa mente sobre a aleatória falta de sentido da vida, elas se modificam diante da face da beleza.**

Mas alguém pode contestar: "E daí? Só porque algo nos dá a sensação de ser verdade, não quer dizer necessariamente que seja!" Mas será que estamos falando apenas de sensações aqui? O que essas experiências evocam é, para ser mais exato, apetite ou desejo. Goethe se refere a isso como *selige sehnsucht***, anseio bendito. Não apenas sentimos a realidade, mas também a ausência daquilo que desejamos.**

Em *Confissões,* **Agostinho concluiu que esses desejos impossíveis de serem satisfeitos são pistas da realidade de Deus. Como assim? Com efeito (conforme a objeção acima), só porque** *sentimos* **vontade de comer carne no jantar, isso nao quer dizer que a comeremos. No entanto, embora a fome não prove que especificamente essa refeição desejada será consumida, será que o apetite por qualquer comida não prova a existência de comida? Não é verdade que os desejos inatos correspondem a objetos reais capazes de satis-faze-los, como o desejo sexual (correspondente ao sexo), o apetite fisiológico (correspondente à comida), o cansaço (correspondente ao sono) e o anseio por laços afetivos (correspondente à amizade)?**

„ Mmn,Z Hen«-'Why do - believe?", ***V,eNew York*** TlWs ***MagaztM,*** M-*

4,2007, p. 58. ô

0 desejo irrealizável evocado pela beleza não é u$_{m}$ <w ■ $_{por}$ felicidade, amor e beleza que nenhuma quantidaH d $^{Tem\circ S}$ ou sucesso é capaz de satisfazer. Queremos algo J *7“'' $_{sU}$bstituir. Será que isso não é ao menos uma nisUl a no mundo *Ô* que desejamos?'^{5} Assim, esse anseio irrealizável pode™'^*’?**

i •» P^{IO}f n$^{\circ}$ ^{de}.?$^{\circ}$ hUmano Ínato› ∘ qUe ∘ t0$_{TM}$ P-ta importante

da existência de Deus. .....

O exterminador de pistas

Em nossa cultura existe uma corrente de pensamento muito influente que afirma ter as respostas para todas as chamadas pistas” mencionadas. Trata-se da escola da biologia evolucionista que afirma que tudo a nosso respeito pode ser explicado como uma função da seleção natural. Um livro que busca explicar assim todas as pistas para a existência de Deus é *Breaking the spell: religion as a natural phenomenon?*[1] **de Daniel Dennett. O autor afirma que, se temos sentimentos religiosos, isso se deve apenas ao fato de que tais características já ajudaram no passado um grande número de seres humanos a sobreviver ao meio ambiente e, por isso, esse código genético nos foi legado. Dennet resume sua visão:**

Tudo o que valorizamos — do açúcar ao sexo, do dinheiro à musica, passando Pelo amor e pela religião — valorizamos por determinadas razões. Subjacentes e

^{,S}A **afirmativa clássica desse argumento se encontra no capítulo “Esperança ,em** C.^{S}’^^’

O**,*, (Macmillan) [edição em português; *

PP rmann e Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo: **Wmfmartinsfontes, , $_{tôn}$j$_{cos}$.** Platão e os

$_{Mcntl}$.. $^{5Íe\ m}$undo material, uma imagem refletida, para o m
^ **terra. Nossos anseios**

ilTp[No] **'Manto, a visão bíblica da salvação é de um novo céu e um** ^ **mundo**

à...[Clt05 n]**ã° Se referem apenas a um mundo eterno,cspiritua,**
- **. ortant e, pois o famoso**

. [Wci]S5» **(veia *W*$_r$*;„u.*** „ 44-5). **Esse é um ponto rmpo /**

iiósofo, ~ Wlight ◦bscrva que 1 Vis5◦ CriStã da bekza ““ “b™ «s i„dicnn. o caminho p$_{3fa}$ a] - grCg0S acre ditavam que todas as experiências terrem niritual eterno da realidade

(k$_n$..m ^CSte mun do material, uma imagem refletida, para o m *
Nossos anseios

..^No .....*A* de um novo céu e uma nova terra

à w,.1 ◦S n ã0 s e referem apenas a um mundo eterno, cspin '■ >
- **Dortan te, pois o famoso**

H Wright, ***Simply Christian,*** p. **44-5).** Esse é um P»"» ™ ic0.

Tj$_{ttla}$ j [0 em] português: ***Quebrando*** < [◦ndres] (São Paulo: **Globo, 2006)**

^ *> desejo» de C. SLewis, em ***Mere Ctna,ura,,*** tradução de HeU. , [Çao em] português: ***Quebrando o encanto: a religião***

distintas, nossas razões são razões evolucionistas, motivações lógicas que livremente, endossadas pela seleção natural.

Na *New York Times Magazine*, Robin Marantz Henig examinou o q$_{Ue\ 0s}$ evolucionistas pensam a respeito da religião em um artigo chamado «Whydo we believe? How evolutionary science explains faith in God [Por que cremos? Como a ciência evolucionista explica a fé em Deus].[19] Sabemos que “a ideiade um Deus infalível é agradável e bem conhecida, algo que as crianças prontamente aceitam”.[11] Por quê? Alguns evolucionistas, como David Sloan Wilson, acham que a crença em Deus tornou as pessoas mais felizes e altruístas, o que possibilitou que suas famílias e tribos sobrevivessem e elas conseguissem melhores parceiros. Outros, como Scott Atran e Richard Dawkins,

postulam que a crença em Deus é um subproduto acidental de outras características que beneficiaram a adaptação. Nossos ancestrais que sobreviveram tinham uma tendência maior para detectar ameaças mesmo quando não havia nenhuma, bem como para identificar quem era mais apto a impor narrativas, raciocínio causal, com relação a tudo que acontecia à sua volta. No entanto, essas mesmas características nos tornam mais receptivos à crença em Deus — a ver agentes, narrativas e inteligências onde estes, na verdade, inexistem.[12]

A despeito dos inflamados debates nesta área, os teóricos **evolucionistas** concordam que nossa capacidade de acreditar em Deus se encontra **embutida** em nossa fisiologia, pois estava direta ou indiretamente associada a **caracte** risticas que ajudaram a adaptação de nossos ancestrais ao meio ambiente. Po[f] isso os argumentos em favor da existência de Deus convencem tanta **gente. É** só isso. As pistas não apontam para coisa alguma.

anto, existem muitos indivíduos que acreditam não só que o **arga** mento exterminador de pistas apresenta uma contradição fatal como também que ele, com efeito, aponta para outra/pista da existência de Deus.

Na ultima parte do livro de Dawkins, *The God delusion,* o autor admite que como somos produto da seleção natural, não podemos confiar **integralmente**

nossos sentidos. Afinal, a evolução só se interesso ,

' nnortament[0] adaptativo, não a crença genuína.^ Nn ■ • [0]

[0∘II1]P . lfro cientista diz[-] “Fm oi ' artigo da *New York*

M“íine’ **■ ■ a ' /."* r[algUmas] “instâncias, uma crença simbólica que se ongtna da realtdade factual f[az mais sucesso”] » Em ^**

a›a«as, falsas crenças paranóicas costumam ser mais eficazes para ajudar a Reviver do que crenças realistas. 1 J

S∘ Não creio que Dawkins ou outros teóricos evolucionistas percebam a plena extensão desse *msight*crucial. É possível confiar somente que a evolução nos forneça faculdades cognitivas que nos ajudem a seguir vivendo e *não* que ela

forneça faculdades que nos deem uma imagem precisa e fidedigna do mundo à nossa volta.[24] Patrícia Churchland se expressa com estas palavras.

A principal tarefa do [cérebro] é encaixar as partes do corpo onde estas devem ser encaixadas para que o organismo possa sobreviver. Melhorias no controle sensitivo-motor conferem uma vantagem evolutiva: um estilo mais sofisticado de

[22]Dawkins, ***The God delusion,*** p. 367ss., "nosso próprio cérebro é um órgão que evoluiu [...] evoluiu para nos ajudar a sobreviver".

[23]Henig, p. 7.

[24]Em seu prefácio para ***The selfish gene*** [edição em português: ***O gene egoísta***, tradução de Rejane Rubino (São Paulo: Companhia das Letras, 2007)], de Richard Dawkins, Robert Trivers observou [a] ênfase do autor no papel do engano na vida animal e acrescentou que, se na verdade o engano é fundamental para a comunicação animal, deve haver uma forte seleção para identificá-lo, e isso deve, P<» sua vez, optar por um grau de autoengano, tornando inconscientes alguns fatos e motivos para [n*°] trair os sinais sutis de autoconhecimento do engano praticado". Assim, "a visão convencional de j[Ue a sele]9ão natural privilegia os sistemas nervosos que produzem imagens [cada vez m^ d]" deve ser uma visão muito ingênua da evolução mental". Apud Robert Wnght, (Pantheon, [19]94),p. 263-4 [edição em português:

;rr * u. *w** **o* * j-t**

^'[colo]go cognitivo Justin Barrett escreve: 'Alguns cientistas cogn.mos supõem q dl

- -»«r~ w—■ -• -rr: oí.t,:í ~ '

e. **Tal** pressuposto é epistemologicamente duvi os
como um [I0]do nos diga a

VtC! [6 "oS repr0dUZÍr de forma algUma franK] 3T„" um raciocínio sofisticado [...]

» **que**, [reSpe"o de] "isa **alguma** - sobretudo quan [ar com scgur]ança **é** que nossa

iti$_{ente}$ I”[3] [Visão] totalmente naturalista da mente humana p ^ ***would anyone believe in***

G_0^$_f$.[OÍ] ^ P[ara] nossa sobrevivência *no* ***passado*** .Justin **^ira Press, 2004), p. 19.**

representar [o mundo] é vantajoso desde que [...] aumente as possibilidades de sobrevivência do organismo. A verdade, seja qual for, vem por último.[25]

Thomas Nagel, conhecido filósofo e ateu, concorda com isso no últi$_{mo}$ capítulo de seu livro *The last word*. **Ele escreve que, para ter certeza de que Q que nossa mente nos diz é realmente verdade, no mundo lá fora precisamos “seguir as regras da lógica, pois elas estão corretas e não apenas porqu$_e$ estamos biologicamente programados para fazê-lo . No entanto, de acordo com a biologia evolucionista, as leis da razão teriam de fazer sentido para nós meramente porque nos ajudam a sobreviver e não porque obrigatoriamente nos dizem a verdade. Assim, indaga Nagel:**

[Será que podemos ter alguma] confiança permanente na razão como fonte de conhecimento a respeito do caráter não evidente do mundo? Acredito que, em si, uma história evolucionista [da raça humana] contraria essa confiança.[26]

Os evolucionistas dizem que se Deus faz sentido para nós não é porque ele realmente exista, mas apenas porque essa crença nos ajudou a sobreviver; logo, estamos programados para tê-la. No entanto, se não pudermos confiar que as faculdades que formaram nossas crenças nos dizem a verdade sobre Deus, por que haveríamos de confiar que elas nos dizem a verdade sobre o que quer que seja, inclusive sobre a ciência evolucionista? Se nossas faculdades **cognitivas nos dizem apenas aquilo de que precisamos para sobreviver, e não ° que é verdade, como confiar nelas em relação a todo o resto?**

Aparentemente, os teóricos evolucionistas precisam optar entre dois ca minhos: ou voltam atrás e admitem que podemos confiar no que nossa

m^{eIltL} nos diz a respeito de tudo, inclusive de Deus — se encontrarmos argumento[5] ou pistas que indiquem sua existência e nos pareçam convincentes, talvez ele extsta mesmo —, ou seguem adiante e admitem que não podemos confia »°

7^{a,r}r,f Churchhnd' "Epistemology i„ the age of neuroscience", ***Journal t**# 2000) p'nS*** ' P 548 APU<1 Plant'nEa' ***WarTant a,u/ proper function*** (Oxford Univera[1])' '

FeUne^M$^{8'1}$' P'134'5 Wi«âo em **Português: *A última palavra,* tradução *d'*** $^{C*'°}$

Felipe Moisés (Sao Paulo: UNESP, 2001)]. ^{r}

^{MC}**n°ssa mente "0S dlZ 3 resPeit0 d(= coisa alguma. Injusto é Aristas evoluciomstas estão fazendo, ou seja, usando o bistLT T* ceticismo para cortar o que nossa mente nos diz , respeit0 , d° P^{r0}P^{rio} „ que ela nos diz sobre a própria ciência evolucionista US' "* "a0**

Em todª a questão da biologia e da teoria evolucionista existe um evidente calcanhar **de Aquiles. Alvin Plantinga observa que o próprio Charles Darwin ceconheceu essa grande vulnerabilidade. Para um amigo, Darwin escreveu:**

... sempre surge a dúvida terrível sobre as convicções da mente humana, que se desenvolveu a partir da mente de animais inferiores, se elas têm ou não algum valor ou se são confiáveis.[27]

Plantinga então prossegue afirmando que é definitivamente irracional aceitar o "naturalismo" evolucionista, a teoria de que tudo em nós se originou unicamente da seleção natural. Se fosse verdade, não poderíamos confiar nos métodos pelos quais chegamos a essa teoria, bem como a nenhuma teoria científica.[28]

Gente como Dawkins defende que existe um conflito entre ciência e religião [•••] a verdade, porém, é que o conflito se dá entre a ciência e o naturalismo, não ^{e}ntre a ciência e a crença em Deus. [...] Em vista da evolução não o ' '

seria igualmente possível tanto viver em uma espécie de mundo dej q conhecer realmente algo sobre nós mesmos e sobre nosso mun -------

A despeito de livros populares como os de Dennett, Da'^“eligi5o> * te*am usar o exterminador de pistas evolucionista no que

a Vçz mais pensadores estão vendo essas falhas» e editor literário

J?*as também gente como Thomas Nagel. Leon vviescitr-,

eNew Republic, **denuncia a falha no argumento extermina o '**

SUa «senha do livro de Dennett, *Breaking the spell.*

Xos,— -• - _ XT_1 T.PonWieseltier, eau ^ ^

d proper, **(Oxford**

do

erm

- „i?” in: ***Warrant an***

Warrant and properfunction.

J *T^ nvldns (Books and*

(jnj. Apud Alvin Plantinga, **“Is** naturalism **irration** • >

7 Press' 2000), p. 219. „ e 12 era *Warrant am$_r$-r*

Cja 0 **arpnimor,^** Pm A. **Plantinga, caps-** £ ^ **^chard Dawkins**

UVersitvP___„____ - . . .. *at,*

0 **argurnento completo em** A. **Plantinga, ,**

%

^arch-

April, 2007]: 24).

Wi^{d}.° * *»h. de Alvin Plantinga de B,

[Dennett] retrata a razão a serviço da seleção natural e como produto da seleção *j* natural. Mas se a razão é um produto da seleção natural, que nível de confiança j poderíamos ter em um argumento racional em favor da seleção natural? O p_0d_{er} da razão se deve à sua independência e a nada mais. [...] A biologia evolucionista não pode invocar o poder da razão se, ao mesmo tempo, o destrói. [0]

Tudo se resume ao seguinte: se, como dizem os cientistas evolucionistas, o que nosso cérebro nos diz sobre moral, amor e beleza não é real — mas meramente um conjunto de reações químicas destinadas a dar continuidade a nosso código genético —, o mesmo é válido para o que o cérebro *deles* lhes diz sobre o mundo. Assim, por que deveríamos confiar neles?

1

Uma das melhores críticas da visão iluminista sobre o racionalismo forte é A. Ph^{11}^ ^p_{re}ss,

2

Wolterstorff, orgs., ***Faith and rationality: on reason and belief in God*** (Notre Dame Universe

3

1983). A visão do iluminismo foi chamada de “fundacionalismo” clássico ou cartesiano, **e tal** $^{ab°\wedge}$

4

gem está quase universalmente abandonada entre os filósofos. Veja também **Nicholas** WolM^{s}

5

Reason within the bounds of religion (Eerdmans, 1984).

6

Veja um breve resumo deste argumento em Robin Collins, “A scientific **argument** existence of God: the fine-tuning design argument”, in: Michael J. Murray, ***Reason for the*** ^ ^***q-]/***

7

Em uma entrevista em Salon.com, disponível em: **http://www.salon.com/books/int**/2006

collins/index2.html, acesso em: 9 mar. 2007. $p_{ies5)}$

8

Apud Francis Collins, ***The language of God: a scientist presents evidence for belief*** (f^{rLt} ^ 2006) p. 75 [edição em português: ***A linguagem de Deus: urn cientista apresenta evidências de f***

Tinrcnr* ***C****/C-_ T' *

9

Veja “Science gets strange”, in: C.John Sommerville, ***The decline*** *of the secular* ***university*** University Press, 2006). Veja também Diogenes Allen, *Christian* ***belief in*** *a post-modern world i)*^{0}^ Knox, 1989).

10

Arthur Danto, “Pas de deux, en masse: Shirin Neshat’s ***rapture****The Nation* ***fune 28,***

11

Henig, “Why do we believe?”, p. 43.

12

Thid..n SB

O exterminador de pistas, na verdade, é uma pista

Acho que, no final das contas, o suposto exterminador de pistas acaba nos dando mais uma pista da existência de Deus.

A primeira pista é a própria existência do mundo, o Big Bang. O secularista responde corretamente: "Mas isso não prova a existência de Deus. Talvez o Big Bang tenha se autoprovocado". A segunda pista é a sintonia fina do universo, uma possibilidade em um trilhão de trilhões de que nosso universo sustente a vida orgânica e humana. Mais uma vez, um secularista pode responder com razão: "Mas isso não prova a existência de Deus. Talvez por uma circunstância totalmente aleatória, este universo é o que foi formado". Outra pista é a regularidade da natureza. Todo raciocínio indutivo, científico se baseia nessa pressuposição, embora não disponhamos da mais ínfima justificativa racional para supor que ela prossiga. Quando os crentes afirmam ser esta uma pista para a existência de Deus, os incrédulos retrucam: "Não sabemos por q^ue^ a natureza é regular, é assim, e pronto. Isso não prova a existência de Deus •

l9de

_ ^outra Pista é a da bel^eza e do sentido. Se somos o produto de força^s^ acidentais e sem sentido da natureza, indagam os crentes, como expb^car^ a sensação que temos de que a beleza importa, de que o amor e a vida são

3◦A resenha de Wieseltier de "The God genome" foi publicada no *Nn, York* ***Times*** em fevereiro de 2006.

. nortantes? O secularist» responde: "Isso não orov, , • . .

pÔdeffl^oS^ explicar todas essas sensações' e convicções ^

e mor^ais existem apenas

«lúcio"!*». Nossas intuições religiosas, estéticas b gla

ajudaram nossos ancestrais a sobreviver". No entanto

porque

v'1

r; pensadores se é que esse argumento prova afe „ão podemos confiar em nossas faculdades formadoras de crenças em uma área, não podemos confiar nelas em área alguma. Se não existe Deus, não devemos confiar de forma alguma em nossas faculdades cognitivas.

Mas confiamos, ora, e esta é a última pista. Se acreditamos na existência de Deus, nossa visão do universo nos fornece uma base para crer que as faculdades cognitivas funcionam, já que Deus nos capacitou a formar crenças c conhecimento verídicos. Se acreditamos na existência de Deus, o Big Bang nada tem de misterioso, nem a sintonia fina do universo nem a regularidade da natureza.Todas as coisas que vemos fazem sentido. Igualmente, se Deus existe, nossas intuições a respeito do sentido da beleza e do amor são presumíveis.

Se você não crê em Deus, não só todas essas coisas são profundamente inexplicáveis como também sua visão — de que Deus não existe — o levará a não esperá-las. Embora haja poucos motivos para acreditar que suas faculdades racionais funcionem, você continua a usá-las. Não há base para crer que a natureza continuará regular, mas você segue utilizando o raciocínio indutivo e a ünguagem. Não há motivos fortes para confiar em sua sensação de que o amor e a beleza importam, mas você segue achando que sim. C. S. Lewis expressa essas idéias com eloqüência:

Não é possível, exceto no sentido animal mais primitivo, você se apaixo p “ma moça quando sabe (e vive lembrando) que toda a sua beleza, tanto fis.ca quanto de caráter, é um padrão momentâneo e acidental produzido pe a c ^ ^ átomos, e que a sua própria reação a eles nao passage um ^ rescencia psíquica que brota do comportamento e de km·

“untinuar a titar da müsica um prazer substancial, se voce s,b^ ^ P ^ ^ r" que sua aura de importância nao passa e p deia,!1

3IC <1 T

‘ Lewis, “On living in an atomic age

in: *Present concerns* **(Collins,** 1986), p-

76.

P°rque seu sistema nervoso está irracionalmente condicionado g

tência de Deus. Cada uma delas é racionalmente evitável. No entanto, penso que seu efeito cumulativo seja estimulante e potente. Embora a visão secula-rizada do mundo seja racionalmente possível, ela não explica tão bem todas as coisas quanto a visão de que Deus existe. Por isso as chamamos de pistas. A teoria da existência de um Deus que criou o mundo explica as evidências que vemos de forma mais satisfatória do que a teoria de que Deus não existe. Os que defendem a inexistência de Deus seguem usando a indução, a linguagem e suas faculdades cognitivas, e tudo isso faz muito mais sentido em um universo criado por Deus, no qual ele tudo sustenta com seu poder.

Naturalmente nenhuma das pistas que buscamos até agora prova a exi$.

Além das pistas

Posso imaginar que, a esta altura, alguém esteja dizendo: “Então, tudo é inconclusivo! Em suma, o que você está dizendo é que Deus provavelmente existe, mas ninguém é capaz de fornecer um argumento à prova de tudo. Isso significa que ninguém sabe se ele existe ou não”.

Não concordo com esse pensamento.

No próximo capítulo, farei algo muito pessoal. Não quero argumentar em favor da possibilidade da existência de Deus, mas demonstrar que você já sabe que ele existe. Gostaria de convencer o leitor de que, seja o que for que professemos intelectualmente, a crença em Deus é inevitável, é “básica”, não podemos prová-la, mas também não podemos evitá-la. *Sabemos* que Deus existe. É por isso que, mesmo quando acreditamos com toda nossa força mental que a vida nao tem sentido, não conseguimos viver assim. Temos consciência disso-

NOVE

O conhecimento de Deus

Charlie: Claro que Deus existe! No fundo, todo mundo sabe que sim.

Cynthia: Eu não sei de nada disso.

Charlie. Claro que sabe! Quando pensa consigo mesma — e na maior parte do tempo que passamos acordados fazemos isso —, com certeza você tem aquela sensação de que seus pensamentos não são totalmente desperdiçados, que de alguma forma estão sendo ouvidos. Acho que essa sensação de ser ouvido em silêncio com uma compreensão absoluta é o que representa nossa crença inata em um ser supremo, em uma inteligência que abrange todas as coisas. O que isso demonstra é que algum tipo de crença é inata a todos nós. Em algum momento a maioria das pessoas perde essa crença, que pode ser recuperada apenas por meio de um ato consciente de fé.

Cynthia: E você passou por isso?

Charlie: Não. Espero passar um dia.

***Metropolitan* (1990, Estados Unidos, Whit Stillman)**

Scritores e preletores conservadores vivem se queixando de q -j $_{k}$-Cde nossa cultura são relativistas e amorais. Como pastor em Manha, an ^{114} Vase duas décadas vivo em meio a jovens de vinte e P"°$_{t}$êm ^{COn}«.do com essa visão. Os jovens adultos secularizados que conheçote^ ^

r^{d}◦ í◦ qUC ' TeL^{er}No°ent^^{C}hTum problema com ^{0} e rnoralmente ultrajante para eles.

SUa Postura moral.

A moral flutuante

Em várias ocasiões, preciso assumir o papel de professor de filosofia p$_{ara}$ ser um bom pastor. Um jovem casal certa vez me procurou para receber orientação espiritual. Eles me disseram: Não acreditamos em quase

nada". Como eles poderiam ao menos começar a pensar na possibilidade da existência de Deus? Eu lhes pedi que me falassem dc algo que para eles fosse realmente errado. A moça imediatamente atacou as ações que marginalizam as mulheres. Respondi que concordava plenamcnte, pois era um cristão que acreditava que Deus criou todos os seres humanos, mas fiquei curioso acerca do porquê de sua crítica. Ela me disse que "as mulheres são seres humanos, e seres humanos têm direitos, e é errado passar por cima dos direitos de alguém". Perguntei-lhe como sabia disso. Intrigada, ela respondeu: "Todo mundo sabe que é errado violar os direitos de alguém", ao que retruquei: "A maioria das pessoas neste mundo não 'sabe' disso. Elas não têm uma visão ocidental dos direitos humanos. Imagine que alguém lhe diga: 'todo mundo sabe que as mulheres são inferiores'. Você diria'isso não é um argumento, apenas uma afirmação'. E estaria certa. Assim, comecemos de novo. Se, como você pensa, Deus não existe, e todos evoluíram a partir de animais, por que seria errado passar por cima dos direitos de alguém? . O marido interveio: "Sim, é verdade que somos apenas animais com cérebros maiores, mas eu diria que os animais também têm direitos. Também não se pode passar por cima dos direitos deles". Perguntei-lh^e^ se ele responsabilizaria os animais por violar os direitos de outros animais quando, por exemplo, os mais fortes comem os mais fracos. "Não, eu não os responsabilizaria . Quer dizer que você responsabiliza apenas os seres humanos por oprimirem os mais fracos? "Sim." Perguntei-lhe o porqu^e^ desse padrão de dois pesos e duas medidas. Por que o casal insistia que ^os^ seres humanos tinham de se distinguir dos animais, de modo que não *lh#* era permitido agir como é natural para o restante do mundo animal? P^or^ que o casal teimava em insistir que os seres humanos possuem essa dig*' dadee esse grande e incomparável valor como indivíduos? Por que os do*

acreditavam nos direitos humanos? "Não sei", respondeu a moça, "acho q* eles existem, só isso".

A c^onversa f0i mU1‹o "T ¦gra∧Ve¦ do cIue tr"sparece nesse relato ~aC~to. O jovem casal nu da fragrhdade de algumas de suas respostas, e

■~ç~,0 me ∧ 1 r ~ "Alia dve~nguaçao mais detida

' b me estimulou a ser mars drreto que de hábito. No entanto, essa con-

°1 revela como nossa cultura é d.ferente de todas as outras que nos prece-

Lm. As pessoas ainda nutrem fortes convicções morais, mas, ao contrário

de indivíduos de outras épocas e lugares, não possuem nenhuma base visível

~ *hnrquê* **de acharem algumas coisas más e outras boas. É quase co-**

intuições morais flutuassem livremente no espaço — bem acima

do chão.

Cl **ft* Perce,ber que re"P^os a uma averiguação mais detida,**

lS me estimulou a ser mais direto que de háhíro

para o *forque* **mo se suas**

cnau-

0 poeta polonês Czeslaw Milosz fala sobre o assunto:

0 que surpreende no período pós-Guerra Fria são as belas e tocantes palavras pronunciadas com veneração em lugares como Praga e Yarsóvia, palavras que pertencem ao velho repertório dos direitos do homem e da dignidade do indivíduo. Esse fenômeno me confunde, porque é possível que haja um abismo por baixo dele. Afinal, essas idéias se apoiam na religião, e não sou muito otimista quanto à sua sobrevivência em uma civilização tecnocientífica. Idéias que pareciam enterradas para sempre subitamente ressuscitaram, mas quanto tempo poderão permanecer à tona se o chão lhes foi tirado?[1]

É

O conceito de obrigação moral

Comum ouvir alguém dizer: "Ninguém pode impor

visão moral aos

°Utr$_{0s\ h}$ *U1* U 5----- . , , verdade que está dentro

Porque todos têm o direito de encontrar _ i

ac ta um". Essa $_{cren}$**ç$_{a}$ deixa seu** proponente **à**

di

mercê de uma série de

^iver!;^{P}K^{Ü}l^{Michae}l **J*** ^{p}erry, ***Toward a theory of human***

rights: religion, law, courts (Cambridge

^{erSlt}^ Press, 2007), p. 28.'

Não creio que Milosz esteja certo. Acho que os indivíduos continuarão nutrindo em definitivo suas crenças na dignidade humana, ainda que a cren-consciente em Deus desapareça. Por quê? Defendo uma tese radical. Acho ^$^{Ue\ as}$ P^{e}ssoas em nossa cultura sabem que a existência de Deus é inevitáv , $^{as\ re}$P^{r}itnem esse conhecimento.

perguntas bastante incômodas. Não existe gente no mundo íazendo cob sas que você acha serem *erradas* — coisas que deveriam parar de fazer não importa o que pensem sobre seu próprio comportamento? Se esse é o seu caso (e é o de todos nós!), será que isso não indica que você, *de fato,* **acredita existir algum tipo de padrão moral a ser respeitado independentemente de convicções individuais? Isso leva a uma pergunta. Por que é impossível (na prática) ser um relativista moral coerente, mesmo quando nos declaramos assim? A resposta é que todos temos uma crença difusa, potente e inevitável não apenas nos valores morais, mas também no dever moral. Nas palavras do sociólogo Christian Smith:**

"Moral" [...] *é* **um posicionamento em face da compreensão do que é certo e errado, justo e injusto, que não surge a partir de nossos desejos ou preferências, mas, ao contrário, existe à parte deles e fornece padrões com base nos quais nossos próprios desejos e preferências podem ser julgados.[2]**

Todos os seres humanos têm sentimentos morais. É o que chamamos

de consciência. Quando pensamos em fazer algo que sentimos estar errado,

costumamos nos refrear. Nosso senso moral, porém, não para por aí. Também

acreditamos haver padrões que "existem por si próprios" e nos servem de base

para avaliar os sentimentos morais. O dever moral é a crença de que algumas

coisas não devem ser feitas, não importa como o indivíduo se sinta a respeito

delas, independentemente do que digam o restante da comunidade e a cultura,

sendo ou não essas coisas do interesse do agente. O jovem casal, por exemplo,

não tinha dúvida que o dever dos indivíduos de outras culturas era honrar os direitos das mulheres.

Embora tenhamos aprendido que todos os valores morais são relativos a indivíduos e culturas, não podemos viver dessa maneira. Na prática, é inevitável que tratemos *alguns* **princípios como padrões absolutos e os utilizemos para julgar o comportamento dos que não compartilham de nossos valores. 0 que nos dá o direito de agir assim, já que todas as crenças morais são relativas? Nada nos da esse direito. No entanto, não conseguimos evitar tal prática.**

Press,TooT)! ^ '*P*™*nhood and* ***culture*** **(Oxford University**

Quem ri ante a afirmação de que existe uma ord '

acha que o genocídio racial seja apenas algo absurd" transcendente não **sim,** que ele é ***errado.*** Os nazistas que exterminar1 ∘6 contraProducente, mas, **que** não consideravam seus atos imorais. Pouco ram J™eus Podem ter alegado acreditavam sinceramente estar Dreetnnrl,, lmPorta. Pouco importa se

eles **podiam** ter feito aquilo. °um:serviço:àlhumanidade. Eles não

Não apenas nutrimos sentimento m

mente na realidade do padrão moral oue também aCreditamos pia‹

avaliar nossos sentimentos morais Por o -Tp* ^ “ PrÓpr‹∘ 6 USam∘s para padrões morais existem? ^ ^ qUC «**«“• <1- esses

A teoria evolucionista do dever morai

Uma resposta comum nos dias atuais deriva do que chamei no capítulo anterior de “exterminador de pistas”, ou seja, a sociobiologia ou psicologia evolucionista. Essa visão defende que os altruístas, aqueles que agem sem egoísmo e com espírito de cooperação, sobreviveram em maior número do que os egoístas e cruéis. Assim, os genes do altruísmo nos foram legados, e agora a maioria dos indivíduos considera “certo” o comportamento altruísta.

Existem, contudo, várias falhas nessa teoria, e ela tem recebido críticas arrasadoras.[3] O comportamento altruísta, de autossacrifício, de um indivíduo em ilação a um parente pode resultar em uma taxa maior de sobrevivência para

a famüia ou o clã desse indivíduo **e, consequentemente, em um número superior**

de descendentes portadores do material genético dessa pessoa. V.sando aos

1 como produto da seleção n sens0 de dever moral com J ^ 19?8) e

[3]Entre as obras que tentam explicar noss ^ (Harva^ ^ ***%e selfish***

"aturai **encontram-se:** Edward O. **Wüson** ^ t,,8; ** t”duç50 de Rejane

‘The biological basis for morality , ***A‹ a"*** portug«s; ***& moral***

^(Oxford University Press, 1976)

R*ino (São Paulo: **Companhia das** L=tta^ ^ portugt^ ^ (Ri0 de Janeno-B^

t'ytboh& and everyday Hfi ^,OTfctwr*»r Phffi P!ÜtChC,, ^R^e, ***Alas, foor***

'»">» ***somas: a nova AinAada psco op*** ^ ^ a essa *ori« H›lary Rose: S,eV'" „',„ottre ***and***

96)1-Veja algumas críticas basta T preSs, ^ John Dupre,

Oology and the quest for human natu ^ (Harmony,

^arivin: arguments against evolutiona y 2001)*

the limits of science **(Oxford University r ,**

propósitos do evolucionismo, porém, a reação oposta, de hostilidade dirigida a todos os que não pertencem a esse grupo, também deveria ser considerada moralmente correta. No entanto, acreditamos hoje que é sacrificar tempo, dinheiro, emoção e até mesmo a vida em prol de um indivíduo ou de uma tribo "de fora". Se vemos um total desconhecido cair em um rio, mergulhamos imediatamente para salvá-lo, sob pena de nos sentir culpados. Com efeito, a maioria de nós sentirá o dever de fazer o mesmo, ainda que a pessoa que está em perigo seja nosso inimigo. Como essa característica pode nos ter sido legada por um processo de seleção natural? Pessoas assim teriam menos probabilidade de sobreviver e transmitir seus genes. Com base no naturalismo evolucionista estrito (a crença de que tudo o que nos diz respeito existe em virtude de um processo de seleção natural), esse tipo de altruísmo deveria ter desaparecido da raça humana há muito tempo. Em vez disso, ele está mais forte do que nunca.

Outros argumentos usados para demonstrar os benefícios reprodutivos do altruísmo também enfrentam problemas. Alguns defendem que o comportamento altruísta leva o agente a receber de terceiros vários benefícios recíprocos indiretos, mas isso não consegue explicar nossa motivação para praticar ações que não chegarão ao conhecimento de ninguém. Outros argumentam que o comportamento de autossacrifício beneficia todo o grupo ou sociedade, capacitando a sociedade inteira a passá-lo adiante em seu código genético. No

entanto, existe consenso de que a seleção natural funciona em indivíduos, não em populações inteiras.[4]

A evolução, assim, não dá conta de explicar a origem de nossos **senti**mentos morais e, menos ainda, o fato de todos acreditarmos na **existência**

“Francis Collins 77,w

A c • **ns> *we language ofGorJ* to**

terem mais fiíh^ qUC, C○m Oficio ^ ^ desmascara um exemplo às vezes usado

■■ -*» ~

os mesmos que serão Da *T** ○* **qUe m○tiva m as foi ■ Pr○ntamentc explicado em term○S**

%ação direta de DNA *ni* **○* ^ ^ às irmãs q Ue eStérdS Sã○** *etet8^*

quase univ **i A SC aplica a Populações m ? entam a-íudar a criar. Essa incomum**

laç^o K emI COnCOrdam 'ue aTelr S○b* as quais os evolucionista

1996), que afiZ ^ WiUiams* *Adaptation aZd* **○Pera ○ Índivíduo e não sobre a p0pU***

, 3 qUC 3 Sele?â0 coletiva não ocorre. *Se/ection* **(Princeton University prcSS,**

^ padrões **morais independentes pelos quais**

são avaliados.[5]

nossos sentimentos morais

O problema do dever moral

Esse senso de dever moral cria um problema para os que têm uma cosmovisão secularizada. Carolyn Fluehr-Lobban é uma antropóloga cujo

campo profis$_{siona}$l é dominado pelo que ela chama de "relativismo cultural" — a visão de que todas as crenças morais são culturalmente criadas (ou seja, nós as temos porque fazemos parte de uma comunidade que lhes empresta credibilidade) e que não há base objetiva para julgar que a moralidade de uma cultura seja superior à de outra. No entanto, essa antropóloga ficou horrorizada diante de atos de opressão às mulheres em sociedades por ela estudadas e decidiu que promoveria os direitos das mulheres sempre que atuasse como antropóloga.

Isso de imediato gerou um enigma para ela. Ela sabia que sua crença na igualdade feminina derivava de uma linha de pensamento individualista socialmente localizada (Norte da Europa, no século 18). Que direito tinha ela de promover suas idéias em detrimento das idéias das sociedades não ocidentais em que trabalhava? Sua reação foi a seguinte:

Os antropólogos continuam a expressar um forte apoio ao relativismo cultural. Uma das questões mais polêmicas nasce da pergunta fundamental: Que autoridade íemos nós, ocidentais, de impor ao restante da humanidade nosso próprio conceito

■ ní.l Nunca temos r I é a **única** coisa no uni $_{nos}$ obrigam

'•Sc (como estamos supondo) a Nature*$_{rqu}$*cas forças cegas ^ $_{a\ ag}$j$_{r}$

pensamento por ser ele genuíno, mas so ^ as forÇ»^{s} * '$_{meç}$ar, somente attaves a

[1] tê-lo.Nunca agimos por ser correto mas V , .gravel. fc» ' „ próprias **ciências**

[...) [Mas] com efeito, essa [J «>n ^ ^ $_{Na}$„ir«.» í • ^ [...] são apenas

$^{c\circ}$nftança em nossa mente passamos a co
$_{te}$ríamos motivo \ $_{o\S}$ $_{so}$b nosso crânio

teriam agrupamentos acidentais de átomos e ,«»»*> os > ^„$_{i0}$ humanas,

^pelo^osantropoides de nossa^$_{os}$por$_{C}$au»as^$_{svolt}$araumavisãob=m ^{tlatn} em

determinados estados — estados p _ imoasse. nâo mrW-- r - -

Uai;

ü%(

in

Ueterm- >

3 ^^ais f i^ °S esta<^os — estados produzidos ***pui*** (.««o.------

^antifa$_a$ p J ilxjste apenas Uma forma de evitar esse impasse. Devemos voltar a uma visão bem

------ seres livres e racionais, no presente vivendo em um

“ ~ T •- |. .

ndga. Precisamos aceitar que somos livres, seres **“Verso*** • • -

an

trracional,bem como temos (C&^^

aSe > in: ***Present concerns***.)

atomic

de direitos universais? [... Mas] o aumento dos relativist culwrais é muitas vezes usado por governos repressores para se esquivarem da critica internacional à violência que praticam contra seus cidadãos. [...] Acredito que não devemos deixar que o conceito de relativismo nos impeça de utilizar os fóruns nacionais e internacionais para examinar maneiras de proteger a**

vida e a dignidade dos indivíduos de todas as culturas. [...] Quando existe escolha entre a defesa dos direitos humanos e a defesa do relativismo cultural, os antropólogos devem optar por proteger e promover os direitos humanos. Não podemos ser meros espectadores.

A autora faz uma pergunta difícil: "Se todas as culturas são relativas, também relativa é a ideia de direitos humanos universais. Como posso decidir impor meus valores a determinada cultura?". No entanto, ela não responde à sua própria pergunta. Apenas diz que sua denúncia de opressão se baseia em um conceito ocidental de liberdade individual, mas não apresenta resposta para o enigma. Simplesmente declara que as mulheres estão sendo oprimidas e que ela se sente na obrigação de pôr fim a isso. Temos de levar nossos valores ocidentais a essas outras culturas. Nossos valores são melhores que os delas, e ponto final.

A difícil questão dos direitos humanos

Fluehr-Lobban luta com uma crise de peso no campo dos direitos humanos. Jürgen Habermas escreve que, a despeito de suas origens europeias, os direitos humanos na Ásia, na África e na América do Sul hoje "constituem a única linguagem pela qual oponentes e vítimas de regimes homicidas e de guerras civis podem levantar a voz contra a violência, a repressão e a perseguição".[7] Isso revela a enorme importância da moral dos direitos humanos, que Michael J. Perry define como a dupla convicção de que todo ser humano possui dignidade inerente e que temos a obrigação de ordenar nossa vida de acordo com tal

[6]Carolyn Fleuhr-Lobban, "Cultural relativism and universal human rights", ***The Chronicle of*** *Higher* ***Education,}*™*** 9, 1995. Artigo citado e usado para formular argumento semelhante em George M. Marsden, ***The outrageous idea of Christian scholarship*** (Oxford University Press, 1997),

p. 86.

[7]Apud Michael J. Perry, ***Toward a theory of human rights: religion, law, courts*** (Cambridge University Press, 2007), p. 3.

agnósticos. Outros dizem que os direitos humanos vem da natureza, ou do que e chamado lei natural . Estes defendem que a natureza e a

natureza humana, se examinadas, apresentarão alguns tipos de comportamento que "se encaixam" na forma como as coisas são, e estão corretos. No entanto, Dershowitz observa que a natureza se vale da violência e da predação, da sobrevivência dos mais aptos. Não há maneira de chegar ao conceito de dignidade de todo indivíduo a partir da forma como as coisas realmente funcionam na natureza.

$_{6}$t0. É errado violar a dignidade idêntica de outros seres humanos.[1] [2] Mas por $_{ue}$ devemos acreditar nisso? De que depende essa dignidade?

' Man Dershowitz, professor de Direito em Harvard, apresenta as possibilidades em seu ensaio "Where do rights come from?" [De onde vêm $_{os}$ direitos?]-' Alguns dizem que os direitos humanos vêm de Deus. Se fomos todos criados à imagem de Deus, todo ser humano é sagrado e inviolável, pershowitz **rejeita essa resposta, já que vários milhões de indivíduos são**

Outra teoria afirma que os direitos humanos são criados por nós, por aqueles que fazem as leis. Muitos defendem que é do interesse das sociedades criar os direitos humanos, pois honrar a dignidade individual significa que, a longo prazo, todos na comunidade se sairão melhor. No entanto, o que acontece se a maioria decidir que não é de seu interesse conferir direitos humanos?

os direitos não passam de uma criação da maioria, não existe nada a que ^{a}P*r quando eles são cassados. Dershowitz, citando Ronald Dworkin, argu-^{m}mta que $_{essa\ terce;ra\ n0}$ção de direitos humanos é inadequada:

Dizer que a comunidade se sairá melhor a longo prazo se os indivíduos ' ^{ess}« direitos não é uma resposta válida [...] porque quando dizemos que alguém ^{te}"> o direito de opinar livremente, estamos afirmando que tal direito lhe perten^{Ce} ainda que não atenda ao interesse geral.

^{S}* os direitos humanos são criados pela maioria para que servem? Seu ^°^{r} «side no fato de que podem ser usados para forçar essas maio

. , , e dos indivíduos, a despeito do conceito de

honrar a dignidade as min $_{cr}$**iados. Precisam ser** *descobertos,* **sob**

"bem maior". Direitos nao **Dworkin: "Se quisermos defender**

KiSSSTf. ^ tentar descobrir *da uti,idade* **que**

demande esses direitos .[3] **„ .**

O que será esse "algo"? Nem Dworkin nem Dershowitz sao capazes de

responder. Dworkin acaba apelando, de todo jeito, para uma forma de domínio da maioria. Em *Life's dominion: an argument about abortion, euthanasia and individual freedom* **[O controle da vida: argumentos sobre aborto, eutanasia e liberdade individual] (1995), ele escreve:**

A vida de um único organismo humano exige respeito e proteção [...] por causa de nossa admiração diante [...] dos processos que geram vidas novas a partir de vidas antigas. [...] A essência do sagrado reside no valor que atribuímos a um processo, a uma empreitada ou a um projeto, e não aos seus resultados, independentemente da maneira como foram produzidos...[4]

Michael J Perry, professor de Direito, contrapõe:

A fonte não religiosa do normativismo, para Dworkin, é o grande valor que "nós" atribuímos a todo ser humano considerado uma obra-prima criativa; é "nossa" admiraçao diante dos processos que produzem novas vidas a partir de vidas antigas. [...] Mas a quem Dworkin se refere com seus "nós" e "nossa"? Os nazistas **valorizavam os judeus em sua essência? O problema evidente com o** argumento **secularists de Dworkin [com relação aos direitos] é que ele pressupõe a** existência

de um consenso entre os agentes humanos, consenso este que não existe nem nunca existiu.[12] *1*

O livro de Pen-*y, Toward a theory, on h„ .*

tos humanos], é **bastante persuasivo Pen-™∗7" ^or uma teoriíl c›irer**

"que existe fundamento religioso nara *1* **C○ncl111 <3ue> embora seja evidente**

4 S Ptra a moral dos direitos humanos [...] não

m

Scanned by CamScanner

’den te a e stencu de fundamentos não religiosos, para os

f00t,q UeUJ ~T' a

■ **lalquer sentido** para **a vida humana mas "*-”17**ue **fileiras com** Nietzsche acerca **da moral. Continuam' Chegaram** a cerrar **fltiito moral, como se nada tivesse acontecido”'5 naturaI 0 i ul g a-**

f **humanos”» Perry comenta o famoso argumento de Nietzsche, que ÍL que * Deus está morto, toda e qualquer moral do amor e dos direitos f 0S carece de base. Se Deus nao existe, defendem Nietzsche, Sartre e ou- s „ão há por que ser generoso, amoroso ou lutar pela paz. Perry cita Phillips ' ,ue diz que os pensadores seculares aceitaram a ideia da inexistência de de qualquer sentido para a vida humana, mas não “chegaram a cerrar**

O poderoso “Quem foi que disse?”

A explicação consta de um ensaio clássico do falecido professor de Direito de Yale Arthur Leif. A maioria das pessoas sente que os direitos humanos não são criados por nós, mas, sim, descobertos por nós, que eles existem e têm de ser honrados pelas maiorias, quer elas gostem, quer não. No entanto, Leíf diz:

ês: ***Exis***

Quando seria proibido utilizar o equivalente intelectual daquilo que nos bares e pátios escolares se define como o poderoso “quem foi que disse? . Na ausência de De us [...] todo [...] sistema ético e jurídico [...] seria diferenciado pela resposta q u e se desse a uma pergunta-chave: quem entre nós [...] precisa ser capaz de

el

to* . /eja 0 hmoso** ensaio de Sartre, “Existentialism is a humanism” [edição em português: ***zxu humanismo, tradução de João Batista Kreuch (Petrópolis: **Vozes, 2012).** “Deus nao

---

5taescrito ***f*** I *ríon,já que não existe uma consciência infinita e perfeita para cumm

Cm llirvrt__1 ^

’ " ■ He ser honestos ou que não podei

Wr 1 ^ é necessário levar as conseqüências de sua ausência ate o fim. [...1 Não <- ma 1 íra,frtl~’ 4 - •. i> oerfeita para elabora-lo. Nao

nosinen-

‘ certaver- SC

· que temos de ser **csC^tc** e o Homem,

estamos agora no plano onde <■» de fato Pcl1" na da de l'lK

^.issAdo seria pern^O; **^de

“'“«Mtfiênda.está desamparado, p°'s ado em ' ^ scr jOO7-

>Wde si.- Esse ensaio pode ser y, „89).?» cm; l7

to Sartre **(Meridian Pobiishmg „e.h.m, ^ D*'** *ha"*

^reference/arctóve/sa^o^ ^

’^rry, ***Toward a theory of human ngj*^** ^ rema e *

>i_rin^lp,23_QutroU

200.5b

níe<f Go d? (Eeràmans.

declarar que isso ou aquilo é uma "lei" que tem de ser obedecida? Formulada de um jeito direto assim, a pergunta é tão intelectualmente incômoda que se poderia esperar que um número considerável de pensadores jurídicos e éticos tentasse não lidar com ela. [...] Ou Deus existe ou ele não existe, mas, se ele não existe; | nada nem ninguém pode ocupar seu lugar.,

16

Se Deus não existe, não há como dizer que um ato seja "moral" e outro, "imoral", mas apenas que "este me agrada". Se é assim, quem se vale do direito de transformar em lei os próprios sentimentos subjetivos e arbitrários? Talvez você argumente que "a maioria tem o direito de definir as leis , mas será que você também diria que a maioria tem o direito de votar pelo extermínio de u: minoria? Se sua resposta for "não, isso está errado", voltará à estaca zero. "Quem foi que disse" que a maioria tem o dever moral de não matar a minoria? Por que suas convicções morais seriam obrigatórias para os que se opusessem a elas? Por que sua visão deveria prevalecer sobre a vontade da maioria? O fato é que, diz Leíf, se Deus não existe, todas as declarações morais são arbitrárias, to as avaliações morais são subjetivas e internas, e não é possível haver um pa> moral externo pelo qual sejam julgados os sentimentos e os valores de algué . Mas Leff conclui seu ensaio intelectual de uma forma ainda mais chocante:

Do jeito como estão as coisas agora, qualquer um pode tudo. Ainda assim, jog napalm em bebês é errado. Matar de fome os pobres é perverso. Comprar o semelhante e vender-se é depravação. [...] O mal existe. Todos juntos agora: Quéj foi que disse? Que Deus nos ajude.

Nietzsche, é claro, entendia isso. "As massas piscam e dizem: 'Somos todo! iguais o homem é sempre o homem, diante de Deus somos todos iguaí Diante de Deus! Mas hoje esse Deus está morto".[17] Raimond Gaita, pensadc ateu, escreve com relutância:

1979).

"Arthur Allen Leff, "Unspeakable ethics, unnatural law', ***Duke Law Journal*** (Decell

"F. **Niemche,** ***Thu, sfok, Zarathuetm,*** **part** IV, **"On the Higher Man", próximo ao fim** da seç«

^,3 *AS,lmf",m* **Z«' tradUf5° * MW° * ^ <*<> G'**

Somente **quem** é religioso **pode** falar seriamente do

que todos os seres humanos são de um valor incalcd'^^0 ^ P°demos dizer mós, merecedores de respeito incondicional cm & ^ ^ ^ ^ ^SÍ meS"

é claro, têm dignidade inalienável. Em minha n .P°SSUem dlrejt0s inalienáveis e,

a nós, seus filhos.- ? ^ ^ ^ ^ ^ Deus ama

LeíF não conclui apenas que não há base para os direitos humanos sem Deus, mas também ressalta (como fazem Dershowitz e Dworkin, à sua maneira) que, a despeito do fato de não podermos justificar ou fundamentar os direitos humanos em um mundo sem Deus, ainda assim sabemos que eles existem. Leff não fala somente do ponto de vista genérico, mas também do ponto de vista pessoal. Sem Deus, ele não pode justificar o dever moral, mas, ainda assim, *não pode ignorar* **que ele existe.**

Po:

O argumento em favor da existência de Deus baseado na violência da natureza

«... Annie DiM- B* »"**" "£££ •

montanhas da Virgínia na esperanç dis$_{S0}$, convene

■*> da proximidade com a central - a violent dos

natureza é totalmente regida por um P

c°otra os fracos. te tão mal quanto o

no mundo que se comp° ^ ^ certo ou Não existe uma única pessoa ^ ^ »na natute^ morais ero

Wa-a-deus. “Espere ai. > Fxatamente- h sentimento

- Unmanos: . r 1 somente u

errado; esses conceitos sao ^ alternate b"

Utn mundo amoral. [•••] Pensern ^ ^ ^*justice* (apud ^ichael

,. *Ufi<r about lo**** **j ^ haimond Gaita,** *A common humanity* ^ ^ ^

erry. *Toward a theory of human rights,* **p- e**

humano é estranhamente anormal... Tudo bem - anormais são nossas emoções. Somos aberrações, o mundo é perfeito, sejamos todos lobotomizados a fim de voltar ao estado natural. Podemos sair [...] e, lobotomizados, voltar ao riacho e viver à beira dele com a tranqüilidade de qualquer ratazana dagua dos juncos. Você primeiro.[19]

ou

Annie Dillard percebeu que a natureza inteira se baseia na violência. No entanto, é inevitável acreditarmos ser errado que indivíduos ou grupos humanos mais fortes matem os mais fracos. Se a violência é totalmente natural, por que considerar errado que seres humanos fortes passem por cima dos fracos? Não há base para o dever moral, a menos que defendamos que a natureza, em certo sentido, é antinatural. Não podemos saber que a natureza é de alguma forma imperfeita, a menos que exista algum padrão *sobre* **natural de normalidade além da natureza pelo qual sejamos capazes de julgar o certo e o errado. Isso significa que é preciso haver céu, ou Deus, ou algum tipo de ordem divina independente da natureza a fim de que esse julgamento seja possível.**

Só existe uma saída para esse enigma. Podemos examinar os relatos da Bíblia e ver se eles explicam melhor nosso senso moral do que uma visão secularizada. Se o mundo foi criado por um Deus de paz, justiça e amor, é por isso, então, que sabemos que violência, opressão e ódio são errados. Se o

mundo está decadente, falho e precisa ser redimido, isso explica a violência e a desordem que vemos.

Se voce crc que os direitos humanos são uma realidade, faz muito mais sentido admitir a existência de Deus do que sua inexistência. Se você insiste em uma cosmovisão secularizada, mas, ainda assim, continua a classificas algumas coisas como certas e outras como erradas, espero que seja capaz de entender a profunda desarmonia entre o mundo do seu intelecto e o mundo real (e Deus) que seu coração sabe que existe. Isso nos leva a uma pergunta crucial. Se uma premissa ("Deus não existe") leva a uma conclusão que você sabe nao ser verídica ("jogar napalm em bebês é culturalmente relativo"), *que não alterar a premissa**

—

(Haq^4r^P,tUl◦ 10› «FeCUndity" ^ ^

Existência, um litígio interminável e sem sentido

]<Ião tentei provar a existência de Deus para você. Meu objetivo foi mostrar que você já sabe que Deus existe. Até certo ponto, venho tratando a inexistência de Deus como um problema intelectual, mas há muito mais em jogo. Isso não apenas torna sem sentido todas as escolhas morais, mas também retira o sentido da vida. O dramaturgo Arthur Miller revela essa realidade com eloqüência por meio de Quentin, personagem de *Depois da Queda***. Quentin diz:**

Durante muitos anos encarei a vida como um processo judicial. Tratava-se de um conjunto de provas. Quando somos jovens, provamos nossa coragem ou inteligência; depois, o quanto sabemos amar, ser bons pais e, finalmente, o quanto somos sábios, poderosos ou [seja lá o que for], No entanto, percebo agora que nisso tudo sempre houve uma premissa: seguimos [...] por um caminho ascendente na direção de algum lugar mais

alto onde [...] só Deus sabe [...] serei justificado ou até mesmo condenado. De qualquer forma, um veredicto. Acho agora que minha tragédia realmente começou no dia em que ergui o olhar [...] e não havia juiz. E não restou nada mais além de uma discussão interminável comigo mesmo, esse litígio sem sentido da existência diante de um estrado sem juiz. [...] Isso, é claro, é outra forma de dizer

desespero.[20]

de fato ausente, "quem foi que disse que um inútilum ht.gm

Podemos discutir! mas tudo náo passa d um ^ ^ civihzaçao hu interminável. Se o juiz está de fato ausenteT ^ ^, uma **fagu ha**

Nelson, 1994), p. 128.

"uma, mesmo que ela dure alguns nu ^ os ocea nos dos te p q d e brevidade infinitesimal em compa <

'oApud Peter C. Moore, ***One Lord, one faith*** (Thomas

a precederam e a sucederão. Não sobrará ninguém para lembrar-se de nada que lhe diga respeito. No final, não fará a mínima diferença se somos bons ou cruéis.[21]

Quando nos damos conta dessa situação, restam-nos duas opções. Urna **é nos recusarmos a pensar nas implicações de tudo isso. Podemos nos apegar à crença intelectual na ausência de um Juiz e, mesmo assim, viver como se** nossas **escolhas importassem e houvesse diferença entre amor e crueldade. Por que agiríamos assim? Um cínico talvez respondesse que esse é um jeito de "comer o omelete sem ter de quebrar os ovos", ou seja, nos valemos do bônus de ter um Deus sem o ônus de precisar segui-lo. Mas não há honestidade nisso.**

[21]C. S. Lewis, "On living in an atomic **p. 73-80.**

A outra opção é reconhecer que você *sabe* **que Deus existe. Você é capaz de aceitar o fato de que vive como se a beleza e o amor tivessem sentido, como se houvesse sentido para a vida, como se os humanos tivessem uma**

dignidade inerente — tudo porque você sabe que Deus existe. É desonesto viver como se ele existisse mas negar-se a reconhecer aquele que lhe deu todas essas bênçãos.

agC (1948)> re‘mpresso no volume ***Present cone**'*

DEZ

1

Ibid **n *f.***

2

Yv :'p' „ • ***•/,forties in a turbulent age*** (Little, Brown,

2002) PltUl○1 de Alan M- Dershowitz, ***Shoutmgfire: civil***

3

Ibid.,p. 15. nApud Perry, p. 20.

4

\2~Oor-t-iI ru 21,

O problema do pecado

Será possível duvidar de que atualmente a nossa raça tornará realidade nossas mais ousadas idéias, conquistará a unidade e a paz, e nossos filhos viverão em um mundo mais esplêndido e agradável que qualquer palácio ou jardim de que se tem conhecimento, adquirindo cada vez mais força em um círculo cada vez maior de conquistas? O que o homem já fez, os pequenos triunfos de sua condição presente [...] não constituem senão o prelúdio do que ele ainda está por fazer.

H. G. Wells, *A short history of the world* **(Í937)[1]**

Os massacres a sangue frio de indefesos, a volta da tortura proposital e organiza, o tormento mental e o medo em um mundo do qual tais coisas pareciam de todo banidas — quase aniquilaram por completo meu espírito. [...] O homo

Sapiens , como gostava de chamar a si próprio, está esgotado.

H- G. Wells, ^ *mind at the end of its tether* **[Uma mente sem rédeas] (1946)**

ft* escapar à conclusão de que há algo de fundamentalmente e^do (j0 Com 0 mundo. Segundo o cristianismo, nosso maior pro ema e Í^to,. concebe >cado»é ofensivo ou £**

10aCOmeCe P○rqUe M0 entendem○S ○ Sent‹d

£ - Português: * °— ^ ^ ^

FUNDAMENTOS DA FÉ

OS

o pecado e a esperança humana

, J cristã do pecado é austera e pessi-

Muitos têm a impressão e que a o mais distante da verdade.

™ p*

início d. d». »"-™ , d, h* f$_{ti}$„

esposa veio me procurar. Estava bravo com o que e ....

p , V , • CoUicic mie a haviam levado a abandona-lo e

culpado com relação às proprxas falhas que a navia

desanimado diante de toda a situação. Eu lhe disse que, mais que qualquer corsa, ele precisava de esperança. Concordando prontamente, o rapaz me perguntou o que fazer para adquiri-la. Com toda gentileza respondi que a boa noticia era ele ser pecador. Como pecador, não lhe cabia meramente o papel de vítima impotente de impulsos psicológicos ou sistemas sociais. Anos depois, deparei com um trecho de um sermão de Barbara Brown Baylor, que expressava com mais eloqüência o que tentei dizer naquele dia.

Nem a linguagem da Medicina nem a do Direito é substituto adequado para a

linguagem do [pecado]. Ao contrário do modelo médico, não estamos totalmente

à mercê de nossas doenças. A escolha é entrar no processo de arrependimento.

Ao contrário do modelo jurídico, a essência do pecado não está [basicamente]

na transgressão das leis, mas em um relacionamento arruinado com Deus, com

o próximo e com toda a ordem da criação. “Todos os pecados são tentativas de

preencher vazios , escreveu Simone Weil. Porque não suportamos o vazio em

forma de Deus dentro de nós, tentamos enchê-lo com todo tipo de coisas, mas apenas Deus pode preenchê-lo.[2]

Andrew Delbanco é professor de humanidades na Columbia University. Anos atras realizava pesquisas sobre os Alcoólicos Anônimos e freqüentava

reuniões dos AA em todo o mí<; Pm, , _ ,

; . cm Nr. v i A ’ Uma manhã de sábado, no porão de uma

falar de seus p^aTs^!^ bem. VeStído» US0 da

os seus erros se deviam às iniusf ^ reIat○› de era perfeita TodoS

vingaria de todos que o h 1 ^ 6 traições terceiros. Afirmou que se

vingaria ae toaos que o haviam preiudinHo «r* j , 1 „

de um orgulho terrivelmente ferido”

,.m .• . • Cada gesto dele dava a sensação

'Barba™ B. Taylor, ***Speaking of sin: the lost U***

, escreveu Delbanco. **Era** óbvio que *o*

«nguage of salvation (Cowley, 2000), p. **57-67**.

Scanned by CamScanner

■*j0Vem* estava enredado em sua necessidade d

jjja piorar em sua vida até que reconhecesse e ** ** *> só**

nír de quarenta e poucos anos, de trancinhas e ?qUaM○ ele faiava, um Delbanco e dtsse: 'Eu também me sentia ass l indi~

píra o— - - - assim antes de adquirir uma

tata autoestima . Delbanco escreveu mais tarde em seu livro *The real American*

irem: a meétatton on hope **[O verdadeiro sonho americano: uma meditação**

acerca da esperança]: y

’ autoesnma . Delbanco escreveu mais tarde 1í adquirir

Foi mais que uma boa piada. Para mim, foi o momento em que entendi de uma maneira nova a religião sobre a qual eu afirmava saber alguma coisa. Conforme o rapaz que falava nos bombardeava com frases do tipo “preciso assumir o controle de minha vida” e “preciso acreditar em mim mesmo”, o homem a meu lado encontrava abrigo na velha doutrina calvinista que afirma que o orgulho é inimigo da esperança. O que ele quis dizer com a piada sobre autoestima foi que havia aprendido que ninguém é capaz de salvar a si mesmo graças ao próprio esforço. Em sua opinião, o rapaz continuava perdido em si mesmo, só que não sabia disso.3

uma

Com o termo “baixa autoestima” o sujeito das trancinhas não estava sugerindo que o jovem se odiasse, mas dizendo apenas que ele se encontrava >rdido em si mesmo” e continuaria assim enquanto não fosse capaz de admitir que era um ser humano cheio de imperfeições, um pecador. Jamais s Ataria o bastante para de fato enxergar as próprias falhas, para perdoar os ^Ue o haviam prejudicado ou para humildemente buscar e obter o per ao e terceir°s- A doutrina cristã do pecado, corretamente entendida, pode ser ^ nde fonte de esperança. Mas que doutrina é essa.

O significado de pecado

Of *A* um livrctc fãs

<V?°SL mÓSOf◦ dinamarcIuês Soren Berkc®”r NeJej Kierkegaard define

*ssss** **- st'' TM**

■ *"a*-, -ftc.d" * "" *"'p

, ***hope*** (Harvard University Press,

- tc **chamado** ***The sickness unto death em l»*** ■ -

2°0°)_)^n^ew delbanco, ***The real American dream: a meditation***

se é diante de Deus. [...] Fé é: o eu, sendo o que é e desejando ser o que é, ' apoiar-se com transparência em Deus."[1] Pecado é a recusa desesperada de encontrar nossa mais profunda identidade no relacionamento com Deus e no serviço a ele. Pecado é tentar nos tornar nós mesmos, adquirir uma identidade alienada dele.

O que significa isso? Todos têm identidade própria, a sensação de ser

diferente e valioso, em relação a algum lugar ou a alguma coisa. Kierkegaard afirma que os seres humanos foram criados não só para crer em Deus de forma geral, mas para amá-lo sobre todas as coisas, para centrar a vida nele acima de tudo e a partir dele construir sua identidade. Qualquer alternativa a isso constitui pecado.

A maioria pensa em pecado basicamente como "transgressão das regras divinas", mas Kierkegaard sabe que o primeiro dos Dez Mandamentos é "não terás outros deuses além de mim". Assim, segundo a Bíblia, pecado não é apenas a prática de atos perversos, mas transformar boas ações em algo *absoluto***. E tentar estabelecer uma identidade fazendo que alguma outra coisa seja mais central para nosso valor, propósito e felicidade do que nosso relacionamento com Deus.**

No filme "Rocky", a namorada do protagonista lhe pergunta por que para ele é tão importante "ir até o fim" na luta de boxe. "Porque aí vou saber que não sou um vagabundo", responde Rocky. No filme "Carruagens de Fogo", uma das personagens principais explica por que se esforça tanto no treino para a corrida de cem metros da Olimpíada. Ele explica que, uma vez iniciada a corrida, tenho dez segundos solitários para justificar minha existência • Ambas as personagens encaram a conquista atlética como força definidora do sentido para a vida.

Ernest Becker recebeu o prêmio Pulitzer por seu livro *1he denial of death-*
Logo no começo, o autor observa que a necessidade que uma criança tem de se sentir valorizada "é *a* **condição de sua existência", de tal forma que todos buscam desesperadamente o que Becker chama de "importância cósmica". D[e]**

****** * afe ○ Ieit0r ‹ nã○ encarar "■» leviandade essa expressão * An£Cessi ade de nos sentrr valor,ados é tão poderosa que basicamente C**

(jeusainos qualquer elemento que strva de base pata nossa identidade e nosso

01h"'"OS para esse elemento com toda paixão e intensidade de culto e

***vofâo, mesmo que nos consideremos altamente não religiosos. Becker utiii-**

za o amor romântico como exemplo:

Aautoglorifkação de que necessitava [o homem moderno] em sua natureza mais pessoal e agora buscada no ser amado. Este se torna o ideal divino no qual ele se realiza na vida. As necessidades espirituais e morais se acham agora focadas em um indivíduo.[6]

Becker não está dizendo que todos dependem do romance e do amor para encontrar uma identidade própria. Muitos, em vez disso, buscam no trabalho e na profissão a importância cósmica:

[Às vezes é] o trabalho que carrega o ônus de justificá-lo. O que significa "justificar"? [...] Ele vive a fantasia de controlar a vida e a morte, de controlar o destino.[7]

Mas tudo isso serve apenas para preparar o palco para a decepção contínua.

Nenhum relacionamento humano é capaz de suportar [esse] fardo de endeusamento. [...] Se seu parceiro é seu "Tudo", qualquer erro que cometa se transforma em uma enorme ameaça para você. [...] O que será que queremo quando elevamos nosso parceiro a essa posição? Queremos nos livrar d [ ] nossa sensação de nulidade [...] saber que nossa existência não foi em vao. Oneremos redenção - nada menos que redenção. É desnecessário

dizer que Seres humanos não são capazes de provê-la.

5£

da mo**rte.* CSt ^CCÍCer, ***denial of death (Free Press, ***1973),*** p. **3, 7** [edição em português: ***A negação***

SiJv$_a$ (ftj- 7* ***abor^aêem psicológica sobre afinitude humana,*** tradução de Luiz Carlos do Nascimento

° Maneiro: Record, 2007)].

?T^{íbld}->P-160.

e *ià° tijj, ''P,l66> É importante observar que Becker não estava tentando promover a fé. Ele era ateu

a esse objetivo.

É exatamente isso o que diz Kierkegaard. Todos precisam encontrar *alguma* **maneira de "justificar a própria existência" e de manter ao largo o medo universal de ser "um vagabundo". Nas culturas mais tradicionais, o senso de valor e identidade vem do cumprimento de deveres junto à família e da prestação de serviços à sociedade. Em nossa cultura individualista contemporânea, costumamos buscá-lo em nossas conquistas, na posição social, nos talentos ou relacionamentos amorosos. Existe uma infinita variedade de bases de identidade. Alguns adquirem seu senso de "identidade" obtendo e exercendo poder; para outros, ele depende da aprovação humana; e há os que o extraem da autodisciplina e do controle. Todos, porém, constroem sua identidade em cima de alguma coisa.[9]**

'Se usarmos a definição de Kierkegaard, podemos classificar vários "substitutos para

deus" e os tipos específicos de desalento e **de danos que cada um deles provoca na vida de**

uma pessoa. Assim, podemos identificar os seguintes.

- Se centrar sua vida e identidade em seu cônjuge ou parceiro: você ficará emocionalmente dependente, ciumento e controlador. Os problemas do outro serão opressivos para voce.

- Se centrar sua vida e identidade em sua família e filhos: você tentará viver a vida através dos filhos até que eles fiquem irritados com você ou percam de todo a identidade própria. Na pior das hipóteses, talvez seja capaz de maltratá-los quando eles o desagradarem.

- Se centrar sua vida e identidade no trabalho e na vida profissional: você se tornará um vicia do em trabalho, além de uma pessoa chata e vazia. Na pior das hipóteses, perderá a família e os amigos e, caso a vida profissional vá mal, acabará desenvolvendo depressão profunda.

lível de

,ado

- Se centrar sua vida e identidade em dinheiro e posses: será arrasado pela preocupação com dinheiro e pela avareza. Estará disposto a agir de maneira antictica para manter o m vida, o que acabará por dinamitar a sua vida.

- Se centrar sua vida e identidade no prazer, na gratificação e no conforto: vai se flagrar viciem alguma coisa. Acabará ficando escravo de suas “estratégias de fuga”, por meio das qm evita as dificuldades da vida.

se

- Se centrar sua vida e identidade nos relacionamentos e na aprovação: haverá de sempm sentir ofendido pelas críticas c, assim, estará sempre perdendo amigos. Terá medo de coi frontar os outros e, assim, acabara se tornando um amigo inútil.

os

- Se centrar sua vida e identidade em uma “causa nobre”: você dividirá o mundo entre —

“bons" e os “maus” e demonizará seus oponentes. Por ironia, será sempre controlado pel°s inimigos. Sem eles, você não terá objetivo.

- Se centrar sua vida e identidade na religião e na moral: caso satisfaça seus padrões morais.

você se tornará orgulhoso, arrogante e cruel. Se não satisfizer seus próprios padrões, sei* arrasado pela culpa.

As conseqüências individuais do pecado

***f#* definir assim o pecado, podemos enxergar v' ■■ nos destrói como indivíduos. A identidade alienaZ/T"38 pdas «P* ele** instável. **Sem Deus, nosso senso de valor p„d$_{e\ D}$ " eUS é ine«nte$_{men}$te ^** isso **jamais é real, podendo nos abandonar $_{d}$ SÓ1Íd◦ 04 oficie $_{aem}$plo, se** *construo* **minha identidade sobre a ■ -I Wa para $_{P_{or}}$, ◦*a mãe, n5◦ P◦ssu◦ identidade "genuína"" ** bom Pai $_{ou}$**

***m**i,* **mais. Se alguma coisa de errado acontece $_{c}$ ^ aí>enaS pai ou mãe,**

«adição de genitor, nenhum "eu" sobrevive Or ™ me" ou co$_{m\ minha}$

Ut$_{eologoTh_{0masOdenescrev}}$e

Suponhamos que meu deus seja o sexo ou minha saúde física ou o Partido Democrata. Se algum desses elementos sofrer uma ameaça real, ficarei profimdamente abalado. A culpa será neuroticamente intensificada na medida em que idolatrei valores finitos. [...] Suponhamos que eu valorize meu talento para lecionar e me comunicar com clareza. [...] Se a comunicação clara tiver se transformado em um valor absoluto para mim, um centro de valor que torna valiosos todos os meus outros valores [...] caso eu [deixe de lecionar bem] serei arrasado por uma culpa neurótica. A amargura é neuroticamente intensificada quando alguém ou algo se interpõe entre mim e aquilo que é meu valor absoluto.[10]

Par**alisado d amea^ar sua identidade, você não só ficará ansioso, como**

0lltra $_{Pessoa}$6 me^◦* Per<^er sua identidade em decorrência dos fracassos de ^$_{e}$perdê.q$_{a}$ ' n^◦ S◦ ^cara re$_{ssentido}$, como aprisionado pela amargura.

qüan$_{to\ viv}$ ^°r CaUSa fracasso pessoal, odiará ou desprezará a si mesmo en-^ KjprL, P^{en}as se a sua identidade for construída sobre Deus e seu amor, MC$_{tKega_{ar(j\ v}}$ * x

Não $_{ex}$- ’ ^{0ce} P°derá correr qualquer risco, enfrentar seja o que for.

V°cê dig$_a$. de evitar essa insegurança longe de Deus. Mesmo que

ou d $^{a°\ c°i°car}$ei *minha* **felicidade ou minlia importância sobre ^{ln}dep$_{en(jA}$; ^{5} Você estará, na verdade, colocando-a sobre sua liberdade $^{Per(}$kráo .j^{611013} ^{ln}dividuais. Se algo vier a ameaçá-Az, mais uma vez você**

ífe ^{3}‘Entidade.

VI""^{0}- «den, 7W

worlds; notes on

the death of modernity

in

America and Russia

i cap. 6.

í **Uma identidade cuja base não seja Deus também leva, inevitavelmente, a profiindas formas de vício. Quando transformamos coisas boas em coisas absolutas, já estamos espiritualmente viciados. Se atrelarmos o sentido da vida à nossa família, ao trabalho, a uma causa ou a alguma outra realização que não seja Deus, estes nos escravizarão, tornando-se imprescindíveis. Agostinho disse que “nossos amores não estão na ordem certa . Ele se dirigiu a Deus com ima frase que ficou conhecida: “Nosso coração está inquieto enquanto não descansa em ti!”. Se tentarmos encontrar descanso em alguma outra coisa, nosso coração ficará deslocado, “desarticulado”. As coisas boas que nos escravizam são coisas boas que merecem ser amadas. Mas quando os amores de nosso coração estão fora de ordem, cedemos a padrões de vida que não diferem muito da dependência**

química. Como em qualquer dependência, negamos o grau de controle exercido por nossos deuses substitutos. Um amor desordenado cria angústia desordenada, incontrolável, caso algo de errado aconteça com o objeto de nossas maiores expectativas.

Quando era pastor em minha primeira igreja em Hopewell, na Virgínia vi-me orientando duas senhoras, ambas casadas com homens que não eram bons pais e ambas com filhos adolescentes que começavam a ter problemas na escola e com a policia. As duas estavam com raiva do marido. Aconselhei-as e

resZa b^ntre ○S ^ados da amargura não

ent ram oerd “7 ‘ ÍmP○rtânCÍa d○ ^as concordaram e

tentaram perdoar. No entanto, a que tinha o marido mais difícil e era a menos

religiosa conseguiu perdoar. A outra, não. Isso me deixou confuso durante meses ate que um dia eia confessou: “Ora se me„ fli*u* , *

terá sido um fracasso!”. Ela havia centrado a vida nafeH^d d’ ^ ^ filho; por isso não conseguia perdoar.^11 £ 1C1 a e e no sucesso do

Em *Easter everywhere: a memoir* **íPáscoa em Steinke, filha de um ministro luterano conta cn 7^ memórias]›Darcey**

i xt v , ™o, conta como abandonou a fé cristã Ao se

mudar para Nova York, passou a levar uma vida 1

ma mundana e ficou obcecada por

”É importante recordar que perdoar alguém não significa de' a pelo que ela fez. Não se trata de “isto ou aquilo”- é p$_{rc}$dso fazer ***Zb*** reSp○nSabÜÍ2ar 3 P^eSS○a selha as mulheres a perdoarem, isso não significa simplesmente re^ ^ Q_uando se acon''

marido continue com o mesmo comportamento sem nenhuma confrom T ^ °

mais detalhes no capítulo **11.** “nf rontaçao· Isso ·

O PROBLEMA DO PECADO

seX0. Escreveu vários romances, mas continuou a sentir profunda inquietação e frustração. No meio do livro, ela cita Simone Weil para resumir a principal questão em sua vida. A única escolha que temos é entre Deus e a idolatria”,7 escreveu Weil. Se negarmos a Deus [...] haveremos de adorar algumas coisas Í deste mundo acreditando que as vemos como são, mas, na verdade, embora sem saber, imaginamos nelas os atributos da Divindade.”[12]

Uma vida não centrada em Deus leva ao vazio. Construir a vida sobre algo que não seja Deus não nos fere somente quando não obtemos o que nosso coração deseja, mas também quando nossos desejos *são* **satisfeitos. Poucos conseguem realizar todos os sonhos e, por isso, é fácil viver na ilusão de que se fôssemos bem-sucedidos, ricos, admirados ou bonitos como gostaríamos, viveríamos felizes e em paz. Simplesmente não é assim. Em uma coluna na revista** *The Village Voice,* **Cynthia Heimel relembrou alguns indivíduos que havia conhecido em Nova York antes de se tornarem astros e estrelas de cinema. Uma era balconista da seção de cosméticos da Macys, outro vendia ingressos na bilheteria de um cinema e assim por diante. Quando fizeram sucesso, todos se tornaram mais irritadiços, mais maníacos, infelizes e instáveis do que quando davam duro para alcançar a fama. Por quê? Heimel escreve.**

Aquela coisa gigantesca pela qual lutavam, a fama que faria tudo ficar bem, que lhes tornaria a vida suportável, que os encheria de felicidade, havia acontecido, mas no dia seguinte eles acordaram e viram que ainda eram eles mesmos. A de[ce]pção os deixou irritados e insuportáveis.[1]

As conseqüências sociais **do** pec

, ós como também tem efeito 0 pecado não só produz um impacto dentro ‘^"gunda Guerra Mundial a es-

devastador sobre o tecido sociai Na es e.^ ^ imelecm^^

«tora inglesa Dorothy Sayers test ^ sociedade. **Em s**

*** **entrarem em desespero quanto aos** *t* ^ **sugere que tal esespe** «■*chaos?* **[Credo ou caos?], escrito em >**

:$_r$ (Bloomsbury, 2007), p- ^ 38·40·

nDarcey Steinke, ***Easter everywhere: a rnem***^ ^ ^ January >

"Cynthia Heimel, coluna “Tongue m ’

deveu, em grande parte, à perda da crença na doutrina cristã do pecado “orb ginal”, ou seja, o orgulho e egocentrismo inerentes à humanidade. Os que se mostram mais desanimados”, escreveu ela, “são aqueles que se apegam a uma fé otimista no progresso e no conhecimento como influências que contribuem para o processo de civilização” Para eles, o genocídio nos estados totalitaristas e a ganância e o egoísmo da sociedade capitalista “não são meramente chocantes e alarmantes. Para eles, essas coisas são a negação absoluta de tudo em que acreditavam até agora. É como se o chão do universo em que viviam desaparecesse”. Os cristãos, contudo, estão habituados à ideia de que “existe um profundo desajuste interior no âmago da personalidade humana”. Ela conclui:

O dogma cristão da dupla natureza do homem — que afirma que ele é decaído e necessariamente imperfeito em si mesmo e em todas as suas obras, porém intimamente ligado a uma perfeição eterna dentro e além de si por meio de uma verdadeira unidade de substância — faz a atual e perigosa situação da sociedade humana parecer menos irremediável e menos irracional.[14]

Em *The nature of true virtue* [A natureza da verdadeira virtude], um dos mais profundos tratados de ética social jamais escritos, Jonathan Edwards mostra como o pecado destrói o tecido social. Ele defende que a sociedade humana é profundamente fragmentada quando algo que não seja Deus se torna nosso amor supremo. Se nosso objetivo supremo na vida é o bem da

família, diz Edwards, nossa tendência será nos importar menos com as outras famílias. Se nosso objetivo supremo for o bem de nossa nação, tribo ou raça, tenderemos a ser racistas ou nacionalistas. Se nosso objetivo primordial na vida for a felicidade individual, colocaremos nossos interesses econômicos **a frente dos interesses de terceiros. Edwards conclui que apenas se Deus for** nosso *summum bonum*, nosso sumo bem, e centro da vida, nosso coração se **sentira atraído não apenas por pessoas de todas as famílias, raças e classes, mas pelo mundo em geral.**[15]

Ramsay são muito importantes. ^ ’1989^VoL 8_As notas introdutória

De que modo essa destnrição dos relacionamentos sociais decorre dos efeitos internos do peca o. Se extraímos nossa identidade, nosso senso de calor, **da posiç5° polmca que ocupamos, a política deixa de ser apenas política**

. f» 3 ““ relTMdTa P“ TMio de nossa causa ganhamos uma

identidade, **o nosso valor. Isso significa que é preciso desprezar** e **demonizar a** oposição. **Se extraímos nossa identidade da etnia ou da posição socioeconô-** ^ *precisamos* **nos sentir superiores aos indivíduos de outras classes e raças. Se** você **sente grande orgulho em ter uma mente aberta, uma alma tolerante, ficará extremamente indignado com pessoas que lhe pareçam preconceituosas. Se for alguém muito moralista, haverá de se sentir superior àqueles que considerar permissivos, e assim por diante,**

Não existe saída para isso. Quanto mais amarmos e nos identificarmos com nossa família, raça ou religião, mais difícil será não nos sentir superiores ou mesmo hostis com relação a outras religiões, raças etc. Assim, o racismo, o classismo e o machismo não decorrem da ignorância ou da falta de instrução. Foucault e outros contemporâneos nossos demonstraram ser muito mais difícil do que imaginamos possuir uma identidade pessoal que não conduza à exclusão. A verdadeira guerra cultural acontece dentro de nosso coração devastado por desejos desordenados em relação às coisas

que nos controlam, que nos levam a uma sensação de superioridade bem como a exclusão dos que não as possuem, coisas que não conseguem nos satisfazer

mesm○ quando as obtemos.

As conseqüências cósmicas do pecado

J B<Mia fala de forma ainda mais abrangente (e mais misteriosa) do que

Cclaramos até agora sobre os efeitos do pecado. O primeiro ® de Gênesis nos mostram Deus criando o mundo e,

3nt' U nas nar∧nas ○ fôlego da vida (íj ■

T3.108 da Criaçã0 nâ○ P○deria !" TTsubproduto de algum tipo de SUerr, rC at○S mais antig0S da cnaÇa0, iaçâ0 é deliberada e plane

Jada 0°U ○Utro at0 de violência·QyaSe "T*. das coisas são, curiosamente, Hiatos científicos seculares da ongem das co.s

quase idênticos aos relatos pagãos mais antigos. A forma material do mundo, bem como a vida biológica, é produto de forças violentas.

ímpar dentre os relatos da criação, a Bíblia pinta um mundo em que sobejam formas de vida variadas, dinâmicas, perfeitamente interligadas, interdependentes, mutuamente enriquecedoras. A reação do Criador diante disso tudo é de deleite. Ele não para de repetir que tudo é *bom.* **Quando cria os seres humanos, ele os instrui a continuar a cultivar e colher os vastos recursos da criação como um jardineiro faz em um jardim. O Criador parece estar dizendo em Gênesis 1.28: "Levem isso adiante! Divirtam-se!".[2]**

A palavra hebraica que denota essa interdependência perfeita, harmoniosa, entre todos os elementos da criação é *shalom.* **Ela é traduzida por "paz", mas em nossa língua o termo é basicamente negativo e refere-se à ausência**

de problemas ou de hostilidade. A palavra hebraica significa muito mais que isso. Significa plenitude absoluta — vida plena, harmoniosa, feliz, próspera.

A devastadora perda do *shalom* **como conseqüência do pecado é descrita em Gênesis 3. Ali aprendemos que tão logo decidimos servir a nós mesmos em lugar de servir a Deus — assim que abandonamos a ideia de viver para Deus e desfrutá-lo como nosso sumo bem —, todo o mundo criado se tornou imperfeito. Os seres humanos de tal forma faziam parte do tecido de todas as coisas que, quando voltaram as costas para Deus, toda a estrutura do mundo se desintegrou. Doenças, transtornos genéticos, fome, desastres da natureza, bem como a velhice e a própria morte, resultam do pecado tanto quanto a opressão, a guerra, o crime e a violência. Perdemos o** *shalom* **de Deus — física, espiritual, social, psicológica e culturalmente. Tudo agora está desintegrado. Em Romanos 8, Paulo diz que o mundo todo se encontra no cativeiro da degeneração", a criação está "sujeita à inutilidade e nao sera restaurada enquanto nao formos restaurados.**

O que é capaz de restaurar todas as coisas?

Em algum momento na vida da maioria dos indivíduos, é preciso enfrentar o fato de que não somos as pessoas que, sabemos, deveríamos ser. Quase sempr[e]

nossa reação é virar a página e tentar viver segundo nossos princípios. No fim, isso [nos] l[evar]^ a um beco sem saída espiritual.

No ensaio de C. S. Lewis Is Christianity hard or easy?" [O cristianismo é fácil ou difícil?], o autor descreve o empenho humano normal:

Todos costumamos pensar que [...] temos um eu natural com vários desejos e interesses [...] e sabemos que algo chamado "moral" ou "comportamento decente" exerce poder sobre esse eu. [...] Todos esperamos que, uma vez satisfeitas todas as exigências da moral e da sociedade, ainda reste ao pobre

“eu” natural uma oportunidade, tempo para seguir em frente com a própria vida e fazer o que quiser. Com efeito, somos muito semelhantes ao cidadão honesto que paga seus impostos. Depois de pagá-los, ele espera que sobre o suficiente para seu sustento.

No cristianismo as coisas são diferentes, mas ao mesmo tempo mais difíceis e mais fáceis. Cristo diz: “Entregue-me TUDO. Não quero apenas este tanto de seu tempo, este tanto de seu dinheiro e este tanto de seu trabalho — de modo que seu eu natural possa ficar com o restante. Quero você, não suas coisas. Não vim para torturar seu eu natural [...] em vez disso, eu lhe darei um novo eu. Entregue seu eu natural por inteiro —TODOS os desejos, não apenas os que você considera perversos, mas também os que considera inocentes todo o aparato. Eu lhe darei em seu lugar um novo eu .

Lewis elabora em cima da definição de pecado de Kierkegaard. O pecado não significa apenas praticar coisas ruins, mas pôr coisas boas no lugar de Deus.

Assim, a única solução não está em simplesmente mudar nosso comportamento, mas em reorientar e centrar inteiramente em Deus o coração e a vida.

O que é difícil, quase impossível, é entregar o nosso eu inteiro a Cristo, mas isso é muito mais fácil do que o que todos tentamos fazer em vez disso, forque o que tentamos fazer é continuar a ser o que chamamos “nós” — nossa felicidade individual centrada no dinheiro, no prazer ou na ambição —, esperando, apesar disso, que nosso comportamento seja honesto, casto e humilde. Poi exatamente isso que Cristo advertiu não ser possível. Se sou um gramado, toda a poda do mundo manterá a grama aparada, mas não a fará produzir trigo.

Se quiser produzir trigo, terei de ser arado e semeado.

Isso assusta você? Parece sufocante? Lembre-se se você não viver para Jesus, viverá para alguma outra coisa. Se viver para sua profissão e não se sair bem, isso poderá puni-lo pelo resto da vida e você se sentirá um fracassado. Se viver para os filhos e eles acabarem não sendo bem-sucedidos, você se sentirá atormentado, pois achará que não tem valor como ser humano.

Se Jesus for seu centro e Senhor e você o decepcionar, ele lhe perdoará. Sua profissão não pode morrer por seus pecados. Talvez você diga: Se eu fosse cristão, viveria o tempo todo perseguido pela culpa! . Mas *todos nós* **somos perseguidos pela culpa, pois precisamos de uma identidade, e há de existir** *algum* **padrão para pautar a vida e nos fornecer tal identidade. Seja no que for que você centre a vida, será preciso viver de acordo com isso. Jesus é o único Senhor para o qual podemos viver — por você ele entregou a vida e deu seu último suspiro. Isso lhe parece opressivo?**

Talvez você diga: "Acho o cristianismo perfeito para gente que sofreu reveses na vida. E se eu não fracassar na minha profissão e minha família for *ótima***}". Como disse Agostinho, se existe um Deus que nos criou, as câmaras mais profundas de nossa alma não podem ser preenchidas com nada menos que ele. Essa é a dimensão da grandeza da alma. Se Jesus é o Senhor-Criador, por definição, nada poderá satisfazer você tanto quanto ele, mesmo que você seja bem-sucedido na vida. Até mesmo as profissões e famílias mais bem-sucedidas não são capazes de nos oferecer o sentido, a segurança e a confiança que o autor da glória e do amor é capaz de dar.**

Todos precisamos viver em função de alguma coisa. Qualquer que seja essa "alguma coisa", ela se torna "Senhor de nossa vida", quer pensemos nesses s, quer não. Jesus é o único Senhor que, se você o receber, vai realizá-lo plenamente e, se o desapontar, lhe perdoará por toda a eternidade.

ONZE

1

Soren Kierkegaard, *The sickness unto death: a Christian psychological exposition for edification and awakening* (Penguin, 1989), p. Ill, 113 [edição em português: O *desespero humano*, tradução de Al<*

Marins (São Paulo: Martin Claret, 2006)].

2

Debra Rienstra, *So much more: an invitation to Christian spirituality* **(Jossey-Bass, 200?).**

p. 41.

A religião e o evangelho

No exato instante daquele pensamento de vangloria, assaltou-me um pressentimento, uma náusea horrível e o tremor mais horripilante [...] baixei os olhos [...]

mais uma vez eu era Edward Hyde.

Robert Louis Stevenson, 0 *médico e o monstro*

0

CRISTIANISMO **ensina que nosso maior problema** é **o pecado. Qual, então, seria a solução? Ainda que você aceite o diagnóstico cristão do problema, aparentemente não existe nenhum motivo específico para buscar** a solução **apenas no cristianismo. Talvez você diga: "Tudo bem, entendo que se eu construir minha identidade sobre alguma outra coisa que não seja Deus, serei levado à ruína. Por que a solução deve ser Jesus e o cristianismo? Por que outra religião não serviria, ou tão somente minha** fé **individual em Deus?".**

A resposta é que existe uma diferença profunda e fundamental entre o modo Pelo qual as outras religiões nos dizem que busquemos a salvação e o

odo descrito no evangelho de Jesus. Todas as outras religiões importantes

inho para a salvação. Somente

for

uw w ' /wimuinu pw*- - ,

am fundadas por mestres que mostram ^ **a** diferença e **detal or** ^

- « J___

Ks afirmou *r ele próprio o caminho de rehgiâo nojm

<tK, embora o cristianismo certamente ^ capítulo "^" gelho"

religião" para nos referir à salvação p

«o mais amplo, para fins de «8"^ do esforço moral e evang

o— . qa graça •

P^a nos referir à "salvação por r^[1]

, crenças de valores absolutos que

. ,. .. ^ nualquer sistema de / , ^ é bastante razoavel

'No sentido mais amplo, a religião no mundo.Essaéraza

molda nossa busca de um tipo **específico de vi a**

Duas formas de egocentrismo

Na obra de Robert Louis Stevenson, 0 *médico e o monstro* **o dr. Jekyü acaba se dando conta de ser uma "mistura bizarra de bem e mal . Ele acredita que sua natureza má coíbe sua natureza boa. Ele pode desejar fazer algumas coisas, mas não consegue levar avante esses desejos. Assim, descobre uma poção capaz de separar as duas naturezas. A esperança é que sua natureza boa, que se manifesta durante o dia, seja libertada da influencia do mal e se torne capaz de atingir as metas almejadas. No entanto, quando certa noite ele ingere a poçao e seu lado mau vem à tona, este é bem pior do que se poderia esperar. Ele descreve sua natureza má fazendo uso de categorias cristãs clássicas.**

Percebi ser, ao primeiro sopro dessa nova vida, mais perverso, dez vezes mais perverso, vendido como escravo a meu mal original; e o pensamento naquele instante envolveu-me e agradou-me como vinho. [...] Cada ato e pensamento [de Edward Hyde] centrava-se em si mesmo.

O nome Edward Hyde não lhe coube apenas por sua aparência horripilante, mas por estar escondido.[2] Ele só pensa em seus próprios desejos e não se importa com quem ferirá para alcançar a autossatisfação. Mata quem se

interpõe em seu caminho. Stevenson está dizendo que até as melhores pessoas escondem de si o que trazem no interior — uma enorme capacidade para o egoísmo, o narcisismo e a preocupação consigo e com seus próprios interesses acima de tudo o mais. O autoengrandecimento está na base de boa parte da dor neste mundo. E o motivo que torna os poderosos e ricos indiferentes às mazelas dos pobres, a razão da maior parte da violência, dos crimes e das guerras. Está no centro da grande maioria dos casos de desintegração familiar. Escondemos de

chamar o secularismo de religião, assim como o cristianismo. No entanto, praticamente todas as religiões exigem, em graus diversos, uma forma de autossalvação por meio de mérito. Exigem que os indivíduos se aproximem de Deus através de vários rituais, observâncias e comportamentos.
Isso também é o que a maioria acha ao pensar em religião e, nesse sentido, o cristianismo apresentado no Novo Testamento e radicalmente diverso. Por esse motivo, para as finalidades deste capítulo, falaremos de cristianismo como algo diferente de "religião".

[2]Na língua inglesa, o nome Hyde remete a *hideous* **(horripilante, abominável, monstruoso) c a** *hidden* **(oculto, escondido). (N. do E.)**

A, **mesmos nossa capacidade autocentrada nara rnm.t • n°s**

n . P"* cometer atos perversos ma?

SÍtUaÇÕeS T filna◦nam COm◦ >Ção», e tais atos se manifeZ auand0
percebe em st essa capacidade para atos perversos, o dr JekyU

decide reprimir esse terrível egocentrismo e orgulho presentes no âmago de seu ser. Em certo sentido, ele "adota a religião". Compromete-se solenemente a não mais ingerir a poção. Dedica-se à caridade e às boas obras, em parte como reparação **pelo que Edward Hyde havia feito e em parte como tentativa de sufocar sua natureza egoísta com atos de altruísmo.**

Um dia, porém, sentado em um banco do Regents Park, o dr. Jekyll se põe a pensar em todo o bem que vinha fazendo e em como, a despeito de Edward Hyde, era um homem bem melhor que a grande maioria de seus semelhantes.

Decidi redimir o passado por meio de minha conduta futura e posso dizer honestamente que a decisão deu bons frutos. Você sabe com quanta determinação, nos últimos meses do último ano, trabalhei para aliviar o sofrimento; você sabe que fiz muita coisa pelos outros. [... Mas enquanto] eu sorria, comparando-me a outros homens, comparando minha boa vontade ativa com a crueldade preguiçosa da negligência alheia [...] no exato instante daquele pensamento de vangloria, assaltou-me um pressentimento, uma náusea horrível e o tremor mais horripilante [...] baixei os olhos [...] mais uma vez eu era Edward Hyde.

Essa é uma reviravolta mortal. Pela primeira vez, sem querer e sem a poçã ,

ob

rasN0

0 JekyU se transforma em Hyde. É o começo do fim. Incapaz agora de c °Mrolar suas transformações Jekyll se mata. O discernimento de Stevenson, pens° eu, é profundo aqui. Por que o médico se transformaria **no monstro sem * À semelhança de muita gente, o dr. JekyU sabe que é pecador, por. tei*ta desesperadamente encobrir seu pecado com um grande numero de**

-manto, sua tentativa ac ia— ,nfos de superioridade, **justiça**

PtvCr °VSraVa' Ele! ∘ leVam “ *"ZM- O* **médico se transforma no p la e orgulho. Então, de repente — veja.**

°7°f° a despeito de sua bondade, mas por , opressão contra

c **TJma é ser muiw ~ °**

mas eles assumem duas formas. _ ag regras, tornando-se

tod

rceiros.

as

terc$_P$;.$^{eCad0\ C\ mal\ São}$ e$_g$^{ocentrismc};$^{e\ ofgU}_T$ ∧ *é*, ser muito mau e transgredir

as

^{re}gras; a outra, ser muito bom e segu

arrogante. Existem duas maneiras de você ser seu propno Salvador e S A

primeira é dizer: “Viverei minha vida do jeito que « qurser . A segunda e descrita por Flannery O'Connor, que escreveu sobre um de seus personagens, Hazel Motes: ele sabia que a melhor maneira de evitar Jesus era evitar o pecado .

Se você evita o pecado e vive segundo a moral de modo que Deus tenha de abençoá-lo e salvá-lo, então ironicamente talvez esteja buscando em Jesus um mestre, um modelo, uma ajuda, mas o está evitando como Salvador. Você está confiando em sua própria bondade em vez de confiar em Jesus no que tange à sua condição diante de Deus. Está tentando salvar a si mesmo seguindo Jesus.

Por ironia, isso é rejeitar o evangelho de Jesus. É uma forma cristianizada de religião. É possível evitar Jesus como Salvador tanto obedecendo às regras bíblicas quanto transgredindo-as. Tanto a religião (pela qual você constrói sua identidade em cima de suas conquistas morais) quanto a irreligião (pela qual você constrói sua identidade em cima de alguma outra meta ou relacionamento secular), no final, são caminhos espirituais idênticos. Ambas constituem “pecado”. A autossalvação por meio de boas obras talvez produza um bom volume de comportamentos morais em sua vida, mas, por dentro, você estará cheio de arrogância, crueldade e preconceito. E vai sofrer. Estará sempre se comparando a terceiros, nunca seguro de ser bom o bastante. Por isso, você não será capaz de lidar com sua própria perversidade e com seu narcisismo por meio da lei moral, tentando ser uma boa pessoa por meio de atos da vontade. Você precisa de uma transformação completa na própria motivação que habita seu coração.

O Diabo, com efeito, prefere os fariseus — homens e mulheres que tentam salvar a si próprios. Comparados aos cristãos maduros e aos irreligiosos, os fariseus são mais infelizes ainda e causam muito mais prejuízo espiritual.

Os danos do farisaí

smo

Por que a religião farisaica é tão prejudicial? Lembre-

letal[4]

se da

nausea esp

iritual

que sentimos quando deixamos de construir nossa identidade a partir de Tlannery O'Connor, *Wise blood: three by Flannery O'Connor* **1962) — 16**

[Enjoo ***t*** **CUj◦ **> « ^ é** *The Ikness unto* ******

desespera humano **(veja capítulo 10, n. 4). (N. do E.)**

no capítulo anterior. O título d$_a$ ediçã,

ao em português e

O

Deus-Lutamos para consegwr um senso de valor, de propósito e individualidade, porém com base em condtçoes que jamais somos capazes de cumprir ou manter, que constantemente nos escapam. Como diz Kierkegaard, não nos tornamos nós mesmos- Intenormente, isso é vivenciado como ansiedade, insegurança e ódio, **levando-nos, exteriormente, a marginalizar, oprimir e excluir os outros.**

A despeito de toda a justiça da perspectiva da lei, os fariseus são movidos *tnaú* **pelo desespero do pecado. Constroem seu senso de valor sobre seu próprio desempenho moral e espiritual, uma espécie de currículo a ser apresentado a Deus e ao mundo. Os padrões morais e espirituais de todas as religiões são muito altos, e os fariseus, no fundo, sabem que não estão plenamente à altura de tais padrões. Não oram com a frequência**

recomendada. Não amam nem servem o próximo tanto quanto deveriam nem mantêm puros os pensamentos mais íntimos como deveriam. A ansiedade, a insegurança e a irritabilidade interiores resultantes quase sempre são muito maiores do que qualquer coisa que possa afetar os irreligiosos.

Richard Lovelace capta muito bem outra maneira pela qual a religião farisaica é tão nociva:

Muitos [...] extraem a certeza de que serão aceitos por Deus da sua própria sinceridade, da experiência anterior de conversão, do desempenho religioso recente ou da relativa raridade de ocasiões em que desobedecem de modo consciente e espontâneo. [...] A insegurança se mostra no orgulho, na afirmação feroz e defensiva da justiça pessoal, bem como na crítica defensiva aos outros. Acabam naturalmente odiando outros estilos culturais e outras raças a fim de promover SUa própria segurança e descarregar a raiva reprimida.

Co

-mo diz Lovelace, a religião farisaica não lesa apenas o intimo da

J *b* *r* **• nrprknm escorar seu senso**

d> mas também cria conflito social. Os farise p mnartilham de

usti9a e nor isso desorezam c atacam todos os que nao compartilham de va e, por isso, desprezam e at resultam o racismo e o

s crenças doutrinárias e práticas religi < • dona da yerdade>

em por-

,erialismo cultural. As igrejas que se enchem g

sn. , ... anterVarsity, 1979), p. 212ss [edição

***hchard Lovelace,** *The dynamics of spiritual J \ _* **tradução de Hope Gordon Silva**

lê®: *Teologia da vida cristã: as dinâmicas da renovaçao espi >*

---

exclusivista, insegura, irritada e moralista são extremamente sem graça. Seus sermões costumam ser altamente preconceituosos, embora internamen e essas igrejas amarguem conflitos, divisões e desunião. Quando um dos bderes apresenta uma falha moral, as igrejas a racionalizam e denuncam os cntrcos do hder ou fazem dele bode expiatório. Milhões de indivíduos criados nessas igrejas ou próximos delas rejeitam o cristianismo bem cedo na vida ou quando jovens adultos, em grande parte por causa da própria experiência. Estarão vacinados contra o cristianismo para o resto da vida. Caso tenha se decepcionado com igrejas desse tipo, toda vez que alguém lhe recomendar o cristianismo, você pensará que querem fazê-lo adotar a "religião". Os fariseus e suas vidas em nada atraentes confundem muita gente quanto à verdadeira natureza do cristianismo.

A diferença da graça

Existe, assim, um grande abismo entre a visão de que Deus nos aceita em de-„ corrência de nosso esforço e a visão de que Deus nos aceita com base no que Jesus fez. A religião atua segundo o princípio "obedeço, logo, sou aceito por Deus", mas o evangelho funciona segundo o princípio "sou aceito por Deus por meio do que Cristo fez, logo, obedeço". Dois indivíduos que levem a vida com base nesses dois princípios diversos podem sentar-se lado a lado em um banco de igreja. Ambos oram, contribuem generosamente com dinheiro, são leais e fiéis à família e à igreja, tentam viver com decência. No entanto, fazem tudo isso com motivações radicalmente distintas, detêm identidades espirituais radicalmente diversas, e o resultado são dois tipos radicalmente díspares de vida.

A diferença primordial é a motivação. Na religião, tentamos obedecer aos padrões divinos por medo. Acreditamos que se não obedecermos, perderemos a bênção de Deus neste mundo e no próximo. No evangelho, a

motivação é nossa gratidão pela bênção já recebida por causa de Cristo. Enquanto o moralista é obrigado a obedecer, motivado pelo medo da rejeição, o cristão se

apressa a obedecer, motivado pelo desejo de agradar e de se parecer com aquele que deu a vida por nós.

Outra diferença tem a ver com nossa identidade e autoestima. Em um contexto re 'gloso, sentimos estar satisfazendo os padrões religiosos que nós mesmos escolhemos, daí a sensação de superioridade e o desdém com relação aos

_____-.....

e não seguem o verdadeiro caminho. Isso acontece quando nossa religião é de *la* tipo mais liberal (caso em que nos sentimos superiores aos preconceituosos c ignorantes) mas também de um tipo mais conservador (caso em que nos sentimos superiores aos menos moralistas e menos espirituais). Quando não satisfazemos os padrões que escolhemos, passamos a desprezar a nós mesmos. A culpa é bem maior do que se ficássemos de todo alienados de Deus e da religião.

Quando minha compreensão pessoal do evangelho era bem limitada, minha autoimagem oscilava loucamente entre dois polos. Quando eu satisfazia meus padrões no trabalho acadêmico, nas conquistas profissionais, nos relacionamentos , eu me sentia confiante, mas não humilde. Ficava sujeito ao orgulho e não me solidarizava com os fracassados. Quando não satisfazia meus próprios padrões, eu me sentia humilde, mas não confiante, me via como um fracasso. Descobri, porém, que o evangelho continha os recursos para a construção de uma identidade ímpar. Em Cristo me descobri aceito pela graça, não apenas apesar de minhas falhas, mas porque estava disposto a admiti-las. 0 evangelho cristão diz que sou tão falho que Jesus precisou morrer por mim, mas ainda assim sou amado e valorizado, e Jesus fez questão de morrer por mim. Isso leva, ao mesmo tempo, a uma humildade profunda e a uma pro-ftinda confiança. Acaba tanto com a presunção quanto com a lamúria. Não consigo me sentir superior a ninguém, e mesmo assim nada tenho a provar a pessoa alguma. Não me considero superior nem inferior. Em vez disso penso menos em mim. Não preciso reparar em mim como me saio, o que pensam

[a] meu respeito — com tanta frequência.

Religião e evangelho também diferem fundamentalmente na maneira c°mo tratam o Outro — aqueles que não compartilham das mesmas crenças [e] Práticas. Os pensadores pós-modernos entendem que o “eu" é formado e fortalecido por meio da exclusão do Outro — aqueles que não possuem os ^fores ou características sobre os quais baseio minha própria importância. [Defi]fomos a nós mesmos apontando para quem não somos. InHamos nosso [Senso] de valor desvalorizando os que pertencem a outras raças e tem outras

e características.[6] A identidade do evangelho nos fornece uma nova

base nom ■ . , . _ _ ;,.otas O valor de um cristão nao

P[ara] interações sociais harmoniosas e ju ■

[6y.] , Vnlf *Exclusion and embrace* (Abingdon, 1996).

[Ve]ja como o eu é formado pela exclusão em Miroslav Volt, *Lxcirn*

é construído através da exclusão de alguém, mas por meio do Senhor que foi excluído em meu benefício. Sua graça me desperta uma humildade mais profunda que a humildade que qualquer outra religião é capaz de despertar (já que sou demasiado falho para conseguir me salvar graças a meu próprio esforço), mas também me afirma de maneira mais potente que afirmações advindas de qualquer outra religião (já que estou absolutamente seguro de que sou aceito por Deus de forma incondicional).

Isso significa que não posso desprezar quem não crê como eu creio Já que não sou salvo por minhas doutrinas ou práticas corretas, essa pessoa diante de mim, mesmo com suas crenças equivocadas, talvez me seja superior sob vários aspectos. Significa, também, que não preciso me sentir intimidado por ninguém. Não sou inseguro a ponto de temer o poder, o

talento ou o sucesso dos que são diferentes de mim. O evangelho nos possibilita escapar à susceti-bilidade, à postura defensiva e à necessidade de criticar os outros. A identidade cristã não se baseia na necessidade de ser visto como um indivíduo bom, mas na avaliação que Deus faz de nós em Cristo.

Religião e evangelho também levam a maneiras divergentes de lidar com os problemas e o sofrimento. A religião moralista faz seus adeptos se convencerem de que se levarem uma vida de retidão, Deus (e os outros) lhe deverá respeito e favores, e eles merecerão uma vida decente e feliz. No entanto, se a vida começar a desandar, os moralistas sentirão uma raiva debilitante. Ficarão revoltados com Deus (ou com o universo") por acharem que, já que vivem melhor que os outros, deveriam ter uma vida melhor, ou sentirão profundo rancor de si mesmos, incapazes de se livrar da sensação de não ter vivido como deviam. O evangelho, porém, possibilita escapar da espiral de amargura, autocensura e desespero quando as coisas não vão bem na vida. Sabemos que a premissa básica da religião se vivermos bem, as coisas darão certo — está errada. Jesus foi a pessoa mais correta do ponto de vista moral que já existiu, mas em sua vida não faltaram pobreza, rejeição, injustiça e até mesmo tortura.

A ameaça da graça

Muita gente, quando ouve pela primeira vez a distinção entre religião e ev £"~ gelho, acha que parece fácil demais. "Que ótimo!", alguém talvez diga. "S<

cristianismo é isso, basta entrar em uma relação pessoal com Deus e depois fazer tudo o que eu quiser!" Essas palavras, contudo, só podem sair da boca de quem jamais teve a experiência da graça radical. Quem a teve jamais falará assim. Na verdade, a graça pode ser bem ameaçadora.

Anos atrás conheci uma mulher que começou a freqüentar a igreja Redeemer. Ela freqüentava a igreja desde mocinha e me disse que jamais havia ouvido falar na distinção entre evangelho e religião. Sempre ouviu que Deus só nos aceita se formos bons o bastante. Acrescentou ainda que a nova

mensagem lhe parecia assustadora. Perguntei por que, e ela me respondeu:

Se eu fosse salva por minhas boas obras, haveria um limite para o que Deus poderia me pedir ou me fazer passar. Eu seria como um contribuinte que paga seus impostos, teria "direitos"— cumprido o meu dever, mereceria certa qualidade de vida. Mas se sou uma pecadora salva por pura graça, não há nada que ele não possa pedir de mim.

Ela entendeu a dinâmica da graça e da gratidão. Se perder o medo da punição nos tirasse o incentivo para levar uma vida altruísta, então o único incentivo para viver uma vida decente teria sido o medo. Aquela mulher conseguiu entender logo que o ensinamento incrivelmente maravilhoso da salvação por pura graça tinha um reverso. Ela percebeu que o fato de ser uma pecadora salva pela graça a deixava mais sujeita ao soberano senhorio de Deus. Percebeu que se Jesus realmente havia feito tudo isso pelo seu bem, ela não pertencia mais a si mesma. Agradecida, pertencia de bom grado a Jesus, que lhe havia concedido tudo isso por um preço infinitamente alto para ele.

De fora, isso talvez pareça intimidar, como se fosse uma obrigação pesa díssima. De dentro, a motivação é só alegria. Imagine o que acontece quando nos apaixonamos. O amor nos deixa ansiosos pela aceitação do ser amado. Perguntamos ao outro: "Você quer sair?", ou até mesmo propomos: "Quer se casar comigo?" O que acontece quando a resposta é "sim"? Será que dizemos: "Ótimo, tudo certo! Agora posso agir como eu quiser?". Claro que não. A partir daí nem esperamos que o objeto de nosso afeto peça diretamente algo de nós. Tentamos adivinhar tudo o que possa agradá-lo e deleitá-lo. Não existe intimidação nem obrigação, mas nosso comportamento já foi radicalmente alterado pela mente e pelo coração de quem amamos.

Ninguém expressa esse conceito de forma mais vibrante do que Victor Hugo em *Les miserables.* **O protagonista Jean Valjean, e um amargo ex-condenado. Ele rouba os talheres de prata de um bispo que ja lhe tinha dado mostras de bondade. Valjean é pego pelos guardas e levado preso de volta à casa do bispo. Em um ato de graça radical, o bispo dá os talheres a Valjean e o livra da prisão. Esse ato de misericórdia o abala profundamente. No capítulo seguinte, Victor Hugo esclarece como tal graça foi ameaçadora:**

A essa bondade celestial [do bispo], ele contrapõe o orgulho, que é a

fortaleza do mal dentro de nós. Ele estava confuso mas ciente de que o perdão daquele padre era a maior ofensiva e o ataque mais ameaçador que já havia sofrido; ciente de que sua obstinação se imporia em definitivo caso ele resistisse ao perdão; se cedesse, seria obrigado a renunciar àquele ódio com o qual os atos de outros homens haviam enchido sua alma durante tantos anos, um ódio que o agradava; ciente de que desta vez era necessário conquistar ou ser conquistado; e que havia tido início uma luta, uma luta colossal e decisiva, entre sua maldade e a bondade daquele homem.[7]

Valjean escolhe deixar a graça vencer. Abre mão de sua profunda autopiedade e amargura e passa a viver uma vida de bondade estendida aos outros. É transformado na raiz de seu ser.

Outra importante personagem do romance é o policial Javert, que construiu toda uma vida sobre seu conceito de recompensas e castigos. Incansável e arrogante, ele persegue Valjean ao longo do livro, ainda que isso esteja destruindo sua própria vida. Finalmente, Javert cai nas mãos de Valjean. Em vez de matá-lo, Valjean deixa o inimigo partir. Esse ato de graça radical é profundamente perturbador para Javert, que se dá conta de que, para reagir de forma adequada a esse gesto, teria de mudar por completo sua maneira de encarar o mundo. Em vez de mudar, ele se lança no rio Sena.

Parece o maior de todos os paradoxos. O ato mais libertador de graça incondicional e gratuita exige que o receptor abra mão do controle da própria

Victor Hugo, "Little Gervals" (cap. 13), in: *Les miserables,* **Book One [edição em português: Of**

”p ***T*** ^^ Barr∘S (Sã∘ Paul0/Ri0 Janeiro: Cosac Naify/ **Casa da Palavra, 2002JJ.**

w

vida. Será uma contradição? Não, se você i

pfwJos 3 e 9 *Não* **temos controle sobre noTsa^T,0 ** foi ™ ca e soro0s controiados por isso, o verdadeiro senh Í , °** ^ P-a aigo Deus esse algo para sempre nos oprimirá. Apen s Vidas- ^ não for**

crandao do eu a espreita, mesmo no meio d$_{a}$P ∧ ∧ n∘S Überta da es″ a ilusão que temos de ser livres, individual ∧ A como bem** *nos*
apraz. us aut$_{onomos,}$ levando a vida

0 evangelho possibilita levar uma vida radicalmente diversa. Os cristãos, porém, muitas vezes deixam de usar os recursos fornecidos pelo evangelho para viver a vida que eles teriam condições de viver em Cristo. É crucial para qualquer leitor deste livro admitir essa diferença fundamental entre evangelho e religião. A mensagem básica do cristianismo se distingue *na raiz* **dos pressupostos da religião tradicional. Os fundadores de todas as outras principais religiões eram, em essência, mestres, não salvadores. Eles vieram para dizer: "Faça**

isto e você encontrará o divino", mas Jesus veio essencialmente como salvador

. 1. • *'l*

e não como mestre (embora também tenha ensinado). Ele disse: "Sou o divino que veio até *vocês,* **para fazer o que vocês não eram capazes de fazer sozinhos .**

A mensagem cristã é de que não somos salvos pelo nosso histórico, por isso, o cristianismo não é religião nem irreligião, mas algo totalmente diverso.

DOZE

A (verdadeira) história da cruz

Eu podia aceitar Jesus como mártir, encarnação de sacrifício e mestre divino. Sua morte na cruz foi um magnífico exemplo para o mundo, mas meu coração jamais pôde aceitar que nisso houvesse alguma virtude misteriosa ou miraculosa.

Gandhi, *An autobiography*[1]

Eu vislumbrava a cruz e, de repente, meu coração parava de bater. Por instinto ou intuição eu entendia que havia algo mais importante, mais turbulento, mais intenso que nossas causas, por mais nobres que fossem. [...] Eu deveria tê-la vestido. [...] Ela deveria ter sido meu uniforme, minha língua, minha vida. Não tenho desculpa; não posso alegar que não sabia. Eu sabia desde o início e virei

as costas.

0

Malcolm Muggeridg*z Jesus rediscovered*

re foi a cruz· A morte de Jesus PRINCIPAL **símbolo do cristianism a ^oa n0Va. Cada vez mais,**

— por nossos pecados é o coração o < koa noVa vem sendo consi

Porém, o que a igreja cristã sempre *encM^* **culturíU**

Corado uma má notícia pelo restante de ‘ perdoar peCados. Para

No relato cristão, Jesus morre para que que Jesus *tmha*

muitos, isso parece um absurdo, algo a nova-iorquinos mais vezes do que a de morrer?” é uma pergunta que ouço

. *. *mtfího* ri*. ^ ‘ *tZ*

'Edição em português: ***Au***Athena, 1999).

Humberto Mariotti et al. (São Pau o.

pergunta “Deus existe?”. Eles indagam: “Por que Deus não podia simplest^, te nos perdoar?”. “O Deus cristão se parece com os deuses vingativos dos p_{ri}-mórdios, que precisavam ser apaziguados com o sacrifício de vidas humanas.” **Por que Deus não pode simplesmente aceitar todo mundo ou, no mínimo, os que se arrependem de seus erros? A doutrina cristã da cruz deixa algumas pessoas confusas, e outras, alarmadas. Há teólogos protestantes liberais q_{Ue} rejeitam integralmente a doutrina da cruz, pois ela lhes parece um abuso infantil praticado por um ser divino”.**

Ora, por que então não deixar a cruz de fora? Por que não nos concentrar na vida de Jesus e em seus ensinamentos em vez de nos fixar em sua morte? Por que Jesus teve de morrer?

A primeira razão: o perdão genuíno é onerosamente doloroso

Comecemos com um exemplo puramente econômico. Imagine que alguém tome emprestado seu carro e, ao dar marcha ré para sair, bata no portão, derrubando-o juntamente com uma parte do muro. Seu seguro residencial não cobre o portão e o muro. O que fazer? Basicamente, existem duas opções. A primeira é exigir que o responsável assuma o prejuízo. A segunda é recusar qualquer pagamento. Talvez também haja soluções intermediárias em que os dois dividam o custo. Repare que em qualquer das opções *alguém* **deve arcar com o prejuízo. Ou você ou ele assume o ônus da ação, mas a dívida não vai simplesmente evaporar. Nesse exemplo, perdão significa você arcar com o ônus da infração cometida por ele.**

A maior parte dos males que nos são causados não pode ser calculada em termos puramente econômicos. Alguém talvez tenha roubado parte de sua felicidade, reputação, de suas chances ou privado você de determinados aspectos de sua liberdade. Não se pode pôr uma etiqueta de preço nessas coisas, mas isso não elimina a sensação de injustiça, que não desaparece quando o **outro diz “sinto muito”. Quando somos seriamente prejudicados, ficamos com a sensação indelével de que os culpados incorreram em uma**

dívida que precisa ser saldada. Quando somos prejudicados e nos damos conta de que existe uma dívida que não pode ser ignorada, só há duas coisas a fazer.

A primeira opção é procurar formas de fazer „ ,

que fizeram. Podemos romper o relacionamento e tom^{P} ’‘f*" $^{pd\circ}$ que eles passem por algum sofrimento

$_{pc)0}$ menos desejar que ,sso aconmça. Eú$_{stcra\ várias\ m}$J$_{ras}$ ^ ™

Podemos **confronta-los com crueldade, dizendo coisas que magoam. Podemos •* espalhando boatos que manchem a reputação que eles têm. Se os culpados sofrerem, talvez comecemos a sentir certa satisfação, imaginando que eles agora estejam pagando sua dívida.**

No entanto, essa opção apresenta problemas graves. Talvez nos tornemos mais duros e frios, adotemos a autopiedade e, assim, é possível ficarmos mais autocentrados. Se o culpado for rico ou poderoso talvez passemos instintiva-mente a nos ressentir desse tipo de pessoa pelo resto da vida. Se for uma pessoa do sexo oposto ou de outra raça, talvez nos tornemos para sempre cínicos e preconceituosos em relação a toda uma classe de indivíduos. Além disso, o culpado, seus amigos e sua família quase sempre acham ter o direito de devolver na mesma moeda as nossas investidas. Ciclos de reação e retaliação podem durar anos. Fizeram mal a você, sim, mas quando você tenta cobrar o que lhe devem através da vingança, o mal não desaparece. Ao contrário, ele se alastra, ^{e} o pior é que atinge principalmente você e sua própria natureza.

Existe, porém, outra opção. Você pode perdoar. O perdão significa recusar-se a fazer os culpados pagarem pelo que fizeram. No entanto, refrear-se de atacar alguém quando isso é o que mais desejamos é pura *agonia,* **e uma ^{f} °rma de sofrimento. Não apenas sofremos a perda original da felicidade, da reputação ou de uma oportunidade, mas também abrimos mão do consolo de inftigij- O mesmo mal a quem nos prejudicou. Arcamos com a divida, assumiu o P$^{\circ r}$ completo o ônus em lugar de cobrá-lo do outro. Dói imensamente. Mu .**

S^{cnt}c diria que é uma espécie de morte. ^ $_{éwa\ morte}$

s‘m, mas é uma morte que leva à ressurreiç muita nte quant0

” vida de amargura e cinismo. Como pastor, ^ a yjngar-se

0 Perdão e descobri que, quando se age assim Q ódio aos POUCOS

dL CUlpado◦› Seja P◦r at◦S ◦U naS fantaSiaS c en a t imento vai se apagando. C. S. ln ui. Como não o alimentamos, 0 reS “Semana passada, durante

evv rs escreveu em uma de suas *Letters to* a **__ havia realmente**

a$ 0ra Ções, descobri de repente **- ou assim achei q**

perdoado alguém a quem vinha tentando perdoar ao longo de mais de trinta anos. Tentando e orando para conseguir”.[2] Lembro-me de certa vez ter orientado uma garota de dezesseis anos que sentia raiva do pai. Não estávamos conseguindo nada até que eu lhe disse: “Seu pai sempre sairá vencedor enquanto você o odiar. Você ficará presa em sua raiva a menos que lhe perdoe do fundo do coração e comece a amá-lo”. Uma parte dela se enterneceu ao perceber isso. Enfrentando o sofrimento do perdão oneroso, que no início sempre parece bem pior que a amargura, ela acabou conquistando a liberdade. O perdão precisa ser dado antes de ser sentido, mas acabamos chegando lá. Isso leva a uma nova paz, a uma ressurreição. É a única forma de impedir que o mal se alastre.

Quando aconselho pessoas que foram feridas a perdoar, elas costumam indagar sobre os culpados: “Mas eles não têm que ser responsabilizados?”. Quase sempre respondo: “Sim, mas só se você os perdoar”. Há vários bons motivos para nos fazerem querer confrontar os culpados. Eles causaram danos e, como no exemplo do muro, reparar o prejuízo implica um custo. Deveríamos confrontar os culpados — para fazê-los ver seu verdadeiro caráter, para motivá-los a reparar seus relacionamentos ou, ao menos, para cerceá-los e impedir que prejudiquem outros no futuro. Repare, porém, que todos esses motivos para a confrontação decorrem do amor. A melhor maneira de amar os culpados e amar suas vítimas potenciais é confrontá-los, na esperança de que se arrependam, mudem e corrijam a situação.

O desejo de vingança, contudo, não decorre da boa vontade, mas da má vontade. Você pode dizer: Só quero cobrar satisfações", mas sua motivação real talvez seja vê-los sofrer. Se não os confrontar para o bem deles ou da sociedade, mas apenas para se satisfazer, apenas para ser ressarcido, a possibilidade de o culpado vir a se arrepender é praticamente nula. Em um caso assim, aquele que confronta irá além, buscando não a justiça, mas a vingança, não a redenção do culpado, mas seu sofrimento. As exigências do prejudicado serão excessivas e sua postura, abusiva. Ele encarará a confrontação como meio de causar dor, e um ciclo de retaliação terá início.

[edi Al$^{L}_{o}$r VT *"tmytr* (H" Bra"- -0 World: 1964). p. 106 [taiçao em português:** *Oraçao: cartas a Malmlm* **„**

_

—

—

(São Paulo: Vida, 2009)]. *5∘bre 0 dta!o S° {ntimo entre o homem e Deus*

ver o outro sofrer surgirá a possibiÜdade de ,

Apenas se você buscar primeiro o perdão interior, a confrontação será sóbria, **sábia e amorosa. Apenas quando você tiver se livrado da necessidade de**

e cura. Você precisará se sujeitar ao sofrimento *T™ ∧ ∧* **reCOnciliação pelo perdão para que haja ressurreição. ontr oso e a morte causados**

Ninguém encarnou melhor o ônus do perdão do que Dietrich Bonhoeffer cuja hrs ona conte, no caprtulo 4.3 Após voltar à Alemanha para se of ' fttler, ele escreveu em *costofJiscipUsKp* **(1937) que o verdadeiro perdão** sempre **uma forma de sofrimento.** *F*

O fardo de meu irmão que preciso carregar não é apenas o que se vê por fora, suas características e dons naturais, mas, literalmente, seu pecado. E a única maneira de carregar esse pecado é perdoá-lo pelo poder da cruz de

Cristo, do qual agora partilho. [...] Perdão é o sofrimento semelhante ao de Cristo, e o cristão tem o dever de suportá-lo.[4]

Em abril de 1943, Bonhoeffer foi detido e encarcerado. Acabou sendo levado para o campo de concentração de Flossenburg, onde foi executado pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial.

na

prisão. A ausência de amargura é notável.

, 'Veja ema ampla discussão do exemplo de perdão de Bonhoeffer no capítulo I de "The cost "[f f]«giveness: Die,rich Bonhoeffer and the reclamation of a Christian vision and pracnce , in: L. *[e∧or]y Jones, Embodyingforgiveness: a theological analysis*(Eerdma ,

'Dietrich Bonhoeffer, *'Vie cost ofdiooipUMf* **(Macmillan, 1967 p. 100 [ed.çao ona português: "«>»/«*, tradução de llson Kayser (São Leopoldo: Sinodal, 1980)J.**

Como Bonhoeffer pôs em prática suas próprias palavras? Em primeiro lugar, seu perdão foi onerosamente sofrido porque confrontou a dor e o mal que estavam diante dele. Não foi aquilo que ele chamaria (em *The cost of discipleship)* **de "graça barata". Ele não ignorou nem justificou o pecado. Resistiu diretamente a ele, embora tenha lhe custado tudo o que tinha. Foi oneroso também porque ele se recusou a odiar. Atravessou o espinhoso Processo exigido para amar os inimigos, o que tornou comedida e corajosa [SUa] resistência ao mal que ele havia sofrido, e não venenosa e cruel. As provas impressionantes disso se encontram nas cartas e textos escritos por Bonhoeffer**

Por favor, não se angustie por minha causa nem se preocupe comigo, mas não se esqueça de orar por mim. Estou certo de que você não se esquecera. Tenho tamanha confiança da mão de Deus a me guiar que espero jamais perdê-la. Nunca duvide de que trilho com gratidão e ânimo o caminho pelo qual estou sendo conduzido. Meu passado transborda a bondade de Deus, e meus pecados estão perdoados pelo amor do Cristo crucificado.

Vemos aqui que Bonhoeffer estava vivenciando o que Jesus havia feito por ele. Jesus levou seus pecados, assumindo o custo deles. Agora Bonhoeffer estava livre para fazer o mesmo pelos outros. Ele usa o perdão divino como auxílio para entender o perdão humano. No entanto, usemos agora o magnífico exemplo do perdão humano de Bonhoeffer para entender o perdão divino.

O perdão de Deus

“Por que Jesus teve de morrer? Será que Deus simplesmente não podia nos perdoar?” Essa é a pergunta de muita gente, mas agora entendemos que ninguém “simplesmente” perdoa quando o mal cometido é grave. Perdoar significa arcar com o custo em vez de obrigar o culpado a assumi-lo, de modo que se possa oferecer amor para tentar restaurar e mudar o inimigo. Perdoar significa arcar sozinho com a dívida do pecado. Todos os que perdoam grandes males passam pela morte para alcançar a ressurreição, vivenciam os pregos, o sangue, o suor e as lágrimas.

Então, será que deveria nos surpreender o fato de Deus, tendo decidido nos perdoar em vez de nos punir por todas as vezes que o ofendemos e prejudicamos uns aos outros, ter ido para a cruz na pessoa de Jesus Cristo para morrer. Como diz Bonhoeffer, todos os que perdoam arcam com os pecados o outro. Na cruz, vemos Deus fazer claramente e em nível cósmico o que todo ser humano precisa fazer para perdoar alguém, embora em escala in-mtamente maior. Eu diria, é claro, que o perdão humano funciona assim porque inevitavelmente refletimos a imagem de nosso Criador. Por isso não

sada (London: SCM^953)' p'^44 ᵒrSS‘’ *and Papers from prison,* **edição conden-**

w„^’ttaduçiodéNéUo^

r - -

^veríamos ficar surpresos por *sentirmos* **que a única maneira de triunfar sobre**

0 mal é pás pelo sofrimento do perdão, e isso valeria muito mais no caso de**

peus, cuja paixão por derrotar o mal e desejo amoroso de perdoar os outros são • ftnitamente maiores que os nossos.

A esta altura é muito importante recordar que a fé cristã sempre entendeu que Jcsus Cristo é Deus. Ele não infligiu sofrimento a outrem, mas, pelo contrário, na cruz o próprio Deus arcou com a dor, a violência e o mal do mundo. Por esse motivo, o Deus da Bíblia não é como as divindades primitivas que exigiam nosso sangue para aplacar a própria ira. Ao contrário, esse Deus se fez humano e ofereceu seu sangue a fim de honrar a justiça moral e o amor misericordioso de modo que um dia possa destruir todo o mal sem nos destruir.

Por isso, a cruz não é meramente um exemplo belo de amor sacrificial. Desperdiçar a vida à toa não é nada admirável — é errado.[7] A morte de Jesus só é um bom exemplo se tiver sido mais que um exemplo, se tiver sido algo absolutamente necessário para nos salvar. E foi. Por que Jesus *teve* de morrer para nos perdoar? Havia uma dívida a ser paga o próprio Deus a pagou. Havia um castigo a suportar — o próprio Deus o suportou. O perdão é sempre uma forma de sofrimento oneroso.

‘A denúncia d= que a cruz é o “abuso infantil praticado por um ser divino" parece admitir vt o Pai „„ céu é o Deus verdadeiro e que Jesus é apenas algum cu.ro tipo de ser drv.no que es« «»do mor,o. Isso não faz jus à doutrina cristã da Trindade. Os cristãos acrednam quevP

^£0) guando ele repentinamente lhe diz: Quero mostra ^ mim!”? Claro que não. Você

J.^a no r‹∘ e se afoga. Será que você diria: Nossa, como ele ^ vocg estivesse caminhando

em dúvida sobre a sanidade mental desse amigo-
^ e na0 soubesse nadar, o

^ a margem de um rio com um amigo e caísse aciden <
^ af0gando? *Nesse caso,* você pensaria:

acbaria se ele mergulhasse e o resgatasse, mas acab. ^ mau templo se fosse *somente* **um °Ssa> comoele gostava de mim!". O exemplo de Jesu ^ estjv^ssemos fadados ao pecado e à mpl°- Caso não existisse perigo do qual nos salvar ^ modelo de seu amor sacrificial não seria**

ne a não ser que fôssemos resgatados por sua morte > tenha morrido em nosso lugar, sua

^ettamformadordevidas,raasinsa„o.Amenosqu=JJ

%r" ■*> pode Ber um exempi0 comovente de amor sacnfical.

Já vimos como o perdão hum3.no e seu preço ajudam 3. entender o perdão divino. No entanto, é no perdão divino que se encontram a fonte e o caminho do perdão humano. Bonhoeffer comprovou isso diversas vezes, afirmando que foi o perdão de Jesus na cruz que lhe deu segurança no amor de Deus, a ponto de torná-lo capaz de levar uma vida de sacrifício a serviço do próximo.

A segunda razão: o amor verdadeiro é uma troca pessoal

Em meados da década de 1990, uma denominação protestante sediou uma conferência teológica em que um preletor disse: "Acho que não precisamos em absoluto de uma teoria da expiação; acho que não precisamos de gente pendurada em cruzes, com sangue pingando e cenas tétricas".[1] Por que não nos concentramos em ensinar o quanto Deus é um Deus de amor? A resposta é que se deixarmos de lado a cruz não teremos um Deus de amor.

No mundo real de relacionamentos, é impossível amar alguém que tenha problemas ou necessidades sem, de alguma forma, partilhá-los ou até mesmo trocar de lugar com essa pessoa. Todo amor genuinamente transformador implica alguma troca desse tipo.

Amar alguém feliz e equilibrado exige muito pouco de nós. Pense, porém, nos que se encontram emocionalmente enfermos. Não há como ouvir e

amar gente assim e continuar emocionalmente intacto. Talvez essas pessoas se sintam mais fortes e seguras quando nos ouvem, mas isso não acontece sem que fiquemos emocionalmente exauridos. São elas ou nós. Para erguê-las emocionalmente precisamos estar dispostos a nos exaurir emocionalmente.

Consideremos outro exemplo. Imagine que você conheça um homem inocente, mas que esteja sendo perseguido por agentes secretos, pelo governo ou por algum outro grupo poderoso. Ele pede sua ajuda. Se você não o ajudar, é provável que ele morra, mas, caso se tornem aliados, você, que até então estava totalmente seguro, passa a correr risco de vida. Muitas tramas cinematográficas partem daí. Mais uma vez, é ele ou você. Ele se sentira mais seguro em virtude de seu envolvimento, mas apenas por você estar disposto a partilhar a insegurança e vulnerabilidade dele.

r

Consideremos a condição dos pais. Os filhos vêm a este mundo em uma sítu**açã° de total dependência. Não podem ser autossuficientes, independentes, ^enos que os pais abram mão da própria independência e liberdade durante anos- Se você não permitir que seus filhos comprometam sua liberdade, se** $_{est}i_{ve}$**r presente ao lado deles somente quando lhe for conveniente, seus filhos crescerão fisicamente apenas. Sob todos os demais aspectos, continuarão, do** ponto **de vista emocional, carentes, confusos e com um alto nível de dependência. A escolha é clara: ou você sacrifica sua liberdade ou sacrifica a deles.** São **eles ou você. Para de fato amar seus filhos, você precisa perder para que eles ganhem. Precisa estar disposto a participar da dependência dos filhos para que eles possam vir a gozar da liberdade e independência que você tem.**

Todo amor transformador dirigido a indivíduos com necessidades sérias é um sacrifício de transferência. Se você se envolver emocionalmente com eles, de alguma forma absorverá suas fraquezas e lhes doará a força que tem. John Stott escreve em *The cross of Christ* **que a substituição está no âmago da mensagem cristã.**

A essência do pecado está em nós, seres humanos, nos colocarmos no lugar de Deus, ao passo que a essência da salvação está em Deus se colocar em nosso lugar. Nós [...] nos colocamos onde só Deus merece estar; Deus [...] se coloca onde merecemos estar.[9]

Sc isso é verdade, como Deus poderia ser um Deus de amor se não se [e]nvolvesse pessoalmente no sofrimento gerado pela mesma violência, opres- [s]^°> luto, fraqueza e dor que vivenciamos? A resposta a essa pergunta é dupla. Primeiro, não, ele não poderia ser Deus. Segundo, apenas uma grande religião Universal afirma que ele se envolveu.

A grande inversão

Mine Terrell escreveu sobre o assassinato da mãe pelo namorado desta. "Eu Poisava encontrar uma ligação entre a história de mamãe, minha história e

, 2[0h"] *Tie cross of Christ* **(InterVarsity, 1986), p. 160 [edição em português:** *A cruz A, Cristo*

'Vida, 2006)].

a história de Jesus". Ela a encontrou ao entender a cruz, ou seja, ao en en er que Jesus não apenas sofreu por nós, mas também sofreu conosco. Ele sa ia o que era ser açoitado e se recusar a ceder aos poderosos, pagando por isso com a vida. Espontaneamente assumiu seu lugar junto aos que não tinham poder e sofriam injustiças.[10] Como escreveu John Stott: "Eu jamais conseguiria crer em Deus se não fosse a cruz. No mundo real da dor, como alguém poderia

cultuar um Deus imune a ela?".

Por isso a cruz, quando bem entendida, não pode de forma alguma ser usada para estimular os oprimidos a simplesmente aceitarem a violência. Quando sofreu por nós, Jesus honrou a justiça. Mas quando sofreu conosco, Jesus se identificou com os oprimidos do mundo, não com seus opressores. Todo amor transformador envolve uma troca, uma inversão de papéis, mas aqui se trata da Grande Inversão. Deus, detentor do poder supremo, troca de lugar com os marginalizados, os pobres e os oprimidos. Os profetas sempre entoaram cânticos sobre o Deus que "derrubou dos tronos os

poderosos e elevou os humildes" (Lc 1.52), mas jamais poderiam imaginar que o próprio Deus descesse de seu trono supremo e sofresse com os oprimidos para que estes fossem exaltados.

Esse modelo da cruz significa que a glorificação mundial do poder, do domínio e do prestígio está denunciado e derrotado. Na cruz, Cristo vence através da perda, triunfa através da derrota, conquista poder através da fraqueza e do serviço, chega à riqueza abrindo mão de tudo. Jesus Cristo vira de cabeça para baixo os valores do mundo. Nas palavras de N. T. Wright:

O verdadeiro inimigo, afinal, não era Roma, mas os poderes do mal presentes na arrogância e violência humanas. [...] [Na cruz] o reino de Deus triunfou sobre os reinos deste mundo recusando-se a participar de suas espirais de violência. [Na cruz, Jesus] amou seus inimigos, ofereceu a outra face, andou a segunda milha.[11]

Esse modelo invertido de tal forma contradiz o pensamento e as práticas universais que cria um "reino alternativo", uma realidade alternativa, uma

P 61 "fr TT ' rel«da Cm «Why dÍd JKUS haTM « die?». do Van Biema, p. 61. A citaçao de John Stott também se acha na p. 61.

nN. T. Wright, *Simply Christian* **(Harper, 2006) n 110 -**

cristão (Viçosa: **Ultimato, 2008)]. P ,P' 10 [ed,?ao português:** *SimfksmmU*

r

contracultura entre aqueles que foram transformados por ele. Nesse reino pacífic0 existe uma inversão dos valores do mundo no que tange ao poder, à fama, ao prestígio e à riqueza. Nessa nova contracultura, os cristãos encaram *o* **dinheiro como algo que se doa. Encaram o poder como algo a ser usado gstritamente para servir. A superioridade racial e de classe, o acúmulo de dinheiro e poder à custa dos outros, o anseio de popularidade e fama, características normais da vida humana, são o oposto da mentalidade dos que entenderam e vivenciaram a cruz. Cristo cria toda uma nova ordem**

de vida. Os que são moldados pela grande inversão da cruz já não necessitam se justificar através do dinheiro, do prestígio, da profissão ou do orgulho racial ou social. Assim, a cruz cria uma contracultura na qual sexo, dinheiro e poder deixam de nos controlar e são usados para doar vida e edificar a comunidade, em vez de servir como meios destrutivos.

Para entender por que Jesus teve de morrer é importante recordar tanto o resultado da cruz (o perdão oneroso dos pecados) quanto o seu modelo (a inversão dos valores do mundo). Na cruz, nem a justiça nem a misericórdia ficam de fora — ambas são cumpridas ao mesmo tempo. A morte de Jesus era necessária, para que Deus levasse a justiça a sério sem deixar de nos amar. Essa mesma preocupação com o amor e a justiça deve caracterizar todos os nossos relacionamentos. Jesus se identificou com os oprimidos. No entanto, não devemos tentar vencer o mal com o mal. Jesus perdoou seus inimigos e morreu por eles.

Por que, então, Jesus teve de morrer? Até ele próprio tez essa pergunta. No jardim do Getsêmani, perguntou se não haveria outro caminho. Não havia. Não há. Na cruz, em agonia, ele gritou "Por quê?!" Por que ele estava sendo abandonado?[12] Por que teve de passar por tudo aquilo? A resposta da Bíblia & por nós.

A história da cruz

Tentei explicar o que Jesus fez por nós quando morreu e o fiz apresentando [al]guns princípios. Não posso, porém, fazer jus à doutrina da cruz. Soube que

[u]Mt 27.45,46. '

certa vez pediram à grande escritora Flannery O Connor que explicasse em poucas palavras" o significado de um de seus contos. Meio irritada, ela respondeu que se pudesse explicá-lo em poucas palavras não seria preciso escrever o conto. Venho tentando resumir o significado da cruz de Cristo porque acho que se trata de um exercício importante. Todavia, uma

exposição como a deste capítulo não é capaz de transmitir todo o poder transformador do ato narrado.

As histórias que sempre nos tocam mais fundo são aquelas em que alguém passa por uma perda irreparável ou mesmo a morte a fim de que outro possa viver. Praticamente não existe um filme de sucesso cujo tema principal não seja esse. Um de meus favoritos é *Angels with dirty facesP* **James Cagney faz o papel de Rocky Sullivan, um criminoso famoso e ídolo de todos os delinqüentes juvenis da cidade. Ele está prestes a ser executado na cadeira elétrica. Na véspera da execução, recebe a visita do amigo de infância, Jerry, vivido por Pat O'Brien, que se tomou padre e tenta livrar os jovens da cidade de uma vida de crimes. Jerry faz um pedido chocante, mas afirma ser esta a única maneira de afastar aqueles garotos do caminho de destruição que escolheram.**

Quero que você os decepcione. A vida toda você tem sido um herói para esses garotos e centenas de outros. Agora, Rocky, você está para virar um herói glorifi-cado pela morte e quero impedir que isso aconteça. Eles precisam se lembrar de você com desprezo. Precisam sentir vergonha de você.

Rocky fica pasmo.

Você está me pedindo que eu faça uma cena, que me acovarde, para que esses garotos pensem que eu não tenho valor algum. [...] Está pedindo que eu jogue fora a única coisa que me restou. [...] Quer que eu rasteje, a última coisa que eu faria na vida. [...] Nem pensar. Você está pedindo demais. [...] Se quer ajudar esses garotos, trate de pensar em outro jeito.

Jerry está pedindo a Rocky que faça a Grande Inversão, o sacrifício de substituição. Diz ao amigo que se ele se apegar à sua dignidade, os meninos

[13]No Brasil o filme recebeu o título *Anjos de cara suja.*

morrerão na sarjeta. Se o amigo os envergonhar, abrindo mão da glória pessoal, **os garotos poderão ser salvos. É a única maneira de libertá-los do culto** $_{a0}$ **herói. Rocky se recusa a atender. Na manhã seguinte, porém, nós o**

vemos a **caminho da sala de execução. De repente, ele começa a implorar clemência com gritos histéricos e morre de forma humilhante, fazendo o supremo sacrifício. Os espectadores do filme sempre ficam estupefatos. Quanto a mim, cada** vez **que assisto, ele mexe comigo, me faz querer viver de um jeito diferente. Tal é o poder que a história tem para influenciar vidas.**

Outro ótimo exemplo desse tipo de narrativa *éA tale of 'two cities***d[4] Charles Darnay e Sydney Carton são muito parecidos, e ambos amam a mesma mulher, Lucie Manette. Lucie escolhe Charles, eles se casam e têm um bebê. 0 contexto da história é a Revolução Francesa, e Charles, aristocrata francês, é preso e condenado à morte na guilhotina.**

No final do romance, Sydney, que é inglês, visita Charles na véspera de sua execução e se oferece para trocar de lugar com ele. Charles recusa a oferta, mas Sydney dopa o amigo e o leva às escondidas até a carruagem que os aguarda. Em seguida, assume o lugar de Charles, que mais tarde, junto com a família,

foge para a Inglaterra.

Naquela noite, uma jovem costureira, também condenada à morte, apro xima-se de Sydney e entabula uma conversa com ele, pensando tratar-se de Charles Darnay. Quando se dá conta da troca, ela arregala os olhos e pergunta: "Você vai morrer por ele?". E Sydney responde: "Também pela mulher e o filho dele. Não conte! Vou, sim". A costureira confessa, então, que esta apavorada e não tem certeza de que será capaz de enfrentar a morte. Pergunta ao corajoso estranho se ele seguraria sua mão nos momentos finais. Quando chega a hora, ambos se dirigem para a guilhotina de mãos dadas. Ela está calma e ate com

certa esperança, desde que não tire os olhos dele. _

tradução de Débora Landsberg (São Paulo:

A moça do romance estava afundando sob o peso de sua provaçao. Sua f°rça se esvaía, mas então ficou maravilhada pelo sacrifício de substrtmçao de Sydney, que a capacitou a enfrentar a prova decisiva.

^ **[1]'Edição em português:** *Um conto de duas cidades,*

[Es]tação Liberdade, 2010). O autor é Charles Dickens.

Emocionante? Sim, mas o evangelho vai mais fundo. Sempre achei essas histórias de sacrifício muito emocionantes. Elas sempre me impeliram a decidir viver com mais coragem e altruísmo. No entanto, nunca perseverei no cumprimento dessas resoluções. As histórias tocavam meu coração e me beliscavam a consciência, mas meus padrões emocionais permaneciam intactos. O que me movia continuava a ser uma necessidade de provar aos outros o meu valor, de obter aprovação e aplausos, de controlar o que os outros pensavam a meu respeito. Enquanto esses temores e necessidades exercessem poder sobre mim, minhas intenções de mudar não iriam longe.

O evangelho, contudo, não é apenas um romance emocionante sobre alguma personagem. É uma história verídica, e fazemos parte dela. Somos aqueles jovens delinqüentes; para nos salvar, Jesus abriu mão de algo infinitamente maior que a fama deste mundo. Jesus também veio nos visitar na prisão e, apesar de nossa recusa em sermos salvos, ele assumiu nosso lugar. A costureira se emocionou com um sacrifício que nem sequer havia sido feito por ela. Quanto mais força somos capazes de extrair da descoberta de que Jesus se entregou por nós, trocou de lugar conosco?

Só posso dizer que olhar de fora essas histórias mexeu comigo, mas quando me dei conta de que, na verdade, eu era participante da história de Jesus (e da minha), fui transformado. O temor e o orgulho que habitavam meu coração finalmente foram desalojados. O fato de que Jesus *tinha* de morrer

por mim me fez humilde e me libertou do orgulho. O fato de Jesus *ter se alegrado* **em morrer por mim me tranqüilizou e me libertou do medo.**

Os Evangelhos contêm [...] uma estória mais ampla que abarca toda a essência de [outras] estórias. Mas *esta* **estória entrou na história e no mundo. [...] É uma estória suprema e verdadeira." J. R. R.Tolkien,"On fairy stories", in:** *The Tolkien reader* **(Del Rey, 1986).**

TREZE

A realidade da ressurreição

Minha pergunta — aquela que aos cinqüenta anos de idade quase me levou ao

suicídio — era a mais simples das perguntas que habitam a alma de qualquer ser

humano [...] uma pergunta sem cuja resposta não é possível viver. É a seguinte:

0 que será feito de meus atos de hoje ou de amanhã? O que será feito de toda

minha vida? Por que viver, por que desejar ou fazer o que quer que seja? Ela

também pode ser formulada assim: "Existe algum sentido em minha vida que

não será destruído pela morte inevitável que me aguarda?".

Leon Tolstoi, *A confession*

pv**UANDO** estudava filosofia e refigiao na feraldad^ P^ como a

vXeição de Jesus era um grande pro partia da pressuposição

encarássemos. A maioria dos historiadoresj ^ Q que tornava altamente

filosófica de que a existência de m' agre ^ entant0> se você não crê na ressur problemática a questão da ressurreição. ^

reição, fica difícil explicar como a igreja cef na tireoide. Era tratável,

Vários anos atrás, tive o diagnóstico ***àea**** No entanto,

e foi removido com sucesso por via ciru p_{ronu}nciada com re ação

parafraseando Samuel Johnson, a p avr ^$_{ncr}j_{ve}$l concentração da ment a você em qualquer circunstância leva a $w_r$ight, *The resurrection of the o* Durante o tratamento descobri o livro de K ^ a ressurreição de Jesus.

°f God, a última palavra em academicism para mim que a questão er

** o li com grande atenção. Ficou bastante ^ ^ as coisas> mas muito ^uito mais que histórica ou filosófica, or $_{tota}$lmente nossa vi a.

^ais também. Se a ressurreição acont

Às vezes sou procurado por gente que me diz: "Tenho sérias dificuldades com esse aspecto do ensinamento cristão. Gosto de uma parte das crenças do cristianismo, mas esta acho que não consigo aceitar . Costumo responder. Se Jesus ressuscitou dos mortos, você tem de aceitar tudo o que ele disse; se não ressuscitou, por que se preocupar com qualquer coisa que ele tenha dito? A pergunta em torno da qual tudo gira não é saber se você gosta ou não de seus ensinamentos, mas, sim, se ele ressuscitou ou não dos mortos . Foi assim que se sentiram os primeiros que ouviram a notícia da ressurreição. Kles sabiam que se ela fosse verídica não mais seria possível viver como quiséssemos. A ressurreição também significava que não precisaríamos ter medo de nada, nem das espadas romanas, nem do câncer de tireoide. De nada. Se Jesus ressuscitou dos mortos, isso muda tudo.

Será que ele ressuscitou? Examinemos os motivos e as evidências, os argumentos e os contra-argumentos.

A maioria acha que, quando se trata da ressurreição de Jesus, o ônus da prova cabe aos crentes, que devem provar que o fato aconteceu. Não é bem assim. A ressurreição também atribui aos incrédulos o ônus da prova. Não basta simplesmente acreditar que Jesus não ressuscitou dos mortos. É preciso apresentar outra explicação historicamente viável para o nascimento da igreja. E preciso fornecer algum outro relato plausível para o começo de tudo. A maioria dos que não creem que a ressurreição de Jesus realmente ocorreu oferece como explicação para o início do cristianismo um cenário mais ou menos assim:

Naquela época os indivíduos não possuíam nosso conhecimento científico a respeito do mundo. Acreditavam em magia e em acontecimentos sobrenaturais. Eram presas fáceis de relatos sobre um Jesus que havia ressuscitado, pois acreditavam na ressurreição dos mortos. Os seguidores de Jesus ficaram desolados quando ele foi morto. Como acreditavam que era o Messias, talvez tenham começado a sentir que Jesus continuava entre eles, guiando-os, vivendo em espírito no coração de cada um. Alguns podem até ter tido a impressão de que Jesus havia falado com eles. Com o passar das décadas, essa sensação de que Jesus continuava espiritualmente vivo

transformou-se em histórias sobre

sua ressurreição física. Os relatos da ressurreição nos quatro Evangelhos serviram para sustentar essa crença.

A REALIDADE DA RESSURREIÇÃO

parágrafo anterior parece admissível mas apenas porque ignoramos o con-

O relato alternativo apresentado no para o indivíduo contemporâneo médio texto histórico e cultural.

O tumulo vazio e as testemunhas

A primeira falácia no relato alternativo é a afirmação de que as narrativas dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João obrigatoriamente se desenvolveram mais tarde, muito depois dos acontecimentos. Argumenta-se que os dois principais elementos desses textos — o túmulo vazio e as testemunhas oculares — foram invenções. Isso não pode ser verdade.

Os primeiros relatos sobre o túmulo vazio e as testemunhas oculares não constam dos Evangelhos, mas das epístolas de Paulo, as quais, todos os historiadores concordam, foram escritas entre quinze e vinte anos apenas após a morte de Jesus. Um dos textos mais interessantes é lCoríntios 15.3-6:

Porque primeiro vos entreguei o que também recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, e a maior parte deles ainda vive, mas alguns já faleceram.

• *An* rinsurreição $^{I<}$ao terceiro Aqui, Paulo não só fala do túmulo $_{n^{-}a0}$ $_{de}$ um símbolo

dia" (demonstrando falar de um aconte ^ $_{0Cl}q_{ares}$. Paulo indica que o ou metáfora), mas também lista as testem . $_{e}$ pequenos grupos, como Jesus ressurreto não apenas apareceu par $_{a}$ $_{vez}$, a maioria das quais

também apareceu para quinhentas pess de modo do que podiam ser

continuava viva no momento da redaçã ^ Paulo era dirigida a uma

consultadas para confirmar o fato. Essa epis ^ udo em voz alta. Paulo

igreja; logo, era um documento público, Tesus houvesse aparecido após a

convidava qualquer um que duvidasse desejasse. Trata-se de um

oaorte a procurar as testemunhas ocu qUe durante a *fax romana*

desafio direto, que podia facilmente ser a paulo não teria feito tal

viajar na região do Mediterrâneo er • tiSSem.

desafio se essas testemunhas oculares na

Outro elemento importante desse texto é que Paulo enfatiza estar contando com toda fidelidade o que lhe havia sido transmitido. Acadêmicos críticos do século 19 e início do século 20 pressupunham que os primeiros cristãos utilizavam um processo para a transmissão de histórias folclóricas populares que as alterava, como uma versão cultural da brincadeira infantil telefone sem fio". Todavia, como observei no capítulo 6, estudos antropológicos mais recentes mostram que as culturas antigas faziam nítida distinção entre histórias fictícias e relatos históricos quando os transmitiam. Não era permitido alterar os relatos históricos.[1] É isto o que Paulo afirma: os relatos da ressurreição por ele transmitidos foram conservados inalterados depois de narrados por pessoas

que efetivamente viram Jesus.

Ademais, os relatos da ressurreição na Bíblia eram problemáticos demais para serem inventados. Todos os Evangelhos afirmam que as primeiras testemunhas oculares da ressurreição foram mulheres. A posição social inferiorizada das mulheres implicava que seu testemunho não constituía prova admissível em juízo. Para a igreja não seria de modo algum vantajoso dizer que as primeiras testemunhas oculares foram todas mulheres. Isso só conseguiria enfraquecer a credibilidade do testemunho. A

única explicação possível para o fato de mulheres aparecerem nessas condições é que tudo se passou exatamente assim. N. T. Wright observa que os primeiros proclamadores da mensagem cristã devem ter sofrido enorme pressão para retirar as mulheres dos relatos, mas estes não se sentiram à vontade para tanto — os registros eram bem conhecidos.[2] Os relatos das primeiras testemunhas oculares da ressurreição devem ter sido eletrizantes e transformadores, passados adiante e recontados mais que qualquer outra história sobre a vida de Jesus.

Além disso, conforme defende Wright, o túmulo vazio e os relatos de encontros com Jesus parecem ainda mais verossímeis historicamente quando nos damos conta de que devem ser encarados como um todo. Se houvesse apenas um túmulo vazio e nenhuma aparição, ninguém teria concluído tratar-se de

[1] Richard Bauckhamjoaí *and the eyewitnesses* **(Eerdmans, 2006) [edição em português:**

*** " ***Ustemunhas oculares: os* *Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares,* **tradução de Paulo Ferreira Valério (São Paulo: Paulus, 2011)], p. 273.**

■N' ∧ *∘f‹h‹Sm ∘fGod* **(Fortress>2W») Mção em português:**

dc F,Ito *de Deus* **(Santo André/São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2013)], p. 608.**

um a ressurreição. Todos presumiriam que o corpo havia sido roubado. Se apenas **uma testemunha ocular afirmasse ter visto Jesus e nada se dissesse sobre 0 «mulo vazio, ninguém concluiria tratar-se de uma ressurreição, pois eram comuns os relatos de vrsões de entes queridos que haviam falecido. Apenas se ambos os elementos fossem igualmente verídicos seria possível chegar à conclusão de que Jesus havia ressuscitado dos mortos.[2]**

As epístolas de Paulo mostram que os cristãos proclamaram desde o início a ressurreição corpórea de Jesus. Isso significa que o túmulo *devia necessariamente* **estar vazio. Ninguém em Jerusalém acreditaria por um segundo na pregação se o túmulo não estivesse vazio. Os céticos facilmente poderiam produzir o corpo de Jesus em decomposição. Da mesma forma, Paulo não afirmaria em um documento público que havia um bocado de**

testemunhas oculares vivas se isso não fosse verdade. Não podemos nos dar ao luxo de pensar que os relatos da ressurreição só foram inventados anos mais tarde. Independentemente do que mais tenha acontecido, o túmulo de Jesus com certeza estava vazio e centenas de testemunhas devem ter afirmado tê-lo visto fisicamente ressurreto.

Ressurreição e imortalidade

Existem, portanto, evidências muito fortes de que o túmulo estava vazio e de que centenas de pessoas afirmaram ter visto o Cristo ressurreto. Esse volume de evidências é "historicamente seguro", conforme diz Wright. "Mas por cer to", alguém pode questionar, "isso não prova que Jesus tenha realmente ressuscitado. É claro que seus seguidores queriam desesperadamente acreditar Jesus havia ressuscitado. Se alguém tivesse roubado o corpo a fim de dar a Impressão de que isso havia acontecido, vários indivíduos de boa fe poderiam imaginar tê-lo visto, e, quem sabe, outros tantos fizessem o mesmo, achando

ser por uma boa causa". ,

o pressuposto dessa hipótese bastante freqüente é uma forma do que C.

S- Lewis chamou de "esnobismo cronológico". Supomos que nos, mdmduos Wodernos, encaramos com ceticismo afirmações de uma ressurre.ção corporea, ao passo que os antigos, totalmente crédulos no que toca ao sobrenatural,

OS FUNDAMENTOS DA FÉ

teriam imediatamente comprado a ideia. As coisas não são assim. Para todas as cosmovisões predominantes na época, uma ressurreição corporea, individual,

era quase inconcebível. _

N. T. Wright fez um extenso levantamento do pensamento nao judaico

do mundo do Mediterrâneo do primeiro século, tanto no lado oriental quanto

no ocidental, e revela que a visão universal das pessoas da época dizia que a ressurreição corpórea era impossível. Por quê? Segundo o pensamento greco-romano, a alma, ou espírito, era boa, e o mundo físico e material, fraco, corrupto e impuro. Para os gregos e os romanos, o elemento físico, por definição, estava sempre em decomposição e, por isso, a salvação era vista como a *libertação* **do corpo. Segundo esse conceito, a ressurreição não só era impossível, como também totalmente indesejável. Nenhuma alma, tendo se libertado do corpo, haveria de desejá-lo de volta. Mesmo os que acreditavam na reencarnação, entendiam que o retorno à vida encarnada significava que a alma ainda não havia saído de sua prisão. O objetivo era libertar-se para sempre do corpo. Uma vez que a alma se libertasse do corpo, um retorno à vida reencarnada era bizarro, impensável e impossível.[4]**

I

O relato da ressurreição de Jesus também deveria ser impensável para os judeus. Ao contrário dos gregos, os judeus encaravam o mundo físico e material como algo bom. A morte não era vista como libertação do mundo material e, sim, como tragédia. Na época de Jesus, muitos judeus já nutriam a esperança de que algum dia, no futuro, haveria uma ressurreição corpórea de todos os justos, quando Deus renovasse o mundo inteiro e retirasse dele todo sofrimento e morte.[5] A ressurreição, contudo, não passava de uma parte da restauração completa do mundo, segundo os ensinamentos judaicos. A deia de um único ser ressuscitar, no meio da história, enquanto o restante

, . ƒ C○mUm ○Tr qUC 3 ideia de “deuses morrerem e ressuscitarem” era encontrada em religiões euidores H Pr○Xim○ı Sim›esses mitos existiam, mas ainda que se suponha que os se-

^m n e^- *""** ess- ^das pagãs (o que não é certeza), ninguém acreditava,**

WdghT^C; -eSSUrrdÇã0 ◦COrrÍa C◦m SCreS >— individuality Veja N. X **113 e sua extensa ne "" ^ T° ^ P◦rtUguês:** *Sim P^smente cristão* **(Viçosa: Ultimato, 2008)], P-***tleSoZ~* **P qU1Sa SObrC ◦S mÍt◦S ^ m◦rte C de deuses em «***■ ✓**

bright, *The resurrection of the Son of God* (Fortress, 2003), p, 200-6._

do mundo continuasse afligido pela doença, pela decomposição e pela morte, era inconcebível. Se alguém dissesse a um judeu do primeiro século: "Fulano ressuscitou dos mortos! , a resposta seria: "Você enlouqueceu? Como isso é possível? Não há mais morte nem doença? A verdadeira justiça foi implantada no mundo? O lobo deitou-se ao lado do cordeiro? Ridículo!". A mera ideia de uma ressurreição individual seria inimaginável tanto para um judeu quanto para um grego.

Ao longo dos anos, céticos da ressurreição sugeriram que os seguidores de Jesus podem ter tido alucinações, imaginando que ele lhes aparecia e lhes falava. Isso implica que a ressurreição do Mestre era concebível para seus seguidores judeus, uma opção naquela cosmovisão. Mas não era. Outros surgiram com a teoria da conspiração: os discípulos roubaram o corpo e afirmaram para outros que Jesus estava vivo. Isso implica que os discípulos esperavam que outros judeus fossem receptivos à ideia de que um indivíduo pudesse ressuscitar dos mortos. Mas nada disso é possível. As pessoas daquele tempo considerariam uma ressurreição corpórea impossível tanto quanto nossos contemporâneos, embora por razões diferentes.

No primeiro século houve vários outros movimentos messiânicos, cujos supostos messias foram executados. No entanto,

Em nenhum caso sequer se levanta a hipótese de seguidores decepcionados afirmarem que seu herói havia ressuscitado dos mortos. Eles não eram tolos. A ressurreição não era um acontecimento para indivíduos. Os revolucionários judeus cujo líder fosse executado pelas autoridades e que

conseguissem escapar da prisão tinham duas opções: desistir da revolução ou encontrar um novo líder. Afirmar fiue o líder original tinha voltado à vida simplesmente não constituía uma opç~o. A menos, é claro, que fosse verdade.[6]

Houve dezenas de outros candidatos a messias cujas vidas e trajetórias se cn"rrara$_m$ de forma semelhante ao que ocorreu com Jesus. Por que os discípulos de Jesus chegariam à conclusão de que a crucificação não havia sido uma derrota, mas um triunfo – a menos que o tivessem visto ressurreto?

'Wright, *Who was Jesus?* **(Eerdmans, 1993), p. 63.**

OS FUNDAMENTOS DA fé

O amanhecer de uma nova cosmovisao

Após a morte de Jesus, toda a comunidade cristã de repente adotou um conjunto **de crenças totalmente novas e, até aquela altura, impensáveis. Os primeiros cristãos tinham uma visão da realidade centrada na ressurreição.** Acreditavam **que a futura ressurreição** já **havia começado em Jesus. Acreditavam** que **Jesus tinha um corpo transformado capaz de atravessar paredes, mas que,** ainda **assim, se alimentava. Não se tratava apenas de um corpo ressurreto,** como **vislumbravam os judeus, nem somente de uma existência espiritual,** como a **imaginada pelos gregos. A ressurreição de Jesus garantiu nossa** ressurreição e já **trouxe ao nosso coração um pouco da nova vida futura.**

Como observa N. T. Wright, cada uma dessas crenças era inédita no mundo até então, mas em qualquer outra situação de que temos notícia, uma alteração tão colossal nas noções relativas à cosmovisão ocorreria em um grupo de indivíduos apenas ao longo de um período de tempo.[8] Normalmente são precisos anos de debate e polêmica em que numerosos pensadores e escritores discutem a "natureza da ressurreição" até que um lado saia vitorioso. E assim que as culturas e cosmovisões se modificam.

No entanto, a visão cristã da ressurreição, absolutamente inédita na história, surgiu já cristalizada imediatamente após a morte de Jesus. Não passou por um processo de desenvolvimento. Seus seguidores disseram que suas crenças não derivavam de debates e **discussões. Eles estavam apenas**

contando aos outros o que haviam visto em primeira mão. Ninguém apresentou nenhuma **alternativa plausível para tal afirmação. Ainda que sugeríssemos a ideia al tamente improvável de que um ou dois discípulos de Jesus se convenceram sozinhos de que ele havia ressuscitado, eles jamais conseguiriam levar outro judeus a acreditarem nisso a menos que houvesse múltiplos encontros inexp[lr] cáveis, admissíveis e repetidos com o Mestre.**

A história posterior da igreja é ainda mais difícil de explicar. Como ^ grupo de judeus do primeiro século passaria a adorar um ser humano como se ele fosse divino? As religiões orientais acreditam que Deus seja uma f°r^

2003), p.578-83.

Wright, *The resurrection of the Son of God* **(Fortress "Ibid., p.552.**

IÇÃO

A REALIDADE DA RESSURRE;

irop essoal que permeu odas as coisas e, portanto, podem aceitar a ideia de que alguns seres humanos possuam uma consciência mais divina que outros. As religiões ocidentais acreditam que os vários deuses costumavam se disfarçar como seres humanos. Era possível, assim, que alguma figura humana na verdade fosse Zeus ou Hermes. Os judeus, contudo, acreditavam em um único Deus transcendente, pessoal. Era uma completa blasfêmia sugerir que qualquer ser humano fosse adorado. No entanto, centenas de judeus começaram a adorar Jesus literalmente da noite para o dia. É amplamente aceito que o hino a Cristo como Deus citado por Paulo em Filipenses 2 tenha sido escrito apenas poucos anos após a crucificação. Que acontecimento extraordinário teria derrubado toda essa resistência judaica? A visão de Jesus ressurreto explicaria isso. Que outra resposta histórica o faria?

Há mais uma coisa a ser lembrada. Como disse Pascal: "Eu [acredito] naquelas testemunhas cujo pescoço é cortado". Praticamente todos os apóstolos e todos os primeiros líderes cristãos morreram por causa da fé, e fica difícil acreditar que esse tipo de autossacrifício seria feito para sustentar uma mentira.

Portanto, não basta ao cético meramente descartar o ensinamento cristão

sobre a ressurreição de Cristo dizendo: “Isso simplesmente não pode ter acontecido”. Ele precisa responder a todas estas perguntas históricas: Por que 0 cristianismo surgiu tão repentinamente e com tamanho poder? Nenhum outro grupo de seguidores messiânicos da época jamais concluiu que seu líder ressuscitou dos mortos — por que este grupo o fez? Nenhum grupo de judeus jamais adorou um ser humano como se fosse Deus. O que levou este grupo ^ agir assim? Os judeus não acreditavam em homens divinos nem em ressurre.-ÇÕes de indivíduos. Como explicar as centenas de testemunhas ocul»»*™ SUr*iÇ*o que continuaram vivas durante décadas e publicamente sustentar seu ‘estemunho, às vezes dando a vida por aquilo em que criam.

O desafio da ressurreição

Nada

sa CO

, i romo provamos alguma coi

na história pode ser provado da man < ^ é um f_{ato} histori

Co Cm Um iaboratório. No entanto, a ressurreição de outros ac0ntecimentos

qüe $T^{t0\ mais}$ confirmado do que a *m∗ot* **$_{c}$ nascimento da igreja que

^ ^mos como oph-oc Toda tentativa de exph

OS FUNDAMENTOS DA FÉ

deixe de fora a ressurreição de Jesus vai contra o que sabemos a respeito da

história e da cultura do primeiro século. Se não sabotarmos esse processo invocando o preconceito filosófico que nega a existência de milagres, a ressurreição

de Jesus é a maior prova de que eles existem.

O problema, porém, é que as pessoas *de fato* apelam para a sabotagem na

investigação. Em lugar de se darem ao trabalho de responder a essas perguntas históricas bastante difíceis e, depois, seguir a direção que as respostas indicam, elas se safam com a objeção de que milagres são impossíveis. N.T. Wright dá uma resposta mordaz:

Os primeiros cristãos não inventaram o túmulo vazio, nem os encontros com Jesus ressurreto nem suas aparições. [...] Ninguém esperava algo assim; nenhum] tipo de experiência de conversão haveria de inventar essas histórias, não importa quão culpados (ou perdoados) se sentissem esses indivíduos, não importa o número de horas que se debruçassem sobre as Escrituras. Sugerir o contrário é deixar de fazer história e entrar em um mundo particular de fantasia.[3]

Sou solidário com quem diz: "E daí, se não consigo pensar em uma explicação alternativa? A ressurreição simplesmente não pode ter acontecido". Não nos esqueçamos, porém, de que as pessoas do primeiro século sentiam o mesmo. Assim como você, elas também achavam a ressurreição inconcebível. A única maneira de fazer alguém aceitar a ressurreição naquela época era deixar que as provas desafiassem e alterassem sua cosmovisão, sua concepção do que era possível. Os problemas então enfrentados diante da ideia da ressurreição eram os mesmos de hoje, mas as evidências — os relatos das testemunhas oculares e a mudança na vida dos seguidores de Cristo — foram esmagadoras.

Todo ano na Páscoa, prego sobre a ressurreição. Em meu sermão sempre digo a meus amigos céticos, secularizados, que, mesmo que não consigam acreditar na ressurreição, eles devem desejar que ela seja verídica. A maioria e preocupa profundamente com a promoção da justiça para os pobres, com o alívio para a fome e as doenças e com a saúde do meio ambiente. No entanto, a maioria acredita que o mundo material surgiu por acidente e que o

A REALIDADE DA RESSURREIÇÃO

241

mundo e tudo o que nele existe acabarão queimados na morte do sol. Ficam desapontados porque tão poucos se preocupam com a justiça, mas não se dão conta de que a cosmovisão que eles adotaram acaba sabotando qualquer motivação para fazer do mundo um lugar melhor. Por que nos sacrificar em prol das necessidades de terceiros se, no final, nada do que realizarmos fará a menor diferença? No entanto, se a ressurreição de Jesus é fato histórico, isso significa que existe uma esperança infinita e motivos de sobra para nos desdobrarmos para atender às necessidades do mundo. Em um sermão, N.T. Wright disse:

A mensagem da ressurreição é: este mundo importa! As injustiças e dores do mundo atual devem ser agora abordadas com a notícia de que a cura, a justiça e o amor venceram. [...] Se a Páscoa significa que Jesus Cristo ressuscitou apenas no sentido espiritual, ela diz respeito somente a mim, e devo buscar uma nova dimensão em minha vida espiritual como indivíduo. Mas se Jesus Cristo realmente ressurgiu dos mortos, o cristianismo se torna uma boa nova para o mundo inteiro — uma boa nova que aquece nosso coração justamente porque não se resume a isso. A Páscoa significa que em um mundo onde a injustiça, a violência e a degradação são endêmicas, Deus não está disposto a tolerar tais coisas, e que trabalharemos e planejaremos, com toda a energia de Deus, para implantar a vitória de Jesus sobre isso tudo. Se eliminarmos a Páscoa, provavelmente Karl Marx estará certo ao acusar o cristianismo de ignorar os problemas do mundo material. Se eliminarmos a Páscoa, Freud provavelmente estará certo em dizer que o cristianismo é a satisfação de um desejo. Se eliminarmos a Pascoa, Nietzsche provavelmente estará certo em dizer que o cristianismo é para os fracos.[10]

[10]**M – ,** ... *J the* ***calling: of the church*** **(Eerdmans, 1977),**

N.T Wright, ***For all*** *God's worth:* ***true worship and the cam g j***

P- 65-6,

1

Apud David Van Biema, “Why did Jesus have to die?”, *Time*, April 12,2004, p. 59.

2

Ibid.,$_{p}$. 686,688.

-i—

Scanned by CamScanner

3

Ibid.,p. 707 e n.63.

A dança de Deus

Em 1938 cu sofria de dores de cabeça lancinantes; qualquer som era como um soco. [...] Descobri o poema chamado “Love” [de George Herbert], que decorei. Muitas vezes, no auge de uma dor de cabeça violenta, eu me obrigava a recitá-lo, concentrando nele minha atenção e me apegando de todo coração à ternura que ele abriga. Eu costumava pensar que estava meramente recitando um belo poema, mas, sem saber, aquilo funcionava como uma oração. Foi durante uma delas que Cristo se apossou de mim. Em meus argumentos sobre a insolubilidade do problema de Deus, jamais previ essa possibilidade, a de um contato real, pessoal, aqui neste mundo, entre um ser humano e Deus.

Simone Weil, *Waiting for God"*

Acredito que o cristianismo seja a religião que melhor explica nossas histórias individuais de vida e aquilo que vemos na história do mundo, defendi, nos últimos seis capítulos, que a compreensão cristã de nossa 0l%em, do que está errado conosco e como isso pode ser restaurado explica mais satisfatoriamente o que vemos e vivenciamos do que qualquer outro relato concorrente. Chegou a hora de juntar os vários fios da narrativa que laminamos até agora e encarar a linha mestra do cristianismo como um todo.

^ Bíblia muitas vezes é vista como um drama em quatro atos Criação, Q^cda, Redenção e Restauração.

’Edição em português: *Espera de Deus* **(São Paulo: Cultura Espiritual, 1987).**

A dança divina

Somente o cristianismo, entre as religiões mundiais, ensina que Deus é trino. A doutrina da Trindade diz que Deus é um ser que existe eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. No entanto, a Trindade significa que

Deus, em sua essência, é relacionai.

O Evangelista João apresenta o Filho vivendo por toda a eternidade ao lado do Pai” (Jo 1.18), denotando assim amor e intimidade. Mais adiante no mesmo Evangelho, Jesus, o Filho, apresenta o Espírito que vive para glorificá-lo (Jo 16.14). O Filho glorifica o Pai (17.14), que por sua vez glorifica o Filho (17.15). Isso se dá por toda a eternidade (17.5b).

O que significa o termo “glorificar”? Glorificar é louvar, apreciar algo ou alguém, deleitar-se em alguma coisa ou pessoa. Quando alguma coisa é útil, você se sente atraído por ela em razão do que ela pode lhe trazer ou fazer por você. Mas se alguma coisa é bela, você a aprecia pelo que ela é. Estar em sua presença já representa a recompensa. Glorificar alguém também significa servir a pessoa ou a ela se submeter. Em lugar de sacrificar os interesses do outro em prol de sua felicidade, você sacrifica seus interesses em prol da felicidade do outro. Por quê? Porque sua felicidade suprema é vê-la feliz.

O que significa, então, o fato de o Pai, o Filho e o Espírito Santo glorificarem uns aos outros? Se usarmos uma ilustração, podemos dizer que o egocentrismo é algo estático, estacionário. Nele, exigimos que outros orbitem em torno de nós. Agimos e damos afeição aos outros, desde que isso nos ajude a satisfazer nossas metas pessoais e nos realize.

A vida interior do Deus trino, contudo, é totalmente distinta. A vida da Trindade se caracteriza não pelo egocentrismo, mas pelo amor mutuamente doado. Quando servimos alguém e com esse alguém nos deleitamos, entramos em uma órbita dinâmica em torno dessa pessoa, focamos seus interesses e desejos. Isso cria uma dança, principalmente se são três as pessoas, cada uma das quais disposta a girar em torno das outras duas. É isso o que a Bíblia nos diz. Cada uma das pessoas divinas se concentra nas outras. Nenhuma exige que as outras girem em torno de si. Cada uma se concentra espontaneamente nas outras duas, derramando sobre elas amor, deleite e adoração. Cada pessoa da Trindade tem as outras como objeto de amor, adoração, deferência e júbilo. Isso cria uma

dança dinâmica e pulsante de alegria e amor. Os prim • ,

tinham um termo para isso: *ferichomis.* **Perceba ou ^ ^ ‹greja 8*8***

está nele representada e significa, literalmenm T ^ palavra «cor«>grafia”

’ díln Çar ou fluir à volta”.[2]

0 Pai [...] Filho [...] e Espírito Santo glorificam un«

do universo, o amor que se doa é a moeda *77L*,**cad 7* C " J N◦**

As pessoas dentro de Deus exaltam umas *7ZZ r* **“**

submetem-se umas às outras. [ ] Quando fal *A* **^ C∘mUn S1 6**

■ • ■ - L -J ando falavam de *perichoresis* **em Deus os**

pnmenos cnstaos gregos queriam dizer que cada pessoa divina abriga as out’r

no amago de seu ser. Em um movimento constante de abertura e aci$_{ç5o}$, cada

uma envolve e circunda as outras.[3]

No cristianismo, Deus não é algo impessoal nem um objeto estático — nem mesmo uma única pessoa —, mas uma atividade dinâmica pulsante, uma vida, quase um tipo de drama, se você me desculpar a irreverência, um tipo de dança. [...] O padrão dessa vida constituída por três pessoas é [...] a grande fonte de energia e beleza que brota no próprio núcleo da realidade.[4]

A doutrina da Trindade sobrecarrega nossos circuitos mentais. Todavia, a despeito da dificuldade cognitiva que ela encerra, essa concepção dinâmica, espantosa, do Deus trino transborda implicações profundas, maravilhosas, transformadoras da vida e do mundo.[5]

$_{eSSoa}$ da Trindade “recipro-

■Hilário de Poitiers em *Concerning the* **^ pamanentemente engloba T"'"'**

camentc contém as outras, de modo que ca a u $_{deToro}$ Torrance: 7k »l' envolve

âa por elas". Veja também Robert Letham. ’ $_{d}$ $_{2}$004),P-$^{265'J}$

■ $_{Comu}$„hio

iinory, **rwj,** *and noonhif* **(Presbyterian and ^ J„ Amor r**

movimento mútuo assim como habitação m *i$_{ear}$ning> and*

do Amor, que a Santíssima Trindade tem semjre cm ^ ^ * *

[3]Cornelius Plantinga, *Engaging G°c* **gs;** *Cristianismo paro e*

(Eerdmans, 2002). „ . M *Christianity* **[«fc[50] 'j* WnlfmartinsfontesJ2009)l.**

[4]C. S. Lewis, "The good infection , m. (Sao a_ ^ peloS pensadores ao

tradução de Álvaro Oppermann; Marcc t0 trinitano ótelcs até a modenu-

[5]Existem muitas implicações profundas ^ de do que

S» âos séculos. O antigo problema do unoe^ ° ^ ^ Sera u ,dad ^ ^ Seráo os

<1* e pós-modernidade - atormenta ® «o» ^ .^ante que S"

a Particularidade ou vice-versa? Será o in V1

A dança do amor

Se Deus não existe, tudo em nós e à nossa volta é produto de forças impessoais cegas. A experiência do amor pode parecer importante, mas os naturalistas evolucionistas nos dizem que se trata meramente de um estado bioquímico no cérebro. A importância do amor, na opinião deles, é uma ilusão.

Mas e se Deus existir? Será que o amor ganha uma definição melhor? Depende de quem você acha que Deus seja. Se Deus fosse uma só pessoa, antes de criar outros seres não havia amor, já que amor é algo que alguém sente pelo outro. Isso significa que um Deus unipessoal representa poder, soberania e grandeza por toda a eternidade, mas não amor. O amor, assim, não faz parte da essência de Deus, nem se encontra no coração do universo. O poder é primordial.

No entanto, se Deus for trino, os relacionamentos de amor na comunidade são "a grande fonte [...] no âmago da realidade". Quando alguém diz "Deus é amor", penso que está querendo dizer que o amor é extremamente importante ou que Deus realmente deseja que amemos. No entanto, na concepção cristã, Deus realmente tem como essência o amor. Se ele fosse apenas um, não poderia amar por toda a eternidade. Se fosse apenas a alma

impessoal do pensamento oriental, não poderia amar, pois o amor é um sentimento próprio das pessoas. As religiões orientais acreditam que a personalidade individual é uma ilusão e, portanto, o amor também.[6] Chesterton escreveu: "Para o budista [...] a

universais mais importantes que os particulares e os contextos ou vice-versa? As culturas tiveram de optar entre o absolutismo e o relativismo, entre o individualismo e o coletivismo, mas se Deus é trino e tanto unidade quanto diversidade, o pensamento filosófico trinitário não deveria se encaixar no espectro entre o absolutismo e o relativismo, nem sua noção social se encaixar no espectro entre o coletivismo e o individualismo. Nem o indivíduo nem a família/tribo deveriam constituir a unidade social suprema.

Nem o legalismo nem o relativismo deveriam caracterizar a filosofia moral. Veja algumas reflexões extremamente estimulantes sobre a promessa do pensamento trinitário nas obras de Colin Gunton, especialmente *The One, the Three, and the Many (Bampton Lectures)* **(Cambridge University Press, 1993),**

The triune Creator: a historical and systematic study **(Eerdmans, 1998) e** *The promise of Trinitarian theology* **(T&.T Clark, 2004).**

[6]Consideremos a declaração de Lee Kuan Yew, Ministro Mentor de Cingapura, relativa à controvérsia sobre a punição judicial de chibatadas aplicada a Michael Fay, em 1994. A jornalistas ocidentais, ele disse:

"Para nós, na Ásia, um indivíduo é uma formiga. Para vocês, é um filho de Deus. Trata-se de um conceito curioso . Apud Daniel C. Dennett, *Darwin's dangerous idea: evolution and the meaning of life* **(1995), p. 474.**

Scanned by CamScanner

A realidade suprema é uma comunidade de indivíduos que se conhecem e se amam. É isso que caracteriza o universo, Deus, a história e a vida. Se privilegiar o dinheiro, o poder e a realização em detrimento dos relacionamentos humanos, você colidira com a rocha da realidade. Quando Jesus disse que você precisa perder a vida por ele para preservá-la (Mc 8.35), ele estava relatando o que o Pai, o Filho e o Espírito Santo vêm fazendo durante toda a eternidade. Assim, você jamais obterá um senso de

identidade ficando parado e fazendo que todo o resto gire em torno de suas necessidade e interesses. A menos que esteja disposto a vivenciar a perda de opções e a limitação individual que resultam de compromissos relacionais, você permanecerá fora de sintonia com sua própria natureza e com a natureza das coisas.

personalidade é a queda do homem, para o cristão, é o propósito de Deus, a ,«00 **de ser de sua ideia cósmica".' É o propósito de Deus, pois ele, essencial e eternamente, é amor interpessoal.**

Em vários outros trechos deste livro, esbocei a impossibilidade de ser plenamente humano para quem recusa o ônus do perdão, a troca substitutiva de amor e as restrições da comunidade. Citei C. S. Lewis, que disse que o único lugar além do céu onde inexistem a dor e o sofrimento dos relacionamentos é 0 inferno.

Ortodoxia, **tradução**

Por quê? Porque, segundo a Bíblia, este mundo não foi criado por um Peus que é apenas um indivíduo, bem como não é a emanação de uma força impessoal, Não é, igualmente, o produto de lutas de poder entre divindades pessoais nem de forças naturais aleatórias e violentas. Os cristãos rejeitam essas outras explicações da criação, que se recusam a dar primazia ao amor. ^editamos que o mundo foi criado por um Deus que é uma comunidade de Pessoas que têm se amado por toda a eternidade. Você foi feito para dar 6 receber amor altruísta, dirigido ao outro. O egocentrismo destrói o tecido dacl uilo que Deus criou.

de A ,?G-K> Ch«terton, *Orthodoxy* **(Dodd, Mead, 1959) [edição em português: (^miro Pisetta (São Paulo, 2008)], p. 245, apud Rienstra,** *So muc more,* **p. •**

24o

A dança da criação

Jonathan Edwards, refletindo sobre a vida interior do Deus trino, concluiu que Deus é infinitamente feliz. Dentro dele existe uma comunidade de pessoas que derramam amor alegre e glorificador umas sobre as outras. Pense nesse padrão aplicado à sua própria experiência. Imagine alguém que

você admire mais que qualquer outra pessoa no mundo. Você faria qualquer coisa por essa pessoa. Imagine, agora, ter descoberto que ela sente o mesmo por você e ambos firmem uma amizade por toda a vida ou um namoro seguido de casamento. Parece o paraíso? Sim, porque isso vem do céu isso é o que Deus vivência em seu interior, mas em grau e profundidade infinitos ou inimagináveis. Por isso, Deus é infinitamente feliz, porque no âmago de seu ser está o foco no outro", visto que ele não busca sua própria glória, mas a dos outros.[8]

"Espere aí", diz você. "Praticamente em todas as páginas da Bíblia, Deus nos exorta a glorificá-lo, louvá-lo e servi-lo. Isso não é buscar a própria glória?" Sim, ele nos pede obediência incondicional, nos exorta a glorificá-lo, louvá-lo e a centrarmos nossa vida nele. Mas espero que a esta altura você tenha, finalmente, entendido o porquê. Ele deseja nossa felicidade! Ele é infinitamente feliz não por ser autocentrado, mas por dar seu amor sem reservas, focado no outro. A única forma de nós, criados à sua imagem, desfrutarmos da mesma felicidade é centrando toda a nossa vida nele, não em nós mesmos.

Por que um Deus assim criaria um mundo de seres como nós? Baseando-se em passagens bíblicas como João 17.20-24, Jonathan Edwards chegou a uma conclusão. O historiador George Marsden resume a ideia de Edwards:

Por que um ser infinitamente bom, perfeito e eterno haveria de criar? [...] Aqui,

Edwards lança mão do conceito cristão da Trindade como essencialmente

[8]"0 que temos, então, é um retrato de Deus, cujo amor, mesmo antes da criação de qualquer sa, é ráenta o para o outro. [...] Sempre houve um direcionamento para o outro na própria natureza de Deus, [ ] Somos amigos de Deus em decorrência de seu amor intratrinitário, que tanto atuou na plemtude do tempo, que o plano da redenção, concebido na mente de Deus na eternidade

r™ espaço" temp0 de nossa histó ria justamente no momento certo." D. A. Carson,

lhe difficult doctrine of the love of God **(InterVarsiw ?rwn** *a a* **c r**

, tanrer varsity, 2000), p. 44-5 [edição em português: *A dificd*

doutrina do amor de Deus, **tradução de Desrmar RiW** *ít>-* **j t V F 6** *J*

V egmar Ribas (Rio de Janeiro: CPAD, 2007)].

–

interpessoal. [•••] A razao pnmordial que levou Deus a criar, diz Edwards, não foi SJtisfazer alguma carência em si mesmo, mas expandir essa perfeita comunicação interi0r da bondade e do amor do Deus trino. [...] A alegria, a felicidade e o deleite de Deus ante as perfeições divinas se expressam externamente através da comunicação dessa felicidade e desse deleite aos seres criados. [...] O universo é Uma explosão da glória de Deus. Amor, beleza e bondade perfeitos irradiam de Deus e fazem as criaturas partilharem cada vez mais a alegria e o deleite divinos. [...] Assim, a finalidade suprema da criação é a união de Deus e das criaturas em amor.[9]

Deus não nos criou para obter a felicidade infinita, cósmica, do amor

mútuo e da glorificação, mas para partilhá-la. Fomos feitos para participar da

dança. Se centrarmos nossa vida nele e o servirmos não por interesse próprio,

mas apenas por ser ele quem é, por causa de sua beleza e glória, participaremos

da dança e partilharemos da alegria e do amor em que ele vive. Portanto, fomos

criados não apenas para crer em Deus de uma forma geral, numa espécie

vaga de inspiração ou espiritualidade. Fomos feitos para centrar nossa vida

nele, para ter como finalidade e paixão de nossa vida conhecê-lo, servi-lo,

usufruí-lo e nos assemelhar a ele. Essa intensificação da felicidade prosseguirá

eternamente, crescendo de forma inimaginável (ICo 2.7-10).

Isso leva a uma visão positiva e ímpar do mundo material. O mundo não é, como pretendem outros relatos da criação, uma ilusão, resultado de uma batalha entre os deuses nem produto acidental de forças naturais. E ' criado com alegria e, portanto, é bom em si mesmo. O universo *é* e ^ ‘ ᶜomo uma dança de seres unidos por energias interligadas, porem süntas, como átomos em uma molécula, como as ᵒʳganismos vivos nesta terra, como a mãe com ᶜᵒʳPo”.'« O amor da vida interior daTrindade está rmprcsso em tudo tsso. A criação é uma dança!

c°mo planetas girando em torno de estrelas, como as mares e * Ç " ⁶ notas em um acorde, como os

462-3.

o bebê se mexendo em seu

***n rf* fVile University Press, 2003), p.**

Ueorge *M&rsden, Jonathan Edwards: a lye* f

Rienstra, *So much more.,* **p. 38.**

Perdendo a dança

A história da Bíblia começa com a dança da criação, mas em Gênesis 3 lemos sobre a Queda. Deus diz a Adão e Eva que não lhes é permitido comer o fruto de uma árvore sob pena de morrerem. Mas o que haveria de tão errado em consumir o fruto daquela árvore? A resposta não é fornecida. No entanto, se obedecermos às instruções de Deus apenas quando isso for ao encontro de nossos objetivos e interesses, estaremos tentando fazê-lo girar

em torno de nós. Deus se torna o meio para um fim, não um fim em si mesmo. Deus, então, diz à humanidade algo como: "Obedeçam-me no tocante à árvore exclusivamente por amor a mim. Por mim apenas".

E falhamos. Tornamo-nos estacionários, autocentrados. De acordo com Gênesis 3, quando nosso relacionamento com Deus desandou, todos os nossos outros relacionamentos também se desintegraram. O egocentrismo gera alienação psicológica. Nada nos faz mais infelizes do que o narcisismo, a interminável e rígida concentração em nossas necessidades e desejos, no tratamento que queremos receber, em nosso ego e histórico. Além disso, o egocentrismo leva à desintegração social, está na raiz da ruptura das relações entre nações, raças, classes e indivíduos. Finalmente, de alguma forma misteriosa, a recusa da humanidade em servir a Deus levou também à nossa alienação do mundo natural.

Perdemos a dança. A dança dos relacionamentos felizes, mutuamente doadores, é impossível em um mundo em que todos são estáticos, tentando fazer todo o resto girar à sua volta.

No entanto, Deus não nos deixa nessa situação. O Filho de Deus veio ao mundo para dar início a uma nova humanidade, uma nova comunidade que poderia perder seu egocentrismo, começar uma vida centrada em Deus e, como conseqüência, lenta, mas certamente, reparar também todos os outros relacionamentos. Paulo chama Jesus de "último Adão". O primeiro Adão foi testado no jardim de Deus, o último Adão (Jesus) foi testado no jardim do Getsemani. O primeiro Adão sabia que viveria caso obedecesse a Deus no que dma respeito à árvore. Mas não obedeceu. O último Adão também foi testado pelo que Paulo chamou de "madeiro"(lit.,"árvore"), a cruz. Jesus sabia que seria morto se obedecesse ao Pai. Mesmo assim, obedeceu '

por que Jesus morreu por nós> O

que de já participava de u_{raa} comunTdaÍ $f^{1}c_{0m\ isSo?R\ pr£dsara}$ de nos. Então, $_{que}$ benefit * * glória $_{e}$ ^ ^

q« quando veto ao mundo e $_{morreu\ na}$ $^{U\ d,sso}$? Ne_nh_{Uni} r ' ***Não*** Btava ***orbimdo em*** torno de nós e „ $^{CrUZ\ para\ ,id}$ar com „ $^{\wedge\ S\text{ı}gni\&a}$

** ∧ ∧ **c∘me_çou a faZer c:;;e_c:ind∘- 'h.** z :°;:;r**dos›**

Espírito **Santo por toda a eternidade Ele ° ∧ ∧ faze»d∘ com íirar qualquer beneficio disso.** **SC Centra e« nós,** *amando-nw‘'* °

Voltando à dança

Ele o convida a ro P , ›a S ∘ convíd_ou a participar da dança.

neIe toda a sua ∗_ a∘ ~ --

Wcuradr>Ce_rCeitar COnvlte›todos os seus relacionamentos começarão a qualquer *" ∘observeino capítulo 9, pecado é centrar sua identidade em

inatos e í)Utra C∘1Sa ∧UC não∘ SCJa ∧eUS› ∧ntre∧amo~nos ∧Penas a relaciona-jüstific C-USCaS ∧UC n∘S Pa_£am crescer e sustentem nossas tentativas de auto-

inferior∧30 **&** aUtociaa<_rao- Mas isso também nos leva a desprezar e ***considerar*** jy s ac_jueles que não detêm as mesmas realizações ou sinais de identidade, nos e entant:o› q_uando somos capazes de ver Jesus vindo em nossa direção e c∘loca_r Ven∧∘ COm um amor infinito e desinteressado, somos convidados a CerWro d SSa V∧a so∧re um alicerce totalmente novo. Podemos torná-lo o novo d_eiíl0s ∧∘Ssa vida e parar de tentar ser nosso próprio salvador e senhor. ***Po-***sit_ados Ceitar ta_nto seu desafio de nos reconhecermos como ***pecadores neces-***∧ei_Wid ri Ua Sa∧va_ção quanto seu amor restaurador como a nova base de nossa Usa_r ' -∧ntão não precisaremos provar nada a ninguém. Não precisaremos O Pess∘as para sustentar nosso ***frágil*** senso de **orgulho e** autoestima.

mííüi.

s Ca_Pacitados **a nos *dirigir* aos outros *como* *Jesus* se dirigiu a nos.**

7t0e»tre$_{ga}$, como em nenhuma outra **situação,** entramos no ritmo não ape-de t0da a criação, mas de todo ser. Pois o Verbo Eterno sempre se oferece em

sacrifício. Ao ser crucificado, ele “fez nas tormentas de suas províncias remotas o que já havia feito em casa em glória e alegria” desde antes da fundação do mundo. [...] Do mais elevado ao mais baixo eu existe algo de que abdicar e,por meio dessa abdicação, o eu se torna mais verdadeiro, para abdicar cada vez mais por todo o sempre. Esta não é uma [...] lei da qual possamos fugir. [...] O que se encontra fora do sistema de autoentrega é [...] apenas e tão somente o inferno [...] aquela vil prisão no eu. [...] A autoentrega é a realidade absoluta."

O faturo da dança

Como, então, terminará a história humana? No final do último livro da Bíblia, vemos exatamente o oposto do que outras religiões preveem. Não vemos a ilusão do mundo se dissolver nem vemos as almas fugirem do mundo físico para o céu. Ao contrário, vemos o céu *descer* **ao nosso mundo para se unir a**

ele e purificá-lo de todas as suas falhas e imperfeições. Haverá um "novo céu e uma nova terra". O profeta Isaías retrata o cenário como um novo jardim do Éden, no qual novamente haverá de imperar a total harmonia da humanidade com a natureza e o fim do sofrimento, da doença e da morte, juntamente com o fim de toda guerra e animosidade racial. Não mais existirão pobres, escravos, criminosos ou enlutados de coração ferido.

Tudo isso decorre do que sabemos sobre a criação como uma dança. A Trindade praticamente "rejubilou-se" na criação do mundo. Por puro deleite Deus criou um universo de seres para acolher em sua alegria, e as estrelas recém-criadas o aclamaram. Mesmo agora, os seres criados continuamente **anunciam** a **glória de Deus e o contemplam, "por isso eles se regozijam,por isso eles cantam" (SI 65.13). Deus se dirige a seu mundo com carinho e amor. Esta comprometido com todas as partes de sua criação, amando-a e sustentando-a.**

Embora o pecado e o mal tenham maculado o mundo, fazendo dele apenas

/

uma sombra de sua verdadeira identidade, no final dos tempos a natureza sera restaurada a sua glória plena e nós com ela. A própria criação será "libertada do cativeiro da degeneração, para a liberdade da glória dos filhos de Deus

"C. S. Lewis, *The problem of pain* **(Macmillan, 1961), p. 140 [edição em português:** *0 problem do sofrimento***, tradução de Alípio Franca (São Paulo: Vida, 2006)].**

(Rm 8.21)- O mundo inteiro será curado quando for atraído para a plenitude da glória de Deus. O mal será destruído e todo o potencial da criação, latente até esse momento, romperá em plenitude e beleza. Assim, comparados ao que seremos, somos hoje meros vegetais. Até as árvores cantarão e produzirão música ante a face do Rei que retorna, que, por meio de sua presença, sempre transforma o luto em dança.

Como a criação foi feita à imagem de Deus, que é igualmente um e muitos, a raça humana será finalmentc reunida, mas nossa diversidade racial e cultural permanecerá intacta no mundo renovado. A raça humana finalmente viverá junta, em paz e interdependência. Glória a Deus nas

alturas e paz na terra.

A vida cristã

Como reagir a isso? Quando observamos o todo desse **enredo vemos cW**

mente que o cristianismo não diz respeito apenas ao perdão d pecado

- **é um** *meio* **importante para a saivaçao**

para que possamos ir para o ecu. **Dropósito da vinda de Jesus**

de Deus, mas não sua finalidade ou propos. P ^ **mantê–la** ^

é restaurar o mundo todo, **renovar e rccup** ^ **,ndividual> mas também largo. Não se trata apenas de traze p** **to a a lma,e a ressur-**

justiça e *shalom* **ao mundo. Deus cnou *** **q corpo quant0 a alma. A obra reição de Jesus mostra que ele redimi também cuidar e cultivar**

do Espírito de **Deus** não é **apenas salvar aim.** , **.**

a face da terra, o mundo material. **, visão> Além da Bíblia,**

Nunca é demais ressaltar a singu an < ^ ^ mesmo **interesse na nenhuma outra religião de peso nutre esp neste mundo material.**

restauração dc *shalom,* **justiça e integrida ,^anka entende isso com muita ^inoth Ramachandra, escritor cristão do perecem a salvação sob alguma elareza. Todas as outras religiões, diz ele, ^ sajv£lçg0 é vista como uma fuga**

forma de libertação da humanidade comu _ corpórea para algum tipo de dos grilhões da individualidade e da enca * Ç‘ e*istência espiritual transcendente.

libertar deste mundo, mas em transfer-A. salvação [bíblica] consiste não em s mundo em nenhum sistema

má-lo.[...] Você não encontrará esperança para o

religioso nem em nenhuma filosofia da humanidade. [-] A visão bíblica é

ímpar. Por isso quando alguém diz que existe salvaçao também em outras re igioes, indago- "De que salvação você está falando?'. Nenhuma religião apresenta uma promessa de salvação eterna para o mundo - o mundo comum - a exemplo do que fazem a cruz e a ressurreição de Jesus.[u]

O que significa, então, participar da obra de Deus no mundo? O que significa levar uma vida cristã? Uma forma de responder a essa pergunta é voltar o olhar para a vida da Trindade e para a criação original. Deus nos fez para compartilhar cada vez mais de sua alegria e deleite, da mesma maneira como os tem em si mesmo. Participamos de sua alegria primeiro quando o glorifi-camos (adorando-o e servindo-o em lugar de adorar e servir a nós mesmos), depois, quando honramos e servimos a dignidade de outros seres humanos feitos à imagem da glória de Deus e, finalmente, quando valorizamos sua glória derivativa no mundo da natureza que também a reflete. Nós o glorificamos e usufruímos apenas quando o adoramos, quando servimos a comunidade humana e cuidamos do meio ambiente criado.

Outra forma de encarar a vida cristã, porém, é vê-la da perspectiva da restauração final. O mundo e nosso coração estão dilacerados. A vida, a morte e a ressurreição de Jesus foram uma operação de regaste infinitamente preciosa que tinha como alvo devolver a justiça aos oprimidos e marginalizados, a integridade física aos doentes e moribundos, a vida comunitária aos isolados e solitários e a alegria e o vínculo espiritual aos que se alienaram de Deus. Ser cristão hoje é fazer parte da mesma operação, com a expectativa de sofrimento e dificuldades *e* a feliz certeza de um final bem-sucedido.

A história do evangelho dá sentido ao dever moral e à nossa fé na realidade da justiça, permitindo aos cristãos promover a justiça restauradora e redistributiva, sempre que possível. A história do evangelho dá sentido à nossa religiosidade indestrutível, levando os cristãos a evangelizar, mostrando o caminho do perdão e da reconciliação com Deus através de Jesus. O evangelho da sentido a nosso caráter profundamente relacionai, de tal modo que os cristãos se sacrificam para fortalecer as comunidades humanas à sua volta bem [1]

m0 **a comunidade cristã, ou seja, a igreja. A história do evangelho também gentido a nosso deleite diante da beleza, colocando os cristãos a serviço**

do ᵤndo material, desde os que cultivam a criação natural por meio da ciência

as pessoas a **terem fé em Cristo, mas também edificar a comunidade humana,** por meio **do serviço e de atos de justiça.**

Desse modo, os cristãos são verdadeiros "revolucionários" que batalham em prol da justiça e da verdade, labutando com a expectativa de um mundo perfeito no qual:

ₑ da agd^{CL}d$^{tura\ at}$∧ ∘S ∧$^{UG\ SÊ\ entre}$g$^{am\ a\ em}$preendÍmentos artísticos, todos - abendo por que essas coisas são necessárias para o desenvolvimento humano. 0 **céu e as árvores cantam a glória de Deus, e, ao cuidar deles e ao celebrá-los, libertamos nossa voz para louvar a Deus e para nos deleitar. Trocando em miúdos, a vida cristã significa não só edificar a comunidade cristã incentivando**

Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram (Ap 21.4).

*A última batalha***,**

E quando chegarmos lá, diremos: *Finalmente de volta ao lar! Este é o meu verdadeiro país! É o meu lugar. Esta é a terra que busquei a vida toda, embora nunca a tivesse visto!* **Esse não será, de forma alguma, o fim da história. Na ver ^{d}*de, como disse C. S. Lewis, todas as aventuras que tivemos um dia acabarão P$^{\circ r}$ ser não mais que "a capa e a folha de rosto". Finalmente, daremos início ^{ao} "Primeiro Capítulo da Grande História, que ninguém na terra jamais leu, ^tória que prosseguirá para sempre, na qual cada capítulo é melhor que o ^{a}nterior"**[13]

,$^{S‹Lewis}$> *The last battle* **(Collier, 1970), p. 171,184 [edição em portugu $^{e\ Sil}$^da Steuernagel (São Paulo: Martins Fontes, 199)J.**

Epílogo

E agora, para onde vamos?

/

Conhecer a si mesmo é, acima de tudo, conhecer a própria carência. E pautar-se

pela verdade, e não o contrário.

Flannery O'Connor, *Thefiction writer and his country*

"E então o

coração de Éowyn se modificou, ou, quern

sabe, ela finalmente o

entendeu."

J. R. R. Tolkien, *The return of the king*[1]

riv possível, embora não absolnt^ente certo^ que ^ Vqc- talvez

■E/tornado mais admissível para voce P s das necessidades de nosso tenha se emocionado com algumas Cristo no mundo. E se

mundo, com sua própria condição e com a ims^ gua fé em Cristo? E

agora estiver pronto para sondar o que signi agora, para onde você vai?

Examinando sua motivação

fcxaminí^---

r c e esperar até que sejam pur **As motivações** quase sempre são con usas.^ esperando Para

altruístas antes de fazer alguma coisa, ^ Kcjsicamente o esta evan o Ainda assim, é importante indaga ^

'Edição em português: ***O retorno*** l$ão Paulo: Martins Fontes, **1994).**

do rei, tradução*,

de determinada maneira, sobretudo quando se trata de assumir um compromisso de fé. Por exemplo, talvez você esteja atravessando um período muito difícil. Pode ser que, pela primeira vez na vida, você tenha plena consciência de que precisa de Deus e de algum tipo de auxílio espiritual para superar a fase. Não há nada de errado nisso, mas seria muito fácil nessa situação aproximar-se de Deus como um meio para alcançar um fim. Você se dispõe a adotar o cristianismo para servir a Deus ou para que Deus o sirva? A segunda opção é um tipo de xamanismo,uma tentativa de obter controle sobre Deus por meio de suas orações e práticas. Trata-se de fazer uso de Deus em vez de confiar nele.

Temos de admitir que praticamente todos nós começamos nossa jornada em busca de Deus porque desejamos algo dele. No entanto, precisamos nos dar conta do fato de que lhe devemos nossa vida em virtude do que ele já fez por nós. Ele é nosso Criador, e só por isso já lhe devemos tudo. No entanto, ele também é nosso Redentor, que nos salvou pagando um altíssimo preço. Qualquer coração sensato desejará se render a alguém que não apenas é todo-poderoso, mas também já provou sacrificar qualquer coisa pelo nosso bem.

Normalmente começamos a jornada em direção a Deus pensando: "O que preciso fazer para alcançar de Deus isto ou aquilo?", mas em algum momento precisamos começar a pensar: "O que preciso fazer para alcançá-lo?". Se você não fizer essa transição, jamais encontrará, de fato, o verdadeiro Deus, e acabará crendo tão somente em alguma versão caricaturesca dele.

Avaliando o preço

Um cristão é, literalmente, "de Cristo", alguém que não apenas sofre uma vaga influência dos ensinamentos do cristianismo, mas transferiu para Jesus sua lealdade mais básica. Os cristãos entendem a escolha do tipo "tudo ou nada" que nos é imposta pela magnitude das alegações de Jesus.

Desde os primórdios, a profissão de fé dos cristãos era *Christos Kyrios,* **"Jesus é o Senhor". Em um contexto histórico no qual era**

obrigatório afirmar *Kaiser Kyrios,* **"César é o Senhor", essa confissão significava que Jesus encarnava o poder supremo. Não era apenas um ser angelical divino, mas,**

conforme expressa um dos primeiros hinos cristãos, ele tinha "o nome que está acima de qualquer outro nome" (Fp 2.9). Nele, "habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9).

Essa é uma afirmação grandiosa, mas nela reside certa lógica. Um dos indivíduos que mais recentemente observou essa lógica foi Bono, vocalista da banda U2, em conversa com o jornalista e escritor Michka Assayas:

Assayas: Cristo tem seguidores entre os maiores pensadores do mundo. Mas será que "Filho de Deus" não é meio mirabolante?

Bono: Não, para mim não é mirabolante. Veja, a resposta secular para a história de Cristo é sempre a mesma: ele foi um grande profeta, sem dúvida um sujeito muito interessante, que tinha muito a dizer seguindo a linha de outros grandes profetas, como Elias, Maomé, Buda ou Confucio. Na verdade, porém, Cristo não permite isso. Ele não deixa você se safar tão fácil. Cristo diz: "Não, não estou dizendo que sou um mestre, não me chamem de mestre. Não estou dizendo que sou um profeta, mas que 'sou o Messias'. Estou dizendo que 'sou Deus encarnado'". E o pessoal responde: "Não, por favor, seja apenas um profeta. De um profeta damos conta. Você é meio excêntrico. Já vimos João Batista comer gafanhotos e mel, tudo bem. Mas não fale aquela palavra que começa com M! Porque, sabe, vamos ser obrigados a crucificar você". Mas ele insiste: 'Não, eu sei que vocês esperam que eu volte com um exército e os liberte destes canalhas, mas, na verdade, sou o Messias". A esta altura todos desviam o olhar e pensam: Ai, meu Deus, ele não vai parar de dizer isso". Assim, ou ficamos com o Cristo que era o que dizia ser — o Messias — ou com um maluco completo. Veja bem, estou falando de um maluco tipo Charles Manson.[2] [...] Não é piada. Para mim, mirabolante é a ideia de que todo o curso da civilização de mais da metade do mundo teve seu destino transformado e virado pelo avesso por causa de um maluco...

Gharles Manson foi líder de uma comunidade (conhecida como Família

Manson) surgida nos Estados Unidos no final da década de 1960 e responsável por vários assassinatos cometidos s°b suas ordens. Dono de uma mente doentia, ele está preso, cumprindo pena dc prisão perpétua. (N. do E.)

Bono descreve como a.s afirmações de Jesus a seu proprio respeito nos obrigam a uma escolha do tipo tudo ou nada . Ele pergunta cjual a probabilidade de um sujeito mentalmente perturbado no nível de Charles Manson ter produzido o tipo de impacto que Cristo teve sobre seus seguidores e sobre o mundo. No entanto, se Jesus não era doido, nossa única alternativa é aceitar o que ele disse e nele centrar nossa vida. A única coisa que não temos o direito de fazer é reagir moderadamente a ele.

Flannery O'Connor afirma o mesmo em *A good man is hard to find.* **O Desajustado é um bandoleiro que aprisiona uma família em uma área rural no sul dos Estados Unidos. A chefe da família, a avó, tenta dissuadi-lo de matá-la e apela para um papo sobre orações, igreja e Jesus, mas o Desajustado responde:**

Jesus [...] desequilibrou todas as coisas. Se fez o que ele disse ter feito, só nos resta jogar tudo para o alto e segui-lo. Se não fez, só nos resta aproveitar da melhor maneira possível os poucos minutos que ainda temos, matando alguém ou incendiando sua casa ou fazendo alguma outra maldade contra a pessoa. Coisa boa, não. Maldade.

Flannery O'Connor comentou certa vez sobre esse encontro dizendo que o Desajustado realmente havia entendido as implicações do "tudo ou nada" de Jesus. "A história é uma espécie de duelo entre a avó e suas crenças superficiais e o Desajustado, que se envolve com um sentimento mais profundo em relação às ações de Cristo, as quais, para ele, desequilibraram o mundo."[3] O'Connor sofreu pessoalmente tal pressão. Não adianta dizer que você crê em Jesus, a menos que permita que isso mude sua vida e sua concepção de todas as coisas. A redenção não tem sentido, salvo se existir uma causa para ela na vida que efetivamente levamos , escreveu a autora em um ensaio. "Observo do ponto de vista da ortodoxia cristã. Isso significa que, para mim, o sentido da vida está centrado em nossa redenção por Cristo, e encaro tudo o que vejo no mundo com base nisso."[2]

'"Letter to Mr.—", *Flannery O'Connor: collected works* **(New York: Library**

of America, 1988), p. 1148.

Bono e Flannery O’Connor têm personalidades muito diversas, mas ambos sentiram pessoalmente as implicações radicais das alegações de Jesus. Os cristãos são indivíduos que permitem que a realidade de Jesus modifique tudo o que diz respeito ao que são, ao que pensam e ao modo como vivem.

Fazendo um levantamento

Talvez esses desafios da parte de Bono e Flannery O’Connor façam você engolir em seco. E se tiver adquirido mais respeito e interesse pelo cristianismo, mas ainda não estiver pronto para assumir um compromisso dessa ordem? Talvez sinta que ainda existem barreiras entre você e a religião cristã.

Se esse é o seu caso, não deixe as coisas em suspenso, esperando que de alguma forma seus sentimentos mudem e as barreiras caiam. Faça um levantamento a fim de identificar razões específicas de suas reservas. Veja a seguir um conjunto de perguntas que irão ajudá-lo nesse processo:

- *Questões de conteúdo*: **Existe alguma parte da mensagem cristã — a criação, o pecado, Jesus como Deus, a cruz, a ressurreição — que você não entenda ou com a qual não concorde?**

- *Questões de coerência'.* **Existem, ainda, dúvidas e objeções quanto à religião cristã que você não conseguiu sanar?**

- *A questão do preço:* **Você sente que a iniciativa de adotar plenamente a fé cristã lhe custará muito caro? Que temores você sente em relação ao compromisso?**

Você pode utilizar um esboço como esse para analisar e identificar suas barreiras contra um compromisso pleno, mas não confie em sua capacidade de fazer isso sozinho. Praticamente qualquer coisa — de um novo idioma ª uma nova habilidade — fica mais fácil de ser aprendida em comunidade, onde cada membro se encontra em seu próprio estágio da

peregrinação. Passe algum tempo em uma igreja cristã, assistindo ao culto e fazendo amizade com os membros, a fim de conversar com cristãos e saber como eles lidaram com suas próprias dúvidas.

O mais importante: lembre-se de que se tornar cristão não é ticar um item de uma lista de coisas a fazer e nas quais acreditar. No final do capítulo 11 do Evangelho de Mateus, Jesus nos convida: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim. [...] Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve". Certa vez um homem disse a um pastor que aceitaria de bom grado crer na mensagem do cristianismo se ele lhe apresentasse apenas um argumento incontestável de sua veracidade. O pastor respondeu: "E se Deus não nos tiver dado um argumento incontestável, mas, sim, um indivíduo incontestável?".[3] Jesus está dizendo: "Sou essa pessoa. Venham a *mim.* **Vejam quem sou. Observem minha cruz, minha ressurreição. Ninguém poderia inventar isso! Venham a mim e encontrarão descanso para suas almas".**

No final, a fé e a certeza crescem à medida que aprendemos mais sobre Jesus, quem é ele e o que fez.

Existe mais uma barreira que, a esta altura, muitos sentem que talvez não seja tão difícil de superar como imaginavam. Nova York está cheia de gente criada e batizada em várias igrejas, pessoas que abandonaram a fé na adolescência ou na juventude e há muitos anos não pensam nela. Então, alguma coisa faz essas pessoas pararem, e elas passam a empreender uma busca espiritual. Examinam as idéias básicas da religião cristã e lhes parece que jamais a entenderam antes. A pergunta que me fazem como pastor é: "Não sei se sou convertido ou não. Será que estou voltando à minha fé ou descobrindo-a pela primeira vez?". A resposta é simples. Não sei, e isso não faz diferença. Se você deseja se conectar ou reconectar com Deus, é preciso que faça as duas coisas. Que coisas são essas?

Tomando a iniciativa

A primeira coisa a fazer é arrepender-se. Essa não é uma palavra bonita de ouvir, mas não há alternativa. O arrependimento que dá início a um novo relacionamento com Deus não é primordialmente uma questão de elaborar listas de pecados específicos que você lamenta ter cometido e

deseja corrigir.

Não me interprete mal: se você está explorando os pobres ou traindo sua mulher, mas deseja pôr sua fé em Cristo, por favor, pare de fazer ambas as coisas. Um cristão deve amar os pobres e ser fiel a seus votos conjugais. Mas só essas mudanças de comportamento não farão de você um cristão. Muita gente no mundo tem uma preocupação ética social e individualmente, mas não tem um relacionamento com Deus por meio de Jesus Cristo. O arrependimento *inclui* **lamentar por pecados específicos, mas significa muito mais.**

O arrependimento que realmente modifica o coração e seu relacionamento com Deus começa quando você reconhece que seu maior pecado, o pecado sobre o qual se acumula o restante de seus pecados, é seu projeto de autossal-vação. Como vimos nos capítulos 9 e 10, tanto em nossas más ações *quanto* **nas boas ações, tentamos ser nosso próprio salvador e senhor. Confiamos em objetos e "deuses" alternativos, ainda que não os chamemos assim. Tentamos provar nosso valor através da correção moral ou por meio de realizações, da família ou da vida profissional. Quando entendemos que tudo não passou de um artifício para pôr Deus e o próximo na condição de nossos devedores, podemos precisar nos arrepender até mesmo do envolvimento diligente com a igreja ou com a religião.**

Portanto, arrependimento é confessar as coisas das quais você depende, além de Deus, para ter esperança, sentido e segurança. Isso significa que precisamos nos arrepender não só dos erros (como trair e mentir), mas também das motivações de nossas boas ações.

A segunda coisa a fazer é crer em Cristo. A fé em Cristo tem um conteúdo definido. Precisamos crer que ele foi quem disse ser, que necessitamos de salvação, que na cruz ele nos garantiu essa salvação e que ressurgiu dos mortos. No entanto, ao mesmo tempo em que a fé cristã transformadora *inclui* **crer nessas coisas com o nosso intelecto, ela é muito mais que isso.**

A fé que muda a vida e nos conecta com Deus é mais bem traduzida pela palavra "confiança". Imagine-se em um alto penhasco. De repente, você escorrega e despenca. Bem ao lado há um galho projetando-se da beirinha do penhasco. Ele é sua única esperança e mais que forte para aguentar seu peso. Como ele poderá salvá-lo? Se sua mente estiver repleta

de certeza intelectual de que o galho é capaz de aguentá-lo, mas você não esticar o braço e agarrá-lo> estará perdido. Se, ao contrário, sua mente estiver repleta de dúvidas e

Concentrar-se na qualidade e na pureza de seu compromisso acabaria se tornando um meio para merecer a salvação e deixar Deus em dívida com você. O que nos salva não é a profundidade nem a pureza de nosso coração, mas a obra de Jesus Cristo realizada em nosso favor.

incertezas quanto à capacidade do galho para ampara lo, mas, mesmo assim, esticar o braço e agarrá-lo, você estará salvo. Por quê? Não é a força da sua fé, mas o objeto dela que realmente o salvará. Uma grande fé em um galho fraco é fatalmente inferior a uma fé tímida em um galho forte.

Isso significa que você não precisa esperar que todas as dúvidas e temores se dissipem para agarrar-se a Cristo. Não cometa o erro de pensar que é preciso eliminar todas as apreensões a fim de encontrar Deus, o que acabaria por transformar sua fé em mais um meio para você ser seu próprio salvador.

A fé, portanto, começa quando você reconhece e rejeita os objetos e deuses alternativos em que deposita sua confiança e se volta para o Pai, pedindo um relacionamento com ele baseado no que Jesus fez e não em seus esforços ou conquistas morais. Vários jovens adultos que conheço deram seu passo de fé orando assim:

Pai, sempre acreditei em ti e em Jesus Cristo, mas a minha principal confiança estava depositada em outro lugar — na minha competência e decência —, o que só me trouxe problemas. Pelo que conheço de meu coração, hoje o entrego a ti, transfiro-te minha confiança e peço que me recebas e aceites não por algo que eu tenha feito, mas por causa de tudo o que Cristo fez por mim.

Assim começa um processo que levará uma vida inteira, no qual, por meio de uma mudança constante em todas as áreas da vida, a história do evangelho nos molda cada vez mais.

O compromisso com a comunidade

Quando me perguntam: "Como posso me tornar cristão?", costumo

responder. São necessárias duas coisas e mais uma terceira". As duas coisas — arrependimento e fé acabo de abordar. Existe, porém, outro aspecto crucial. Por que não dizer então que, na verdade, são três coisas? Prefiro dizer "duas e uma

terceira"porque a terceira não é propriamente u$_{ma}$ terceira, mas a forma como você fará as duas primeiras.

Tornar-se cristão sempre apresenta tanto $_{um\ aspect0\ individual}$ *coletivo.* Os indivíduos das culturas ocidentais subestimam o grau em que são produto não de suas escolhas pessoais, mas das escolhas de suas famílias, comunidades e culturas. Assim, o arrependimento e a fé têm de ser desenvolvidos tanto pelo indivíduo quanto pela comunidade. Isso acontece quando nos aproximamos individualmente de Deus em oração (como nos exemplos anteriores) e também quando publicamente nos identificamos com Cristo, ao nos tornar parte da igreja.

O Evangelho de Lucas nos diz que Jesus foi crucificado entre dois ladrões que também estavam sendo executados. Um deles dirigiu ofensas a Jesus, mas o outro disse ao primeiro: "Nós, na verdade, estamos recebendo com justiça o que nossos atos merecem; mas este homem não fez mal algum. Então disse: Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso". Ele depositou em Jesus toda a sua confiança e esperança de que ele traria um reino futuro, um novo céu e uma nova terra. No momento em que depositou sua confiança em Cristo, Jesus lhe garantiu: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.41-43).

coisas, precisamos nos juntar a um grupo de fiéis.

Tenho consciência de que o principal problema de muita gen ^

^{Cr}istianismo está muito mais relacionado à igreja do que a Jesus, ssas pes ^{Soas} não querem ouvir que, para ser cristão e levar uma vida crista, precisa encontrar uma igreja onde possam se desenvolver. Já passaram por mui as Periências ruins com igrejas. Entendo perfeitamente. Admito que, ^{e}

os cristãos que freqüentam igreja talvez sejam mais fracos psie ^ ^{e} ^oralmente do que os que não freqüentam. Isso não deveria cau

Conto isso porque esse episódio deixa claro que podemos obter a garantia de pertencer a Cristo no momento em que entregamos nosso coração a Deus. Ainda assim, tudo no Novo Testamento indica que os cristãos devem confirmar e selar esse compromisso pessoal por meio de uma ação pública, comunitária, pelo batismo e pela filiação à igreja. O coração é indócil, e para garantir que nossa confiança sincera seja depositada em Jesus e não e

surpresa do que o fato de que os pacientes que aguardam na sala de espera de um consultório médico, de modo geral, estão mais doentes do que os que não estão ali. As igrejas atraem uma proporção maior de pessoas que têm necessidades, mas também reúnem um grande número de indivíduos cuja vida foi totalmente redirecionada e preenchida com a alegria de Cristo.

Portanto, a igreja de Jesus Cristo lembra o oceano. É enorme e diversificada. À semelhança do oceano, há pontos cálidos e cristalinos e pontos gélidos, lugares onde se pode entrar facilmente sem correr perigo e lugares onde rapidamente somos tragados e mortos. Estou ciente de como é arriscado dizer a meus leitores que eles devem procurar uma igreja. Não o faço de forma leviana e recomendo que tomem o maior cuidado. Mas não existe alternativa. Não é possível levar uma vida cristã sem um grupo de amigos cristãos, sem uma família de crentes na qual você encontre seu lugar.

O trauma da graça

Quando alguém pergunta: "Como faço para me tornar cristão?", é importante dar uma resposta concreta. E perigoso passar a impressão de que encontrar Deus é basicamente uma técnica, algo que compete a nós. Por certo devemos ser muitos ativos na busca de Deus, e o próprio Jesus nos convidou a "pedir, buscar, bater à porta" a fim de encontrá-lo. No entanto, os que estabelecem um relacionamento com Deus inevitavelmente olham para trás e reconhecem que a graça de Deus *os* buscou, abrindo-os para novas realidades. De alguma forma totalmente inesperada para você, a graça radical de Deus penetra a realidade de sua natureza imperfeita. Você percebe que suas tentativas de ser bom ou feliz ou autêntico contribuíam para o problema. A ficha cai, e você vê as coisas de maneira diferente, mas nunca se sabe como isso acontecerá. Eu poderia demonstrar essa dinâmica

por meio de uma centena de biografias espirituais de nomes famosos, como as de Paulo, Agostinho, Martinho Lutero, John Wesley ou por milhares de testemunhos de mudança de vida em minha própria igreja. Mas meu exemplo favorito do trauma da graça é retratado por Flannery O'Connor em seu conto "Revelation" [Revelação].

O conto começa em um consultório médico, onde a senhora Turpin e o mando Claud aguardam com outros pacientes sua consulta. A senhora Turpin

passa o tempo avaliando, a partir de uma postura de superioridade, praticamente todo tipo de pessoas - de todas as raças, classes, aparências e temperamentos —, representadas pelos presentes na sala. Ela é muito moralista e santimonial, mas de uma forma bastante convincente. A autora retrata com competência os processos mentais da avaliação que a senhora Turpin faz dos demais de um jeito que nos é incomodamente familiar.

Ela começa a conversar com outra senhora que está lá com a filha, uma menina chamada Mary Grace, que lê um livro. Conforme fala, afloram a enorme autossatisfação e o orgulho da senhora Turpin. Mary Grace, embora não diga nada, torce o nariz e faz caretas enquanto a outra fala sem parar. Finalmente, a senhora Turpin exclama:

Se tem uma coisa que eu sou, é grata. Quando penso em tudo que eu poderia ter sido e tudo que recebi, sinto vontade de gritar: "Obrigada, Jesus, por fazer todas as coisas desse jeito! Eu podia ser diferente! [...] Obrigada, Jesus, obrigada!".

Nesse exato momento, Mary Grace explode. Atira o livro que está lendo (intitulado *Desenvolvimento humano)* **na senhora Turpin, atingindo-a no olho. Ela desaba sobre uma mesa, e Mary Grace agarra seu pescoço e começa a esganá-la até que é acometida de um surto epiléptico. Enquanto os outros a seguram, a espantada senhora Turpin se inclina sobre ela. "O que você tem [a] me dizer?", pergunta com uma voz rouca e prende a respiração, como se aguardasse uma revelação. Em certo nível, está exigindo desculpas, mas em outro nível começa a se dar conta de que a moça é uma mensageira da graça de Deus. Mary Grace ergue os olhos e diz: "Volte para o inferno de onde veio, sua porca velha!".**

A revelação atinge seu alvo, mas a senhora Turpin agora é obrigada a mudar sua maneira de ver o mundo em consonância com a revelação. Mais tarde no mesmo dia, sozinha em seu chiqueiro, ela pensa, queixando-se com Deus: Por que o senhor me mandou uma mensagem como esta? Como posso ser uma porca e eu mesma ao mesmo tempo? Como posso ser salva e pertencer ao infemo também?". Séculos antes, Martinho Lutero havia aprendido, de forma não menos traumática, que Deus salva pela graça, não pelas boas obras. Ele percebeu que um cristão é *simul iustus etpeccator,* **simultaneamente justo e**

feito uma condenada todos os dias. E ajudo a igreja. Se você prefere o lixo, vá arrumar algum lixo. [...] Como exatamente me pareço com eles? Eu podia largar o trabalho, levar a vida na flauta e ser imunda", ela resmunga. "Ficar caída na sarjeta o dia todo bebendo cerveja. Cuspir e escarrar na calçada e deixar o nariz escorrendo. Eu podia ser desagradável." Um último surto de fúria a sacode e ela grita para Deus: "Quem você pensa que é?".

aceito (em Cristo, exclusivamente por sua graça) e, mesmo assim,*peccator***, um pecador. Salva e uma porca do inferno, ao mesmo tempo.**

No entanto, a senhora Turpin, à semelhança de Martinho Lutero, resiste de início à revelação da graça de Deus. "Por que eu?", choraminga ela. "Não há um infeliz por aqui, branco ou negro, a quem eu não tenha ajudado. Trabalho

Nesse momento, o sol se põe e ela vê uma lista roxa no céu.

A luz de uma visão invade seus olhos. Ela vê [...] uma enorme ponte pênsil que se ergue da terra através de um campo de fogo ardente. Sobre a ponte uma multidão de almas segue ruidosamente em direção ao céu. Ali estavam grupos inteiros de [...] lixo [...] e legiões de anormais e malucos gritando, batendo palmas e pulando como sapos. [Porém no] final ela avista um grupo de pessoas que reconhece imediatamente como aquelas que, como ela própria e Claud, sempre tiveram um pouco de tudo e o talento dado por Deus para fazer bom uso de tudo o que tinham. [...] Marcham atrás dos outros com grande dignidade, responsáveis como sempre pela ordem e pelo comportamento respeitável e ajuizado. Só eles cantavam afinados. Mas dava para ver, pelos rostos chocados e expressões alteradas, que até suas virtudes estavam queimando. [...] Passado um momento, a visão se dissolve. [...]

No mato à sua volta o coro dos grilos havia recomeçado, mas o que ela ouve por todo lado são as vozes das almas subindo ao céu estrelado e gritando aleluia.[6]

Que ideia mais radical! Os "anormais e malucos" indo para o céu à frente do grupo moralmente correto? Mas foi exatamente isso que Jesus disse quando anunciou aos chocados líderes religiosos de sua época: "Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vós no reino de

Deus" (Mt 21.31).

Extraído de Revelation", in: *Three by Flannery O'Connor* **(Penguin, 1983).**

t*

E AGORA, PARA ONDE VAMOS?

269

E St VOCÊ **chegar ao fim deste livro e, como conseqüência da Ui, , .**

(er fé mas não conseguir? O escritor Joseph Epstein admitiu invejava aqueles que possmam o tipo de fé profunda e intelivem *T*

sustentá-los nas piores crises. Ele admirava em particular at C * ■* cristã de Flannery O'Connor a havia capacitado a prematura graças ao lupus, sem queixas nem medo. No entanto, concluiu el "Inveja da fé é uma inveja com a qual, infelizmente, nada se pode fazer senão guarda-la em silencio . Admiro o respeito de Epstein pelo mistério da fé. Ela não é algo que se possa criar por meio de alguma técnica. No entanto, será que não há mesmo nada a fazer? * **4**

Durante um período difícil em sua vida, uma senhora de minha igreja queixou-se de haver orado várias vezes pedindo: "Senhor, ajuda-me a encontrar-te", sem chegar a lugar algum. Um amigo cristão sugeriu que ela mudasse a oraçao para "Deus, vem me encontrar. Afinal, tu és o Bom

Pastor, aquele que sai à procura da ovelha perdida". Ao me contar essa história, ela concluiu: "O único motivo que me levou a lhe contar esta história foi este: EJe veio me encontrar".

r ***Washing^"***

. frv he iealous ol > ter envy is nothing

Joseph Epstein, "The green eyed mo July/August, 2003.

1

Vmoth Ramachandra, *lhe scandal of Jesus* **(Inter Varsity, 2001).**

2

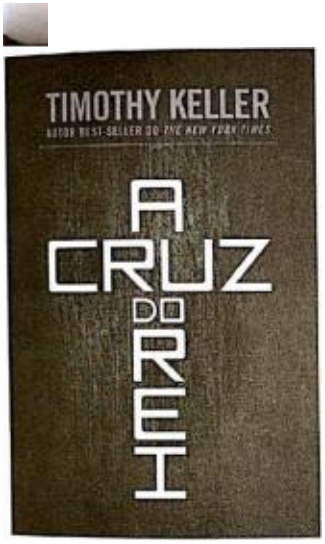
The fiction writer and his country", *Flannery O'Connor: collected works* **(New York: Library of America), 1988, p. 804-5.**

3

Extraído de um sermão de Dick Lucas, Mateus 11.

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DE TIM KELLER

Esta obra traz um relato da vida de Cristo no Evangelho de Marcos, mas apresentado sob a ótica de Tim Keller. Por meio desse relato, descobrimos o significado cósmico, histórico e pessoal da vida de Jesus, e somos desafiados a reexaminar nosso relacionamento com Deus.



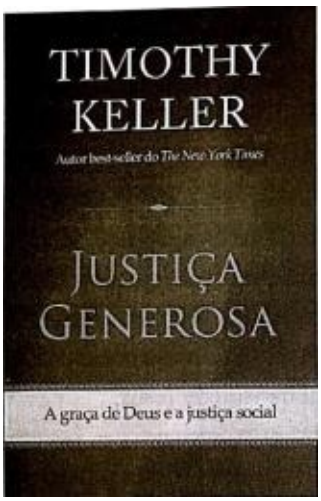
TIMOTHY KELLER

COM KATHY KELLER

o J

significado do **casamento**

Este livro se baseia na muito aplaudida série de sermões pregados por Timothy Keller. O autor mostra a todos — cristãos, céticos, solteiros, casais casados há muito tempo e aos que estão prestes a noivar — a visão do que o casamento deve ser segundo a Bíblia.



Nesta obra, o autor analisa a fundamental relação entre evangelho e justiça e nos dá uma visão bíblica de justiça social. Ele nos mostra que a preocupação com a justiça em todos os aspectos da vida não é acréscimo artificial nem contradição à mensagem das Escrituras, pois a Bíblia é a verdadeira base da justiça.

Como Deus nos chama a expressar sentido e propósito por meio de nosso trabalho e carreira profissional.

Tim Keller tem ensinado e aconselhado por mais de vinte anos estudantes,

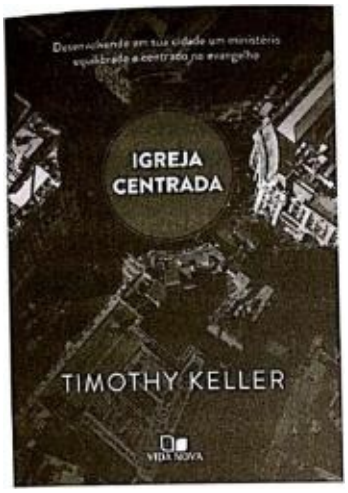
jovens profissionais e líderes experientes sobre o tema trabalho e chamado cristão. Agora ele disponibiliza suas idéias para leitores do mundo inteiro neste livro, que oferece perspectivas bíblicas sobre questões prementes.

çoüto-i

FE

TRABALHO

Em *Igreja centrada***, Timothy Keller oferece percepções desafiadoras e levanta questões provocativas. Por meio da aplicação de doutrinas clássicas ao nosso tempo e contexto, Keller descreve de forma concisa e direta uma visão teológica para o ministério, organizada em torno de três compromissos fundamentais: Centralidade do Evangelho.**



Centralidade da Cidade.

TRANSFORMADO

A **humildade tiuo** frota **doevançtell» e Uai a voulatleíra aleçria**

Centralidade do Movimento.

TIMOTHY HOLER

Neste livro breve e contundente, o autor mostra que a humildade que brota do evangelho torna possível pararmos de vincular cada experiência e cada conversa com a nossa história e com quem somos. E assim podemos ficar libertos da autocondenação. Quem é realmente humilde segundo o evangelho não se odeia, mas também não se ama... é, antes, alguém que esquece de si mesmo. Você também pode conquistar essa liberdade...

VHJTKQVA